

Romance Medúmico

Valter Turini

*Pelo Espírito*

Monsenhor Eusébio Sintra

*Se Eu*

*não te amasse  
tanto assim...*



CASA EDITORA

**O CLARIM**

**Se eu não te amasse tanto assim...**

**Valter Turini, pelo Espírito Monsenhor Eusébio Sintra**

**Se eu não te amasse tanto assim...**

**Matão, SP**  
**2ª edição**  
**2009**  
CASA EDITORA  
**O CLARIM**

*Copyright* © 2009 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

2ª edição: outubro/2019

Impresso no formato 14x21 cm

ISBN 978-85-7357-094-6

1ª edição: junho/2009

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

[www.oclarim.com.br](http://www.oclarim.com.br) | [oclarim@oclarim.com.br](mailto:oclarim@oclarim.com.br)

[www.facebook.com/casaeditoraoclarim](http://www.facebook.com/casaeditoraoclarim)

Capa: Rogério Mota

Projeto gráfico: Equipe O Clarim

#### Catálogo na Publicação (CIP)

T938s Turini, Valter

Se eu não te amasse tanto assim... / Monsenhor Eusébio Sintra, [psicografado por] Valter Turini. – 2. ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2009.

344p.; 21 cm

ISBN 978-85-7357-094-6

1. Espiritismo. 2. Romance mediúnico. 3. Romance. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

*“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.”  
(I Coríntios 13.1)*

*Si un jour la vie t'arrache à moi  
Si tu meurs que tu sois loin de moi  
Peu m'importe si tu m'aimes  
Car moi-je mourrais aussi  
Nous aurons pour nous l'éternité  
Dans le bleu de toute l'immensité...*

**L'hymne à l'amour** (Piaf/Lougy)

*(Se um dia a vida te arrancar de mim  
Se tu morreres e estiveres longe de mim  
Pouco me importa, se tu me amas,  
Pois morrerei também  
Nós teremos para nós a eternidade  
Dentro do azul de toda a imensidão...)*

**O Hino ao Amor** (Piaf/Lougy)

## **Palavras do Autor Espiritual**

*Dos anais da História da Humanidade, o século XIX terá sido, talvez, o mais surpreendente de todos. Nesses tempos, a cada dia que passava, as pessoas viam surgir, estarrecidas e cheias de natural assombro, os maravilhosos e estupendos “milagres” com os quais lhes presenteava a Ciência: novas e eficientes máquinas surgiam, a facilitarem as árduas tarefas humanas; novas e extraordinárias descobertas da Medicina, da Física e da Química arrancavam exclamações de espanto e de admiração e novas ideias e estranhísimos e até mesmo estrambóticos conceitos filosóficos surgiam, a acelerarem o desenvolvimento das consciências ainda embotadas pelo marasmo em que se viram mergulhadas, desde os infintos milênios transcurtos, e sempre cerceadas que foram da liberdade de ação e de criação – atributos imanentes ao homem e derivados da peculiar e descomunal necessidade natural que têm as criaturas de observar, analisar, compreender, transformar e criar – características essas a elas apresentadas, desde o início dos tempos, pela infinita bondade e pela suprema sabedoria do Criador!...*

*Felizmente, depois de incalculáveis anos de escravidão e de tortura, sob o impiedoso guante da fé cega e da imposição ao exercício de ritos vazios e inócuos, a atenderem tão-só e exclusivamente à forma exterior – práticas absurdas e até mesmo cruéis! – instituídas, arbitrariamente, pela Cristandade que, pejada de soberba e de orgulho extremos, a vangloriar-se de herdeira única e exclusiva do legado Cristão, sempre se mostrara, na realidade, alheia e indiferente aos verdadeiros desígnios da Criação, o homem, finalmente, libertava-se!... Quanta luta despendida, a peso de muito suor e de muito sangue derramados, para que, milímetro a milímetro, avançassem as luzes do conhecimento sobre este mundo de trevas e de ignorância!... Se a religião comandava até mesmo os reis da terra, que não dizer do vulgo ignorante!... Até então, em questões de fé, ninguém mais tinha autoridade de pronunciar-se, a não serem os “representantes de Deus na terra”, e a Ciência e a Filosofia achavam-se aprisionadas e fortemente amordaçadas, tendo de restringir-se apenas ao que Deus permitia... Assim, o Cristianismo, em vez de iluminar e libertar as almas, escravizava-as, fugindo, destarte, à mais sagrada de todas as conquistas do Espírito: o livre-arbítrio!...*

*Entretanto, profundamente enganados encontram-se os que pensam ser o Cristianismo e a Cristandade a mesma coisa!... Muito pouco, em verdade, têm em comum!... A poeira dos séculos foi-se depositando, constante e inexoravelmente, sobre as nítidas verdades trazidas pelo Cristo; uma avalanche de entulho, tida como “artigos de fé”, foi-se depondo sobre a imarcescível e claríssima Mensagem Evangélica, a ponto de fazê-la perder, em princípio, o real teor de que se revestia, quando pregada e, principalmente, na íntegra, vivenciada pelo insigne Jesus!...*

*Muito da essência Cristã, aparentemente, houvera-se perdido pelos caminhos do tempo, vilipendiada e malbaratada com a finalidade única de atender aos interesses imediatistas de uma minoria espúria e indecente que se arvorava em “diretora espiritual da humanidade”!... Porém, profundo conhecedor que era das paixões e dos vícios humanos, o próprio Jesus a isso se referira, ao prever que haveria a necessidade de, mais adiante, restabelecer às coisas os seus devidos valores e fazendo a promessa de enviar à Terra o Consolador, o Espírito de Verdade, uma vez que, àquele tempo, os homens não suportariam todo o conhecimento que envolvia a Realidade Maior...<sup>1</sup> Haveria que amadurecerem as mentes, primeiro, antes que se revelassem a existência do Mundo dos Espíritos e as consequentes Leis que regulamentam a Vida cá e além!... Tudo a seu tempo... A própria Lei de Progresso disso se encarrega e, malgrado todo o “poder temporal” de que se autoconstituem as falíveis e precárias instituições terrenas, ela, a Lei de Progresso, sub-repticiamente, anda a trabalhar, silenciosa e constantemente, mesmo à revelia dos que, pretensamente, trazem nos lábios as vontades de Deus...*

*Tupi Paulista, verão de 2008*

***Eusébio Sintra***

---

1. O Evangelho de São João, 14. 15-17 e 26.

## **Capítulo 1. Confronto de ideias**

Cautelosamente, o rapaz afasta as cortinas de renda da janela, e seus olhos marrom-escuros perscrutam, atentamente, a rua lá embaixo. À mão direita, trazia a pistola engatilhada, que ele mantinha prudentemente apontada para o alto.

– Acho que já se foram, *Lulu*... – murmura ele.

– Quando será que isso vai acabar?... – diz a mulher, como se desabafasse, deixando-se sentar, pesadamente, na poltrona de veludo vermelho-grená. Depois, tateando os bolsos do *peignoir* de seda cor de rosa, apanha a carteira de cigarros e, nervosamente, acende uma cigarrilha. – Vem, senta-te aqui!... – convida ela, gentil, enquanto soprava longa baforada de fumaça azul-acinzentada.

o rapaz, cheio de cuidados, desarma o cão da pistola, guarda-a à cinta e se volta para dentro.

– Queres um?... – pergunta ela, oferecendo-lhe a carteira de cigarros.

O tenente *Berg* risca um palito de fósforo, acende o cigarro e dele suga, placidamente, forte tragada. Depois, aos poucos, vai soltando a fumaça, parte dela pela boca, e parte pelo nariz, enquanto seu olhar percorre o teto recoberto de papel de florezinhas azuis, amarelas e vermelhas.

– Não sei como ainda consegues manter-te nesta frieza toda!... – diz *Lulu*, olhando-o nos olhos. – desta vez eles quase te apanharam!... E se eu não me encontrasse à janela, a observar a rua?... Onde é que irias esconder-te daqueles malucos que te perseguiam?...

– Oh, estou habituado a isso, minha cara!... – exclama ele, olhando-a nos olhos. E, abrindo ligeiro sorriso, prossegue: – Certamente, tu nem imaginas o que seja um campo de batalha!...

*Lulu* limita-se a dar de ombros e olha para a cinza do seu cigarro que se alongara, formando uma fragílima ponta esbranquiçada e retorcida, prestes a desabar a qualquer instante. Com extremo cuidado, ergue a mão, e deposita a cinza do cigarro em pesado cinzeiro de vidro que mantinha sobre o braço da poltrona. dá, então, derradeira tragada no cigarro, quase totalmente consumido, aperta os olhos que se magoavam com a ardência provocada pela fumaça e esmaga, em seguida, a ponta da cigarrilha contra o fundo do cinzeiro, apagando-a completamente. Depois, apanha do bolso do *robe* um lençinho de cambraia branca e enxuga, com extremado cuidado, os olhos que

lacrimavam.

– Não queres beber nada?... Ainda é cedo; as meninas acham-se a dormir...

– Não!... – diz *Berg*, levantando-se. – Não vim em busca de diversão... Apenas que a tua porta foi a minha salvação hoje!... – e, curvando-se, elegantemente, beija a mão da matrona e prossegue: – *Merci beaucoup, ma amie!*...<sup>2</sup> Voltarei outra hora!...

– Cuida-te!... – exclama ela, abrindo ligeiro sorriso aos lábios murchos e descorados, quando ele já se achava bem próximo da porta.

– *Au revoir!*... – diz o tenente, voltando-se ligeiramente.

Depois, ele abre a porta e sai. Desce as escadas e, cheio de precaução, espiona, primeiro, a rua, expondo apenas pequena parte do rosto. Tudo parecia ter voltado ao normal: os baderneiros haviam sumido.

– Bando de idiotas!... – murmura *Berg*, pondo-se a caminhar pela calçada, misturando-se aos transeuntes que passavam apressados, nos dois sentidos.

Naquela manhã de março, os ares de Paris haviam amanhecido um pouquinho mais agitados que de costume. O tenente *Wilfred Berg* saíra de casa a passear, despreocupadamente, pelo *Boulevard* dos *Champs Elisées*; optara por envergar a farda, pois pretendia, mais tarde, passar pelo seu regimento a avistar-se com o seu comandante, o general *Emmanuel-Théophile du Servey*. Entretanto, zanzar a sós, pelas ruas do centro da cidade, metido numa farda republicana era, no mínimo, temerário!... Os aristocratas não perdoavam!... Se pilhassem um soldado revolucionário sozinho, punham-se à caça, sem piedade. Logo que dobrara uma esquina, saindo da *Rue du Commerce*, onde estivera em busca de famoso joalheiro, tivera o azar de topar com um magote de baderneiros que, identificando-o como inimigo, puseram-se, de imediato, a persegui-lo, gritando como doidos e disparando suas pistolas a torto e a direito. E, *Berg*, acostumado às tais escaramuças, não se deixara apanhar; ligeiro, pusera-se a correr em ziguezague, por entre os transeuntes, e, muito mais bem preparado que os seus perseguidores, rapidamente ganhara-lhes larga dianteira e entrara pela *Rue de Saint-Sulpice*, até deparar-se com os gritos de *Lulu* que, do alto da sua janela, convidava-o o subir, facilitando-lhe, assim, escapar daquela tresloucada perseguição.

A manhã já ia alta, e *Berg* consulta o relógio de bolso: onze horas e quinze minutos. Detém-se e pensa por instantes. Marcara com o general às duas; se apanhasse um coche, teria tempo de ir a *Montmartre*. Precisava vê-la e, quem sabe, não almoçariam juntos? Inquietava-se com o estado dela. Quando a

deixara, na porta da sua residência, na tarde do dia anterior, ela chorava; era um choro quase convulsivo, profundo, cheio de longos soluços. Um nó intenso, então, instala-se à garganta do rapaz, e ele engole a saliva grossa, várias vezes, tentando deglutir aquela mágoa que principiava a alojar-se em seu peito. O relacionamento que mantinha com *Céleste-Marie* deteriorava-se a cada dia. “*Sinto-a piorar mais e mais...*”, dissera-lhe a mãe da noiva, dias antes, quando ambos se houveram avistado, ligeiramente, na *Place Pigalle*, “*...e aqui estou a aviar-lhe mais uma das receitas do doutor Périgot; entretanto, sinto que ela não melhora; pelo contrário, vejo-lhe a saúde agravar-se, à medida que o tempo passa!...*”. “*É preciso ter fé, Marie-Louise...*”, dissera-lhe ele, mais com o intuito de dar ânimo à desconsolada mãe que, propriamente, de insuflar-lhe a crença de que a filha pudesse curar-se do mal que a afligia.

– Fé... – murmura *Berg* e sorri amargo, enquanto caminhava ligeiro, pela calçada, desviando-se, habilmente, dos encontrões dos apressados transeuntes que lhe vinham em sentido contrário. “*Pobre Marie-Louise...*”, pensa, cheio de pesar, “*...acho que não fui nem um pouco convincente ao sugerir-lhe que tivesse fé, se nem mesmo eu ando a acreditar em mais nada, ultimamente...*”

Em pouco, achava-se na *Place de la Concorde* e se avizinha de um carro de aluguel.

– *À Montmartre!*... – ordena ele ao solícito condutor que lhe responde com respeitosa aquiescência de cabeça.

O carro corria célere pelas ruas calçadas de paralelepípedos, e o tenente *Berg* pensava. Que fazer?... Apaixonara-se por *Céleste-marie*, desde quando ambos ainda eram adolescentes; acostumara-se a ela e não conseguia imaginar-se a viver sem sua presença amorável. Quando o seu regimento voltava a Paris, depois das longas e terríveis incursões à guerra (a França vivia metendo-se em constantes guerras!...), antes mesmo de rever o lar, era, invariavelmente, à casa de *Céleste-Marie* que ele passava primeiro!... A mãe nunca o perdoava por tamanha indelicadeza!... “*Primeiro visitas a outra, não é, malandrinho?...*”, dizia-lhe a mãe, a arder-se de ciúmes de *Céleste-Marie*. A mãe e a noiva não se davam bem; viviam a trocar-se farpas, coisas de apegos excessivos que as mulheres costumam, às vezes, demonstrar. *Berg* até que se divertia com aquela ciumeira toda que demonstravam as suas duas mulheres, como costumava referir-se à mãe e à noiva.

Quando o coche estaciona diante do número vinte e três da *Rue Constance*,

em *Montmartre*, era quase meio-dia. *Wilfred Berg* ajeita o quepe à cabeça e, depois de olhar por alguns instantes para a sóbria fachada da casa, empurra o pesado portão de ferro de grades altas e entra.

– Não imaginava que viesses hoje... – diz *Céleste-Marie*, oferecendo o rosto ao noivo que a beija, respeitoso. – *Maman* saiu cedo; não me disse aonde ia...

– Passei apenas para ver como estavas... – diz ele, acariciando o rosto da jovem com o dorso da mão. – Ontem tu me deixaste preocupado... Andas chorando à toa...

– Tenho meus motivos!... – exclama ela, quase ríspida, e se amuando de repente. – Aliás, tu andas a dar-me tais motivos!...

– *Oh, ma belle!*... – diz ele, levantando-se da poltrona em que se sentara e, tomando-a pelo pulso, prossegue: – Acho que fantasias... Que motivos posso estar eu a dar-te para que ajas assim comigo?...

– Andas a dar motivos, sim, *Berg!*... – exclama ela, tentando desvencilhar-se da mão que a segurava firme. – Acho-te distante!... Não és mais o mesmo!...

– Oh, penso que tudo isso não passa de esquisitices da tua cabeça, *Céleste-Marie!*... Acho que devias saber que as pessoas mudam... Não somos mais adolescentes, eu e tu!... Vê bem: crescemos, somos dois adultos!... Eu já tenho quase trinta anos, e tu já passas de vinte e cinco!... É natural que eu esteja diferente!... Tu também mudaste!...

– Sabes o que penso?... – diz a moça, depois de cogitar por alguns instantes. – Acho que te cansaste de mim!...

– Oh, tolinha!... – exclama ele, atraindo-a para si e a abraçando forte. – Como poderia cansar-me de ti?... – e, retirando do bolso da túnica pequena sacola de veludo vermelho-vivo, estende-a para *Céleste-marie*: – Olha o que eu trouxe para ti!...

Os olhos da jovem, de repente, tomam-se de intenso brilho. ela apanha a sacolinha e, nervosamente, abre-a, perscrutando-lhe o conteúdo, com a ponta dos dedos, cheia de expectativa.

– São bonitos... – diz ela, em seguida, olhando, inexpressivamente, para os pequenos objetos brilhantes que se lhe depositavam à palma da mão aberta, mas sem conseguir, entretanto, ocultar a enorme decepção que a invade, diante daquele presente.

– Acho que não gostaste dos brincos... – diz ele, altamente desapontado com a reação da jovem. – Se não te apraz o desenho que ostentam, poderás

trocá-los por outros que sejam do teu agrado...

– Não!... Não é isso!... – exclama ela, ríspida, e, em seguida, atirando a sacolinha de veludo vermelho sobre um *guéridon*, deixa-se sentar, desconsolada e altamente amuada, sobre o sofá.

– Por que ages dessa maneira, *Céleste-marie*?... – pergunta *Berg*, sentando-se ao lado dela no divã. – Não percebes que, assim, tu me magoas profundamente?...

– E tu?... – exclama ela, encarando-o firme, com um olhar de estranho brilho. – Acaso não vives a magoar-me sempre?... – e prossegue, agora, com os olhos molhados de pranto: – Eu não esperava brincos, *Berg*!... Esperava um anel de noivado!... Não imaginas o quanto desejo isso!...

O rapaz abraça-a forte, comovidamente. E ela, então, deixa-se levar pela intensa emoção que a dominava e chora abundantemente.

– Sinto muito, meu bem... – murmura ele, acarinhando-lhe os cabelos. – Eu não sabia que desejavas tanto isso...

– Sei que acabarei por perder-te, *Berg*!... – diz ela, olhando-o nos olhos, com a voz entrecortada pelo choro quase convulsivo. – Tu vives longe demais, exposto ao perigo constante, e eu não suporto mais!... Quando partes para a guerra, não sabes a aflição que vivo, sabendo-te a meio daquele inferno!...

– Oh, meu amor!... – exclama ele, tomando-a aos braços e a beijando, com paixão. – Então é isso!...

– De ti queria um anel de noivado!... – diz ela, tomando a mão dele e a beijando com ternura. E continua, sem encará-lo, enquanto lhe acariciava as mãos, com desvelado carinho: – E, ainda, que desses baixa no exército!... Tu és rico!... Eu sou rica!... Por que é que precisas meter-te em tanta confusão?... Canso-me de ver todo esse sangue derramado, assim, tão levemente!... Dize-me, em razão de quais critérios andam os franceses a matarem-se, atualmente?... Pelos mais absurdos e mais pueris que se possa imaginar, não é?... Primeiro, mataram-se pela república!... Aí temos a república de volta!... Pararam de matar-se?... Não, matam-se, agora, pela volta da monarquia!... E, não satisfeitos de se matarem entre si, deram ainda de rumar à África, a conquistarem a terra dos outros!... Violência e mais violência!... Oh, quando tudo isso parará de vez?... – depois, volta o rosto e o fita, firmemente, nos olhos, e prossegue, com a voz carregada de súplica: – Olha, casemo-nos e vamos viver no campo!... Mamãe tem uma adorável casa de campo em

*Orly!*... Por que é que não vamos morar lá?... Poderemos ser felizes, e termos os nossos filhos em paz, longe de toda essa desgraça!... Paris enoja-me!... – e, repousando a cabeça ao ombro dele, continua: – Oh, *Berg*, sonho tanto com isso!...

O jovem militar pensa por instantes. Às vezes, tinha mesmo vontade de mandar tudo às favas, de recolher-se a um cantinho com *Céleste-Marie*. Mas, o mundo andava tão conturbado, tantas mudanças surgiam do dia para a noite... Que segurança havia, agora, na França ou na Europa toda?... O antigo regime<sup>3</sup> desmoronara; houvera, já, a tentativa fracassada de se instaurar a república, com a Revolução<sup>4</sup>; entretanto, o que se institucionalizara, efetivamente, no país, fora o caos, a corrupção, os desmandos, a baderna... Como poderia cruzar os braços e deixar as coisas, simplesmente, acontecerem?... Não, não era do seu feitio. Era um homem político; sua família sempre fora dada à política; entretanto, começava a cansar-se. Quando viria, enfim, a paz duradoura?...

– Tens razão, *mon amour!*... – diz ele, afagando-lhe os cabelos escuros e ondulados que lhe davam até os ombros. – Tu tens toda a razão!... Andamos todos cansados de tanto sangue derramado; entretanto, se não se instaura a paz definitiva, que segurança teremos todos nós?... Que espécie de vida legaremos aos nossos filhos?...

– Não sei se desejo pagar preço tão alto para que as futuras gerações vivam melhor que nós... – murmura *Céleste-Marie*, com longo suspiro. – No fundo, acho que errados estão os homens, não os regimes que eles mesmos instituem!... Se os homens fossem bons, boas seriam as instituições, qualquer fosse o caráter delas – republicano ou monárquico –, não achas?

– Sim, *ma belle*, tens toda a razão!... Enquanto os homens não se instruírem o suficiente e, principalmente, não chegarem a um consenso, através do exercício da legítima razão, restará apenas o caos!... – e, mudando de assunto, prossegue, abrindo um sorriso maroto: – Olha, não vais convidar-me para almoçar?... Ando a morrer de fome...

– Não!... – diz ela, rindo-se. – És um mal-educado!... Como ousas convidar-te assim?... A senhora tua mãe não te ensinou bons modos, não?... – e explode em ruidosa gargalhada: – Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

Como era bom ouvir o riso de *Céleste-Marie!*... Riso cristalino, riso inocente... Pobrezinha!... *Berg* olha-a nos olhos. Amava-a, mas tinha medo: seu grande amor enlouquecia!... Ultimamente, *Céleste-Marie* andava a

transitar entre a lucidez e laivos de demência com extrema facilidade...

– Dize-me, *Céleste-Marie* – fala o rapaz, tomando-lhe a mão –, não queres ir ao regimento comigo?... Poderemos almoçar na *cité!*... Que achas?...

– Adoraria!... – exclama ela, levantando-se. – Espera dois minutos, que farei a *maquillage* e sairemos em seguida!...

Enquanto aguardava a noiva aprontar-se, *Wilfred Berg* pensava. Precisava decidir-se. Não poderia deixar *Céleste-Marie*, assim, esperando por ele, eternamente. Envelheciam, e era preciso tomar uma posição. Mas, e a doença dela?... Poderia casar-se, sim, e ele continuaria no exército; poderiam ter filhos, ela se ocuparia em criá-los, e até talvez se curasse daquele mal. E, se não se curasse?... E se o mal fosse, de fato, irreversível?... Havia fortes indícios de que era!... Se *Céleste-marie* se casasse, tivesse filhos, eventualmente, poderia piorar!... Talvez não soubesse enfrentar e resolver os problemas que, fatalmente, surgiriam na administração de um lar... Precisava avistar-se, urgentemente, com *marie-Louise*, a mãe da sua noiva; era preciso discutir, seriamente, com ela, sobre tais questões que lhe atormentavam a alma.

– *Allons-nous, M’sieur le lieutenant?*... – interrompe-lhe *Céleste-marie* as íntimas cogitações. E, graciosamente, dá uma volta, exibindo-se a ele, altamente vaidosa: – *Comment te parêt-il?*...<sup>5</sup>

– *Magnifique, ma belle!*... – exclama ele, depois de emitir um assobio de admiração. – Estás um primor!...

O centro da cidade fervilhava. Era primavera, e o céu achava-se espetacularmente azul. *Céleste-Marie* desfilava orgulhosa, de braços dados com o seu tenente, metido em seu impecável uniforme azul.

– Que tal *Le Boulanger*, querida? – sugere ele.

– *Parfait!*... – responde ela, abrindo um sorriso que lhe deixou entrever a ponta dos dentes brancos, bem cuidados.

*Céleste-Marie* estava feliz. Mastigava devagar, saboreando a comida, enquanto olhava para *Berg*.

– Em que pensas?... – pergunta ele, percebendo que ela não tirava os olhos do rosto dele.

– Pensava no quanto tu és bonito e elegante!... – diz ela, rindo-se.

– Acho que exageras... – diz ele, sorrindo, orgulhoso. Era uma delícia ser adulado por *Céleste-marie!*... E prossegue, afagando, ternamente, a mão dela: – Bonita és tu!...

– Mas isso me faz sofrer, terrivelmente, *Berg!*... – exclama a moça, aparentemente ignorando o elogio que ele lhe fizera e, de repente, entristecendo-se, enormemente, prossegue: – Paris está repleta de sirigaitas desaforadas!... – e continua, fingindo amofinar-se: – Além do mais, sei que, quando te achas de folga, amiúde, andas a frequentar o *Chez Lulu*...

– Oh, os soldados necessitam de diversão, às vezes!... – diz ele, corando um pouquinho. – Não concordas?... É preciso esquecer as agruras dos campos de batalha!... E, além do mais, toda a Força Nacional conhece *Lulu Fontainebleau!*...

– Debochado!... – exclama ela, beliscando-lhe o dorso da mão.

– Não se trata de deboche, não, *ma petite!*... – observa ele, sério. – Afirme-te, sem qualquer sombra de dúvida, de que não existe criatura mais sábia e mais experiente, em toda a Paris, que *Lulu Fontainebleau!*...

– Que tipo de coisas poderá saber uma caftina daquelas?... – pergunta *Céleste-Marie*, cheia de despeito. – Só se forem das artimanhas da sedução!...

– Oh, enganas-te, redondamente, minha cara!... – diz ele, rindo-se. – Nem mesmo a alta cúpula do exército escapa aos seus sábios conselhos!...

– Não vais me dizer que também de estratégias militares entende a talzinha?...

– Estratégias da vida, *ma belle!*... – diz ele, sério. – *Lulu Fontainebleau* educou-se na escola da vida!... Na difícil arte de viver!...

Quando *Berg* e *Céleste-Marie* chegaram ao quartel, passava um pouquinho das duas.

– O general já deve achar-se à minha espera!... – exclama o rapaz, apressando o passo. – E nós estamos atrasados!... – e, olhando de soslaio para a noiva, com um pretenso ar de censura, prossegue: – Se meu chefe espinafrear-me, serás tu a culpada!... Também, paraste diante de todas as vitrinas da *Rue du Commerce!*...

– Oh, exageras!... – diz ela, esforçando-se ao máximo para acompanhar-lhe as largas passadas pelo extenso corredor que dava à administração do quartel. – E se estás a borrar-te todo de medo, deixa o general por minha conta!... Esqueces de que ele e meu pai eram amicíssimos?... Nem imaginas o quanto o general *du Servey* gosta de mim!...

– Oh, esquecia-me do quanto tu e a tua família fostes unha e carne com o general e *Constance*, sua esposa!... – exclama ele. E prossegue, irônico: – Além do chatíssimo *Robert*, o filho de ambos...

– Oh, estás com ciúmes de *Robert!*... – diz ela, rindo-se e lhe beliscando as costelas. – Tolinho!... Esqueces-te de que eu e *Robert* nunca tivemos nada e, além do mais, ele já se acha casado com *Amélie Rochefort* e é pai de duas adoráveis criancinhas?...

Em pouco, estacavam diante da porta do gabinete do general *Emmanuel-Théophile du Servey*. Antes de bater, *Berg* ajeita o quepe e endireita a gola da túnica; olha para *Céleste-Marie* que o aprova com um largo sorriso e uma piscadela marota. Depois, resoluto, o jovem militar bate à porta com a mão fechada.

– Oh!... *Berg* e *Céleste-Marie!*... Que bela surpresa fazeis a este velho coração!... – exclama o militar, levantando-se da sua secretária. E, após apertar, efusivamente, a mão do jovem amigo, volta-se para a sua companheira: – Que linda estás, *ma petite!*... Há quanto tempo não te vejo!...

– Sim!... – exclama *Céleste-Marie*, deixando-se abraçar, emocionada, pelo antigo amigo de família. – Depois que papai se foi, muito pouco nos temos visto, general!...

– E *Marie-Louise?*... – pergunta o velho militar, depois de todos acomodados em espaçoso divã de couro.

– *maman* está bem... – responde a moça. E se corrige: – Relativamente, bem, quero dizer!... Depois que papai morreu, não voltou mais a ser a mesma de antes... Amiúde, percebo-a triste e amuada pelos cantos...

– Assim é a vida!... – exclama o general, com fundo suspiro. – Assim é a vida!... – e, voltando-se para *Berg*, prossegue: – Temos novidades para ti, meu rapaz!... O alto comando acaba de recomendar a tua promoção!... Em breve, certamente, teremos a cerimônia...

Os olhos de *Berg* iluminam-se. *Céleste-Marie*, entretanto, não esconde seu desapontamento. Laivos de tristeza perpassam por seus olhos. “*O exército continua a roubá-lo de mim...*”, pensa ela. “*E não sei se terei forças suficientes para esse combate!... Presumo que perderei essa batalha...*”

– Parece-me que não te alegraste com a notícia, *ma chérie!*... – interrompe-lhe os pensamentos a voz do general. – Pois ora acho que *Berg* não terá mais desculpas para não te conduzir ao altar!... – e, piscando um olho maroto ao rapaz, prossegue, chamando-o, propositadamente, pela nova patente: – Que dizes disso, *capitaine Berg?*...

– Acho que tendes razão, *mon général!*... – diz o rapaz, beijando, amorosamente, as mãos da moça. – Se ela me quiser...

– Oh, quererá!... Tenho a certeza de que quererá!... As mulheres sempre querem casar-se!... – diz o general, rindo-se e, levantando-se, encaminha-se para sóbrio armário de madeira escura; abre-lhe a porta e apanha uma garrafa de vinho. Depois, dirigindo-se para *Céleste-Marie*, solicita-lhe: – Ajuda-me com os copos, *ma petite*!... É preciso comemorar!...

Depois de caloroso brinde, voltavam a sentar-se, no divã de couro, enquanto bebericavam das suas taças de vinho. Curto silêncio estabelece-se, então, entre os três, que pareciam envolvidos em íntimas cogitações.

– Imaginai ambos que, ontem à noite, presenciei estranho fenómeno, em casa da marquesa *Adèle Souvigny*!... – observa o general, quebrando o silêncio que se formara. – Acho que já ouviram falar das tais mesas girantes, não?...

– Já participei de uma sessão dessas, em casa do coronel *François-Henri de Mont-Parmis*, no último inverno, senhor – responde o rapaz.

– Impressionante o que vi, meus caros!... – prossegue o general. – Deu-se a manifestação de estranho fenómeno que jamais supus possível acontecer!... A mesinha, simplesmente, dançava, suspensa no ar, com ímpeto tal, e às raias do desvairo!...

– E dizem que fala!... – observa *Céleste-marie*.

– sim!... – concorda o general, altamente entusiasmado. – E responde a questões que se lhe fazem, com a maior desenvoltura!...

– Ocorreu, assim, com tal intensidade? – espanta-se o rapaz. – Em casa do coronel *de Mont-Parmis*, a mesinha limitou-se, apenas, a pairar no ar, por alguns instantes, nada mais que isso!... E, por mais que se insistisse depois, por longo tempo, nenhum fenómeno mais ocorreu naquela noite. Mas, apesar de não ter apresentado a intensidade que acabais de relatar, general, mesmo assim, deixou-me deveras impressionado!... Entretanto, senhor, credes, piamente, não ocorrerem nenhuma fraude em tais manifestações?

– À primeira vista, penso que não!... – responde o general. – Garanto-te que nos cercamos de todas as precauções cabíveis para evitarem-se os embustes, entretanto...

– É verdade, pois nunca se sabe!... – concorda o rapaz. – A prestidigitação é uma arte cultivada há milênios!... Não nos esqueçamos disso!...

– Sim, e, por mais rápidos que sejam os nossos olhos, quem é que consegue desmascarar um simples ilusionista de circo, em sua arte mágica?... – observa a moça, pensativa. – São tão espertos...

– Concordo com o que pensas, *ma chérie!*... – diz o general. – Entretanto, conforme já vos disse, nós nos cercamos, previamente, de todas as precauções, antes da efetivação dos fenômenos: sondamos, minuciosamente, o ambiente em busca de alçapões, fios de seda invisíveis, possíveis roldanas ocultas no teto ou atrás das cortinas; porém, as buscas resultaram infrutíferas!... Nenhuma evidência de fraudes!... Acho que posso garantir-vos que não houve a mínima possibilidade de ter ocorrido alguma forma de engodo!...

– Dissestes que a mesa respondeu a questões, senhor? – pergunta a moça. – A que tipo de questões respondeu ela?...

– A todos os tipos, meu bem!... – responde, enfático, o general. – Desde as mais sérias até as mais infames e mais pueris veleidades que possas imaginar!... E, sem titubear!...

– Gostaria de ver tais coisas!... – exclama *Céleste-marie*. E, depois de cogitar por instantes, prossegue: – Mas, como pode um simples *guéridon*, falar?... Não consigo compreender isso!... Como não falam os lá da minha casa?...

– Oh, querida, não falam, assim, como nós, não!... – observa o rapaz, rindo-se. E, após trocar ligeiro e significativo olhar com o general, prossegue: – As mesinhas telegrafam!... Usam um código de pancadas!... consegues entender isso?...

– como sói acontecer ao telégrafo?...<sup>6</sup> – pergunta ela, ainda um pouco confusa.

– Exatamente!... – completa o rapaz. – Seguem um código, muito semelhante ao empregado pelos telegrafistas, e respondem às questões, em forma de pancadas, erguendo-se no ar, girando em seu próprio eixo e batendo, sistematicamente, uma das pernas no chão, promovendo um ruído.

– Incrível!... – exclama a moça.

– Sim!... – diz o general. – E responde até a questões feitas pelo pensamento!...

– Lê pensamentos?!... – espanta-se, ainda mais, *Céleste-Marie*.

– Por certo que sim!... – responde o general. – Eu mesmo fiz o teste!... E mo respondeu a mesa com total acerto!... Deixou-me deveras impressionado!...

– Gostaria de presenciar tais coisas!... – diz a jovem. – Oh, general, quando ireis, novamente, à casa da marquesa *de Souvigny*?...

– Para o final da semana!... – responde o militar. – Se desejaes, tu e *Berg* sereis meus convidados!... Ah, e se ela se dispuser a ir, deveis também levar *Marie-Louise*!... Creio que se divertirá às pampas!... *Constance* adora, pois as mesas são indiscretíssimas, às vezes, e soltam segredos que se guardam a sete chaves!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... – explode o general, numa gargalhada, e prossegue: – Precisáveis ver os apuros que enfrentaram certas donzelas e certos rapazotes da nossa sociedade!... além de algumas senhoras que se passavam por recatadas damas, e de homens que sempre foram tidos por veneráveis cavalheiros!... E, como bem podeis imaginar, a mesinha desmascarou a todos!...<sup>7</sup>

– Deveras?... – espanta-se *Céleste-Marie*. – Contam-nos, então, segredos assim tão bem guardados?... – e olha de soslaio para o rosto do noivo. De repente uma ideia surgia-lhe à cabeça: era a possibilidade que teria de saber se o noivo, realmente, a amava, ou se não andava a enganá-la por esse tempo todo...

– Que pensais ser a origem de tais fenômenos, general?... – pergunta o rapaz.

– Na realidade, não sei bem ao certo, tenente – responde-lhe o velho militar. – às vezes, penso manifestarem-se forças as quais ainda desconhecemos completamente; doutras vezes, qualifico tais fenômenos como possíveis lados ocultos da eletricidade que, por si só, por apresentar-se invisível aos olhos e por proporcionar uma infinidade de fenômenos até então tidos como impossíveis de acontecer, já costuma gerar uma porção de questionamentos à nossa cabeça e para os quais ainda não encontramos respostas plausíveis!... Além do fenômeno elétrico<sup>8</sup>, há ainda o magnético!... Sabes que *Mesmer*<sup>8</sup> realizou uma série de pesquisas sobre o magnetismo animal, no passado, e que tais pesquisas, depois de investigadas pela Academia, não deram em nada?... Ainda acho que despenderam pouco caso às teorias de *Mesmer*!... Sabes como é!... A inveja anda de braços dados com muitos desses senhores que se arvoram de “sábios”!...

– E que de verdadeiros sábios costumam nada ter!... – observa *Berg*, jocoso.

– Tens razão, meu caro!... – concorda o general. – No fundo, sacrificaram o dr. *Mesmer* e sua teoria por pura inveja!...

A tarde caía tranquila, e os três prosseguiram a conversa, que ora tomava rumo diverso. A política, invariavelmente, vinha à tona. *Céleste-Marie*, agora, mais se calava que opinava. Seus olhos se limitavam a saltar do noivo

para o general e vice-versa, enquanto o caloroso diálogo prosseguia, no debate entre as teses sobre a monarquia e a frágil república que teimava em não se firmar definitivamente...

Por fim, os diálogos cessaram; morreram por esgotamento, e *Berg* e *Céleste-Marie* despedem-se do general. Lá fora, a tarde agonizava, e os acendedores de lâmpadas passavam apressados, com suas longas varas apoiadas ao ombro. O casal toma um carro de aluguel e se perde célere, a meio das brumas da cidade que principiava a bruxulear uma luz que já nascia meio amolecida, mortiça e amarelada e que já perdia, de antemão, a queda de braço com a inflexível escuridão da noite...

---

2. “– Muito obrigado, minha amiga!...”, em francês.

3. Referência à monarquia francesa, destituída do poder pela Revolução de 1789.

4. Revolução Francesa, de 1789.

5. “– Vamo-nos, senhor tenente?...” (...) “– Como está?...”, em francês.

6. Em 1844, a invenção do telégrafo por **Samuel Morse** revolucionou a transmissão de informações, e permitiu o envio de notícias a longas distâncias. Os acontecimentos aqui narrados sucederam-se a partir de 1850, ano que marcou o princípio das manifestações ostensivas dos espíritos que, no início, aconteciam através das famosas “mesas girantes”, nos salões de festa de Paris, fatos que chamaram a atenção de **Allan Kardec** que neles encontrou não a frivolidade dos que se divertiam com tal fenomenologia, mas sim, o ponto inicial de onde partiriam pesquisas seríssimas e posteriores descobertas sobre a realidade da comunicabilidade entre os espíritos e os encarnados e surgindo, daí, os fundamentos da Doutrina Espírita.

7. Nos primórdios das manifestações espíritas, em meados do século XIX, através das mesas girantes, nos salões de festas parisienses e, também, em muitos outros lugares da Europa, o caráter das sessões e da maioria dos espíritos que nelas se manifestavam era condizente com os propósitos a que se prestavam: futilidades, veleidades e divertimentos, apenas.

8. De *âmbar* (grego *ēlektron*) surgiu o nome eletricidade. No século XVII, foram iniciados estudos sistemáticos sobre a eletrificação por atrito, graças a **Otto von Guericke**. Em 1672, **von Guericke** inventou uma máquina geradora de cargas elétricas em que uma esfera de enxofre girava, constantemente, atritando-se em terra seca. Meio século depois, **Stephen Gray** fez a primeira distinção entre condutores e isolantes elétricos. Durante o século XVIII, as máquinas elétricas evoluíram até constituir-se num disco rotativo de vidro, atritado contra um isolante adequado. Um achado importante foi o condensador, descoberto, independentemente, por **Ewald Georg von Kleist** e por **Petrus van Musschenbroek**. O condensador consistia em uma máquina armazenadora de cargas elétricas. Eram dois corpos condutores separados por um isolante delgado. Mas, uma invenção importante, de uso prático, foi o para-raios, feito por **Benjamin Franklin**, ao constatar que a eletrização de dois corpos atritados dava-se pela ausência de um dos dois tipos de eletricidade num dos corpos – a eletricidade resinosa e a vítrea. No século XVIII, ocorre a importante experiência de **Luigi Aloisio Galvani** em que potenciais elétricos produziram contrações na perna de uma rã morta. Isso possibilitou ao físico italiano **Alessandro Volta** chegar à invenção da pilha voltaica, a qual consistia numa série de discos de cobre e zinco alternados e separados por pedaços de papelão embebidos em água salgada. Com essa invenção, obteve-se, pela primeira vez, uma fonte de corrente elétrica estável. E, a partir daí, as investigações sobre a corrente elétrica tornaram-se mais e mais evidentes até à aplicação plena que se faz da eletricidade nos tempos atuais.

8. **Franz Anton Mesmer** nasceu em *Well*, Áustria, em 1733. Criador da filosofia do mesmerismo, é considerado o pai do magnetismo animal. Antes de cursar medicina na Universidade de *Vime*, onde se formou médico, estudou filosofia, direito e teologia em *Ingolstadt*. Frequentava, constantemente, círculos ocultistas, locais onde obteve muitos conhecimentos alquímicos. Estudou profundamente a vida e a obra do **Dr. Paracelsus (Phillippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, 1493-1541)**. **Paracelsus** possuía uma terapêutica que se baseava na crença de que havia correspondência entre o mundo exterior – o macrocosmo – e as diferentes partes do organismo – o microcosmo. “*De Influxo Planetarum In Corpus Humanum*” era a sua tese que descrevia a influência dos planetas, por intermédio de um fluido universal com poderes magnéticos sobre a matéria viva. Descrevia, também, o magnetismo animal que, segundo ele, existia em duas formas opostas e tenderia a emanar dos lados direito e esquerdo do corpo humano. Explicava, ainda, que a cura das enfermidades consistia na restauração do equilíbrio ou harmonia alterada entre esses fluidos. Com base nessas teorias, **Mesmer** construiu sua técnica terapêutica, utilizando a fixação dos olhos e a aplicação dos passes com as mãos.

## Capítulo 2. Corações apaixonados

*François-Armand* aproxima-se do imenso espelho de largas molduras douradas do salão de festas e ajeita a gola da sua túnica azul-escura; em seguida, corre, demorada e meticulosamente, um par de olhos excessivamente críticos pela sua imagem toda refletida no cristal e aprova o conjunto, com ligeiro sorriso: estava impecável!... Depois do minucioso exame, ajusta o quepe, com cuidado, à cabeça, e dá a derradeira olhada.

– *Où vas-tu ainsi tout tôt ?...*<sup>2</sup> – pergunta a mãe que, naquele exato momento, adentrava o salão.

– *Chez Sylvie, maman!*...<sup>10</sup> – responde ele, jovial.

– Como soubeste que os *Rousselet* encontram-se em Paris?... – pergunta a mãe. – Acaso não se achavam na *Champagne*?...

– Oh, *maman*, tenho os meus informantes!... Esqueces-te?... – diz ele, aproximando-se de *Amandine* e, beijando-a, ternamente, à testa, prossegue: – *Au revoir!*... E, por hoje, não contes comigo para mais nada, hein?...

– Oh, vai-te, malandrinho!... Quando *Sylvie* encontra-se na cidade, tu não queres saber de mais ninguém, não é?... Além do mais, creio que irás pilhá-la ainda no leito, a dormir!... Não percebes que ainda é muito cedo?...

– Se ainda se achar a dormir, acordá-la-ei aos beijos, *maman!*... – responde ele e explode em jovial gargalhada: – Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Não entendes que me proponho fazer-lhe uma surpresa?...

– Oh, olha os modos!... Olha os modos!... – admoesta-o *Amandine*, esforçando-se para segui-lo, enquanto ele deixava a casa, em largas passadas. – Contenha-te!... Se o coronel *Rousselet* pilha-te a folgares com a filha dele, é capaz de expulsar-te de lá aos pontapés!...

– Bobagem, *maman!*... – diz ele, rindo-se, enquanto descia a escadaria de granito cinza que dava acesso ao vestíbulo da casa. – O coronel adora-me e deseja ver-me casado com *Sylvie!*... Tu, sim, é que estás a roer-te de ciúme!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

– Ciúme, eu?!... – exclama a mãe. E, mostrando-se altamente amofinada pela audácia do jovem, prossegue, a apontar-lhe um dedo ameaçador: – Olha, aqui, maroto, se te casasses amanhã, eu até dava graças a Deus!... Só assim é que me veria livre de ti e teria, finalmente, paz à cabeça!...

– Dizes isso da boca para fora, *maman!*... – diz ele, já no pequeno pátio fronteiriço à casa. – No fundo, morres de medo de perder-me, não é?...

Com os olhos carregados de ternura, *Amandine* segue-o que desaparece ligeiro, na rua, depois de se voltar uma derradeira vez e de lhe enviar longo beijo pelo ar, a rir-se, feliz. Com o peito oprimido, ela emite longo suspiro e se volta para dentro. “*Estou a perdê-lo, sim...*”, pensa, ao sentar-se no divã de veludo azul-turquesa, da sala de visitas. O imenso casarão achava-se mergulhado em pesado silêncio e, de repente, ela sentiu o peso da solidão e teve medo. Olha, então, para a parede, e seus olhos fixam o imenso quadro de largas molduras douradas, onde a figura do marido achava-se representada, quase em tamanho natural, e magistralmente pintada a óleo. No retrato, o coronel *Louis-Henri Rounet* exibia sérias e nobres feições, em seu uniforme azul-escuro. “*Deus do céu, Louis-Henri!...*”, pensa ela, fixando o retrato. Seus olhos, enchendo-se de lágrimas, percorrem a figura querida ali representada. A elegância, a altivez majestosa, a mão repousando sobre o punho do sabre embainhado, as medalhas ao peito, os galões dourados, as divisas azuis, brancas e vermelhas... “*Pressinto que a minha vida, de hoje em diante, será terrível, mon amour!...*”, prossegue ela, dialogando com a imagem adorada. “*Primeiro, perdi-te, meu querido, para a desgraçada guerra, ainda tão cedo!... Agora, perco o meu outro amor, para a jovem Rousselet. O coração de nosso menino já possui outra dona!... A mim, restar-me-ão, somente, as lembranças!... Doravante, viverei das lembranças!...*”, e pungentes soluços quebram o pesado silêncio reinante.

Hora e meia depois, o jovem cadete *François-Armand Rounet* encontrava-se diante do vetusto casarão de granito escuro, residência do coronel *Hippolyte-Antoine Rousselet*. Seu coração batia forte, quando ele puxou o cordel da sineta que disparou seu agudo tinido.

– Ah!... – emite o mordomo que viera abrir a pesada porta de entrada, ao divisar o mocinho que, ansiosíssimo, aguardava, de pé, diante do portão, em seu impecável uniforme azul-escuro. Então, armando-se de proposital fleuma, o serviçal desce a passos lentos as escadas da frente e, aproximando-se do portão de grades altas e negras, corre os olhos pelo rapaz, de alto a baixo, com um par de olhos frios, e diz, numa voz extremamente afetada: – *Mademoiselle se trouve-elle encore a dormir, M’sieur!...*<sup>11</sup>

– Oh, sei!... – exclama *François-Armand*, sem se importar nem um pouquinho, com a frieza que demonstrava o pernóstico mordomo. – Se não te importas, aguardarei até que desperte!...

– *S’ainsi vous plaît-il!...*<sup>12</sup> – diz o mordomo, dando de ombros e lhe

franqueando a entrada do portão.

Acomodado na sala de estar, o jovem cadete pôs-se a esperar pela namorada que ainda se achava recolhida em seus aposentos, a dormir. Ao lado da larga porta que dava acesso à sala de estar, de pé, imóvel como uma estátua, o mordomo mantinha-se impassível, a fitar, inexpressivamente, o vazio, metido em sua impecável libré de seda branca de golas e punhos azul-clarinhos, esmeradamente engomados.

– *Madame Edith* não se acha em casa?... – pergunta o rapaz ao mordomo, depois de haverem mantido longos instantes de absoluto silêncio.

– *Non, M’sieur* – responde, lacônico, o pedante mordomo.

– E o coronel?... Também saiu o coronel assim tão cedo?...

– *Parfaitement, M’sieur* – responde, seco, o outro. – Sua Senhoria deixou a casa, acompanhado da esposa, ainda bem de manhãzinha, mal amanhecia.

– Acaso sabes aonde foram os teus patrões? – pergunta o jovem cadete, levantando-se, já enfarado pela monotonia da espera, posto que não lhe era do feitio permanecer sentado e quieto por mais de cinco minutos.

– Creio que passeiam pelo campo, *M’sieur*. *Madame Edith* adora o campo!...

– Hum!... Sei!... – exclama o rapaz, olhando, ligeiramente, para o enfatuado rosto do mordomo. depois, levanta, com ambas as mãos, as abas da túnica azul-escura e volta a sentar-se, bem à beirada do sofá e prossegue, mais para irritar e espicaçar o descortês serviçal: – *Pierre*, não vais servir-me nada?...

– Oh, o que desejas, cavalheiro?... – exclama o outro, fingindo apresto, como a desculpar-se pela pretensa indelicadeza que cometia para com a visita. – *Vin?... Du liqueur?... De la brioche?... Ou qu’il sait d’une pièce de tarte à la crème suisse, par hazard?...<sup>13</sup>*

– *Un liqueur, s’il vous plaît!...<sup>14</sup>* – diz o rapaz, agitando-se no divã de veludo vermelho-vivo e, relaxando-se, cruza as pernas, cavalheirescamente.

– *Amande... poire... cerise... Choisissez la saveur, s’il vous plaît, M’sieur!...<sup>15</sup>*

– *Cerise!...* – exclama *François-Armand*, depois de fingir que pensava, seriamente, por instantes. – *Je voudrais bien de la cerise!...<sup>16</sup>*

Em pouco, o mordomo trazia-lhe minúscula taça de cristal, contendo o líquido vermelho-rubi, em rica bandeja de prata polida. Servida a bebida, *Pierre* volta ao seu antigo posto, e se fecha em seu mutismo habitual. Entretanto, de soslaio, observava o que fazia o outro. O jovem cadete

apanhara, jeitosamente, a minúscula taça de cristal pela haste, empregando o indicador e o polegar em pinça; em seguida, aproximara o copo das narinas e aspirara, longamente, o *bouquet*, como fazem os grandes entendedores de bebidas; depois, estudara, minuciosamente, a coloração do líquido contra a luz da janela; em seguida, segurara o minúsculo copo por segundos, olhando-o, atentamente. O mordomo seguia-lhe os gestos e, no íntimo, cogitava: “*Imbecil, boçal!... Onde já se viu beber licor a esta hora da manhã?...*” Entretanto, tem ligeiro sobressalto: o rapaz chamava-o.

– *Pierre!*... – diz *François-Armand* e lhe estende o copo, intocado, sem dele sorver uma única gota sequer. – Obrigado, *Pierre!*... – prossegue o jovem, olhando-o nos olhos e, abrindo-lhe um sorriso altamente brejeiro, continua: – Não ias acreditar, mesmo, que eu seria doido de beber a estas horas da manhã, ou ias?... – e explode numa gargalhada: – Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

*Pierre* espanta-se. Até pareceu que o doido houvera-lhe lido os pensamentos. E, enquanto lhe apresentava a bandeja de prata e recolhia, de volta, o cálice de licor intocado, percebeu que o desgraçado olhava para ele e se ria, todo satisfeito!... Oh, ódio!... No íntimo, o serviçal sentiu-se incendiar de tanta raiva: aquele desgraçado zombava dele!... Ah, miserável!... Advém-lhe, então, uma inominada vontade de dar-lhe com a bandeja às fuças, sem dó, até desfigurá-lo todo, até matá-lo, de tanta pancada!...

– Ah, *Pierre!*... – o mordomo ouve a voz do desgraçado que o chamava, quando já se achava, mesmo, no limiar da soleira da porta, a deixar a sala de visitas, em direção da copa. – Dize-me: ainda te achas apaixonado por *Sylvie?*...

*Pierre* quase tem uma síncope. Que é que o miserável estava dizendo?... Como é que sabia?!... Ele escondera tanto aquilo!... E não é que o bandido sabia?...

– *Par... Par... don..., M’sieur!*... – balbucia *Pierre*, sem se voltar. Corava até as orelhas; não tinha coragem de se voltar e de encarar aquele desgraçado!... – *Qu’est-ce que vous avez dit?...*<sup>17</sup>

– Ora, não se faça de desentendido, seu poltrão!... – escuta-lhe a resposta. Agora ele já estava bem pertinho, ali bem às suas costas. E, rodeando-o, mete-se-lhe de frente, bem às fuças, e prossegue, sério: – Pensas, acaso, que não percebi tudo, seu idiota?... Que morres de paixão por minha namorada?... Mas, olha lá, hein?... tu que te atrevas a tocar-lhe um só dedo e verás o peso da minha espada!...

*Pierre* sentiu-se desfalecer. Quase deixou a bandeja de prata escapulir-lhe das mãos. Mas, como é que aquele lazeiro sabia?... Nunca dissera aquilo a ninguém!... Vigia-se o tempo todo para não se trair!... Amava-a, sim!... Amava a senhorita, de paixão!... Porém, não desejava que soubessem!... Mas, ai, o vagabundo sabia!... Que desgraça!... Fora pego tão de surpresa!... Acabara por trair-se de fato!... Quem ele, verdadeiramente, desejava que nunca descobrisse aquele seu segredo, que ele pensara manter fechado sob sete chaves, já sabia!... Levianamente, descobrira tudo!... Armara-lhe uma armadilha!... E ele, *Pierre*, caíra como um patinho!... O outro se aproveitara do elemento surpresa e o apanhara desprevenido!... Desgraçado!... Miserável!... Ah, que aquele peste não sabia, com certeza, mesmo, não sabia!... Não tinha como saber!... Quase não ficava em Paris!... acaso não vivia pelo mundo, atrás das guerras?... Desconfiaria, tão-somente!... Mais nada!... O espertalhão lançara bem armada isca, e ele, *Pierre*, incautamente, mordera-a!... Não se preparara, a tempo, para tal eventualidade!... Agora, entretanto, ao ter reagido, estouvadamente, dessa maneira, dava-lhe a certeza!... ah, infame desgraçado!...

– Olha lá, hein, seu asqueroso!... – prosseguia *François-Armand*, apontando-lhe um dedo ameaçador, a apenas um palmo do nariz. – Mato-te, sem piedade, se atreveres algo!... Se, ao menos, tu te insinuares a ela, verás!... – e volta a sentar-se no divã.

*Pierre* não conseguia mover-se. Sentia-se chumbado ao chão. Suas orelhas queimavam como fogo. E, agora?... E se aquele demônio contasse a ela?... Se ela ficasse sabendo de tudo?...

– Vai-te, lesma!... – ouve a voz do desgraçado. – Vamos, anda!... Some das minhas vistas!...

– Si... Sim, senhor!... – consegue balbuciar, por fim, o mordomo e, recompondo-se, desaparece, quase a tropeçar nos próprios pés, tão descontrolado achava-se.

– Idiota... – murmura *François-Armand*, abrindo um sorriso e se divertindo, enormemente, ao vê-lo que saía todo atrapalhado.

Neste comenos, os olhos do jovem cadete incendeiam-se. Lá do alto, da ala dos dormitórios, escuta conhecida voz:

– *Pierre!*... *Pierre!*... Onde te meteste?... Traze meu *petit déjeuner!*...<sup>18</sup> Vamos, anda, seu preguiçoso!... Queres matar-me de fome, é?...

O mordomo retorna da copa quase a correr e, ansiosíssimo, carregava a

bandeja com o desjejum que, para ser servido, assim, com tamanha presteza, certamente, já fora deixado preparado com bastante antecedência, para que a mocinha não tivesse de esperar por ele sequer um único minuto. Entretanto, mal o prestativo serviçal principiava a galgar os primeiros degraus da larga escada de granito cinza que dava ao andar superior, sente que o seguravam pelas abas do jaleco da libré.

– Ah, tu não vais subir ao quarto dela, não, seu verme!... – exclama *François-Armand*, entre dentes, com o cenho carregado e ameaçador.

– *mais, M'sieur!*... – exclama o mordomo, exasperando-se. – A senhorita chama por mim, e é meu dever atendê-la!...

– Oh, adoras atender à senhorita, presumo!... – observa o rapaz, cheio de ironia, e, aproximando-se mais do trêmulo mordomo, apanha-o pela gola da jaqueta e prossegue: – Anda, passa-me a bandeja!...

– *mais non, M'sieur!*... – protesta o mordomo, resistindo. – Esta tarefa é minha!... É meu dever cumpri-la!...

– Oh, adoras cumprir tal tarefa, não, espertalhão?... – exclama o jovem cadete, segurando firme a bandeja que o outro teimava em não lhe passar. – Vamos, solta a bandeja ou lhe dou na cara!...

– *M'sieur!*... – grita o mordomo, arrostando-o e se enchendo de fúria. – Não tendes o direito de isso fazer!... Esta não é a vossa casa, e eu não obedeço às ordens vossas!...

– Ah!... Ousas afrontar-me, imbecil?... – ironiza *François-Armand*. – Queres apostar como tenho influência suficiente aqui para exigir que teus patrões metam-te no olho da rua?...

– Pois, fazei-o, senhor!... – brada o mordomo, encolerizando-se, ainda mais. – Fazei-o que direi ao senhor e à senhora que pretendíeis adentrar, à força, o quarto de *mademoiselle*, durante a ausência deles!...

– Terias, mesmo, coragem de inventar tal calúnia de mim, *Pierre?*... – diz o rapaz, fixando o rosto do outro, com terrível expressão aos olhos, enquanto tateava com a mão o cabo do faim, embainhado à cinta.

– Estais a forçar-me tal procedimento, senhor!... – diz o mordomo, sem se intimidar.

– *Pierre!*... Onde te meteste, molenga?... Olha, que ando a morrer de fome!... – insiste a mocinha, chamando pelo mordomo.

Aproveitando-se de ligeira distração do serviçal, ao ouvir os apelos da patroinha, *François-Armand*, com um rápido puxão, tira a bandeja das mãos

do outro.

– *M’sieur!... Non!...* – grita *Pierre*, tentando, inutilmente, reaver a bandeja que *Armand-François*, sagazmente, surripiara-lhe das mãos.

e, a seguir, desviando-se, habilmente, do cerco que o desesperado mordomo tentara fazer-lhe, facilmente conseguiu ludibriá-lo e, num átimo, já galgava, de dois em dois, os degraus da escada e subia ligeiro, em direção do quarto da jovem namorada.

– E não me venhas atrás, que te arranco as orelhas com a minha faca!... – ameaça o jovem cadete, já no alto das escadas, colocando, ostensivamente, a mão que tinha livre ao cabo do espadim, preso à cintura. – Mantém-te quieto, aí, seu palerma, ou verás do que sou capaz!...

Desolado, *Pierre* posta-se ao pé da escada e permanece a olhar, impotente, para o alto.

– *Misérable!...* – murmura o desalentado mordomo, cheio de raiva. – Ah, bandido, tu me pagarás!... Ah, se me pagarás!...

Já no longo corredor semiobsuro, *François-Armand* caminhava na ponta dos pés. Queria fazer uma surpresa a ela!... Sabia que *Sylvie* sequer imaginava que ele estivesse ali!... Fazia longos seis meses que não se viam. Ele, em campanha, junto ao seu regimento; ela, ao lado da mãe, na casa de campo que tinham na *Champagne*. *Edith* não gostava de Paris; preferia viver no campo, e a filha acompanhava-a, mormente quando o pai encontrava-se distante, a defender as fronteiras do país. O rapaz sabia qual era o quarto do seu amor. Com o coração a pulsar-lhe furioso, dentro do peito, aproxima-se da porta e bate, levemente, com a mão fechada.

– Entra!... – ouve de dentro a adorada voz.

O quarto achava-se com a janela ainda fechada, e leve penumbra invadia o ambiente. Na meia-luz reinante, *François-Armand* divisa a jovem namorada que se sentava em poltrona de veludo verde-musgo. Trazia os olhos semicerrados e tinha as pernas encolhidas, com os braços a lhe enlaçarem os joelhos, à mostra, e a lhe escaparem, displicentemente, da abertura dianteira do *peignoir* de seda rosa. Era patente que ainda se achava grandemente sonolenta.

*François-Armand* adentra o quarto e estaca, olhando-a, cheio de ternura. Como a amava!... Sem fazer o mínimo ruído, deposita a bandeja do desjejum sobre um *guéridon* e, na ponta dos pés, encaminha-se para ela e se lhe põe à frente, com o rosto quase colado ao dela. Ela prosseguia de olhos

semicerrados, a dormir, toscanejando, ainda cheia de sono, e ele vai aproximando o rosto ao dela, mais e mais, tão de leve, imperceptivelmente, e chega até a lhe sentir o bafejar suave da respiração delicada, perfumada, adocicada... O coração batia-lhe tão forte dentro do peito que parecia logo ir explodir-se em mil pedaços. Não resistiu. Aproximou mais o rosto e lhe furtou um beijo!...

Ah, a surpresa!... A inesperada surpresa!... Primeiro, o susto, o assombro pela ousadia!...

– *Toi?!... –* exclama ela, estupefacta, após a reação natural, ao tentar desvencilhar-se do audacioso fato. Depois, a explosão de intenso gozo, de infinita felicidade, ao reconhecê-lo!... – *Toi, ici?!... Mais, tu est même plus fou que je pensais!...*<sup>19</sup>

– Louco por ti, meu amor!... – exclama ele, tomando-a nos braços e a beijando apaixonadamente.

E, a seguir, muitos foram os abraços e os beijos, até que a paixão se amainasse.

– Quando retornaste a Paris?... – pergunta ela, enquanto tomava seu desjejum.

– Ontem – responde ele. – Quando meu regimento regressou, era já noite alta!... E, quase que, mesmo antes de retornar a casa, ainda empoeirado e sujo dos caminhos, primeiro desejava aqui vir ter contigo!... – exclama ele, rindo-se. – Era tanta a saudade de ti!...

– E por que não vieste?...

– Oh, os modos!... – diz ele. – Que não diriam os teus pais?... Já passava da meia-noite!...

– Ah, então eu já dormia!...

– Além do mais – prossegue ele –, achava-me tão cansado que mal consegui atirar-me ao leito e dormi até a manhã, quando resolvi, em primeira mão, vir cá ter contigo!...

– Ainda serves no mesmo regimento, sob o comando do teu primo?...

– Sim – responde ele, rindo-se. – Ou achas, acaso, que eu deveria servir com o teu pai, para que ele judiasse de mim até enjoar-se?... Prefiro *Berg* a comandar-me!... Sabes como é, com ele, tenho certas regalias!...

– E papai, certamente, colocar-te-ia a descascar batatas, junto aos cozinheiros, presumo!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

– Oh, tens alguma dúvida, *ma belle?*... – observa ele, com um risinho

amarelo.

– Oh, estás a levantar calúnias de papai!... – exclama ela, beliscando-lhe uma bochecha. – Tu sabes que ele te adora e que jamais cometeria tal despautério contigo!...

– Mas, não arriscarei meu pescoço, pedindo minha transferência para o regimento que ele comanda, não, minha cara!... Nunca se sabe!... Melhor não arriscar!...

O riso cristalino dos dois namorados espalha-se pelo casarão. Ainda de vigília, ao pé da escada, *Pierre* ouvia-lhes o alegre palrar e se contorcia todo de ódio e de despeito.

– Desgraçado!... – murmura ele entre dentes. – Diverte-te com ela!... Mas, não perdes por esperar!... Ah, verás, safado, o que reservo guardado para ti!...

No quarto de dormir, o casalzinho continuava dividindo o desjejum da mocinha, entre minúsculos pedaços de pão e de docinhos de frutas cristalizadas que ela, alternadamente, levava à própria boca e, delicadamente, também à dele, além de, amiúde, entremear esse mister com ligeiros beijos e com risinhos de contentamento e de prazer e sem tirarem, uma única vez, os olhos um dos olhos do outro.

– Vem ver o que estou fazendo!... – exclama ela, cansando-se de comer e, levantando-se, abruptamente, puxa-o pela mão e o conduz até um canto do quarto. Em seguida, resoluta, afasta as cortinas e abre a janela. a luz da manhã nascente invade o ambiente, clareando tudo. Um cavalete achava-se coberto com um pano manchado de vários tons de tinta. *Sylvie*, com rápido gesto, descobre a tela e a exhibe, orgulhosa: – Vê!... – exclama ela, sempre a irradiar continuada alegria. – Estuda tudo, com atenção, e tenta descobrir de quem são esses traços!...

O rapaz preme, fortemente, os olhos, para acomodá-los à intensa claridade; depois, abre-os e observa o desenho, com cuidado.

– Mas, este sou eu!... – exclama ele e, voltando-se para ela, prossegue, altamente emocionado: – *Oh, ma petite!*... Estás a retratar-me!...

– Sim, és tu!... – diz ela, orgulhosa. – Só assim, mato a intensa saudade que me consome a alma! Trabalho num retrato teu, faz já alguns meses!...

– *Oh, mon amour!*... – exclama ele, abraçando-a, com os olhos rasos de lágrimas, e, grandemente comovido, prossegue: – Mas, como consegues retratar-me, assim, tão fielmente, se não me tens, permanentemente, diante de ti, a posar como modelo?... Olha, eu não entendo nada de pinturas, mas posso

imaginar o quão difícil seja retratar alguém, sem o modelo!... Entretanto, tu o consegues!...

– Sim!... – diz ela, sempre se mostrando muito orgulhosa do seu trabalho. – Mesmo *M'sieur Pichon*, meu mestre de pintura, não entende como isso acontece!... Entretanto, eu sei: tenho-te tão presente, em minha mente e em meu coração, que te sei de cor!... Decorei-te os traços todinhos, nos mínimos detalhes!...

– Oh, meu amor!... – diz ele, emocionado, e, atraindo-a a si, beija-a, apaixonadamente.

– Dize lá: gostaste?... – pergunta ela, desvencilhando-se dos braços dele e, olhando-o nos olhos, prossegue: – Está, já, nos detalhes finais!... Depois, dependurá-lo-ei ali, naquela parede, bem diante do meu leito, para mirar-te todos os dias, ao dormir, e, ao acordar-me, a primeira imagem que os meus olhos verão será o teu rosto!...

Ele a abraça, apaixonadamente, depois daquela terna revelação.

– Olha, por que não vamos para a *cité*?... – sugere ele, tomando-a pela mão e a fazendo sentar-se, junto dele, à beira do leito dela. – Poderíamos almoçar juntos, na *Place Pigalle*!... Pelo que tudo indica, hoje promete fazer um lindo dia!...

– Oh, adoraria!... – diz ela, iluminando os olhos com intenso brilho. – Então, vai-te!... Espera-me lá embaixo, enquanto faço a *toilette*!...

Pouco depois, *François-Armand* descia as escadas, inchado e quase a explodir de tanta felicidade. Vinha com a cabeça nas nuvens e quase atropela o mordomo que ainda se achava a postos ao pé das escadas.

– Sai da frente, estropício!... – rosna ele, ao constatar que o serviçal, a ostentar desmedida carantonha, ainda se mantinha ali, no mesmo lugar, a entupir a passagem.

*Pierre* salta ligeiro, de lado, para não ser atropelado pelo rapaz que lhe vinha em cima, decidido a dar-lhe poderoso golpe com os ombros.

– *Manant!*...<sup>20</sup> – murmura o mordomo entre dentes.

– Que disseste, nojento?... – pergunta o rapaz, voltando-se e, levando a mão, com força, ao peito do outro, empurra-o e prossegue, ameaçadoramente: – Some para a cozinha, antes que eu te parta esse focinho imundo!... Anda!...

*Pierre* passa-lhe rente, a encará-lo, acintosamente, com um par de olhos horríveis, carregados de ódio intenso, mas não se vai; decidido, posta-se de pé, à ombreira da porta que dava à sala de visitas e ali se mantém, imóvel

como uma estátua. *François-Armand* passa por ele e se senta, como antes, no divã, e se põe a esperar pela namorada. Amiúde e pelo rabo dos olhos, ambos estudavam-se, meticulosamente, e se arremessavam dardos mentais, carregados de ódio e de despeito recíprocos. Em meia hora, *Sylvie* surgia resplendente, no alto da escada, metida em levíssimo vestido de gaza branca, forrada de seda roxa. À cabeça, um chapéu de *tricot* negro, de longas abas engomadas a ressaltarem-lhe, enormemente, as feições álgidas como a neve. Os lábios, tintos de exuberante tom rubi, trazia-os em perfeita harmonia com os zigomas, ligeiramente avermelhados pelo carmim; aos pés, calçava delicados sapatos de verniz negro, com fantásticos saltos altos...

– *François!... Ici suis-je!... Allons!...*<sup>21</sup> – grita ela, enquanto descia, ligeira, os degraus da escada de granito cinza.

*François-Armand* levanta-se de um salto e corre para o salão. *Pierre*, também excitado, faz menção de correr até o pé das escadas.

– Fica-te aí, verme!... – murmura ele entre dentes, ao passar rente ao outro e enquanto lhe aplica, ao flanco, formidável golpe com o cotovelo.

– Ui!... – geme o serviçal, encolhendo-se todo de dor. Não esperava por aquela inusitada agressão.

*François-Armand* aproxima-se do pé das escadas e oferece o braço à namorada.

– Estás um primor, *ma belle!*... – diz ele, beijando-lhe a face.

– *Pierre!... Pierre!...* – grita a mocinha. – Onde se meteu *Pierre?*...

O mordomo surge no limiar da grande porta, levemente curvado pela intensa dor que sentia, em consequência do duro golpe recebido.

– Oh, ali está *Pierre!*... – exclama *François-Armand*. E adocicando a voz ao máximo, prossegue: – Como estás pálido, bom *Pierre!*... Mas, que te aconteceu, meu amigo?... Até parece que viste um fantasma!...

– Oh, sim!... – concorda a mocinha, aproximando-se e, apiedando-se do rapaz que ainda se arqueava premido pela dor, pergunta: – Que te aconteceu, *Pierre?*... Estás a passar mal?... Queres que te chamemos o doutor *Durraine?*...

– *Non... made... moi... selle...* – tartamudeia o serviçal, a suor frio. – *Je me suis bien... Une légère malaise, je crois !... Il ne faut pas de désespérer!...*<sup>22</sup>

– Oh, bom *Pierre!*... – exclama o rapaz, afagando, ternamente, o ombro do mordomo. – Tens, mesmo, certeza de que te achas bem?... Olha que, se assim o desejares, iremos em busca do doutor *Eustaque Durraine!*...

*Pierre* olha-o com um par de olhos horríveis. Tinha mesmo era vontade de morder e de arrancar um pedaço daquela mão que o cínico desgraçado mantinha amigavelmente apoiada às suas costas.

– *Non...* – diz o mordomo, sentindo-se humilhar até os ossos por aquele bandido. – Estou bem...

– *Eh, alors, très bien!...*<sup>23</sup> – diz a mocinha, dando de ombros e, voltando a alegrar-se, prossegue: – Se te sentires mal, outra vez, recolhe-te a teus aposentos!... E, não haverá, mesmo, ninguém mais na casa, além de *Berthe!*... Se precisares de algo, recorre a ela!... Ah, e quando *maman* e *papa* regressarem do seu passeio ao campo, dize-lhes que saí com *François-Armand* e que almoçaremos fora!... Não te vás esquecer, hein?... *Au revoir!*... – e dispara em direção da porta do vestíbulo.

– *Au revoir, bon Pierre!*...<sup>24</sup> – exclama o jovem cadete, piscando um olho ao alquebrado mordomo.

– *Bandit!... Misérable!*... – murmura o serviçal entre dentes, entretanto, alto o suficiente, para que o outro pudesse ouvi-lo.

À porta, *Sylvie* aguardava pelo namorado. *François-Armand* beija-a, ternamente, à face empoadada, e, em seguida, sem que ela percebesse, volta-se e ri um riso escarninho para *Pierre* que, ainda curvado, retorcia-se mais pela dor que lhe ia à alma que pela fenomenal cotovelada que daquele desgraçado recebera, quase a despedaçar-lhe um bom par de costelas...

– És tão cordial para com o nosso mordomo!... – exclama a mocinha, aconchegando-se ao flanco do namorado, enquanto ele a atraía a si, abraçando-a, ternamente.

– Oh, sabes como é!... – responde ele, fingindo-se grandemente condoído. – *Pierre* é só no mundo, apesar de ser ainda tão jovem!... Sinto, realmente, muita compaixão dele!...

– É... – concorda ela. – seu pai, *Grégory*, serviu-nos como mordomo, até a sua morte, bem como a mãe, *Hélène*, que também já se foi, deixando-o só, neste mundo!... Pobre *Pierre!*... Sabias que cresci junto com ele?... *papa* queria adotá-lo, propiciar-lhe uma carreira militar, mas *maman* não quis; preferiu iniciá-lo nas artes domésticas!... É tão difícil arranjar serviçais de confiança!... Melhor, mesmo, é criá-los, desde pequeninos... E foi o que ela fez com *Pierre*: educou-o, desde menino, a eventualmente substituir-lhe os pais, quando estes se fossem!... E parece que adivinhou!...

– Espertíssima a tua mãe!... – exclama *François-Armand*, abrindo ligeiro

sorriso de satisfação. E prossegue, espetando finíssima farpa ao caráter do outro: – E, além do mais, penso que *Pierre* não daria mesmo para o exército: acho-o por demais afetado nos modos, cheio de ademanes, não concordas?...

– Oh, *François!*... – exclama a mocinha, rindo-se. – Pobre *Pierre!*... Não acho que ele seja tão afetado o quanto dizes, não!... Os pais dele e, principalmente, *maman*, deram-lhe refinadíssima educação!... Nada mais que isso!... – e, querendo espicaçar-lhe o brio, prossegue, mais com o intuito de provocar-lhe ciúme: – Acho-o, ao contrário do que dizes, até bonito!... É bem mais avantajado que tu, mais espadaúdo!...

– Também, pudera!... – replica o rapaz, envermelhando-se de súbita cólera. E prossegue, carregadíssimo de despeito até as orelhas: – O talzinho é bem mais velho que eu!... No mínimo, uns dez anos!...

– Oh, exageras!... Bem sabes que *Pierre* terá, no máximo, apenas dois ou três anos a mais que tu!... – diz ela, mal contendo o riso que lhe proporcionavam as feições altamente zangadas do rapaz. – Não sabia que tinhas ciúme de *Pierre!*... – e prossegue, beliscando-lhe, de leve, o flanco: – Ah, tolinho, não imaginava que tinhas tanto ciúme assim de *Pierre!*...

– Ciúme, eu?!... – exclama ele, estacando o passo e a olhando nos olhos, cheio de emulação pelo que ela lhe dizia sobre o outro. – Como iria eu ter ciúme de um boçal amaneirado como aquele?... – e, fechando o cenho, prossegue a marcha, quase a arrastando, em largas passadas, pela calçada de pedras quadradas.

– Estás a caminhar muito depressa!... – diz ela, esforçando-se ao máximo, para acompanhar-lhe as amplas passadas. – Assim, forçar-me-ás a quebrar os saltos dos sapatos!...

– Melhor tomarmos logo um coche!... – diz ele, ainda bastante enfezado. – Pensava caminhar ainda um pouco mais contigo, a aproveitarmos o sol da manhã, mas vejo que preferes um carro!...

– Vai, desanuvia essa cara!... – exclama ela, abraçando-se a ele, acomodados, agora, numa carruagem de aluguel que corria célere, em direção ao centro da cidade. – Amarraste as tuas fuças a troco de nada!... Não percebeste que brincava contigo?... Não sabes que és o único, no mundo, para mim?...

O rapaz olha-a de soslaio, tentando manter a raiva que lhe roía a alma; entretanto, aqueles olhinhos pidões, cor de mel e ligeiramente amendoados desarmaram-no, completamente, e ele, então, sorri para ela e, num rompante,

estreita-a aos braços e a beija, furiosamente, aos lábios...

A *cité* brilhava ao sol primaveril, quando *François-Armand* e *Sylvie* saltaram do coche de aluguel, na *Place Pigalle*. De braços dados, puseram-se a caminhar pelo passeio, sob a sombra das exuberantes amendoeiras. No alto, o sol continuava lindo, espalhando seus dardos de ouro, a inundarem o mundo inteiro de rutilante luz...

---

9. – *Aonde vais, assim tão cedo?...*”, em francês.

10. “– *À casa de Sylvie, mamãe!...*”, em francês.

11. “– *A senhorita ainda se acha a dormir, senhor!...*”, em francês.

12. – *Se assim desejais!...*”, em francês.

13. “– *Vinho?... Licor?... Bolo?... Ou quem sabe um pedaço de torta de creme suíço, por acaso?...*”, em francês.

14. “– *Um licor, por favor!...*”, em francês.

15. “– *Ameixa... Pera... Cereja... Escolhei o sabor, por favor, senhor!...*”, em francês.

16. “– *Cereja!... (...)* – *Gostaria muito de cereja!...*”, em francês.

17. “– *Per... Per... dão..., senhor!...*” (...)... “– *Que é que dissestes?...*”, em francês.

18. *desjejum*, em francês.

19. “– *Tu?!...*” (...)... “– *Tu, aqui?!... Mas, tu és mesmo mais doido do que eu pensava!...*”, em francês.

20. “– *Grosseirão!...*”, em francês.

21. “– *François!... Aqui estou eu!... Vamos!...*”, em francês.

22. “– *Não..., se... nho... ri... ta!...*” (...)... “– *Estou bem!... Uma ligeira indisposição, creio!... Não há que se desesperar!...*”

23. “– *Eh, então, muito bem!...*”, em francês.

24. “– *Adeus, bom Pierre!...*”, em francês.

### **Capítulo 3. Um passeio pelo campo...**

*Edith-Aurore Rousselet* salta do coche à frente do marido e, abrindo os braços, aspira, a longos haustos, o ar fresco da manhã. Diante de si, descortinava-se o campo aberto, cultivado de lavandas a espocarem, intensamente, em florezinhas azul-arroxeadas. O perfume que se espalhava pelo ar era inebriante, quase a zonzar.

– *Oh, combien j’adore la lavande!...*<sup>25</sup> – exclama a mulher, aspirando o ar com sofreguidão.

– acho que vais ficar tonta, se continuares a cheirar tanta lavanda assim!... – diz o marido, rindo-se e, aproximando-se-lhe por trás, abraça-a, ternamente.

– Oh, exageras, *Hippolyte!*... – diz ela, rindo-se, enquanto se achegava, ternamente, a ele que a abraçava forte, pelas costas. – Tu sabes o quanto prefiro o campo à cidade!... Odeio as multidões!... o parlapatismo parisiense enjoa-me!... Sinto-me bem melhor com a paz e a tranquilidade do campo. Tu e a tua filha é que adorais os movimentos, as festas, o brilho dos salões da cidade!...

– É porque tu nasceste e cresceste na província, *ma chérie*, no meio das vacas, dos gansos e das lebres!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... – ri-se ele.

– Ah, zombas de mim, é?... – diz ela, beliscando-lhe o dorso da mão. – Tens a coragem de chamar-me de provinciana, assim, às fuças?...

– Ora, para que o espanto?... Tu sabes, perfeitamente, que sempre gostei das moças provincianas!... – diz ele, rindo-se dela. – Acaso ocultei de ti tal fato algum dia?... Adoro o teu sotaque interiorano, áspero, às raias da rusticidade!... Tudo isso me encanta, deveras!... É tão peculiar, tão diferente do pedantismo das damas parisienses!... E, aliás, não foi por isso que te desposei, que te escolhi para mãe dos meus filhos?... Amo-te, principalmente, pela tua simplicidade...

– Foi... – concorda ela. E, desvencilhando-se dos braços dele, adentra alguns passos o campo florido e prossegue: – Sabias que eu era doida por homens fardados?...

– Deveras?... – pergunta ele, rindo-se, e se põe a segui-la pelo campo de lavandas. – Foi por isso, então, que, naquele baile em que nos encontramos, pela primeira vez, tu não tiravas os olhos de mim?... Era para mim que olhavas ou para a minha farda?...

– Tolo!... – exclama ela e se ri. – Eu disse *homens fardados!*... Olhava para

ti, para os teus olhos verdes como as esmeraldas!... Por eles é que me encantei!...

– Oh, *Edith!*... Amo-te tanto!... – exclama o coronel *Rousselet*, puxando a esposa pela mão e a forçando a deitar-se sobre o campo florido. Em seguida, ele se deita ao lado dela, enlaça-a e a beija, longa e ternamente, à boca. Depois, ambos põem-se de costas a olharem para o céu límpido e azul.

– Também eu te amo tanto, *Hippolyte!*... – murmura ela. – Temos sido tão felizes!... Deus tem sido tão bom conosco que, mesmo que tu não estejas sempre ao meu lado, como eu gostaria, e, além do fato de te encontrares sempre exposto ao perigo extremo, sinto-me feliz, mesmo assim!... Sei que tu não morrerás na guerra, nunca!... Sinto-o!... Tu morrerás velhinho, em meus braços!...

– Oh, como podes ter tanta certeza disso?... – exclama ele, rindo-se. – Não me digas que, além de linda provinciana de falares encantadoramente ásperos, tu ainda és uma pitonisa!...

– Pitonisa, eu?!... – diz ela, sentando-se sobre os tufos de lavanda que se houberam amassado sob o peso deles, e se tornado em perfumado e fofo colchão vegetal. E, rindo-se da pilhéria que ele lhe fizera, exclama, divertidíssima: – Quisera sê-lo!... – depois, tornando-se séria, prossegue: – Mas, brincadeiras à parte, o que sinto é real!... Sabes, *mon chéri*, as mulheres costumam ter um sexto sentido, e eu pressinto que tu, um dia, deixarás essa vida de soldado e nos mudaremos, definitivamente, para o campo, tu e eu!...

– E *Sylvie?*... – pergunta ele, olhando-a sério. – Acaso o nosso tesouro não irá conosco?...

Os olhos de *Edith-Aurore* fixam o azul-arroxeadado das lavandas que ondulavam ao sabor da fresca brisa da manhã radiosa, e abre um sorriso triste.

– Não sei... – murmura ela, e seus olhos enchem-se de lágrimas. – Nunca te disse antes, mas, às vezes, sinto que nossa menina não viverá conosco!...

– Oh, natural que talvez não vá viver conosco!... – exclama ele, sentando-se, também, e lhe tocando, ternamente, a face, com a ponta dos dedos. – Certamente, casar-se-á e viverá com o marido, a constituir uma família!...

– Não!... – redargui ela. – Não é o que eu sinto!... Sei que isso que disseste seria o óbvio, o natural, pois vive perdida de amores pelo filho de *Amandine!*... Entretanto, sempre que me abraço a ela, sempre que a toco, sinto como que se ela se desprendesse de mim, como se a deixasse escapular e

como se a perdesse, à semelhança de uma mancheia de fina areia que se me escapasse, paulatinamente, por entre os dedos!... E, por mais que eu tente abraçá-la, cada vez mais forte, mais sinto que a perco!... Na realidade, nem sei bem como expressar-te tais coisas!...

– Oh, são tolices da tua cabeça!... – exclama ele, atraindo-a para si e a estreitando aos possantes braços. – Tira essas bobagens das ideias, sim?... – prossegue ele, afagando-lhe as costas e a beijando, ternamente, nos cabelos. – Nossa filha é doida por *François-Armand*!... – continua ele, tentando animá-la. – Tu verás: acabarão por casar-se, muito antes do que imaginas, e nos darão meia dúzia de netos!...

– Oh, és um exagerado!... – diz ela, retirando a cabeça que mantinha afundada no peito dele e, olhando-o nos olhos, prossegue: – Se *ma petite poupée*<sup>26</sup> continuasse a viver, mesmo que fosse longe de mim, dar-me-ia por satisfeita... – e, emitindo fundo suspiro, prossegue: – Mesmo sem me dar netos...

– Oh, vamos!... Vamos!... – diz o coronel, afagando-lhe, ternamente, os cabelos. – e mudando, propositadamente, de assunto, continua: – Trouxemos a tela, o cavalete, as tintas e os pincéis para quê?... O dia está lindo, a paisagem magnífica!... Não vais pintar?... Acaso, não foi para isso que viemos?...

*Edith-Aurore* olha para a paisagem de flores roxas, com os olhos altamente desolados.

– Hoje, não, *mon chéri*... – diz ela, com a voz triste. – Hoje, não...

\*\*\*\*\*

– Que desejas comer?... – pergunta *François-Armand* à jovem namorada que olhava em derredor, deslumbrada, sem perder um único movimento sequer da luxuosa *pâtisserie* em que se achavam sentados ao redor de uma das mesinhas com tampo de mármore branco.

– *Une grosse tranche de tarte à fromage!*... *Et des pommes de terre rôties et des...*<sup>27</sup> – responde ela, ainda indecisa sobre o que mais pedir.

– Oh, comendo assim, vais ficar gorda como uma baleia!... – exclama ele, rindo-se do voraz apetite que ela demonstrava.

– Grosso!... – exclama ela, beliscando-lhe o dorso da mão. – E tu, o que vais comer?... Um galo inteiro assado, presumo!...

– Oh, queres que eu me transforme num porco, é?... – pergunta ele, rindo-se. – Acho que comerei apenas das batatas assadas, nada mais!... Desejo

permanecer em minhas formas atuais!... Ou, então, o meu sargento matar-me-á de tantos exercícios pesados, quando eu retornar ao *front*!... Acontece isso, minha cara!... Voltamos a casa e enterramos o focinho na comida!... Nem imaginas como é a ração do exército!... Quando nos achamos lá, mantemos a forma na marra, tendo de comer aquilo que o Estado fornece-nos!...

– Ah, é?... – espanta-se ela. – Pensava que leváveis uma vida de reis por lá!... – e prossegue, ironizando: – Agora é que entendo menos a vossa grande vontade de ir à guerra!... Se não é pela comida... Por que será então?... Mulheres, sei que não as tendes por lá... Dinheiro?... Também não, pois o soldo que papai recebe é uma miséria!... Se não fosse pela fortuna pessoal que herdou de vovô... Por que será, então, que os homens adoram ir para a guerra?...

– Desejo de aventuras, minha cara!... – responde ele. – Sabias que nós, os homens, somos aventureiros de nascença?... Tudo não passa do insofreável desejo de guerrear!... A busca incessante por novas aventuras e o irresistível desejo de estar sempre diante do perigo acham-se entranhados em nosso sangue!...

– Sois uns baderneiros natos, acho!... – diz ela, rindo-se. – Adorais, mesmo, é uma boa farra!... Até acho que os homens inventam as guerras, quando se encontram bastante entediados!... Para divertirem-se, matam-se uns aos outros!... Pura falta de diversão!... E penso que, quando inventarem coisas a realmente divertirem os homens, as guerras estarão fadadas ao desaparecimento!...

– Sabes que tens razão?... – diz ele, admirando-se da tirada filosófica da jovem namorada. – Quem é que andaste lendo ultimamente?...

– *Leibniz!*...<sup>28</sup> – responde ela. – Os homens têm a capacidade de *pensar a ação e saber por que agem*.

– Hum!... Entendo... – diz ele. Era patente que desconhecia sobre o assunto. Aliás, desde que deixara o *Lycée* e se engajara no exército, não andara a ler mais nada. Limita-se a perguntar: – E o que mais diz o senhor *Leib*... *Leib*... o quê?

– *Leibiniz!*... – completa ela. – Ele admitia uma série de *causas eficientes* a determinar o agir humano dentro da cadeia causal do mundo natural. Essa série de causas eficientes dizem respeito ao corpo e seus atos. Contudo, paralela a essa série de causas eficientes, há uma segunda série, a das *causas finais*. As causas finais poderiam ser consideradas como uma infinidade de

pequenas inclinações e disposições da alma, presentes e passadas, que conduzem o agir presente. Há, assim, uma infinidade imensurável de motivos para explicar um desejo singular. Nesse sentido, todas as escolhas feitas tornam-se determinantes da ação. Segundo ele, não existe a noção de arbitrariedade ou de ação isolada do contexto. Parece também cair por terra a noção de ação livre, mas não é o que ocorre. *Leibniz* acredita na ação livre, se ela for, ao mesmo tempo, contingente, espontânea e refletida.

– Ula-lá!... – espanta-se o jovem. – Andas mesmo a aproveitar muitíssimo bem as lições no *Lycée des Arts*!...

– E tu, acaso não as aproveitavas?... – pergunta ela, cheia de ironia.

– Não! – responde ele, lacônico. – Dormia o tempo todo, durante as aulas de filosofia!... E nas de latim, também!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Achava tudo a maior chatice!...

– Oh!... Os homens!... – exclama ela. – Os homens!... – e prossegue, ironizando: – Garanto que, nas aulas de esgrima, eras o primeiro!...

– Sem dúvida!... – confirma ele, enchendo o peito de satisfação. – Era imbatível!...

– Dize-me, *François* – fala a jovem, de repente ficando séria –, como foi a primeira vez em que mataste um homem?

Ele se contém de inopino. De folgazão, passa à seriedade absoluta. Seus olhos, por instantes, perdem-se no vazio. Buscavam as lembranças, certamente, remexendo nos refolhos contidos bem lá no fundo, nos escaninhos da alma.

– Foi horrível!... – murmura ele, com os olhos fixos no nada. – Foi, deveras, horrível, o cheiro do sangue!...

– Mataste-o como?...

– A baioneta... Golpe certo, a rasgar-lhe, fundo, as entranhas... Era jovem, assim como eu... – e engole seco, por algumas vezes, como a indicar que aquelas lembranças sempre lhe vinham acompanhadas de intenso mal-estar. E prossegue, com a voz tomada de súbita emoção: – Sabes, *Sylvie*, quando abatemos um soldado inimigo de longe, a tiros de fuzil, é uma coisa; mas, às vezes, as batalhas partem para o corpo a corpo, e temos, então, de desembainhar as nossas baionetas, atá-las à ponta do cano de nossas armas e de enfrentar o inimigo, cara a cara, e medir forças com ele!... E lutarmos, ferozmente, acuando-nos, reciprocamente, como duas feras que se pegam!... E sermos sempre o primeiro a desferir o golpe fatal, no momento correto,

aproveitando-nos de uma fração de segundo em que o outro fraqueja, vacila em sua defesa própria!... Não haverá uma segunda chance!... É sempre fatal!... É algo indescritível, cruel!... Tu nem imaginas o que seja sentir o ferro penetrar no corpo do outro; senti-lo tremer (a arma conduz até as nossas mãos os espasmos agonizantes da vítima, a fremir de intensa dor, ao ter as carnes varadas pelo metal pontiagudo!...); tu sentes, em segundos, a dor do outro, em ti mesmo!... Tu o vês, olhando-te, fixamente, nos olhos, e a te perguntares, com o olhar, *por quê?... Por quê, Sylvie?...* Depois, os olhos tornando-se rapidamente opacos, perdendo o brilho, e a palidez a invadir-lhe as feições!... É o implacável abraço da morte!... Precisavas ver-lhes o desespero *in extremis* a estampar-se-lhes às algentes feições!... – o rapaz cala-se por instantes, premido pela forte emoção. Depois, prossegue, com a voz cheia de amargura: – A primeira vez que isso nos acontece é deveras terrível!... Entretanto, ao tenebroso batismo de fogo, costuma seguir-se o endurecimento das emoções!... Nada mais do que se sentiu, à primeira vez, acontece depois: acostuma-se!... Tudo na vida banaliza-se; até mesmo essas bestialidades tornam-se-nos comuns!... Permanece, apenas, o extravasar furioso da intensa animalidade contida no peito!... É a catadupa da ferocidade humana a despejar-se, insanamente, uns sobre os outros, e vencendo sempre o mais forte, o mais hábil!... As batalhas não poupam os fracos, os inaptos!... Só os fortes sobrevivem!... E, desenvolve-se, ainda, com o passar do tempo, uma espécie de gozo, um tétrico prazer em matar, sempre mais e mais!... Nem imaginas em que loucura transforma-se um campo de batalha!... o intenso cheiro do sangue fresco a derramar-se, continuamente; o nauseabundo odor da carne tostada pelos canhões e o ruído ensurdecido dos descargos, dos relinchos dos cavalos, dos gritos de selvageria dos soldados, inebriados pela intensa loucura que ali os acomete, aliados aos brados de dor e de desespero extremos dos feridos que tombam, são deveras assustadores!...

– Guerras!... – murmura *Sylvie*, tomando as mãos do rapaz e as apertando forte. – Será que, um dia, serão proscritas deste mundo?...

– Não sei, *ma petite!*... – diz ele, olhando-a nos olhos, ainda tomado de grande tristeza, motivada por aquelas lembranças terríveis. – mas, no íntimo, saibas que também eu gostaria que as guerras se acabassem de vez!...

– Ah!... – exclama ela, animando-o. – Vê!... Já nos trazem a comida!... Deixa tais lembranças para lá!... Vamos deliciar-nos com o cardápio que

parece estar muito bom!...

*François-Armand* limita-se a sorrir-lhe. *Sylvie* era por demais maravilhosa!... Ela não se deixava, de fato, jamais se levar pela tristeza, por muito tempo!... Era feliz!... Gostava de ser feliz!...

– Acho que tens razão, *ma belle!*... – diz ele, por fim, contagiando-se com a alegria dela. – para que as lembranças tristes?...

Lá fora, a tarde chegava. O sol continuava lindo, cobrindo tudo com sua luz radiosa e dourada.

– Aonde iremos depois?... – pergunta ela, enquanto provava do primeiro bocado da sua *tarte à fromage*.

– Aonde queres que te leve?... – pergunta ele, olhando-a cheio de paixão.

– A passear de barco pelo rio!... – exclama ela, avivando-se. – *Le jour se trouve-il parfait par une soirée de bateau à la Seine!*...<sup>29</sup>

– Perfeito!... – exclama ele, contentíssimo. – Assim que terminarmos o almoço, levar-te-ei a passear de barco pelo rio!...

\*\*\*\*\*

Já passava das dezessete horas, quando o casal *Rousselet* retornou a casa.

– Fizestes bom passeio?... – pergunta *Pierre*, ao abrir-lhes a porta do vestíbulo.

– O campo estava magnífico, *Pierre!*... – exclama *Edith-Aurore*, deixando-se sentar, pesadamente, num divã da sala de estar. E, enquanto desatava o nó do lenço de seda verde-clara que trazia em volta do pescoço, pergunta: – E *Sylvie?*... Onde está?...

– *mademoiselle* saiu, logo de manhãzinha, em companhia do cadete *Rounet*, *Madame!* – responde o mordomo, sem esconder a ponta do ciúme que lhe vinha roendo a alma, pelo decorrer do dia. – E até agora ainda não retornaram!...

– Disseram ao menos aonde iriam?... – pergunta o coronel, estendendo à esposa uma das duas taças de vinho que ele mesmo apanhara da bandeja que o mordomo fora apanhar na copa, fazia pouco.

– Não em detalhes, *M'sieur le Commandant!*... – responde o serviçal. – Somente que iriam à *Cité*.

– *Eh, bien!*... – ajunta *Edith-Aurore*, depois de, ligeiramente, bebericar da sua taça de vinho. – Se está com *François*, tudo bem!... Haveria alguém, em todo o mundo, mais confiável que ele?...

– Por certo que não, *ma chérie!*... – concorda o coronel, rindo-se e se

sentando ao lado dela, no divã, com a sua taça de vinho à mão. – Se *Sylvie* está com *François-Armand*, achar-se-á bem protegida!... E ai do idiota que se atrever a tocar-lhe num único fio de cabelo!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Guarda-a, como faria o mais fiel dos mastins que existir!... Tu sabes...

– Se sei!... – exclama *Edith-Aurore* a rir-se. – Conheces paixão maior que esta?...

– Só a minha por ti, *ma belle*!... – diz ele, piscando-lhe um olho, marotamente.

– Oh, onde foi que aprendeste a mentir com tamanha habilidade?!... – brinca ela, a rir-se.

Neste comemos, a porta do vestíbulo abre-se com um estrondo.

– Entra, *mon chéri*!... – ouve-se a voz cristalina da jovem. – *Papa e maman* já devem ter regressado do campo!...

– Oh, queridos!... – exclama *Edith-Aurore*, levantando-se e correndo ao encontro dos jovens que entravam esbaforidos. E, após beijar a ambos, à face, prossegue: – Estais com a pele tostada pelo sol!... Por onde é que andastes o dia todo?...

– Oh, *maman*!... – diz a mocinha, agora, atirando-se aos braços do pai que a estreita, calorosamente, e a beija à face: – Nem imaginas!... *François-Armand* levou-me a passear pela *cit  *!... – e prossegue, quase a atropelar-se nas palavras, de tanta excitação: – Primeiro, almoçamos no *Oiseau-Mouche*, na *Place Pigalle*!... Depois, passeamos de barco pelo rio!... Oh, foi tão romântico!... O sol estava fantástico!...

– E tu ficaste todo esse tempo a remar pelo Sena, para cima e para baixo?... – pergunta, divertido, o coronel ao jovem que se postava quieto ao lado. Era visível que o rapaz achava-se um molambo, tremendamente esgotado pelo excessivo esforço despendido.

– Oh, sim!... – responde ele. – *Sylvie* não queria mais deixar o barco!... – Encontro-me em frangalhos!...

– Se te deixares levar, assim, pelos tresloucados desejos dela, qualquer dia desses, ela acabará por matar-te, meu caro!... – observa o coronel, rindo-se. – *Sylvie* é incansável!...

– *Sylvie* é adorável, *mon colonel*!... – corrige-o o rapaz, olhando para a mocinha que palavra alegre, sentada no divã, ao lado da mãe, a gesticular, vivazmente, enquanto lhe narrava particularidades do passeio.

– jantaráis conosco, *François*?... – pergunta *Edith-Aurore*, aproveitando-se

de rara pausa na tagarelice da filha.

– Oh, claro que ele comerá conosco, *maman!*... – apressa-se em responder *Sylvie*, pelo namorado. – Da forma como remou hoje, deverá achar-se a morrer de fome!...

– Se não for incômodo... – diz o rapaz olhando, embevecidamente, para os olhos da mocinha. Era-lhe uma delícia saber que poderia ficar ali um tantinho mais ao lado dela!

De pé, recostado à parede, imóvel e mudo como uma estátua, *Pierre* observava, com o canto dos olhos, o casalzinho que, agora, sentava-se, bem juntinho e de mãos dadas, num divã, a conversarem, animadamente, com os pais dela. No íntimo, o mordomo consumia-se de raiva, ao ver as delicadezas e carinhos que se trocavam *François-Armand* e *Sylvie*. Despeitadíssimo e cheio de ódio, *Pierre* ruminava em sua mente: “*Maldito!... Desgraçado!... Espera, aí, no bem bom, que, na primeira oportunidade que tiver à mão, mato-te, sem piedade!... Aguarda-me, verme nojento!...*”

– *Pierre!*... – chama-o *Edith-Aurore*. – Vamos, avia-te a ajudares *Berthe* com o jantar, posto que *M’sieur Rounet* acha-se varado de fome!... Não ouviste que remou o dia todo a conduzir *Sylvie*, num barco, acima e abaixo, pelo Sena?... Pensas que remar um barco é brincadeira?... Vamos, não admitirei atrasos no jantar!...

– *Parfaitement, Madame!*... – diz *Pierre* e, fazendo ligeira reverência, deixa a sala de estar.

Antes, porém, de sair, lança mal disfarçado olhar cheio de ódio ao casalzinho que se mirava, embevecidamente, um nos olhos do outro, e pensa, a rilhar os dentes de tanta raiva: “*Desgraçado!... Vou, mas é adicionar arsênico à tua terrina de sopa, velhaco!... Aguarda-me!... E, por que será que um canhão ainda não te rachou ao meio?...*”

Eram mais de vinte e duas horas, quando *François-Armand* despedia-se de *Sylvie* à porta do vestíbulo.

– Oh, o dia voou!... – exclama a mocinha, nos braços do rapaz.

– Sim, *ma belle!*... – concorda ele, abraçando-a ainda mais forte. – Quando me acho contigo, o tempo passa tão depressa!...

– Virás amanhã?... – pergunta ela.

– Tirar-te-ei da cama, outra vez!... – exclama ele, com os olhos brilhantes.

– Que bom!... – diz ela. – Agora, vai-te depressa!... Quero dormir, em seguida, para que a noite passe rapidamente e venha, logo, a manhã!...

– Estás a mandar-me embora, é?... – diz ele, enlaçando-a mais fortemente.

– Estou!... – diz a mocinha, rindo-se. – E, controla-te, que *Pierre* lá está, de prontidão, a vigiar-nos.

O rapaz espicha o pescoço e confere: através do curto corredor que dava da porta de entrada até o vestíbulo, conseguiu ver que o mordomo posicionava-se de pé, no limiar da porta da sala de estar, e, certamente, espionava-os.

– Ainda mato esse desgraçado!... – murmura o rapaz, altamente contrariado com a indiscrição do mordomo. E, olhando nos olhos da mocinha, pergunta: – É ele que assim age, por conta própria, a vigiar-te, ou a ele recomendam tal procedimento os teus pais?...

– Meus pais adoram-te e em ti confiam de olhos fechados, *mon chéri!*... – responde ela. E prossegue, divertida: – Tolinho, não percebes que *Pierre* tem ciúme de mim?... Tem-me como a uma irmã...

– Irmã?!... – observa ele, cheio de ironia. – Sei... – e prossegue, grandemente motejador: – Irmã!... Aí é que te enganas, redondamente!... Esse idiota tem ciúme de ti, porque te ama, perdidamente, *ma belle!*... Ou tu não consegues enxergar isso?...

– Oh, acho, mesmo, é que vês coisas onde elas não existem!... – argumenta *Sylvie*. – Eu e *Pierre* fomos criados nesta casa como dois irmãos, desde crianças!... Nascemos e crescemos ambos, aqui, sempre juntos!... Todo mundo sabe disso!... Só tu é que teimas em achar o contrário...

– Oh, como és ingênuo!... Como és inocente!... – exclama ele, meneando a cabeça, cheio de remoque. – E, queira Deus que isso não nos traga dissabores!...

– A que tipo de dissabores tu te referes?... – pergunta ela, séria. – Se insinuas que *Pierre*, acaso, já tenha alguma vez me destrutado ou me dito algum indecoro, enganas-te redondamente!... Ele sempre agiu como perfeito cavalheiro!... Não percebes que é tratado como pessoa da casa?... Que *papa* e *maman* cuidam dele como a um filho?... E ele sempre nos correspondeu, plenamente, até o presente momento, a essa confiança que nele depositamos!... *Papa* até queria enviá-lo ao exér...

– Já sei!... – interrompe-a ele, bruscamente. – Conheço essa história de trás para diante!... E não quero que também tu venhas fazer-me, agora, a apologia desse imbecil!... Não confio nele e pronto!...

– Oh, andas é de picuinhas com ele!... – diz ela a rir-se, percebendo que o namorado exaltava-se. – Na realidade, à sorrelfa, acho que tu e ele viveis, o

tempo todo, a espicaçar-vos mutuamente!... E eu que achava que tu o tratavas bem!...

– Não sei!... – exclama o rapaz, agora, desvencilhando-se dos braços dela e, afastando-se um pouco mais, olha para a rua escura, enquanto prossegue: – Há algo de estranho no comportamento desse sujeitinho!... A postura dele intriga-me!... Acho-o arrogante, demasiadamente pernóstico para um simples serviçal!... Não notas isso, *Sylvie*?... Parece-me que ele se sente por demais humilhar-se, na condição de servidor, de um simples mordomo!... E, quando nenhum de vós, os patrões, acham-se por perto, mostra-se repontão para comigo!... Precisavas ver como é insolente!...

– Não me digas!... – diz *Sylvie*, a rir-se do namorado. – Então tu e ele sois por demais bons representantes, excelentes atores mesmo, posto que me enganastes o tempo todo!... *Papa e maman*, sequer supõem que tu e ele não vos suportais um ao outro!... Imagina, então, quando nós nos casarmos, e tu vieres viver aqui comigo!...

– Não sei se moraremos nesta casa depois de casados, *ma belle*!... – diz ele, pensativo. – Isso nós teremos, ainda, de resolver!... *Maman* é viúva e talvez precise mais de nós dois que os teus pais. mas, se escolhermos viver na tua casa, primeiro, eu terei de matar esse desgraçado!...

– Oh, como és radical!... – diz ela, rindo-se e, atraindo-o para si, beija-o à face. – Não precisarás tornar-te um assassino!... É só o exigirmos, que *papa e maman* mandá-lo-ão embora!... pronto!... Já resolvemos o teu problema!... Agora, anda, desanuvia essa tua cara!... Não gosto de ver-te assim, agastando-te por quirelas...

– Não são quirelas, não *mon amour*!... – exclama ele, abraçando-a forte. – Tremo só em pensar que algum idiota possa deitar os olhos cobiçosos sobre ti!... Confesso-te, cheio de amarguras ao peito: *Pierre* é apenas um deles!... Se se for daqui, arranjarei logo um substituto para ele, podes acreditar!... Quando estou longe, meu pensamento não se aparta de ti, jamais!... Não consigo – e nem o desejaria nunca!... – apagar ou afastar a tua imagem da minha mente!... Entretanto, sofro, intensamente, sabendo-te aqui, sem meus olhos a vigiar-te a cada passo que dás!... Em minhas loucas fantasias, vejo-me a perder-te e me sinto arrasar!... Caio, então, em pesados quebrantamentos, pela impotência de não poder correr, de imediato, até onde tu te encontras, para conferir se te achas bem, se nenhum mal te ronda, a tirar-te, de surpresa, a tranquilidade!... Oh, não podes aquilatar o quanto isso me

fere fundo, na alma, e o quanto me faz sofrer!...

– Sofres, porque tens ciúme de mim!... – diz ela. – Entretanto, sabes que te amo o suficiente para que confies em mim, de olhos fechados!... Não há e nem nunca haverá lugar para outro homem em meu coração!... Juro-te!... Tu te deixas atormentar pelo ciúme, à toa, meu querido, e sofres sem nenhuma necessidade de sofrer!...

– Sei que tudo isso, no fundo, não passa de doentio medo de perder-te, meu amor!... – diz ele, olhando-a nos olhos. – Oh, se isso acontecer, sei que morrerei em seguida!...

– Tu não me perderás, meu amor!... – diz ela, sorrindo-lhe um lindo sorriso que lhe deixou entrever as pontas dos dentes brancos e ligeiramente arredondados. – Juro-te fidelidade eterna!... Mesmo que eu morra – e não pretendo fazer isso tão logo!... – exclama ela, brincalhona –, lá na eternidade, estarei a aguardar-te!... Prometo que não me apaixonarei por nenhum outro anjo que por lá houver!... – e prossegue, fazendo gracejo: – Mesmo que, conforme relatam sobre a aparência dos seres angelicais, eu encontre outro mais bonito que tu!... Juro que esperarei por ti!...

– Oh, zombas de mim!... – diz ele, manheiro. – Mas o que te disse é sério!... Não sabes o quanto a possibilidade de vir a perder-te, um dia, judia de mim!...

A noite avançou um pouquinho mais. E, um pouquinho mais, ainda, os dois namorados permaneceram à entrada do vestíbulo da casa dela, a sussurrarem-se juras de amor e de fidelidade eterna. Depois, irresolutamente, ele a deixou e se foi, perdendo-se, devagar, no meio da escuridão da rua. Ela o viu desaparecer, engolido pelas trevas da noite, enquanto lhe enviava longo e derradeiro beijo pelo ar. Em seguida, a mocinha, com olhos brilhantes e tomados de profundos devaneios, voltou-se para dentro da casa e foi dormir. Ia sonhar com o seu amor...

\*\*\*\*\*

*Céleste-Marie* encaminha-se para a janela, ainda trôpega de sono, e, com largo gesto, afasta as pesadas cortinas de veludo azul-escuro. Depois, abre o par de vidraças e espiona a rua lá embaixo. O brilhante sol primaveril machuca-lhe a retina, e ela preme as pálpebras, fechando-as e as abrindo diversas vezes, para acomodar a visão, ainda embotada pela obscuridade do quarto, à intensa claridade do dia nascente. Embora a manhã já avançasse bastante, poucos transeuntes caminhavam pelas ruas calçadas de pedras.

– *Oh, malheurs!... Disgrâce!...*<sup>30</sup> – exclama a jovem mulher, de repente sacudindo, ostensiva e irritadamente, os ombros, como se desejasse afastar de sobre si algo que a incomodava profundamente.

E, deixando a janela, volta-se para o interior do quarto e se lança sobre o leito. Fundo suspiro de desalento ouve-se. Em seguida, seguem-se leves batidas à porta.

– Entra!... – diz *Céleste-Marie*, sem se mover.

– Oh, aí te achas, novamente prostrada no leito!... – exclama a mãe, encaminhando-se para a filha e, sentando-se-lhe ao lado, afaga-lhe, ternamente, as costas. – Levantaste há pouco e já te lanças de novo à cama?... Tu precisas reagir, meu bem!... Tomaste o remédio que te trouxe ontem?...

– *Non...*

– Oh, por que ages assim, *Céleste-Marie*?... – diz a mãe, levantando-se, nervosa, e se encaminhando para a janela, dá ligeira espiadela à rua, lá embaixo e, em seguida, volta a olhar para a filha que se mantinha deitada de bruços sobre a cama, com o rosto enterrado no lençol. *Marie-Louise* meneia, tristemente, a cabeça e prossegue: – Tu precisas reagir!... Como queres curar-te, se não tomas os teus remédios?...

A filha nada responde. Continua com o rosto afundado no lençol.

– Vamos, vira-te, olha para mim!... – ordena a mãe, voltando a sentar-se ao lado dela na cama. – Preciso falar-te!...

*Céleste-Marie* emite profundo suspiro e, devagar, vira-se de costas, mas não fixa o rosto da mãe. Seus olhos, ao invés, prendem-se no teto branco de gesso, decorado com alguns detalhes florais e arabescos em alto-relevo dourado. Olhar quase feroz, e *Marie-Louise* teve um estremecimento. “*Deus do céu!...*”, pensa ela, enquanto estudava, detalhadamente, a terrível expressão que os olhos da filha demonstravam. “*Que será isso que anda a atormentar a minha menina?...*”

– Dize-me, *ma petite* – arrisca-se *Marie-Louise* a perguntar –, que te atormenta a alma?... Por que não confias em mim e não me abres o teu coração?... Olha, quem sabe não te poderei ajudar?...

– Ninguém me poderá ajudar, *maman*!... – exclama *Céleste-Marie*, levantando-se, bruscamente, da cama e, sentando-se diante do toucador, passa a estudar, minuciosamente, as próprias feições. E, depois de alguns instantes de detalhado exame do rosto, volta-se para a mãe: – Não percebes que envelheço?... Que passo do tempo?... Ah, *maman*, desejava tanto que ele se

casasse comigo, que constituíssemos, logo, a nossa família, que tivéssemos os nossos filhos!...

– Oh, querida!... – diz *Marie-Louise*. – Se é apenas isso que te aflige a alma, tem paciência!... *Berg* ama-te, tenho a certeza disso e, se ainda não se casou contigo, foi devido às contingências da vida!... Não percebes em que se transformou a França ultimamente?... Que têm feito os nossos homens a não ser morrerem na guerra a defenderem as nossas fronteiras?... não foi isso que aconteceu com o teu pai?... Não foi o que sucedeu, acaso, a todos os homens da nossa família?... Onde estão os nossos homens?... Mortos, *ma chérie!*... Acham-se todos mortos!... Mortos pela estúpida guerra!... Não há mais homens neste país, *Céleste-Marie!*... A guerra matou-os todos!...

– E acabará por matar *Berg* também... – murmura a jovem, com os olhos cheios de lágrimas. – Cedo ou tarde, *maman*, a guerra matá-lo-á!... – e se abre em soluços de intenso choro.

– Oh, *ma petite!*... – exclama *Marie-Louise*, abraçando-se à filha, tentando consolá-la. – Nem todos morrerão na guerra!... *Berg* tem sobrevivido!...

– Sabes, *maman* – diz a moça, entre soluços de choro –, às vezes penso que *Berg* ainda não se casou comigo para não me deixar viúva... Não sendo viúva, terei alguma chance de refazer-me depois...

“*Berg* ainda não se casou contigo, por outro motivo, meu bem!...”, pensa *Marie-Louise*, enquanto afagava, ternamente, os cabelos da filha. “*Por um outro motivo bem mais grave que este e eu sei qual é ele...*”, e emite profundo suspiro. Depois, com a ponta dos dedos, delicadamente, levanta o rosto da filha e, olhando-a fundo nos olhos sofridos, diz-lhe:

– Olha, por que tu e eu não vamos à *Cité?*... Ontem, dei ligeira espiadela no *Le Bon Marché*<sup>21</sup> e vi uns tecidos de seda que tu nem podes imaginar!...

– Deveras?... – pareceu interessar-se a moça, e seus olhos, de repente, abrem-se num brilho diferente. E, rindo-se, levanta-se. aceita, então, a mão que a mãe oferecia-lhe e diz, resoluta: – Vamos!...

Era a magia feminina a funcionar. Era a magia feminina que a invadia, aliada à magia do amor que, invariavelmente, as mães têm para dar... A magia do amor que supre a infinidade de deficiências que quase todas as almas deste mundo possuem – quase todas mesmo –, salvo raríssimas exceções...

---

25. “– Oh, como eu adoro a lavanda!...”, em francês.

26. “*minha bonequinha*”, em francês.

27. “– *Uma grossa fatia de torta de queijo!... E batatas assadas e...*”, em francês.

28. **Gottfried Wilhelm von Leibniz** (Leipzig, 1 de julho de 1646 – Hanôver, 14 de novembro de 1716) foi um filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão.

29. “– *O dia encontra-se perfeito para um passeio de barco pelo Sena!...*”, em francês.

30. – *Oh, infelicidade!... desgraça!...*”, em francês.

31. **Le Bon Marché** é o nome de uma das mais famosas lojas de departamento de Paris, França. É também considerada a primeira loja desse gênero a surgir no mundo. Seu fundador foi **Aristide Boucicaut**, que a criou em 1838, a princípio, como uma pequena loja, mas que cresceu e se transformou na primeira loja de preços fixos ou de departamentos a existir até então, a partir de 1850. E, após sofrer uma série de ampliações e de acomodações ao passar do tempo, funciona até os dias de hoje, como uma das maiores e mais luxuosas lojas de departamento do mundo, localizada à *Rue de Sèvres, 24*, em Paris, França.

## Capítulo 4. Mesas que giram...

*Céleste-Marie* e a mãe achavam-se sentadas numa *boulangerie* a tomarem ligeiro lanche, após haverem caminhado por toda a manhã, a olharem as lojas.

– Oh, acho-me cansadíssima!... – exclama *Marie-Louise*. – Ainda bem que já te satisfizeste com as fazendas que adquirimos!...

– Também eu já me cansei, *maman!*... – diz a moça, limpando algumas gotas de suor que se lhe haviam juntado à fronte. – Faz tanto calor, ainda de manhã!...

– Oh, o fresco desalterar-nos-á, com certeza!... – observa *Marie-Louise*, também enxugando o suor do rosto, com delicado lençinho de cambraia branca. – Fiquemos um pouco à sombra, que nos refrescaremos!... – e, olhando em derredor, exclama: – Mas, olha lá!... Aquela que acaba de sentar-se à mesa ao canto, com a mocinha, acaso não é *Constance du Servey*, a esposa do general?...

– Acho que é... – diz *Céleste-Marie*. E, após firmar a visão, prossegue: – São elas, sim: a esposa do general *du Servey* e a filha, *Josephine!*... Conheço-as muitíssimo bem!...

– Olha, por que não vamos até lá, a fim de cumprimentá-las?... – convida *Marie-Louise*. – Fomos tão amigas ao tempo em que o teu pai era ainda vivo!... *Constance* é uma dama finíssima!...

– Se é!... – concorda a filha. – Elegante e muita culta!... Adoraria conversar com ela!... Vamos!...

– *Constance du Servey!*... – exclama *Marie-Louise*, postando-se diante da esposa do general que conversava a baixíssima voz com a filha.

– *Madame Coty!*... – exclama a outra, iluminando o rosto pela surpresa e, levantando-se, abraça *Marie-Louise* e a beija, delicadamente, à face. – Há quanto tempo!... que bom encontrar-te aqui!...

– *Céleste-Marie!*... – *Marie-Louise* apresenta a filha. – Lembras-te dela, não?...

– Oh, claro!... – diz a esposa do general e, abraçando a jovem e também a beijando às faces, prossegue, sempre muito afável e gentil: – Como estás, meu bem?... Lembro-me perfeitamente de ti, desde quando ainda eras uma menininha; o teu pai ainda vivia, e nossas famílias encontravam-se mais frequentemente!... Teu noivo é comandado do meu esposo, não?... Mas,

sentai-vos conosco!... – prossegue ela, efusiva, apontando a filha que permanecera sentada: – Certamente vos lembrais de *Josephine*, minha pequena, não?... Saímos às compras, *Josephine* e eu, mas o calor anda insuportável, não?...

– Se está!... – concorda *Marie-Louise*. E continua entabulando a conversa: – quanto tempo faz que não nos vemos, não é?... Acho que, depois que *Guillaume-Philippe* se foi, muito pouco nos falamos...

– Oh, pobre *Guillaume-Philippe*!... – exclama *Constance*. – Eram tão amigos, teu esposo e o meu!... A França perdeu um grande soldado!...

– As guerras, *Constance*!... – diz *Marie-Louise*, com fundo suspiro. – Sempre as terríveis guerras a levarem os nossos maridos e os nossos filhos!...

– Se não!... – diz a outra. E prossegue, com os olhos a toldarem-se, repentinamente, de grande tristeza: – Também eu perdi *Jean-Claude*, meu rapaz mais novo!... Lembras-te?... Mal completava ele dezenove anos, e a maldita guerra levou-o!...

– Que tristeza, *ma amie*!... – condói-se *Marie-Louise*. – Mas, consola-te: ainda te restou *Robert*, teu outro filho!... O que é médico e que não quer saber de guerras, não é?... Muito mais inteligente e sábio ele, que busca salvar as vidas e não tirá-las, bestamente, como fazem os demais!... Casou-se, já, o teu filho, não?...

– Sim, acha-se casado com *Amélie*, a filha do capitão *Rochefort*. – responde *Constance*. E continua, com os olhos a iluminarem-se de repentina luz: – E já nos deu dois netos: *Jean-Henri* e *Isabelle-Antoinette*!...

– Oh, que bom!... é a vida a renovar-se continuamente!... Pena que *Jean-Claude* se tenha ido tão cedo!... Lembro-me bem dele: era um belo rapaz!... Forte, saudável!... – observa *Marie-louise*. E, meneando, tristemente, a cabeça, prossegue: – Mas, é assim mesmo que anda a acontecer: não há uma só família em toda a França que já não tenha perdido um ente querido na guerra!... Todos os lares têm essa chaga que jamais se fecha!... A perda daqueles a quem amamos é dor insuperável!...

– Tens razão, *ma amie*!... – concorda *Constance*. E, voltando-se para a filha de *Marie-Louise* que se mantinha calada, meditabunda, como era do seu feitio, pergunta, tomando-lhe a mão: – E tu, *Céleste-Marie*?... Quando irás casar-te?... – e, abrindo ligeiro sorriso, prossegue: – Ou o tenente *Berg* ainda não se decidiu?...

– *Berg* só pensa na guerra, *madame*... – diz a moça, com os olhos perdidos

no vazio. – Ainda mais agora que o promoveram a capitão...

– Deveras?... – exclama, surpresa, a esposa do general. – E não é que *Emmanuel-Théophile* nada me disse ainda?... Deverá ter-se esquecido!... Então, agora, *Berg* é capitão, hein?... Quando chegar a general, garanto que se casará contigo, *ma chérie!*... – brinca *Constance*. – E olha que faltam poucas patentes para que isso lhe aconteça!... Sempre achei que *Berg* faria uma brilhante carreira no exército!...

– Sim... – responde, lacônica, *Céleste-Marie*.

O que ela sentia, mesmo, era vontade de mandar o exército e tudo o mais que nele havia ao inferno!... Mas se conteve, para não ser indelicada com a esposa do general. Afinal, aquela mulher fina e elegante sempre a tratara muitíssimo bem.

– O que admiro muito no tenente *berg* é que, apesar de ser meio francês – é francês somente pelo lado da mãe, pois o pai era alemão –, ele optou pela nacionalidade francesa, declinando a família paterna, que é muito rica, e descendente dos príncipes da Baviera!... – observa *Constance*.

– *Wilfred* ama a França, porque nasceu aqui, *madame!*... – esclarece *Céleste-Marie*. – Seus parentes alemães jamais perdoaram ao pai dele, por ter se envolvido com uma mulher francesa!... Vós deveis saber, muitíssimo bem, o quanto os germânicos abominam os franceses!... Para eles, essa mistura é simplesmente inconcebível!... *Berg* jamais seria aceito pelo lado alemão da sua família!...

– Para mim, isso não passa de pura inveja que os alemães têm da França!... – observa *Marie-Louise*. – Não nos perdoam o fato de Paris ser considerada a capital do mundo!...

– Acaso deveria ser Berlim?... – pergunta, irônica, a filha de *Constance*, pela primeira vez, entrando na conversa. – Papai vive dizendo que franceses e alemães jamais serão amigos!... Essa desavença que existe entre esses dois povos já é histórica!...

– Nossas fronteiras com a Alemanha nunca foram bem definidas!... – observa *Constance*. – acho que muito sangue ainda vai correr até que as coisas venham a ajustar-se!... Mas, não falemos de guerras!... – diz a esposa do general, de repente, buscando levantar os ânimos. – Nossos maridos e filhos vão à guerra e nos relegam Paris, não é!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... E concordo, plenamente, quando dizem ser aqui o centro do mundo!... Haverá local mais agradável, senhoras?... Respondei-mo, com sinceridade!...

– Sim!... Tens toda a razão!... – concorda *Marie-Louise*, rindo-se da tirada de bom humor da outra.

– A propósito – segue *Constance* –, depois da morte do teu marido, vi-te muito pouco pelos salões da cidade!... Acaso, achas-te ainda de luto, depois de tanto tempo?... Quantos anos faz?... Acho que mais de dezoito, não?...

– Vinte anos... – responde *Marie-Louise*. – E tens razão: depois que ele se foi, perdi a graça das coisas do mundo! Tudo, de repente, perdeu-se para mim...

– Mas, temos tantas novidades por aí, minha cara!... – exclama a outra. – O mundo continua sua marcha!... Se morreu o teu esposo, isso não é motivo para te sepultares viva, junto com ele!... A propósito: já sabes das tais mesinhas girantes?... Não?!... Pois são a coisa da moda!...

– Deveras?... – observa a outra, sem demonstrar muito ânimo.

– Sim!... E falam!... Imagina tu que as mesas falam conosco!... Respondem-nos a questões que lhes fazemos!...

– Falam?!... – espanta-se *Marie-Louise*. – Mas, como podem falar, se não têm boca?...

– Oh, *ma chérie*!... – ri-se a esposa do general da manifestação de espanto que a outra estampara à face. – Força de expressão: na verdade, as mesinhas telegrafam!...

– Telegrafam?... – confundia-se, ainda mais, *Marie-Louise*, às raias da incredulidade.

– Sim, através de batidas, como no telégrafo!... – explica *Constance*.

– Oh, ainda não te consigo entender direito!... – exclama a outra, ainda grandemente confusa.

– Explico-te, mais claramente, minha cara: sentam-se algumas pessoas em derredor de um *guéridon*, dão-se as mãos e – fato curiosíssimo!... –, a mesinha eleva-se, magicamente, alguns palmos acima do chão e se põe a girar como uma doida!... E, a intervalos justos, no meio da voragem, inclina-se, rapidamente, e dá com um dos pés ao chão, emitindo audível pancada que, juntando-se a uma sucessão de outras batidas, passa a formar palavras e, conseqüentemente, frases inteiras!...

– Incrível!... – exclama *Marie-Louise*, boquiaberta. – Agora te entendo: utilizam-se de um código, exatamente como no telégrafo!...

– E, conforme já te disse, respondem a questionamentos que se lhes fazem!...

– Deveras?!... E, a que tipo de questões respondem?... – pergunta *Marie-Louise*, sem ainda atinar, de fato, com o real fundamento do que lhe narrava a outra. – Que poderá saber uma reles mesa?...

– Oh, sabem de tanta coisa!... – responde a outra, altamente animada. E prossegue, com um risinho a indicar-lhe uma pontazinha de malícia: – Coisas, de fato, interessantíssimas!...

– Vosso esposo, o general, contou-nos sobre essa novidade, a mim e a *Berg*, quando com ele estivemos, na semana passada – diz *Céleste-Marie*, entrando na conversa. – Pareceu-me, também ele, achar-se bastante interessado nas tais mesinhas girantes...

– Se está!... – observa *Constance*, entusiasmadíssima. – *Emmanuel* e eu não perdemos uma só sessão de mesas girantes, realizadas em casa da marquesa *Adèle de Souvigny*!...

– E quando farão a próxima sessão?... – pergunta *Marie-Louise*.

– Sempre nos finais de semana – responde *Constance*. – E, a propósito, sei que conheces a marquesa *de Souvigny*!... Olha, se desejares, poderás ir conosco, na próxima reunião!... – e, à guisa de confidência, diz-lhe, quase a sussurrar: – Na última vez em que lá estivemos, aconteceu inesperada surpresa, *ma amie*!... Pelo que tudo indica, parece-me que houve uma comunicação assinada pelo Imperador!...<sup>32</sup>

– O que dizes?!... – espanta-se *Marie-Louise*. – Sua Majestade morreu em 1821, se não me engano, e ora nos encontramos na primavera de 1850!... Como pode isso acontecer?... Ele está morto!...

– Aí é que se acha o mistério, *Marie-Louise*!... – observa a outra, cheia de assombro. – Leram o comunicado de *Napoléon*, cheio de advertências, em relação aos germânicos!...

– Mas não me disseste que tais coisas tinham a ver com mortos!... – exclama *marie-Louise*, também se enchendo de assombros.

– Nem eu sabia, *ma chérie*!... – explica a outra. – Nem eu e nem ninguém que lá se achava cogitávamos ser tal fenômeno produzido por mortos!...

– Oh, tais revelações parecem-me revestidas de caráter tão ilógico, não achas?... – observa *Marie-Louise*, cheia de cogitações íntimas. – Como podem mortos falar através de um *guéridon*?...

– Muitos dos presentes não creram na mensagem – explica a outra. – Entretanto, meu esposo acha que há muita lógica no que disse o Imperador. Concorda que os germânicos não são confiáveis, e que o atual tratado de paz

existente entre o Império Áustro-húngaro e a França não permanecerá; terá duração efêmera!... E ainda brincou ele: “*cães e gatos nunca se deram...*”

– Não sei... – murmura *Marie-Louise*, pensativa. – Por outro lado, o mundo modifica-se, agita-se, enormemente!... Observa bem como as coisas andam a mudar, rapidamente, desde o tempo em que éramos meninas, tu e eu...

– Se mudam!... – concorda a outra. – Hoje se viaja de Paris a Moscou, ligeira e seguramente, num trem, a sessenta quilômetros por hora!... Quem imaginaria tal proeza trinta anos atrás?...

– Inimaginável!... E o telégrafo, então?... – prossegue a outra. – Sabemos das notícias tão depressa!... Mal acontece algo em Berlim ou Londres, e o telégrafo já nos transmite tudo, rapidamente!... Por isso é que, se os que já morreram, de repente, resolvem comunicar-se conosco, já não duvido mais, minha cara!... De nada mais duvido!... Acaso não cruzamos hoje o Atlântico, para a América, nos rapidíssimos vapores, que gastam, no máximo, algumas semanas, para realizarem a travessia?... Antes, os veleiros levavam meses...

– Está bem, *Constance*!... – exclama a outra. – Convenceste-me!... Na próxima sexta-feira, iremos também à casa da marquesa *de Souvigny*!... Desejo ver de perto o que realmente dizem tais mesinhas...

Por um pouco mais, as mulheres permaneceram na *boulangerie* a lanchar e a refrescar-se do calor intenso que invadia Paris naquela manhã de primavera. Quando a tarde principiava a cair, despedem-se e retornam para suas respectivas residências.

– Vais mesmo conferir as tais mesinhas, *maman*?... – pergunta *Céleste-Marie* à mãe, já no coche de aluguel que as levava de volta a casa.

– Por que não?... – responde-lhe *Marie-Louise*. – Acho que tu e *Berg* também deveríeis ir. Vives enfiada dentro daquele teu quarto!... Ainda acabarás mofando...

– Oh, *maman*!... – exclama a moça e se ri da observação jocosa que lhe fazia a mãe. Depois, enlaça-se-lhe, ternamente, ao pescoço e prossegue: – Como é bom ver que, apesar de tudo, ainda manténs o teu insuperável humor!...

*Marie-Louise* limita-se a olhar para a filha e a devolver-lhe o sorriso, ternamente. Precisavam acertar-se as duas. Era necessário retomar a vida, a qualquer custo...

\*\*\*\*\*

O salão de festas do palacete da marquesa *Adèle de Souvigny* encontrava-se,

literalmente, tomado de pessoas a agitarem-se, enormemente, num burburinho de vozes, de risos e de pequenos gargalhares de satisfação. Os casais *Constance* e *Emmanuel-Théophile du Servey*, *Céleste-Marie* e *Wilfred Berg*, além de *Marie-Louise Coty* achavam-se, também, no meio daquela quase meia centena de damas e de cavalheiros, ricamente vestidos e a exibirem joias e adereços caríssimos, e a palrarem, animadamente, sentados nos grandes divãs de veludo vermelho, nas inúmeras cadeiras de madeira trabalhada, nas *chaises longues*, ou, ainda, a conversarem, dispostos em pequenas rodas de três ou quatro, de pé, a bebericarem *champagne*, em longas taças de fino cristal, e a fumarem perfumosas cigarrilhas, engastadas em longas e primorosas piteiras de marfim, encastoadas com delicadas filigranas em ouro ou em prata. A alacridade era geral e, também, a excitação que dominava todos os semblantes: dir-se-ia que antegozavam algo que lhes proporcionaria inigualável prazer.

Quando o carrilhão do grande relógio do salão acusou vinte e uma horas, *Adèle de Souvigny* levantou-se da marquesa onde se encontrava sentada e, ostensivamente batendo palmas, chamou a atenção de todos:

– *dames et Messieurs!*... – exclama ela, elevando a voz. – É chegada a hora de iniciarmos a nossa sessão!...

– Aproximemo-nos, meus queridos!... – convida *Constance* aos amigos. – É preciso estar muito próximo, para bem se apreciar o fenômeno!

em seguida, a anfitriã encaminha-se mais para o centro do salão e se aproxima de pequena mesa de madeira lavrada, arredondada e que se apoiava numa única haste que, por sua vez, abria-se em três pequenos pés, a darem-lhe a sustentação, em perfeito equilíbrio.

– aproximai-vos, por favor, para formarmos a nossa corrente!... – e convida algumas pessoas a sentarem-se, em derredor da mesinha, ocupando cadeiras ali adrede colocadas em círculo: – *M'sieur Deville!*... *Madame le sanson!*... *Mademoiselle Durreine!*... *Marquis de la Rochelle!*... *Inspecteur Lalande!*... *Général Cartier!*... *Capitaine Fourtin!*... *s'il vous plaît!*... *Assiez-vous!*...<sup>33</sup>

As pessoas, nominalmente convidadas, sentaram-se às cadeiras e deram-se as mãos, formando um grande círculo, a abarcar toda a mesinha que se lhes permanecia ao centro. *Madame de Souvigny* a tudo comandava, permanecendo de pé e, agitadíssima, caminhava de um lado para outro, como se dirigisse um grande espetáculo. A assistência acotovelava-se, em grossa roda, a espicharem o pescoço e a se meterem à ponta dos pés, para melhor

acompanharem o desenrolar do fenômeno.

– Senhor *Marinet!*... *Attention!*... – ordena a anfitriã a um cavalheiro que se apruma em sua cadeira e, tendo à mão um lápis e um volumoso bloco de notas, põe-se a postos.

A seguir, segue-se algo deveras fantástico àquelas dezenas de pares de olhos que, altamente ansiosos, não perdiam um só dos detalhes dos fatos que ali se passavam. Depois de alguns minutos após os que formavam o círculo em derredor da mesinha se houverem ter dado as mãos, o pequeno móvel principiou a elevar-se, misteriosamente, ao ar!... Primeiro, deu-se pequeno sacolejo, e a mesinha como que oscilou no vazio, de um lado ao outro, como um pêndulo e, depois, meteu-se a girar, no começo, ainda lentamente, mas, em pouquíssimo tempo, tomou-se de velocidade incrível a rodopiar com desvario. As pessoas da assistência olhavam-se estupefatas. Como seria possível aquilo que viam?...

– *Oh!*...

– *Mon Dieu!*...

– *Quel mystère!*...

– *Fantastique!*...

— *Ce-là c'est chose du diable!*...<sup>34</sup>

— *Non!*...

— *Sssh!*... *Écoutons!*...<sup>35</sup>

– Silêncio, senhores!... Por favor, silêncio!... – grita *Madame de Souvigny!*... – É preciso muito silêncio e atenção!... Agora, as questões!... – e, depois de ligeiro e proposital silêncio, alteia a voz e prossegue, fazendo uma pergunta: – Há alguém aí?...

A mesinha gira, ainda mais vertiginosamente, e passa a dar com um dos pés ao chão, produzindo peculiar e ritmado som. *Marinet*, com o lápis e o bloco de papel à mão, põe-se concentrado e vai anotando as letras, uma a uma, que surgem do código de pancadas que produz a mesinha em seu giro desvairado. Longa espera; o processo é demorado; entretanto, a expectativa é enorme. Por fim, a mesinha para de bater.

– *Collignon!*... – exclama *Marinet*, lendo o escrito.

– *Oh, c'est Collignon, le pirate!*... – exclama uma senhora, dando risinhos de extremo prazer. E, altamente excitada, prossegue: – *J'adore Collignon!*... *Hi!*... *Hi!*... *Hi!*... *Hi!*...<sup>36</sup>

– Pergunta-lhe sobre *Victor!*... Oh, por favor, pergunta-lhe sobre *Victor!*... –

grita uma jovem belíssima, sobressaindo-se da assistência e, quase a correr, coloca-se ao lado do círculo. – Por onde anda meu *Victor, Collignon?*... Por que é que não mais vem ver-me?...

A mesa põe-se a girar, novamente, e a sucessão de pancadas segue-se. *Marinet*, atentíssimo, decifrava e anotava o código no papel. Depois de algum tempo, a mesinha sossega, e a mensagem é lida, diante da enorme expectativa de todos:

– *Victor* diverte-se com uma bela dançarina da *Opéra!*... Perde-se por um exuberante par de pernas, minha cara!... Fez excelente negócio: trocou esses caniços ressequidos que trazes aí, sob as tuas saias, pelas farturas da outra!...<sup>37</sup>

Riso geral explode na assistência.

– *Collignon c'est phénoménal!*... *Ha!*... *Ha!*... *Ha!*... *Ha!*...

– *Oh!*... *Que tristesse!*... – exclama a moça, deixando-se abater, enormemente, e com os olhos a inundarem-se de lágrimas. – *Oh, malheurs!*...<sup>38</sup>

– Olha que, se desejares, passo eu a consolar-te, *Isabelle!*... – grita um jovem gaiato do meio da assistência. – Já que o pilantra do *Victor* não te quer mais!...

– *Imbécille toi!*... – murmura a moça, entre dentes, e, passando rente o rapaz, fulmina-o, com um par de olhos carregados de ódio, e deixa o salão a pisar duro.

– Pergunta-lhe sobre *Otile!*... – grita alguém da assistência. – Acha-se grávida e nem ela mesma sabe quem é o pai verdadeiro!... *Ha!*... *Ha!*... *Ha!*... *Ha!*...

A mesinha volta a girar e, com regularidade peculiar, vai dando a resposta. Momentos de grande expectativa. Após o longo e cadenciado trotar, a mesinha para no ar. Encerrara a comunicação. *Joseph Marinet* faz, primeiramente, silenciosa e meticulosa leitura dos escritos e, depois, alteando a voz, pede silêncio e lê, diante da intensa expectativa da assistência:

– O pai da criança é *Frédéric-Alphonse Paligny!*...

O jovem *Paligny* achava-se ali, no meio da assistência, e é tomado pela surpresa da revelação. Indignado, levanta-se e brada furioso:

– É mentira!... Isso é um deslavado embuste!...

– Ora, *Frédéric!*... – exclama um outro rapaz, cheio de ironia. – Vamos lá!... Por que é que o pirata iria mentir?... anda, homem, confessa!...

– Vamos, confirma tudo, *Frédéric!*... – observa um outro rapaz. – Todo o mundo já andava a desconfiar de ti, mesmo!...

– Sois todos uns imbecis!... – diz *Frédéric-Alphonse*, amuando-se, enormemente. – Esse idiota desse *Collignon* – se é que existe mesmo!... – acaba de lançar-me esta nojenta calúnia às fuças, e vós todos preferis dar crédito às palavras dele às minhas!...

– Oh, a mesa não mente jamais, *Frédéric!*... – observa a rir-se, maliciosa, uma matrona. – Se disse seres tu o pai da criança é porque és mesmo e pronto!...

– Prossigamos, cavalheiros!... – procura a anfitriã pôr termo à discussão. – E tu, *Frédéric*, não te deixes amofinar por tais coisas!... Todos nós sabemos que tudo isso não passa de brincadeiras, não é mesmo?... Acharo-nos aqui em diversão, nada mais!... Basta de agastamentos inúteis!... Nada deve ser levado a sério!... – e, voltando-se para a mesa, ordena: – *Collignon*, retira-te, imediatamente, daí!... Cede o lugar a outro, vamos!...

A mesa oscila, ligeiramente, no ar, e repousa, completamente, sobre o chão.

– Muito bem, capitão!... – agradece, satisfeita, *Adèle de Souvigny*. – És um bom menino!... – e, depois de alguns propositais minutos de silêncio, prossegue: – *Qui est là?*...<sup>39</sup>

A mesa volta a elevar-se um palmo acima do chão e balança, ligeiramente, de um lado a outro. Depois, passa a girar e a dar com um dos pés ao chão, telegrafando. Minutos de intensa expectativa. Finalmente para e permanece suspensa no ar.

– *René Descartes!*... – ouve-se a voz clara de *marinet*.

– *Oh, mais quel étonnant plaisir, Monsieur Descartes!*...<sup>40</sup> – brada a marquesa *de Souvigny*, rindo-se, altamente satisfeita, e tomando ela, agora, o total controle das coisas, prossegue: – *Et alors, qu'est-ce que avez-vous à nous dire?*...<sup>41</sup>

A mesa volta a trotar ligeiro, e *Joseph Marinet*, atentíssimo, não perdia uma só das pancadinhas que o pequeno móvel emitia em seu rapidíssimo girar. Longos e expectantes minutos e, finalmente, a mesinha estaca, oscilando, ligeiramente, no ar. *Marinet* confere, com muita atenção, antes, os escritos e, depois, pigarreia, limpando a garganta, e sua voz soa alta e clara, no absoluto silêncio que se fazia no salão:

“– *Français!*... *Attention!*... Não vos rejubileis em demasia, ó amantes da liberdade, pois a nova república – o máximo anseio da Grande Revolução<sup>42</sup> –

não passa, ainda, de um bebê recém-nascido!... E sinto dizer-vos, com grande pesar ao coração, que corre o risco de morrer, ainda no berço!... Acautelai-vos, portanto, com o vosso excesso de confiança!... Ponde-vos à espreita, que os que amam ostentar coroas à cabeça já conspiram!...”<sup>43</sup>

Ouvida a leitura da mensagem, um estranho silêncio, permeado de súbito mal-estar, tomou conta da assistência que, até então, mantivera-se altamente alegre e vivaz. Os terríveis episódios da revolução de fevereiro de 1848<sup>44</sup> ainda eram bem recentes na memória de todos que ali se achavam. Teria razão o grande filósofo?... Seria mesmo ele?... Que a república era frágil, todos sabiam. As cabeças coroadas e a orgulhosa aristocracia tão ultrajadas pela burguesia não perdoavam jamais aos revoltosos que já os haviam desalojado, sistematicamente, por duas vezes!... Olhares buscaram-se, então, resabiados e acusadores. Ali havia partidários dos dois regimes: burgueses e aristocratas!... Não restava dúvida de que as palavras do espírito comunicante trouxeram expressivo mal-estar para todos.

– *Eh, bien!*... – exclama *madame de Souvigny*, batendo palmas. Precisava, bem depressa, mudar os rumos da situação, pois os ânimos poderiam desencadear a antipatia tão frequente, entre republicanos e monarquistas, que vivia a ocorrer pelas ruas e parques da cidade. Acaso as escaramuças entre os baderneiros das duas facções não vinham acontecendo quase todos os dias?... E, alteando a voz, *Adèle de Souvigny*, pretensamente, dirige-se ao espírito: – *Merci beaucoup, M’sieur Descartes!*...<sup>45</sup> Somos-vos muito gratos pela advertência!... Mas, o que tem de ser assim o será!... – e, fazendo um sinal a seu mordomo que se achava adrede a postos, dá-lhe a autorização, e pequeno batalhão de serviçais adentra, então, o salão, carregando bandejeões de prata, contendo riquíssimas taças de cristal, literalmente a borbulharem o dourado *champagne* nelas contido. – Façamos um brinde à França e à liberdade, *mes amis!*... – grita a anfitriã e, com isso, encerrava a sessão das mesas girantes daquela noite...

– Impressionante!... – exclama *Marie-Louise Coty*, pouco depois, ao grupo de amigos que, sentados em cadeiras, a formarem pequeno círculo, bebericavam de suas taças de *champagne*. E, voltando-se para o general *du Survey*, pergunta-lhe: – Dize-me, *Emmanuel*, tu acreditas, mesmo, que não haverá a mínima possibilidade de fraudes ocorrerem em tais fenômenos?

– Oh, posso jurar-te, *ma amie!*... – responde o general, sorrindo. – Eu e o notário *Jean-Charles de la Chapelle* fizemos minucioso exame do local, dias

atrás!... Podes ficar segura de que não existem, de fato, fios ocultos ou alçapões ou qualquer outra parafernália a promoverem tal fenômeno!...

– E ao que atribuíis, na verdade, tais coisas?... – pergunta *Céleste-Marie*. – tudo isso, na realidade, deixou-me deveras confusa!... Que estaria o senhor *Descartes* a fazer aqui?... Acaso não morreu ele há mais de dois séculos?... Como podem os que já morreram falar?

– Oh, *ma petite*!... – exclama *Marie-Louise*. – Não ouviste o que disse *Madame de Souvigny* ao início da sessão?... Tudo não passa de brincadeiras!...

– Não sei, não!... – rebate *Wilfred Berg*. – Brincadeiras?... Ouvistes o que disse o general, há pouco: não há nada escondido, a promover o fenômeno!... Como explicais o fato de a mesa pairar no ar e a girar como uma pitorra, sem nenhuma força aparente a impulsioná-la?... Vede bem que tudo isso foge aos mais elementares princípios da física!...

– Para mim, não há mistérios!... – observa *Constance du Servey*. – Estou convicta de que, realmente, são as almas dos mortos que aí estão de volta a nos relatar o que de fato existe após a morte!... Em breve saberemos tudo!...

– Não sei, *ma chérie*!... – atalha o general. – Acho que te precipitas!... Assim, mostra-te por demais crédula!... Sou favorável à pesquisa. Faz-se necessário estudar, seriamente, o fenômeno!... Particularmente, acho que tudo isso tem muito a ver com o magnetismo animal!... O senhor *Mesmer*<sup>46</sup> deixou vastos estudos acerca do assunto; entretanto, até o momento, não lhe deram crédito!... Pelo contrário: a Academia sempre o perseguiu, taxando-o de charlatão, de reles embusteiro!...

– Para mim, não passa de pura inveja!... – observa *Constance*. – O pobre senhor *Mesmer* teve a infelicidade de ser alemão e não francês!... Se fosse o contrário, podeis ter a certeza de que os rumos do magnetismo animal teriam sido outros!...

– Oh, sempre muito prática, a minha querida *Constance*!... – diz o general, rindo-se. E prossegue: – Sabes que, no fundo, acho que tens razão, *ma belle*!... Tudo pode não ter passado da velha rivalidade teuto-francesa!...

– No mundo atual – observa *Berg* –, se as coisas não provêm da França ou da Inglaterra, pouco se lhe dão crédito!... É como se, somente nesses dois países, existissem homens inteligentes!...

– Entretanto, não desconheces, também, meu caro, como franceses e ingleses não se suportam!... – atalha o general. E prossegue, fazendo largo

gesto com as mãos: – Na realidade, a ciúmeira é um mal que acomete a todos, sem exceção...

– E a humanidade inteira acaba perdendo muito com tudo isso!... – exclama *Marie-Louise*. – Quantos gênios do passado não foram relegados ao ostracismo e até mesmo assassinados por pura inveja?...

– Tens razão, *ma amie!*... – obtempera *Constance*. – o que dizes é bíblico. Acaso não foi a inveja que levou os homens ao primeiro fratricídio?... Caim matou Abel por pura inveja...

– Acho que a rivalidade é atributo da humanidade!... – diz *Céleste-Marie*. – Assim não fosse, e não existiriam razões para tantas guerras!... Ciúme, cobiça, inveja... tudo isso leva à desarmonia, à falta de paz...

O grupo de amigos permaneceu a conversar, animado, por mais algum tempo. Depois, como o fez a maioria dos convidados da marquesa *Adèle de Souvigny*, deixaram o luxuosíssimo salão de festas do palacete da *Rue Lecourbe* e retornaram aos seus lares, com o pensamento ainda a fervilhar de excitação pelos estranhíssimos fenômenos presenciados naquela aprazível noite de primavera...

---

32. Referência a **Napoleão Bonaparte**, em francês **Napoléon Bonaparte**, nascido **Napoleone di Buonaparte**, (Ajaccio, Córsega, 15 de Agosto de 1769 - Santa Helena, 5 de Maio de 1821) foi o dirigente efetivo da França, a partir de 1799, e também Imperador desse país, adotando o nome de **Napoleão I**, de 18 de Maio de 1804 a 6 de Abril de 1814, posição que voltou a ocupar, rapidamente, de 20 de março a 22 de junho de 1815.

33. “– Senhor Deville!.. senhora le Sanson!... senhorita Durreine!... Marquês de la Rochelle!... Inspetor Lalande!... General Cartier!... Capitão Fourtin!... Por favor, sentai-vos!...”, em francês.

34. “– isso é coisa do diabo!...”, em francês.

35. “– Sssh!... Ouçamos!...”, em francês.

36. “– Oh, é Collignon, o pirata!...” (...) “– Adoro Collignon!... Hi!... Hi!... Hi!...Hi!...”, em francês.

37. É importante lembrar aqui que, no princípio, esse fenômeno era tido como diversão e, conseqüentemente, nada proporcionava de sério, a começar pelos espíritos que, comumente, dele tomavam parte.

38. “– Oh, que tristeza!...” (...) “– Que infortúnio!...”, em francês.

39. “– Quem está lá?...”, em francês.

40. “– Oh, mas que surpreendente prazer, senhor Descartes!...” (...) “– E então, o que tendes a dizer-nos?...”, em francês.

41. Mesmo no meio das futilidades que, invariavelmente, eram a tônica das primeiras manifestações mediúnicas, obtidas através da rudimentar tiptologia, alguns espíritos de escol, como o acima citado, (*René Descartes*, 1596 – 1650, filósofo, físico e matemático francês) costumavam comparecer e se comunicar, com o fim precípua de chamarem a atenção para a seriedade do caráter de que aquele fenômeno viria revestir-se, mais adiante.

42. Referência à Revolução Francesa, de 1789.

43. De fato, as palavras do espírito *René Descartes* aqui puderam ser tomadas como proféticas, pois as jornadas de fevereiro de 1848, que criaram a Segunda República, estabeleceram o sufrágio universal, mas as jornadas de junho de 1848, marcadas pela revolta operária, lançaram novamente a República no conservadorismo. A Segunda República durou apenas até 1852, quando *Luis Napoleão Bonaparte*, sob o título de *Napoleão III*, proclamou o Segundo Império (1852-1870). Deu-se, então, a expansão do império francês, particularmente, no sudeste asiático e no Pacífico. Do Segundo Império resta a lembrança de uma prosperidade material, de um desenvolvimento da indústria e do comércio, mas também de uma política exterior ao mesmo tempo idealista e eficiente, que terminou com a desastrosa guerra franco-prussiana de 1870-1871.

44. Referência à Revolução de fevereiro de 1848, que depôs *Luis Filipe I*; o rei viu-se obrigado a abdicar em favor de seu neto *Filipe de Orléans*, conde de Paris, e se refugiar na Inglaterra. Os revolucionários, porém, negaram-se a reconhecer o sucessor e, no mesmo ano, proclamaram a Segunda República da França (1848-1852).

45. “– Muito obrigada, senhor Descartes!...”, em francês.

46. *Franz Anton Mesmer* (Iznang, 23 de maio de 1734 - Meesburg, 5 de março de 1815), foi um médico e magnetizador Suábio. No ano de 1779, após tentar em todas as Universidades, sem sucesso, um exame de seu sistema, publicou, em Paris, um relato analítico da nova ciência: *Memória sobre a descoberta do magnetismo animal*.

## Capítulo 5. Mágoas e ressentimentos

*Pierre*, o jovem mordomo da família *Rousselet*, levanta os olhos e os fixa, demoradamente, no mezanino de colunelos brancos, lá em cima. Depois, começa a subir, carregando, com extremo cuidado, a bandeja com o desjejum de *Sylvie*. “*Oh, mon Dieu!...*”, pensa ele, enquanto galga, com o peito a explodir de ansiedade, os degraus da imensa escada de granito cinza. “*Amo-a, tanto, e se me torna, a cada dia, louco tormento tê-la assim tão perto e sequer poder tocá-la!... sinto-me consumir pela intensa paixão!... Oh, desdita cruel!... Até quando irei suportar tal martírio?...*”

Uma vez lá em cima, pé ante pé, caminha pelo corredor que se encontrava, ainda, tomado por tênue penumbra e, com os olhos carregados de intensa tristeza, tem os pensamentos invadidos de autopiedade: “*Ai de mim, que não passo de reles serviçal da casa!... Sei que ela não me toma por um homem, mas apenas por mais um dos que aqui estão, somente com o propósito de servi-la, de atender-lhe as necessidades e os desejos!...*”. E, ao aproximar-se da porta do quarto de *Sylvie*, para; não bate de imediato. Seus olhos, de repente, transmudam-se: de tristes, passam a faiscar de intenso ódio. “*Ela só pensa nele, no infame!...*”, e, rilhando os dentes de raiva, tem ímpetos de arremessar a bandeja com o desjejum da moça ao solo e de gritar, a plenos pulmões, todo o despeito que lhe consumia a alma. Entretanto, armando-se de penoso esforço, contém-se e procura recompor-se e buscar a fleuma que, custasse o que lhe custasse, deveria mostrar sempre. Não era assim que deveriam agir os criados?... Não fora isso que lhe passara a patroa durante esses anos todos?... Os serviçais devem ser mortos-vivos, zumbis sem alma; apenas cadáveres ociosos, vazios, sem nada por dentro... Ah, vida desgraçada!... Por que é que ele não saía correndo dali, não mandava tudo e todos às favas?... Acaso não era livre?... Era só, no mundo, mas era livre!... Em seguida, entretanto, meneia, tristemente, a cabeça e sorri amargo e patético, com a bandeja do desjejum às mãos, na semiobscuridade do corredor, diante do quarto dela!... Ah, não era livre coisíssima nenhuma!... Era prisioneiro, mísero escravo daqueles olhos brilhantes, daqueles cabelos cor de mel, daquele sorriso que era como o mais lindo dos sóis de primavera!... Como poderia ir-se, se era cativo dela?... Como conseguiria viver longe do seu amor?... Depois, em seu pensamento, surge a imagem do outro, do noivo dela. Novamente, freme de raiva intensa. “*Ah, desgraçado usurpador!... Se tu*

não tivesses aparecido por aqui, certamente ela teria olhado para mim!... E, empertigando-se, sorri. “*Eu não sou feio!... Acho que sou até mais belo que tu, que tens um nariz assim... assim... curvado como um gancho!...*”, e quase gargalha, ao lembrar-se de que o rival não tinha um nariz tão reto e tão correto quanto o dele. “*Só és um pouquinho mais jovem que eu!... Só isso, nada mais!...*”

*Pierre Durand*, por fim, emite longo suspiro, balança, ligeiramente, a cabeça, como a expulsar aquele turbilhão que lhe ia à mente e, empertigando-se, bate, suavemente, com os nós dos dedos à porta.

– *Entrez!...*<sup>47</sup> – escuta-lhe a voz suave, lá de dentro, e seu coração pulsa ainda mais forte.

– *Bonjour, mademoiselle!...*<sup>48</sup> – exclama o mordomo, gentil. – Dormiste bem?...

– Como uma pedra, *mon bon Pierre!...*<sup>49</sup> – exclama ela, feliz, sentada sobre os brancos lençóis de cetim do seu amplo leito. E, fazendo rápidos gestos com as mãos, prossegue: – Passa-me a bandeja, que estou morta de fome!... E olha que tenho pressa!... *François* está para chegar, e ainda me acho no leito!... Sabes o quanto ele é madrugador!... Acaba sempre chegando antes da hora combinada e, como papai e mamãe, certamente, não se acham em casa, tu terás de fazer-lhe sala, enquanto termino de vestir-me, e, como agora sei o que na verdade acontece, quando não há mais ninguém por perto, tu e ele acabareis por brigar!... Decididamente, não tolerais olhar um para as fuças do outro, não é mesmo?... Como é que foi que conseguistes esconder-me que não vos suportáveis um ao outro, por tanto tempo assim?... E eu que achava que vos simpatizáveis, que eram até amigos!... Na minha frente, vós vos tratáveis sempre com tanta gentileza, mas, por trás, andavam a engalfinhar-se como um cão e um gato!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... – explode ela, numa gargalhada, e prossegue, sem lhe dar tréguas, enquanto o rapaz, cabisbaixo e corando até as orelhas, atrapalhava-se todo, tentando servir-lhe o desjejum da bandeja: – Dize-me, *Pierre*, por que é que tu tens tanto ciúme assim de *François*?... – e, olhando-o, com um par de olhos cheios de mofa, dispara, de chofre: – *François-Armand* acha-se plenamente convencido de que tu te encontras perdidamente apaixonado por mim!...

– *Par... Pardon, Sylvie!...* – tartamudeia *Pierre*, sem coragem de encará-la uma única vez sequer. E, sempre cabisbaixo, murmura: – *Je quitte!...*<sup>50</sup> – e deixa o quarto, quase a correr.

– *Pierre!*... *Halte!*...<sup>51</sup> – grita ela, morrendo de rir do jeito atabalhoado como ele reagira às palavras dela. – Volta aqui, seu tonto!... Vamos conversar!...

– maldito!... Miserável!... – murmura o mordomo, entre dentes, descendo as escadas quase a correr. – Foi ele, o desgraçado, que contou a ela!... Maldito!... Mil vezes maldito!... – e, meneando a cabeça, cheio de desespero até a alma, diz baixinho: – Agora ela já sabe!...

Neste comemos, a sineta do portão dispara. *Pierre* para e procura recompor-se; trazia as feições altamente descompostas pela forte emoção – um misto de raiva e de vergonha intensa. Magoara-se, enormemente, pois ela zombara dos sentimentos dele. Que vergonha, meu Deus!... Como iria encará-la, doravante?... A campainha volta a tinir, nervosa. *Pierre* tem um sobressalto. Precisava atender a porta.

– Deve ser o miserável que chega!... – murmura ele, cheio de ódio, dirigindo-se, sem muita pressa, em direção do vestibulo.

Em seguida, abre, vagarosa e imperceptivelmente, apenas minúscula fresta da porta de entrada e espiona através dela. Sim, era ele. O infeliz estava lá, diante do portão, todo enfatiotado naquele ridículo uniforme!... E se agastava todo, saltitando de impaciência, pela demora em lhe virem abrir a porta.

– Fica-te aí plantado, idiota, mais um pouco!... – murmura o mordomo, e se ri, divertindo-se, enormemente, enquanto espiava o outro, através da ínfima fresta que abria da porta.

*François-Armand* irritava-se, mais e mais, com a demora em lhe virem abrir a porta. Volta a acionar a sineta e, desta vez, com bastante veemência, a indicar-lhe o excesso de impaciência.

– *Pierre!*... – ouve a voz de *Berthe*, a cozinheira, que o chamava, vindo da copa. – Onde se terá metido *Pierre*?... *Pierre!*... Não escutaste a campainha, seu surdo?... – prossegue a cozinheira, chamando por ele.

Temendo ser pilhado a judiar, propositadamente, da visita, *Pierre* abre de vez a porta e desce até o portão.

– *Bonjour, cadet Rounet!*... *Comment allez-vous?*... – diz o mordomo, com fortes laivos de ironia à voz. Depois, mal sofrendo um riso de plena satisfação e quase a se estourar de íntimo gozo, por ver o outro às raias da fúria, franqueia-lhe a entrada ao portão e prossegue, em meio de ligeira reverência: – *Entrez, s’il vous plaît, M’sieur!*...<sup>52</sup>

– Fizeste tudo de propósito, não é, descarado?... – exclama *François-Armand*, seguindo à frente do mordomo que lhe ia ligeiramente atrás e a

esforçar-se ao máximo para não explodir numa gargalhada.

– *Pardon, M’sieur?*... – diz *Pierre*, fingindo-se de desentendido.

– Sabes muitíssimo bem o que te digo, seu imbecil!... – exclama *François-Armand*, tremendamente irritado. – Fizeste-me esperar lá fora, de propósito!... Mas irei reclamar de ti aos teus patrões!... Tu verás!... Exigirei que te lancem ao olho da rua!...

– Os senhores não se acham em casa, *M’sieur le cadet!*... – exclama *Pierre*, conduzindo o outro à sala de visitas. – Tereis de fazer a vossa denúncia depois!...

– E *Sylvie?*... – pergunta o rapaz, tentando engolir a cólera que se lhe aumentava mais e mais com a petulância do atrevido mordomo. – Ao menos ela se acha em casa?...

– *mademoiselle* faz a *toilette*, *M’sieur!*... – responde *Pierre*, procurando manter propositada fleuma, pois sabia que, assim, irritaria ainda mais o outro. E prossegue, com forte acento de ironia à voz: – *Il ne faut pas de désespérer!*...<sup>53</sup>

– *Désespérer moi?!...*<sup>54</sup> – exclama o outro, envermelhando-se de raiva e, levantando-se do divã em que se achava sentado, dirige-se ao outro, com os punhos em riste, e lhe aplica formidável soco ao estômago.

*Pierre*, premido pela dor, curva-se a gemer, enquanto tenta pôr-se em guarda para defender-se do furioso ataque do outro. Neste momento, *Sylvie* adentrava a sala de visitas. *François-Armand*, percebendo a chegada da mocinha, curva-se, rapidamente, e se põe a gemer, como se fora ele o atingido pelos golpes.

– *Pierre!*... – grita a mocinha. – Seu bruto!... Por que estás batendo em *François-Armand?*... Oh, pobrezinho!... – prossegue ela, cobrindo o namorado de beijos. – Este brutamontes machucou-te, é?...

– Ma... mas... – balbucia o mordomo, premendo forte o ventre com a mão. – *Sylvie!*... Foi *ele* que bateu em mim!... Não viste?!...

– Oh, estás a levantar calúnias de *François*, é?... – responde ela, abraçando, condoidamente, o namorado, que continuava a fingir grande dor ao ventre, e o conduz a sentar-se no divã. Depois, ela prossegue, voltando-se ao estupefato mordomo: – Anda, some daqui!... Vai para a cozinha a auxiliar *Berthe!*... E, quando *papa* e *maman* retornarem do passeio matinal, contar-lhes-ei tudo!... Quero ver como te sairás desta!...

– mas, *Sylvie!*... – tenta defender-se o pobre mordomo, ainda a curvar-se de

dor pelo golpe recebido.

– Vai, anda!... – exclama ela, irredutível. – Tu te portaste, hoje, como um brutal selvagem, agredindo, assim, o pobre *François!*... Que vergonha, *Pierre!*... Isso foi deveras imperdoável!...

Vencido, o mordomo encaminha-se, devagar, para o interior da casa. Antes, porém, de sair, olha para o descarado que se mantinha agarradinho à moça. *François*, então, sem que a namorada percebesse, abre um sorriso de satisfação e devolve ao outro significativo olhar, como a dizer-lhe: “*Toma, safado, o troco!*...”

– *Oh, mon petit!*... – exclama a mocinha, agora a sós com o namorado. – Que lamentável!... Tu e ele agis como duas crianças!...

– Pegou-me desprevenido, o covarde!... – diz o rapaz, ainda a fingir fortes dores ao abdômen. – E quase me mata com os seus possantes punhos!... *Oh, Sylvie*, precisavas ver que selvageria!... Atirou-se sobre mim como um bólido, surpreendendo-me!... E passou a socar-me sem dó!... Nem tive tempo de defender-me!... O desgraçado tem uma direita tão forte como se fosse um coice de mula!...

– Hum!... Sei!... – observa ela, agora, olhando-o com o canto dos olhos. Principiava a desconfiar da poltronice do rapaz. Pego de surpresa, logo ele?... Acaso não era tão habituado às escaramuças nos campos de batalha?... E, então, resolve pô-lo à prova e diz: – Querido, acho que esqueci de trancar meu porta-joias a chave. deixo-te, por um instante, e subo ao meu quarto para averiguar. Volto em seguida, está bem?

O rapaz aquiesce, com longo e pretenso profundo suspiro de dor. A mocinha finge deslocar-se até o quarto, mas se detém a poucos passos, mal se ocultara das vistas do rapaz. Em seguida, pé ante pé, retorna à sala de visitas e, colando-se à ombreira da porta, espiona *François-Armand*. Pilhando-se a sós, o mocinho deixara de curvar-se sob a ação da suposta dor abdominal e, esfregando as mãos de contentamento, ria-se a pregas soltas. Amiúde, olhava em direção da porta por onde a namorada saíra e, meneando a cabeça, ria-se sem parar.

“*Mas que safado!*...”, pensa *Sylvie*. “*E não é que o danado é um fingidor de primeira?... E tudo por ciúme do outro!*... *Pobre Pierre*, acho que fui injusta para com ele!...” E, propositadamente, demora-se por alguns minutos, até apresentar-se ao rapaz que, ao ouvir-lhe os passos, volta à antiga posição, fingindo profundas dores ao ventre.

– Demorei-me, querido?... – pergunta ela, sentando-lhe ao lado, no divã, sem demonstrar que o pilhara a fingir as dores. E, olhando-o que se contorcia todo, pergunta: – Oh, ainda dói muito?... Pelos esgares de dor que demonstras, a coisa deve ter sido gravíssima!... É melhor cuidarmos logo disso!... – e, levantando-se, diz resoluta: – despacharei *Pierre* em busca do doutor *Eustaque Durraine*, sem delongas!... Não achas que te poderá ser fatal?... disseste que os socos de *Pierre* assemelham-se a coices de mula, não é?... Acaso não sabes que os coices de mula são gravíssimos?... E se os tais coices arrebetaram-te todo por dentro?... Não, *mon chéri*!... Acho que o médico deverá vir logo a examinar-te, sem mais demoras!... Agora, entretanto, será bom que te deites no quarto de hóspedes, a repousares, enquanto aguardamos o doutor!... Vamos!... Não discutas comigo!... Prezo muitíssimo a tua saúde!... Imagina se tu morres por falta de cuidados!... Ninguém me perdoaria tal negligência!...

*François-Armand* olha-a, cheio de terror. Não, isso não!... O médico, certamente, logo desconfiaria que estava mentindo!... sequer uma marca trazia à barriga, nenhum vergãozinho!... nenhum mesmo!... Precisava agir rápido ou estaria perdido diante dela!... E pensa ligeiro.

– Oh, meu bem, estou habituado a tais agressões!... – mente ele. – Esqueces que vivo metido em batalhas?... Ando a receber coices de toda a espécie: de mulas, de cavalos, de jumentos!... Olha, até de camelos!... Acaso não andamos, agora, a escarafunchar pela Argélia?...<sup>55</sup> Sabias que por lá existem camelos?... Uns reles socos do desgraçado do teu mordomo nada serão para mim!... Em pouco, estarei refeito!... Olha, já principio a melhorar!... As dores desaparecem ligeiras!... em breve, nada mais sentirei!...

“*Oh, que belo poltrão tu me saíste, seu maroto!*...”, pensa a jovem, olhando-o nos olhos. “*Ah, se eu não te amasse tanto assim!*... *Dar-te-ia uns bons pares de palmadas!*... *É o que tu mereces por agires tão infantilmente!*... *Mas, sei que fazes isso por amor!*... *E o amor sempre desculpa tudo!*...” Entretanto, não queria que ele soubesse que ela descobrira o embuste dele. Não desejava indispor-se com o seu amor.

– Que bom que estás melhorando, *mon chéri*!... – exclama ela, nada deixando transparecer do que lhe ia à mente. E prossegue com a farsa: – A tua cor começa a voltar ao normal!... Andavas tão pálido que me assustei com a tua aparência!... Parecias, mesmo, um fantasma!...

*François-Armand* espanta-se. Conseguira fingir até a esse ponto?...

Nossa!... Fora tão convincente que chegara a empalidecer!... Que coisa!... Deveria mesmo era ter seguido a carreira artística, em vez de ser militar!... Por certo, ter-se-ia saído excelente ator!...

– Dize-me, meu anjo, aonde desejas ir hoje?... – pergunta ele, altamente desejoso de sair daquele assunto. De repente percebeu que *Sylvie* poderia estar zombando dele.

– Oh, que tal visitarmos *M'sieur Pichon*, meu professor de pintura?... Faz alguns dias que não lhe frequento as aulas!... Tu sabes que, enquanto estiveste fora, na Argélia, eu e mamãe passamos alguns dias na *Champagne*, em nossa casa de campo. Tenho algumas dúvidas em relação à luz e à perspectiva e pretendo saná-las com o meu mestre!...

– Tu mandas e eu te obedeço!... – exclama ele, sorridente. – Mas, antes, passaremos pela *cit  *!... Quero ver a cidade, as pessoas, os jardins, os parques!... Tu sabes, meu regimento permaneceu seis longos meses ao norte da África, no meio do deserto escaldante, onde a paisagem resume-se a uma sucessão infinita de dunas brancas!... S   areia e mais areia!... Tu nem imaginas quanta falta faz-nos o simples fato de vermos algo verde!... Essa cor repousa-nos e nos aquieta o coração!... Até então, eu não imaginava o quanto a vegetação é importante para a nossa cabeça!... Dá-nos desespero a mesmice daquela paisagem!... E o calor então?... Calcina-nos os miolos, e não há água que nos chegue!... O deserto é um inferno, *Sylvie*!... Durante o dia, o sol    inclemente, e o calor torna-se insuportável;    noite, vem o frio intenso!...

– Imagino o que não sentem os franceses, em tal terra inóspita e cruel!... – observa a mocinha. – Estamos tão habituados    afabilidade do clima europeu!...

– Tens razão, meu amor!... – exclama ele. – E, além do clima a judiar-nos, enormemente, há os terríveis embates com as tropas adversárias!... Sabias que a maioria dos combates d  -se no deserto, sob o sol escaldante?

– Deveras?... – admira-se ela. – Lutais, então, embrenhados no meio das dunas?

– Sim! – responde ele. – Os ataques inimigos acontecem de surpresa!... Quando menos se espera, uma chuva de argelinos, armados de mosquetes e de longas cimitarras, abate-se sobre nós, surgindo do alto das dumas, como se viessem do nada!... E como conhecem o deserto!... Diferentemente de mim, por exemplo, que acho tudo igual por l  !... Somente dunas e mais branquejantes dunas; um oceano de areia e mais areia, nada mais!...

– E como podem conhecer tão bem assim o deserto, se não há quase nada a dar-lhes referência?... – intriga-se a mocinha. – Que mistério haverá por trás disso?

– Sinto-me tão intrigado quanto tu, *ma belle!*... – diz ele. – Nós, os franceses, ainda nos utilizamos de bússolas, mas eles nada têm de visível a indicar-lhes os caminhos!... À noite, sei que seguem as estrelas; entretanto, durante o dia...

– É, de fato, um mistério!... – observa ela. – Como será que se guiam as caravanas, durante o dia?...

– Também eu gostaria de saber!... – exclama ele. – E, quando descobrir, juro que te contarei!...

– E, dize-me, *mon chéri* – continua ela, cheia de curiosidade –, quando estais no deserto, onde é que vos abrigais da inclemência do tempo?... Por lá não chove nunca?...

– Abrigamo-nos em tendas tecidas em lã!... – responde ele. E prossegue, explicando a ela: – A lã é o melhor isolante, também para o calor!... Entretanto, não há muita preocupação com chuvas, porque creio que, naquele lugar, quase nunca chove!... pelo menos, durante o tempo em que lá permaneci, nada!... Nem um chuveiro sequer!... Somente a soalheira inclemente a rachar-nos a cabeça de tanto calor, durante o dia, e o intenso frio, de fazer tiritar, à noite!... Contudo, o que nos maltrata, ainda mais que o sol, o calor e o frio, é o vento!... Tu não sabes que inferno são as tempestades de areia!...

– Deveras?... – admira-se ela. – Venta muito no deserto, então?

– às vezes, sim – explica ele. – o vento costuma soprar severo, levantando nuvens de areia a invadir-nos os olhos, a boca, a roupa, os calçados!... É muito desgastante!... Temos, então, de cobrir o rosto com um cachecol, e deixar apenas os olhos de fora!... E, mesmo assim, premê-los bastante, a fim de que não se entupam de areia a causar-nos terrível ardência e abundante lacrimejo!... E, pior que isso, ainda, é quando nos achamos a comer e, de repente, levanta-se a tempestade!... Não sabes o quanto de areia já comi, juntamente com a minha ração!... E, certamente, deves aquilatar a aflição que nos dá mastigar um alimento que contenha alguns grânulos de areia!... Porém, imagina isso, com o alimento totalmente tomado pela areia!... É algo desesperador!...

– Oh, querido, não imaginava quão difícil é a vida dos soldados no

deserto!... – exclama ela, condoendo-se do rapaz. – Viveis, então, em constante agastamento!...

– Se vivemos!... – diz ele. – E, alie-se a isso, o fato primordial de todos: a preservação das nossas vidas, pois o inimigo não nos dá tréguas!... Rebelam-se o tempo todo!... Não sabes o quanto esses muçulmanos são obstinados!...

– Acho que lhes entendo a obstinação, *mon chéri!*... – replica ela. – Acaso a França não lhes invadiu o país, tolhendo-lhes a liberdade de autogovernarem-se?... Que farias tu se, de repente, invadissem-nos a nossa terra, e viessem escravizar-nos?... Aceitarias tudo passivamente?...

– Ora, *Sylvie!*... – redargui ele, contrariando-se. – Esses argelinos não passam de reles ignorantes!... Precisavas ver a imundície em que vivem!... Parecem uns porcos!... Eles mesmos não se dão o devido valor!... Não passam de uma sub-raça!...

– Oh, penso diferentemente de ti, *mon chéri!*... – obtempera ela. – Acho que todos os homens deveriam ser livres!... E que levassem a vida do jeito que lhes aprouvesse!... Não achas que os argelinos vivem na imundície exatamente pela carência de água que ocorre por lá?... Tu mesmo disseste há pouco que, ao Norte da África, não chove nunca!... Se não ocorrem chuvas, certamente, o acesso à água deverá ser exíguo, limitadíssimo, o que, por si só, não lhes justificaria o mesmo padrão de higiene a que nós, os europeus, estamos habituados!...

– Não sei, não!... – responde ele, quase ríspido. – Mas, não disse que não chove em toda a totalidade do território deles, não!... Há partes da Argélia, mormente próximo ao litoral, em que chove, e até neva nos lugares mais altos!...

– Porém, presumo que isso deverá ocorrer em região restrita!... – observa ela. – No restante do país, certamente acontece o predomínio da seca inclemente!...

O rapaz limita-se apenas a olhá-la, derrotado. Seus argumentos acabavam-se ali. *Sylvie*, decididamente, postava-se contra a colonização de terras estrangeiras. Ela, no entanto, continuava a olhá-lo, firme, nos olhos, como a desafiá-lo a que contra-argumentasse.

– Melhor deixarmos os argelinos e sua terrível terra para lá!... – diz ele, por fim, depois de pensar por instantes. Conhecia sua namorada muitíssimo bem e, de antemão, sabia que não conseguiria demovê-la um só milímetro em sua opinião acerca do domínio que a França, arbitrariamente, e embasado apenas

em interesses políticos e comerciais, impingia à Argélia, fazia, já, algumas décadas. E então, prossegue ele, abrindo um sorriso, a indicar que aceitava a sua inevitável derrota: – Prefiro falar de coisas mais amenas a continuar discutindo sobre aquela gente horrível!...

Ela o olha com um par de olhos cor de mel, cheios de mofa, e pensa: “*Sempre acabas fugindo, hein, seu maroto?... Sabia que não irias aguentar!...*” e se ri, satisfeita. Lá fora, o dia avançava, cheio de luz. Era a força da primavera a convidar as pessoas a saírem de casa, a verem o sol, a luz, os pássaros, as flores...

– Não ias ver o teu mestre de pintura?... – pergunta ele, olhando-a nos olhos e se tomando de funda paixão por ela.

– Ia... – responde ela, abrindo um sorriso lindo, cheio de ternura.

– Então, vem... – diz ele, estendendo-lhe a mão.

Um pouquinho mais, e ambos desciam a rua pela calçada de pedras, de mãos dadas, olhando-se e se rindo, felizes. Apenas se riam, felizes, mergulhados um nos olhos do outro... Nada mais... No alto, o sol fazia-lhes companhia, dardejando o mundo com uma infinidade de raios rutilantes...

\*\*\*\*\*

*Céleste-Marie* acabara de acordar-se, mas ainda se mantinha no leito. Seus olhos, paulatinamente, iam acostumando-se à semiobscuridade reinante em seu quarto de dormir. Como acontecia em quase todas as manhãs, a moça não tinha nenhuma vontade de deixar o leito; tinha os membros entorpecidos, doíam-lhe todos os músculos do corpo.

– *Disgrâce!... Malheurs!... Oh, vie misérable et inutile!...* – murmura ela baixinho. – *Ah, se viendrais ma mort aujourd’hui!... Combien je serais heureuse !...*<sup>56</sup> – e suspira profundamente.

*Céleste-Marie* jamais poderia supor, mas uma sombra colava-se, sistematicamente, a seu corpo, envolvendo-a como se fosse asqueroso polvo a enlaçá-la com seus pavorosos tentáculos.

– Oh, tolinha!... – sussurrava o espírito obsessivo, projetando as palavras à mente da moça. – Tu és de fato uma idiota!... Não percebes que ele não te ama?... Se te amasse, já te teria desposado há anos!... Apenas se aproveita de ti!... E, quando se sentir farto, por certo, deitar-te-á fora como a uma garrafa vazia!... Ah, ele não te ama!... Ele não te ama!... Deixa-o!... Deixa-o, enquanto é tempo!... O talzinho não te merece!... Achas, acaso, que ele não tem outra?... Tu mesma já o percebeste bastante estranho, distante, não é?...

Vamos, tolinha, despacha-o!... Dize-lhe às fuças que não mais o queres, que tu é que já te cansaste dele!... Vamos!... Dá tu o troco primeiro!... Não percebes que ele não sai do *Chez Lulu*, a divertir-se com as garotas daquela caftina despudorada?... Ele próprio não te esconde que lá vai amiúde!... Se vai agora, imagina, então, depois de desposar-te!... Deixar-te-á sozinha, a cuidares dos filhos e, certamente, não arredará pé daquele antro de perdição!...

*Céleste-marie* remexe-se no leito. Aqueles estranhos colóquios a invadirem-lhe a cabeça, inexplicável e invariavelmente, todos os dias, agastavam-na enormemente. Amava *Berg*. Sabia que o amava, entretanto, porque é que vivia a martirizar-se, com aquele tipo de coisas que lhe vinham à mente?... Não conseguia controlar-se mais. Tinha acessos de fúria, contra si mesma, com o intuito de livrar-se daqueles pensamentos que a maltratavam muito; entretanto, achava-se incapaz de alijá-los de si. Tais colóquios mentais perseguiam-na sem tréguas!...

– Mentas para mim!... – exclama a moça, arrostando a voz que com ela dialogava. – *Berg* ama-me, sim!... E vai casar-se comigo em breve!...

– Oh, como és crédula!... – ouve em resposta. E, segue-se estrídula gargalhada: – Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Espera e verás se não tenho razão!... O canalha deixar-te-á a veres navios!... A guerra é apenas um pretexto!... Na verdade, ele já se cansou de ti, das tuas lamúrias!... Tu mesma sabes que ele não precisa ir à guerra!... É rico e é filho único!... Com ninguém terá que dividir a herança, quando lhe morrer a mãe que, por sinal, já se encontra velha e alquebrada e que não demorará, certamente, a passar-se desta para a melhor!... Teu amado herdará uma bela fortuna, minha cara!... Daria para viverdes, tu e ele, nababesca e despreocupadamente, até o fim das vossas vidas!... No entanto...

– Oh, mentas para mim!... – replica a moça, exasperando-se. – Tu mentas para mim!... *Berg* jamais me deixará!...

– Oh, eu já te disse: espera e verás!... – replica a insistente voz. – O tempo dir-te-á se não tive razão!...

*Céleste-Marie* remexe-se, insistentemente, no leito. Além do tormento que lhe proporcionava a pertinácia daquela voz a invadir-lhe a cabeça, sentia-se como amarrada, tolhida nos movimentos, pois estranho peso tomava-lhe desde a nuca, as costas, os braços e as pernas. Sacudia-se e se retorcia toda, com o intuito de livrar-se daquele incômodo, mas lhe era impossível, pois

aquela estranha e intolerável sensação como que se lhe colava ao corpo. Tal situação exasperava-a, deixando-a irritadiça e constantemente cansada.<sup>57</sup> Às vezes, premia a cabeça com as mãos, desesperada, solicitando, em alta voz que a deixasse, que se fosse dali, fato que chamara a atenção da mãe e do noivo e, conseqüentemente, a triste constatação de que a moça, possivelmente, sofreria de algum tipo de alienação mental.

– Oh, vai-te!... Imploro-te!... – geme *Céleste-Marie*, premendo os ouvidos com as mãos. – Deixa-me em paz!...

– Tu não tens cura!... – prossegue a voz a martelar-lhe à cabeça. – Sabes por que *Berg* não te quer?... Porque és doida!... Tu és louca!... Tua doença é incurável!... Só há uma saída para ti: matar-te!... Por que não acabas logo com tudo isso?... O plácido e eterno repouso!... Não preferes assim?... Nada de dores, de medos, de insônias constantes, de tristezas infinitas, de falsas promessas de casamento!... Só a serenidade do eterno sono, da tranquilidade infinita!... Vem!... – convida, suave e ternamente, a voz: – Tu já tens o veneno!... Bebe-o agora!... Não o deixaste ali?... Vamos, coragem!... Basta que estendas a tua mão e abras a gavetinha do criado-mudo!... O frasquinho está lá!...

*Céleste-Marie* ergue a cabeça e olha para o pequeno móvel ali do seu lado. A gavetinha, o puxador de latão polido. Estende a mão, devagar, e puxa. A gaveta abre-se e, lá no fundo, no meio de uma série de caixinhas de papelão colorido, estava o frasco do veneno!...

– Não!... É pecado!... – murmura ela, subitamente, encolhendo-se toda e se sentando no leito. – Deus castiga os que se tiram a vida!... Quem se suicida vai direto para o inferno!...

– Oh, que tolice!... – advém-lhe a insistente voz, contrapondo-se. – O inferno não existe!... A morte é a liberdade do ser!... Ao morrer, seremos todos livres!... A maneira pela qual morremos não importa!... O destino será sempre o mesmo: a liberdade, o fim das dores, do sofrimento!...

*Céleste-Marie* volta a olhar para o fundo da gavetinha que permanecera aberta. De repente, começa a tremer. Um nó imenso invade-lhe a garganta. Deus do céu!... Estava cansada de tudo aquilo!... Com um salto, deixa a cama e, desnorteada, põe-se a caminhar pelo quarto, ainda tomado pela semiobscuridade, pois a janela ainda se encontrava fechada.

– Oh, meu Deus!... – exclama a moça, desesperando-se. – Não aguento mais!... – e permanece andando em círculos pelo quarto.

Depois, volta-se para a gaveta aberta e torna a olhar para o frasco de veneno: pequeno, de vidro translúcido, com a tampa de metal dourado!... O líquido esverdeado, o elixir da morte... “*Bastarão algumas gotinhas, diluídas na água ou no vinho, e a morte será súbita, inexorável!...*”, garantira-lhe o velho judeu, naquela botica exótica e mal iluminada da *Rue d’Anjou*. “*Mas, vede bem, mademoiselle...*”, advertira-a o velho boticário, “*...uma vez propinado o veneno, o efeito será rápido e fatal!... Não existe antídoto para ele!...*”

*Céleste-Marie* tem um calafrio ao lembrar-se do colóquio que mantivera com o velho herbanário. Uma vez mais olha para o frasco; depois, devagar, fecha a gavetinha do móvel e se senta no leito. Tinha os músculos em frangalhos; o corpo doía-lhe intensamente. A cabeça principia a zonzear-lhe, a vista escurece-se-lhe e ela tomba para trás, arrojando-se de costas sobre o leito. Tudo principia, então, a girar, vertiginosamente, e ela perde os sentidos. Do seu lado, uma sombra grotesca olhava-a escarnecedoramente.

– Não foi desta vez!... – murmura o espírito, visivelmente contrariado. – Mas, sei esperar!... – e, abrindo um sorriso cheio de mofa, prossegue ele, consolando-se: – A paciência é uma virtude que sei cultivar muitíssimo bem, minha querida!...

Em seguida, a sombra, caminhando com extrema dificuldade, senta-se numa poltrona e olha, atentamente, para a moça que se debatia em angustiada crise de histeria.

– Tu ainda serás minha, meu bem!... – diz ele, cheio de despeito. – Não quiseste amar-me, no passado, mas serás minha agora!... – e se rindo, tristemente, prossegue: – Alhures, fizeste-me sofrer como um cão, mas agora é a minha vez!... Achas, acaso, que te deixarei para aquele desgraçado?... Não!... Ter-te-ei em meus braços, custe o que custar!... E, tudo será apenas uma questão de tempo, nada mais!...

Lá fora, a manhã avançava radiosa, em gritante contraste com a tenebrosa situação em que se achava a pobre *Céleste-Marie* que, por fim, exausta pelo tremendo desgaste emocional de que fora vítima, voltava a dormir um sono agitado, cheio de pungentes gemidos a indicarem que horripilantes pesadelos furtavam-lhe o direito ao sono tranquilo, que lhe propiciaria o descanso e o refazimento do corpo – condições essenciais e necessárias à plena vivência da alma neste mundo.

---

47. “– *Entra!...*”, em francês.
48. “– *Bom-dia, senhorita!...*”, em francês.
49. “– *Meu bom Pierre!...*”, em francês.
50. “– *Per... Perdão, Sylvie!...*” (...) “– *Eu saio!...*”, em francês.
51. “– *Pierre!... Para!...*”, em francês.
52. “– *Bom-dia, cadete Rounet!... Como estás?...*” (...) “– *Entra, por favor, senhor!...*”, em francês.
53. “– *Não há para que se desesperar!...*”, em francês.
54. “– *desesperar-me eu?!...*”, em francês.
55. Em plena vigência do expansionismo colonialista do século XIX, a França invadiu a Argélia, em 1830, e, durante todo o tempo, os argelinos resistiram aos invasores, batendo-se, bravamente, pelas quatro primeiras décadas; entretanto, acabaram por permanecer sob o domínio francês até a primavera europeia de 1962, quando foi acertado um plebiscito, realizado a 1º de julho, onde seis milhões de argelinos votaram a favor da independência e apenas 16 mil foram contrários a ela. Em seguida, os políticos argelinos assumiram o poder em Argel, e a maioria dos europeus deixou o país.
56. “– *Desgraça!... Infelicidade!... Oh, vida miserável e inútil!...* (...) – *Ah, se viesse hoje a minha morte!... Como eu seria feliz!...*”, em francês.
57. A personagem apresenta um quadro típico de *obsessão*, situação em que um espírito inferior, aproveitando-se da fraqueza de caráter ou de culpas conscientes ou latentes de um inimigo seu encarnado e que, então, disso se utiliza para atormentar a sua vítima – invariavelmente, seu algoz, no passado –, e recorre a tais artifícios, aproveitando-se de sua condição de invisibilidade e busca, assim, vingar-se de agressões ou de traições outrora a ele impingidas pela vítima de hoje e lhe trazendo, dessa forma, sofrimentos inomináveis, além de lhe mascarar sintomas de várias doenças, dentre as quais as mais diversas anomalias mentais de que se tem conhecimento.

## Capítulo 6. Na Champagne...

A licença do regimento em que serviam *François-Armand* e *Wilfred berg* expirara-se. Os quinze dias de folga, no lar, junto aos familiares e amigos escoaram-se num átimo, e ambos os rapazes tiveram de retornar ao *front*, a retomarem a difícil vida ao Norte da África, onde a França, a duras penas, mantinha o férreo domínio colonial sobre a Argélia. *Sylvie* e a mãe apressavam os preparativos para regressarem à casa de campo, posto que a licença do pai também se extinguiu, e ele tivera de retomar seu posto no comando de uma das guarnições de patrulhamento do deserto.

– A casa volta a ficar vazia, *ma petite!*... – exclama *Edith-Aurore* à filha que a auxiliava na arrumação das malas. – Sem o teu pai por aqui, a vida deixa de ter graça para mim!...

– Tu amas papai de verdade, não é?... – pergunta a mocinha.

– Sim, amo-o como sempre o amei, desde que o conheci!... – responde a mãe, com um brilho aos olhos. – E não sei se isso acontece porque, na realidade, passamos a maior parte do tempo distantes um do outro!...

– Achas, então, que, se tu e papai houvésseis vivido, por esse tempo todo, juntos um do outro, a coisa teria sido diferente?...

– Não sei, *Sylvie!*... – responde a mãe. – até poderia achar que sim, pois, se se juntassem somente os dias que passei ao lado de *ton papa*, daria muito pouco tempo, na verdade. O exército teve-o mais, entendes?

– Entendo... – diz a mocinha, pensativa. – E crês que o mesmo acontecerá comigo, *n'est-ce pas?*... *François* também pertence ao exército!...

– Prepara-te que assim será, *ma chérie!*... – exclama *Edith-Aurore*, com um fundo suspiro. – Podes estar certa de que, se te casares com ele, certamente ficarás sozinha a criares os teus filhos, sem a presença do pai!... – e, abrindo ligeiro sorriso, prossegue: – Assim foi contigo!... eras ainda pequenina – tinhas três ou quatro anos, apenas!... – e, quando o teu pai regressava da frente de batalha, tu não o reconhecias, a princípio: tomava-lo por um estranho!...

– Deveras?... – espanta-se *Sylvie*, com tal revelação.

– Sim!... – continua a mãe. – E levavas um tempão para aceitá-lo!... Teu pai achava graça da tua atitude, mas, ao mesmo tempo, sentia-se magoar, pois, a cada vez que vinha, achava-te diferente, mais crescida!... Ele perdia o teu desenvolvimento diuturno e isso o machucava muito!... No fundo, acho que

temia que tu acabasses por esquecê-lo, definitivamente, e que não o amasses mais ou que o rejeitasses, depois de adulta!...

– Ora, que bobagem!... – retruca a mocinha, com a voz embargada pela emoção. – Amo papai e o amarei sempre, mesmo que não o tive todo o tempo ao meu lado!...

– São as contingências da vida, meu bem!... – diz *Edith-Aurore*, com um longo suspiro. – Alguém tem que pagar o preço, para que todos tenhamos segurança, liberdade... No fundo, acho que teu pai fez e ainda faz tudo por nós duas, por amar-nos em demasia!... Junta-se aos seus companheiros de ideal, para construírem uma nação justa, rica e forte!...

– E, pela defesa de tais ideais, pagamos todos um preço alto, não é, *maman*?... – observa, pensativa, *Sylvie*. – Nós duas e os familiares de todos esses que deram e ainda se acham a dar a vida para que a França engrandeça-se mais e mais!...

– A França deu o primeiro grande grito de liberdade diante do mundo todo, que se encontrava – e ainda se encontra!... – oprimido pelos poderosos!... E pagamos o preço por tal ousadia!... Desde a Revolução<sup>58</sup>, não soubemos mais o que seja a tranquilidade, neste país!... Rios de sangue derramam-se, sem tréguas, e presumo que muito ainda será derramado até que as coisas se consolidem!... Entretanto, da mesma forma que o teu pai, também eu creio que o sentimento de liberdade, de igualdade e de fraternidade ainda advirá, um dia, para todos os homens!... É para isso que lutamos, *Sylvie*!... É por isso que temos morrido, desde então!... E não pararemos de oferecer o nosso sangue em holocausto, até que tais coisas sejam comuns e corriqueiras, não só na França, mas em todo o mundo!... Basta de opressão!... Chega de mentiras, de inversão de valores, de privilégios descabidos!... A igualdade de direitos deverá estender-se a todos!...

– Oh, o teu discurso convencerá até os reis, *maman*!... – diz a mocinha, rindo-se. – Com tais argumentos, mesmo os empedernidos aristocratas desejarão a República para sempre!...

– Oh, *ma petite*!... – exclama *Edith-Aurore*, também se rindo e se abraçando à filha. – E, sinto-me orgulhosa em saber que tu também és partidária dos nossos ideais!... Se nos privamos da paz, hoje, é para que tu e os teus filhos a tenhais duradoura, no futuro!... Sabemos que esse sacrifício não será em vão!...

– Oh, *maman*!... – diz a mocinha, correspondendo, afetuosamente, ao

abraço da mãe. – Amo-te tanto!...

– Também eu te amo muito, meu bem!... – exclama *Edith-Aurore*, altamente emocionada. E, mudando os rumos da conversa, prossegue: – Entretanto, agora, vamos!... Precisamos apressar-nos!... Há tanta coisa, ainda, a arrumar, e pretendo tomar o primeiro trem, amanhã cedo!...

– Vais deixar a casa fechada?... – pergunta *Sylvie*.

– Sim!... Levaremos *Pierre* e *Berthe* conosco, desta vez!... – e prossegue, rindo-se: – Acaso não iremos nós duas só vagabundear?... Pintaremos tudo o que virmos pela frente e passearemos todos os dias pelo campo!... Assim sendo, todas as tarefas domésticas relegaremos aos dois!...

– Oh, vais dar-me, então, lições de pintura o tempo todo?... – pergunta a mocinha, feliz.

– Não!... – responde a outra, fingindo seriedade. – Sabes muito bem que o meu estilo e o de *M'sieur Pichon* são completamente opostos!... Não misturemos as coisas!... Ele, simplesmente, odeia as tendências atuais e eu, particularmente, acho que o mundo não é estático; tudo na vida é dinâmico, tudo tende a evoluir!... E, por que as artes, de maneira geral, deveriam ser diferentes?... Admiro o incontestável valor dos neoclássicos, é claro, mas os românticos trouxeram uma nova proposta para a pintura!... Tive uma formação clássica, é verdade, mas me identifiquei, enormemente, com o ideal romântico e lhes sigo os passos, principalmente, no que tange às coisas da Natureza!... Acho um desafio excitante e inigualável a tentativa de copiar-lhe a perfeição das formas!... O excesso de formalismo dos neoclássicos já principiava a cansar, não achas?... Pena que o pincel de *M'sieur Pichon* não queira atualizar-se...

– Só não quer atualizar-se como teme, naturalmente, que tu me contamines com o teu estilo!... – observa a mocinha, rindo-se. – Ele tem ciúme de ti, pois sabe o quanto tu amas os românticos<sup>59</sup>, e ele, os neoclássicos<sup>60</sup>!...

– E tu, naturalmente, segue-lhe as pegadas!... – diz *Edith-Aurore*.

– Ora, *maman*!... No fundo, acho que tu é que és a mais ciumenta dos dois!...

– Brincadeiras à parte, *ma petite* – observa a mãe, tornando-se séria –, considero *M'sieur Pichon* um dos grandes mestres da atualidade e tens o privilégio de ser sua aluna!... E tu, tanto quanto ele, tens o direito de seguir a escola que melhor te aprouver!... Eu gosto dos românticos e tu, dos neoclássicos!... Que mal há nisso?... Já imaginaste se todos nós olhássemos

para uma só direção?... Quão sem graça e anacrônico seria este mundo!...

– Ou ficaríamos todos com tremendas crises de torcicolo, *n'est-ce pas?*... – brinca a mocinha.

– Oh, és uma pândega, *Sylvie!*... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... – explode *Edith-Aurore* numa gargalhada com a tirada jocosa da filha. – Neste ponto tu te saíste ao teu pai!... Não consegues, definitivamente, levar as coisas a sério, por muito tempo!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

\*\*\*\*\*

Fazia, já, alguns dias que *François-Armand* e *Berg* achavam-se de volta aos campos de batalha na Argélia.

– Posso sentar-me aqui contigo?... – com o prato à mão, pergunta o cadete *Rounet*, aproximando-se do Tenente *berg* que também comia a sua ração da noite, acorado sobre a areia fofa, diante da sua tenda, armada num acampamento militar, nos confins do deserto argelino.

– Oh, que bom que vieste!... – diz o outro, abrindo um ligeiro sorriso. – Assim me fazes companhia!... Não sabes o quanto é ruim comer sozinho, ainda mais neste inferno!...

– A comida do acampamento já é um horror, e ter de engoli-la a sós, fá-la tornar-se ainda pior!... – exclama *François-Armand*, também se acorando ao lado do outro e, depois de fazer extremo esforço para ensalivar o bocado de pão áspero e grosseiro que tinha à boca e de degluti-lo, com extrema dificuldade, prossegue: – Ser o comandante da guarnição tem as suas desvantagens, não é?... Ter de ficar a sós, à noite, por exemplo!...

– É... – diz outro, sem muito ânimo. – Ou na companhia do sargento e do cabo, que nem sempre estão dispostos a partilhar sua prosa com ninguém; acham-se, às vezes, tão cansados que preferem dormir a comer, como hoje... A marcha foi-lhes tão estafante que se achavam simplesmente exaustos!

– Os comandantes cansam-se mais que os soldados, pois, além de terem de fazer o que fazem os seus comandados, ainda lhes sobra toda a responsabilidade atinente ao comando, à condução das tropas pelos caminhos e ao emprego da melhor estratégia de ataque e de defesa... – observa o jovem cadete. – Percebo que tu te achas bem mais cansado que eu!...

– Temos, de fato, grande responsabilidade, *François* – diz o outro, pondo de lado o prato de latão com o alimento quase intocado. – Às vezes, pergunto-me se já não é hora de parar, de ficar em casa!... Pensava em

*Céleste-Marie*, quando chegaste. tenho quase trinta anos, e ela já fez vinte e cinco. Vive a cobrar-me o casamento...

– E por que ainda não te casaste com ela?... – pergunta o rapaz.

*Wilfred Berg* olha, demoradamente, para o rosto do jovem cadete. Eram parentes. *François* era seu primo; suas mães eram irmãs. Gostava dele, apesar da diferença de idades; achava-o maduro, embora fosse ainda juvenzinho.

– Sabias que *Céleste-Marie* está doente?... – pergunta o tenente.

– Não!... O que tem ela?...

– Anda fraca das ideias... – diz *Berg*, baixinho, olhando para a brancura da areia do deserto que, ondulando, perdia-se ao longe. no horizonte, a lua cheia surgia imensa, redonda e opalescente.

– Deveras?... – espanta-se o outro. – Faz algum tempo que não a vejo, mas, da última vez que a vi, não me pareceu que estivesse...

– Doida?...

– É...

– Pois está!... – diz *Berg* com um suspiro. – Agora deu de falar sozinha, de esmurrar-se e vive trancada no quarto, jogada sobre a cama!...

– Nossa!...

– assim é!... – diz o tenente *Berg*, com a voz pejada de amargura. – Vê bem em que situação eu me encontro!... Pressiona-me para que me case com ela e vive fantasiando, alegando que deixei de amá-la, que tenho outra mulher, além de uma infinidade de outras bobagens mais!... Achas que não amo *Céleste-Marie*?... Amo-a, sim, mas, diante desta situação, não sei o que fazer!... Como poderia desposá-la, se sei que piora a cada dia?...

– mas, e os médicos?... – pergunta o rapaz. – Acaso a mãe não a levou ao médico?...

– Certamente que a levou!... – responde o tenente *Berg*. – *Marie-Louise* levou-a aos melhores médicos da cidade; entretanto, os remédios nenhum benefício lhe trazem!... Nenhuma melhora apresenta!...

– Oh, que tristeza, *Berg*!... – exclama o jovem cadete, altamente penalizado com a situação do amigo. – Percebo que te encontras mesmo encalacrado!...

– Não sei o que fazer, de fato!... – prossegue o outro. – Cobra-me o casamento a todo instante, mas como poderei desposá-la, em semelhante situação?... E se me caso com ela e a engravidado, quais serão as consequências disso?... Sinto que *Céleste-Marie*, decididamente, não poderá ser mãe!... Não oferece condições para tal!...

– Oh, e sei o quanto desejas ter filhos!... – observa *François-Armand*. – És, como eu, filho único, e a tua estirpe extinguir-se-á, se não tiveres herdeiros!...

– Sim, e é, exatamente, por esse e por outros motivos, *François*, que ainda não me casei com ela! – prossegue *Berg*, altamente amargurado. – Acredito, piamente, que sobreviveremos através dos nossos filhos; vejo nisso a nossa perpetuação; permaneceremos eternos em nossa descendência!... Não sei se é orgulho, mas sempre acalentei tal desejo!... E *maman* também sonha tanto com isso!... Não sabes o quanto ela anela por um neto!...

– E sei também o quanto *Céleste-Marie* ama-te!... – afirma o rapaz. – Não sei o que ela fará, se tu a abandonares!...

– *Céleste-Marie* morrerá, *François*... – murmura *Berg*, baixinho, depois de, pretensamente, tentar engolir, por diversas vezes, um imenso nó que teimava em entupir-lhe a garganta. – Ela morrerá de dor, *mon ami*...

E, segue-se, então, longo silêncio entre os dois rapazes. O vento da noite principiava a soprar, gelando, paulatinamente, o ar do deserto. No alto do céu, a lua cheia caminhava lenta, espargindo seus raios prateados e acendendo, na imensidão de areia, uma luminescência feérica, quase mágica.

– É bom entrarmos... – convida *berg*. – Em pouco, estaremos congelados, se permanecermos aqui fora.

– *Merci!*.. – diz o outro, levantando-se. E prossegue: – Mas volto à minha tenda. Estou cansado, e já é hora de dormir... – *Bonne-nuit!*...<sup>61</sup>

O tenente *Berg* responde-lhe apenas com leve sacudir de cabeça. Estava por demais amargo. Um nó do tamanho do mundo engastalhava-se-lhe à garganta. Por alguns instantes mais, permaneceu olhando a noite do deserto que se clareava, intensamente, com a força do luar. Depois, devagar, volta-se para o interior da sua tenda. Ia tentar dormir...

\*\*\*\*\*

A estação ferroviária de Paris, como sempre, fervilhava naquela manhã de meio de primavera. O intenso ir e vir de pessoas – grande parte delas era das que chegavam e, em sua grande maioria, tomadas de intensa parolice e se mostravam altamente excitadas e deslumbradas com o brilho da Cidade Luz que, à época, era tida como o centro do mundo civilizado –; a outra parte das pessoas apressava-se, expedita, a tomar os trens que deixavam a capital da França, em busca das localidades próximas ou, ainda, rumo às mais distantes paragens, dentro do próprio país ou fora dele, pois a Europa toda interligava-se, a passos gigantescos, por meio de extensa malha ferroviária e, pela

primeira vez, em toda a História da Humanidade, promovia-se o encurtamento das distâncias, e se tornava acessível, assim, para verdadeiras multidões, o deslocamento rápido, barato e seguro, para os mais variados destinos!... Eram as facilidades propiciadas pelo advento das máquinas, a facilitarem a vida do homem, tida até então como dificultosa e cheia de entraves!... novos horizontes, de repente, abriam-se aos deslumbrados olhos das pessoas que, até o alvorecer do século XIX, ainda se mantinham fechadas à restrição das curtas distâncias, não conhecendo muita coisa além do espaço em que nasciam, por falta de meios de locomoção lesto, seguros e eficientes, como o foi a chegada dos caminhos de ferro!...

– *Vite!... Vite!...* – de debaixo de uma montanha de volumosos pacotes, exclama *Edith-Aurore*, altamente esbaforida, ao seu mordomo que arqueava sob o peso de fartíssima bagagem. – *Le train partira a tout moment!...*<sup>62</sup>

Atrás e não menos ofegantes que *Edith-Aurore* e *Pierre*, vinham *Sylvie* e *Berthe*, também ambas a sobraçarem uma porção de sacolas de bagagem.

– Ufa!... – exclama *Edith-Aurore*, acomodando-se, por fim, ao lado da filha, no vagão de primeira classe. Os criados viajavam no compartimento de segunda, pois não era comum que viajassem ao lado dos seus patrões, no carro de luxo. – Finalmente, o descanso!... – e se deixa sentar, pesadamente, no espaçoso e confortável estofado de veludo verde-musgo. – Agora, só até a *Champagne!*... Oh, *ma petite*, não vejo a hora de chegar!... Paris enfastia-me!...

– É porque nasceste lá, *maman!*... – diz a mocinha, abrindo um sorriso. – Tu foste criada livremente, a correres pelos campos, na largueza!... Na cidade, tu te sentes presa!...

– Tens razão!... – concorda a mãe, enquanto se mirava num minúsculo espelho oval, a retocar, afoita, a *maquillage* que se borrara mediante o esforço de carregar a bagagem. – Por mais que me esforce, jamais deixarei de ser uma provinciana!... Gosto de Paris, mas não para viver aqui!... A cidade anda a crescer muito, tudo se congestionava!... Não vês o sufoco em que anda a *Cité*, agora, diariamente?... As carruagens e os bondes entopem as ruas; não há mais liberdade nem tranquilidade para se andar pelos bulevares, sem o risco de, de repente, ser-se tolhido pelas rodas de um carro em alta velocidade ou pelos cascos de um corcel enlouquecido!... Os acidentes acontecem, invariavelmente, todos os dias!...

– Tens razão, *maman!*... – diz a mocinha. – Entretanto, acho que esse será o

preço que pagaremos pelo progresso!... A população cresce assustadoramente!...

– As coisas, às vezes, metem-me medo, *Sylvie!*... – observa *Edith-Aurore*, com o olhar perdido na paisagem que corria célere pela janela do trem. – Paris está inchada de gente e, malgrado as epidemias de cólera<sup>63</sup> que surgem com frequência e, principalmente, a atacarem, invariavelmente, os mais pobres, a população sói aumentar a cada dia!... A miséria extrema campeia nos tugúrios dos arrabaldes e nas infectas mansardas dos casarões do *Quai de Bourbon* e em tantos outros lugares, mesmo no centro da cidade!... Os camponeses deixam as suas vilas e vêm para Paris, em busca do sonho de melhorar de vida!... Entretanto, o que é que encontram?... Mais miséria ainda do que tinham nos campos!... A mão-de-obra abunda; sobram braços para a indústria e, então, como consequência, aumenta a miséria e a criminalidade!... Quem é que se arrisca hoje, em sã consciência, a perambular, despreocupadamente, por determinados bairros da cidade, mesmo à luz do dia?... Na realidade, não sei ainda onde é que tudo isso irá parar!...

– Consequências da modernidade, *maman!*... – observa a mocinha. – Como bem sabes, a invenção do telégrafo interliga, rapidamente, todas as regiões do planeta; com as ferrovias, as distâncias diminuem; novos inventos e novas descobertas da ciência surgem a cada dia; o mundo anda louco pelas novidades, e a indústria toma, rapidamente, o espaço ao que antes existia como meio de vida!... Tudo acontece tão depressa, agora, que não há tempo hábil o suficiente para as coisas acomodarem-se, primeiro!... Como diz o excelente *M'sieur Baudelaire*<sup>64</sup>: “*Le vieux Paris n'est plus (la forme d'une ville – Change plus vite, hélas! que le cœur d'un mortel).*”<sup>65</sup>

– Tu e o senhor *Baudelaire* tendes toda a razão, *ma petite!*... – exclama *Edith-Aurore*, admirando-se, enormemente, daquelas tiradas filosóficas que acabara de ouvir. E prossegue, altamente intrigada com as falas da filha: – Mas, dize-me, *ma chérie*, onde é que aprendeste assuntos assim tão importantes?... Ainda és quase uma criança!... Como é que andas a meter-te com criaturas tão importantes quanto o é o senhor *Baudelaire*?...

– Ora, *maman*, tu te esqueces de que ando a frequentar as aulas no *Lycée des Arts*?... – responde *Sylvie*, rindo-se da observação que lhe faz a mãe. – Como bem podes perceber, estou a aproveitar muitíssimo bem as aulas de filosofia!...

– Vejo que estás mesmo!... – retruca a mãe, quase a não crer que tinha

diante de si uma mocinha de apenas catorze anos a discutir assuntos tão profundos.

– Dize-me, *maman*, – pergunta *Sylvie*, depois de alguns instantes de silêncio, durante os quais, percebeu que a mãe olhava-a de soslaio, com ares ainda altamente intrigantes, enquanto, certamente, refletia sobre as palavras que, ela, *Sylvie*, dissera-lhe –, quanto tempo pretendes permanecer na *Champagne*?...

– Pelo resto da vida!... – responde *Edith-Aurore*, sem pensar. Depois, vendo que dissera uma bobagem, corrige-se: – Quer dizer, até que venha o verão, e tenhas que retomar as tuas aulas no *Lycée*...

– Então não ficaremos muito tempo...

– É, a primavera já se vai a meio, e o verão na *champagne* não é lá grande coisa!... – observa, pensativa, *Edith-Aurore*. – Neste caso, preferirei os ares de Paris!... Sabes como é, pela época do calor, a cidade esvazia-se um pouco mais, quando muitas pessoas buscam o frescor das montanhas.

– Mas terei alguns dias de folga no alto verão, também!... – exclama a mocinha. – Por que não vamos à Riviera?... Adoraria tomar banhos de mar!...

– À Riviera?... – exclama *Edith-Aurore*, enchendo-se de ânimo. – Puxa!... Faz tanto tempo que não vamos à praia!... Acho que a última vez em que lá estivemos tu tinhas oito ou nove anos!...

– Sete...

– Sete?... E papai estava conosco, na ocasião!... Achava-se de licença do *front*!... Foi o verão mais delicioso que passei em toda a minha vida!... Lembras-te?...

– Se me lembro!... – exclama a mocinha, deixando-se contaminar pelas agradáveis lembranças da mãe. – Comemos ostras frescas!... Papai comeu tanto que até passou mal!...

– Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... – explode *Edith-Aurore* numa gargalhada. – E teve uma dor de barriga daquelas!...

– Pobre papai!... Nunca mais quis saber de ostras!...

– Bem-feito!... – continua *Edith-Aurore*, divertindo-se às pampas com aquelas lembranças. – Bem que eu o avisei de que ostras não são de brincadeira!... Mas, mostrou-se tão guloso!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

– E teve de pagar um terrível preço!... – observa a mocinha, também se rindo.

– Parece-me ainda vê-lo meio esverdeado e a suar frio com as terríveis

cólicas abdominais!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... E a apoderar-se do sanitário!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Ninguém mais podia usá-lo, pois o teu pai assenhoreou-se dele de vez!...

– Pobre papai!... – diz *Sylvie*. – Acho que lhe valeu a lição!...

– E como!... Depois de ter ficado três dias de molho, sem poder deixar o quarto do hotel!...

– Só que, desta vez, não o teremos conosco! – observa a mocinha, entristecendo-se.

– Sim!... – concorda a mãe. – E não será a mesma coisa!... Sem *ton papa* a fazer-nos rir, a todo instante, com as suas palhaçadas, não será a mesma coisa!... – e, depois de alguns instantes de profundo silêncio, prossegue: – Acho que nem tenho vontade de ir à Riviera sem ele...

– Nem eu, *maman*!... – diz a mocinha, com os olhos a encherem-se de lágrimas. – Nem eu!...

Um pesado silêncio abate-se entre as duas. Era a dor da saudade a judiar-lhes, enormemente, do coração. O trem corria célere, cortando as campinas e as planícies, rumo ao nordeste do país. Em algumas horas, estariam na região da *Champagne*, onde possuíam uma casa de campo, no limiar da Floresta de *Ardennes*, bem quase na fronteira com a Bélgica. Entretanto, o trem levá-las-ia somente até *Rheims*; depois, o resto da caminhada teria de ser feito em carruagem. Só deveriam chegar bem tarde, a altas horas da noite.

– Bem, passaremos o dia quase todo no trem!... – exclama *Edith-Aurore*. – Teremos tempo de sobra para tagarelar à vontade!...

*Sylvie* limita-se apenas a olhar para a mãe e a sorrir-lhe, meigamente. Como a amava!... A mãe e o pai sempre lhe haviam sido muito caros, apesar de ela, a mãe, é que sempre lhe estivera constantemente, ao lado. Do pai, guardava poucas e limitadas lembranças do passado. Ele vivia sempre ausente, na guerra. Vinha tão pouco a casa!... Lembra-o imponente, no seu uniforme azul-escuro; o quepe à cabeça, com as cores nacionais, e também as divisas douradas ao ombro da túnica; nas mangas, os galões brilhantes e, ao peito, as medalhas de ouro e de prata, por mérito e bravura em seu desempenho nos campos de batalha e os botões de latão polido da casaca sempre impecavelmente passada e sem apresentar o mínimo traço de vincos ou de amassados a estragar-lhe o talhe e o ajuste perfeitos ao corpo!... Como o pai era bonito e grande, guardado bem fundo, lá em sua memória de criança!...

– No que estás pensando?...

- Em papai...
- E o que pensavas do *papa*?... Posso saber ou é segredo?... – brinca *Edith-Aurore*.
- Oh, claro que podes saber, *maman*!... – responde ela, com um sorriso. – Lembrava-me de como *papa* era bonito e elegante em seu uniforme...
- Se era!... – exclama *Edith-Aurore*, orgulhosa. – Nem imaginas o quanto as sirigaitas do mundo inteiro andavam atrás dele!
- Deveras?... – observa a mocinha, altamente divertida. – Deu-te tanto trabalho, assim, o *papa*?...
- Se deu!... E dele eu não despregava os meus olhos por um só instante sequer!... Caso contrário, alguma dessas oferecidas que abundam por aí poderia surripiá-lo de mim, não achas?...
- Se dizes... Entretanto, nunca percebi que tinhas tanto ciúme assim do *papa*!... – observa *Sylvie*. – Soubeste ocultar isso muitíssimo bem, durante esse tempo todo!...
- Precaução, *ma chérie*!... Precaução!... Nunca se sabe o que vai pela cabeça de um homem!...
- Nem pela de uma mulher, *n'est-ce pas*?... – brinca a mocinha.
- Oh, és uma pândega, *ma petite*!... – exclama *Edith-Aurore*, rindo-se a pregas soltas. – És, de fato, uma bola!...
- Quando o trem chegou a *Rheims*, já passava das dezoito horas.
- Toca a tomar um carro!... – observa *Edith-Aurore*, mal disfarçando um teimoso bocejo. Era patente que, como os demais, estivesse bastante cansada pelas longas horas de viagem. E, voltando-se para o mordomo que, zozzo e sonolento, postava-se quieto, ao lado da montanha de bagagem que se depositava a um canto da extensa plataforma da estação ferroviária, ordena-lhe: – *Pierre*, avia-te a alugares uma carruagem!... E que seja grande ou não nos caberá com conforto!... Temos, ainda, longo trecho a percorrer!...
- Oh, *maman*!... – diz *Sylvie*, apoiando-se ao ombro da mãe. – Acho que deveríamos pernoitar na cidade!... Estamos todos tão exaustos!... E existe, ainda, o perigo dos caminhos!... Tu sabes quão temeroso é viajar à noite, pelo meio desses bosques sombrios!... Tenho tanto medo!...
- Oh, não tens fé em Deus?... – admoesta-a *Edith-Aurore*. – Nada nos sucederá, tenho certeza!... E, depois, estamos em região sossegada!... Ainda se estivéssemos em Paris!... Depois, nossa casa de campo não fica tão longe assim!... Apenas mais duas horas de carro e lá estaremos confortavelmente

instaladas!... Tu verás!...

Em pouco, os quatro achavam-se acomodados numa grande carruagem de aluguel que corria célere pelo estreito caminho que serpeava por entre os sombrios e intermináveis bosques de pinho negro. Ninguém falava nada, apenas cochilavam, vencidos pelo cansaço e embalados pelo sacolejar do carro que, tracionado por duas parelhas de possantes corcéis, velozmente vencia a distância, levando-os a seu destino.

Duas horas e meia depois, a carruagem estacionava diante da vetusta construção de pedras, na pequena propriedade campestre.

– Oh, chegamos!... – exclama *Sylvie*, despertando de ligeiro cochilo e espiando pela janela do carro.

– Finalmente!... – diz *Edith-Aurore*, também abrindo os olhos de sua modorra. – Agora, ao descanso!...

Extremamente cansados, mal tomaram ligeira refeição e se meteram todos na cama. A jornada naquele dia fora deveras estafante, e ninguém estava para conversas. Só cama e nada mais!...

Mal amanheceu, *Edith-Aurore* já se achava de pé. Na velha cozinha secular, o fogão de pedras fumegava.

– *Bonjour, madame!*... – exclama *Berthe*, a cozinheira, ao ver que a patroa surgia pela porta, toda alegre e refeita. – Dormistes bem?...

– Como um anjo, *Berthe!*... – responde, feliz. – Como um beatífico anjo!... – e, aproximando-se da janela, espia lá fora e prossegue, muitíssimo bem-humorada: – Oh, como isso tudo me faz bem!... O cheiro do campo, o frescor dos bosques, o ar da montanha!... Hum, que delícia!... Dá-me um apetite daqueles!... E o que andas a preparar para o desjejum?

– Pãezinhos de cinamomo, chá, leite, manteiga, queijo, bolinhos de mel, geléia de amoras...

– Oh que bom!... – exclama *Edith-Aurore*, sentando-se à grande mesa de carvalho da cozinha. – Tomarei *le petit déjeuner*<sup>66</sup> a sós; *Sylvie* ainda se acha a dormir, e não desejo despertá-la agora!... Sabes como ela gosta de levantar-se um pouquinho mais tarde!... – e, olhando em derredor, pergunta: – E *Pierre?*... Onde se meteu ele?...

– Despachei-o logo cedo à aldeia, em busca de provisões e de carne fresca!... – diz a cozinheira. – Penso em fazer cordeiro assado para a ceia.

Uma hora depois, *Sylvie* levantava-se. A mãe lia um livro na sala de estar.

– *Oh, bonjour, ma petite!*... – exclama *Edith-Aurore* à filha que descia as

escadas, passo a passo, ainda um pouquinho sonolenta. – Como foi?... Dormiste bem?...

– Sim, *maman* – responde ela, sem muito ânimo.

– Oh, percebo que estás um pouco desanimada, *ma chérie!*... – exclama a mãe, levantando-se e, indo-lhe ao encontro, abraça-se a ela, ternamente. – Não gostaste de vir à *Champagne?*...

– Não, não é isso, *maman!*... – responde ela, deixando-se sentar, pesadamente, num grande divã de couro. – É que sonhei com *François*...

– Oh, e sonhar com o teu amor deixou-te assim, tão acabrunhada?... – observa *Edith-Aurore*. – Não devias, ao contrário, estar feliz?...

– *Non, maman...* – responde a mocinha, cheia de tristeza e a apoiar a cabeça em ambas as mãos. – No sonho, *François* chorava e gritava por mim, como um possesso!... E eu o ouvia, claramente, mas me achava perdida dele, como se estivéssemos separados por uma barreira invisível!... Eu o via e ouvia; podia até tocá-lo; ele, entretanto, não me via nem me ouvia!... Então, nós nos tomávamos por intenso desespero, pois não mais nos achávamos um ao outro!... Perdíamos-nos, como num indevassável labirinto, a nos procurar mutuamente!... Oh, *maman*, foi horrível!... – diz ela, abraçando-se à mãe que se lhe sentara ao lado, no divã de couro.

– Oh, que bobagem, *ma petite!*... – exclama *Edith-Aurore*, afagando-lhe, ternamente, os longos cabelos cor de mel. – Tudo não passou de um sonho mau, de um pesadelo!... Vamos, desanuvia esse semblante!... Esquece-o!... Sonhos não passam de sonhos!... Olha, *Berthe* preparou aqueles deliciosos biscoitos de canela de que tu tanto gostas!... Eu já os provei e estão, simplesmente, divinos!... Vamos, vai tomar o teu desjejum!... Olha, que vou contigo!... Vem!... – e, tomando-a pela mão, puxa-a, delicadamente.

Pouco depois e, após ligeiro desjejum, saíam as duas a passear pelo campo que, na plenitude da primavera, adornava-se todo com a imensa variedade de cores das florezinhas silvestres, a exibirem seus formosos buquês a ondular em ao sabor da fresca brisa matinal. E, apesar da fascinante paisagem dos campos da *Champagne-Ardennes*, *Edith-Aurore*, olhando, amiúde, de soslaio, para o rosto da filha, que lhe caminhava ao lado, percebia-a triste, muito triste. “*Mon Dieu!*...”, pensa ela. “*Por que será que aquele estranho sonho terá perturbado tanto a minha menina, a ponto de deixá-la, assim, tão abatida?*...”. E ligeiro estremecimento percorre-lhe o corpo de alto a baixo. Quisesse Deus que nada de mal acontecesse à sua menina. Certamente, não

sobreviveria, se a perdesse. Amava-a tanto que não lhe sobreviveria, se tal coisa acontecesse!... Não, mesmo!...

---

58. Referência à Revolução Francesa, de 1789.

59. Características principais da pintura romântica: a aproximação com as formas barrocas; a composição em diagonal, sugerindo instabilidade e dinamismo ao observador; a valorização das cores e do claro-escuro e a dramaticidade. Temas românticos: fatos reais da história nacional e contemporânea da vida dos artistas; a Natureza, revelando um dinamismo equivalente às emoções humanas e, ainda, a Mitologia Grega.

60. A pintura desse período foi inspirada, principalmente, na escultura clássica grega e na Renascença italiana, sobretudo em *Rafael*, mestre inegável do equilíbrio da composição. As características dessa escola primavam pelo formalismo na composição, refletindo o racionalismo dominante, além da exatidão nos contornos e a harmonia do colorido.

61. “– Obrigado!...” (...) “– Boa-noite!...””, em francês.

62. “– Depressa!... Depressa!...” (...) “– O trem partirá a qualquer momento!...””, em francês.

63. No século XIX, Paris sofreu com duas grandes epidemias de cólera, uma em 1832 e outra em 1849.

64. *Charles-Pierre Baudelaire* (Paris, 9 de Abril de 1821 - Paris, 31 de Agosto de 1867) foi um poeta e teórico da arte, francês.

65. “A velha Paris já não possui mais (a forma de uma cidade – muda mais rápido, oh, que o coração de um mortal).”, em francês, citação de *Baudelaire* em sua expressiva obra “As Flores do Mal” e, para corroborar o acima citado, transcreve-se mais o seguinte trecho do referido livro: “Antes mesmo que a fisionomia do novo estivesse configurada, o velho desmorona por toda parte. O século XIX foi estigmatizado pela persistente ambiguidade de as coisas e modos ainda não serem o que se presumia viriam a ser enquanto já haviam deixado de ser o que até então houveram sido.” Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985, p. 326.

66. o *desjejum*, em francês.

## Capítulo 7. Uma tragédia acontece

Fazia, já, alguns dias que *Sylvie* e a mãe encontravam-se na casa de campo da *Champagne*. Haviam ambas se habituado, novamente, à vida simples e tranquila do campo e passavam a maior parte do tempo, mormente nas manhãs ensolaradas, a pintarem a estonteante paisagem que ondulava a perder-se longe, toda matizada das ululantes cores da primavera. Às tardes, liam ou, simplesmente, conversavam; às vezes, iam em passeio à pequena aldeia ou, ainda, em companhia de *Pierre* e de *Berthe*, faziam convescotes à sombra dos bosques ou se aventuravam a ir mais longe, a descobrirem novos e pitorescos lugares. Os dias sucediam-se, assim, num desfilar de paz e de tranquilidade, sem que algo diferente viesse tirá-los do seguro recolhimento que encontravam naquelas paragens sossegadíssimas e de beleza ímpar, ao sopé das montanhas.

Entretanto, em certo anoitecer de fim de primavera, quando os calores do verão já se anunciavam, *Sylvie*, de repente, sentiu-se tomar por estranho e inusitado mal-estar.

– Tu estás queimando em febre, *ma petite!*... – exclama *Edith-Aurore*, preocupadíssima, ao perceber que a filha tremia-se toda de frio, mesmo estando o calor a causar incômodo a todos. – Será que te resfriaste?

– Não sei, *maman!*... – responde a moça, a tiritar de frio. – Dói-me o corpo todo!...

– Certamente haverá de ser um resfriado!... – diz a mãe, enchendo-se de cuidados. – Vou-me à cozinha, a ordenar a *Berthe* que te prepare um chá e um escalda-pés!... E tu, já para o quarto!... Toca a te deitares!...

– Ah, *maman!*... – protesta a mocinha. – Lá vens tu com as preocupações desnecessárias!... Apenas o chá!... Não o pedilúvio!... Não se faz necessário!...

– Não discutas, *Sylvie!*... Os resfriados devem ser tratados corretamente desde o princípio!... Se os médicos recomendam o resguardo ao leito, a ingestão de muito líquido e de uma série de pedilúvios, assim faremos!... Além do mais, some-se o fato de que não estamos em Paris e, conseqüentemente, não teremos o socorro do doutor *Eustaque Durraine!*... Se piorares, nem quero pensar!... Que temos nestes ermos?... Ninguém, além do socorro mais próximo, em *Rheims*, a duas horas de carro daqui!...

– Sossega, *maman!*... – observa a mocinha, tentando tranquilizar à mãe, que

já se deixava tomar por excessiva preocupação. – Tu verás: isso não passa de simples resfriado!... Certamente terei apanhado algum golpe de ar mais frio!... Nada mais, além disso!...

– Oh, será mesmo, *ma petite*?... – exclama a mãe, tomando-lhe a temperatura à testa com o dorso da mão. E prossegue, aflita: – Não!... Tenho a certeza de que a febre aumenta!... Oh, Deus do céu!... – e sai, espavorida, a chamar pela criada em altos brados: – *Berthe!*... *Berthe!*...

Pouco depois, *Edith-Aurore* retornava, acompanhada da não menos intranquila *Berthe*, que trazia, em pequena bandeja, uma chávena fumegante.

– *Par Dieu, mademoiselle!*...<sup>67</sup> – exclama a criada, enchendo-se, também, de alta preocupação. – Estás tão corada!... – e, voltando-se para a patroa: – Tendes razão, senhora!... Estais certíssima em despachar *Pierre* a *Rheims*, em busca de socorro médico!... Nunca se sabe!... Até que chegue o doutor, já se terão passado mais de cinco ou seis horas!... E, além do mais, quando me achava a preparar o chá, pude notar, através da janela da cozinha, que se formavam grossas nuvens de chuva pelos lados das montanhas!... Possivelmente, irá desabar uma tempestade de verão, em breve!...

– Mais essa!... – exclama *Edith-Aurore*, extremamente contrariada e, encaminhando-se para a janela, afasta as cortinas e perscruta, com olhos altamente preocupados, o horizonte que se abria a perder-se distante. – Tens razão, *Berthe*, pois o céu escurece-se rapidamente!... em pouco, desabará um temporal!... Melhor despachar *Pierre*, já, sem mais delongas!... E que vá a cavalo!...

Pouco depois, o jovem mordomo cavalgava, a rédeas soltas, garboso corcel, através da estradinha sinuosa, a cortar a escuridão dos bosques de *Ardennes*.

– *Oh, mon amour!*... – murmura o jovem, com o peito oprimido pela alta preocupação. E lhe vem à mente as feições grandemente avermelhadas de *Sylvie*; os olhos brilhantes; o suor abundante a ensopar-lhe as vestes... Vira-a, por alguns instantes, através da porta do quarto, quando a patroa chamara-o e lhe ordenara ir em busca do médico em *Rheims*. Tinha certeza: a febre cozinhava, impiedosamente, o seu amor!... Poderia ser um simples resfriado; entretanto, e se fosse algo pior?... Havia tantas doenças graves por todo o lado, matando gente de todas as idades, a torto e a direito!... No ano anterior, acaso, não ocorrera terrível epidemia de cólera?<sup>68</sup> ... Tanta gente conhecida havia morrido!... Mas, não havia somente a cólera, não!... E o sarampo, a varíola, a peste, a gripe?... Eram tantas as doenças a atacarem as criaturas e as

matando impiedosamente!... Na verdade, ninguém estava a salvo!... Sob tais pensamentos, um calafrio percorre-lhe o corpo, e ele diz baixinho: – Oh, tu não morrerás!... Tu não morrerás!... Prometo-te trazer o médico bem depressa, custe o que custar!... Tu verás!... Não há de ser nada!...

*Pierre* olha, apreensivo, para a nesga de céu que se abria no alto do estreito caminho e notou que pesadas nuvens escuras passavam céleres. Um laivo de preocupação perpassa-lhe pelos olhos negros. Se desabasse um temporal, as coisas tornar-se-iam ainda piores. O caminho encharcar-se-ia, as patas do cavalo prender-se-iam na lama e lhe seria impossível galopar, sem o risco de ser arremessado ao chão, podendo, assim, também ele se vitimar na queda!... Ao simples pensamento dessa hipótese, intenso calafrio sacode-o. “*Oh, meu Deus!...*”, reza ele, em pensamento. “*Não permitais, senhor, que tal desgraça aconteça!... Se o pior advier a ela, também eu morrerei de dor!...*”.

Neste comenos, porém, grossos pingos de chuva principiam a cair. Relâmpagos e trovões ribombam em grande ferocidade, somados ao vento forte que começava a soprar impetuoso, fazendo as árvores do imenso e interminável bosque ondular como as vagas dum oceano encapelado por violenta tempestade!... Tremenda chuvarada desaba, então, sobre o pobre cavaleiro, impedindo-o de manter a marcha acelerada. Malgrado a capa de pelo que trazia aos ombros e o chapéu de abas largas, o rapaz sentiu-se, instantaneamente, encharcar pela inclemente catadupa que caía do céu!... Precisou reduzir, drasticamente, a andadura do cavalo.

– Deus do céu!... E agora?... – murmura ele, baixinho, com a água a escorrer-lhe, abundante, pela face e a formar uma bica que se lhe projetava, pateticamente, pela ponta do queixo abaixo. – Nesta marcha, só deverei chegar a *Rheims* pela manhã!...

E, mesmo com extrema dificuldade e com as patas do animal já a se afundarem na lama do caminho que se encharcava rapidamente, *Pierre* não desanimava. Apesar daquele dificultoso caminhar, prosseguia incansável. A água da chuva batia-lhe, severamente, à face, fazendo-o, amiúde, premer forte os olhos, para não feri-los sob o impacto dos grossos pingos que caíam, sem parar, por um só instante; era-lhe até difícil respirar, pois a água invadia-lhe, também, as narinas, sufocando-o!... Parar?... Jamais!... Preferiria morrer a ter de parar sob um daqueles imponentes pinheiros negros e aguardar que a chuva passasse!... Entretanto, e se não ela não passasse?... Os temporais, nas montanhas, costumavam duras horas!...

De repente, *Pierre* sentiu medo. E se não conseguisse chegar a tempo?... E se *Sylvie* morresse antes?... À simples hipótese de não mais a ver viva, de não mais lhe ouvir a voz suave e delicada e o riso sempre lindo e cristalino apavorava-o!... Oh, certamente Deus não permitiria que fosse algo grave!... Ela era ainda tão jovem, tão bonita!... Não, gente linda como *Sylvie* não deveria morrer jovem, jamais!... Seria um sacrilégio!...

No alto do céu, entretanto, a chuva não dava mostras de amainar-se; pelo contrário, a impetuosidade do vento e da chuva parecia recrudescer, a fustigar, ainda mais, o pobre cavaleiro que, a duríssimas penas, tentava vencer o furor dos elementos!... As horas passavam, o tempo corria e a distância custava a encurtar-se.

– Deus do céu!... – murmura o rapaz, às raias do desespero, ao sondar com os olhos embotados de água e, mesmo no meio do negrume daquela noite horrível, a posição em que se achava, no caminhozinho que percorria. – estou, ainda, tão longe de *Rheims*!... Parece-me não sair do lugar!...

De fato, poucos quilômetros havia ele percorrido, desde que deixara a casa. A tempestade tolhia-lhe, enormemente, a velocidade; as patas do cavalo prendiam-se no barro, e o animal já dava mostras de fadiga. A noite avançava, e a tempestade não apresentava sinais de aplacar-se. Por fim e, como nada neste mundo mostra-se eterno, nem mesmo aquela terrível tempestade durou para sempre. Quando a madrugada já ia alta, os ventos diminuíram de intensidade, e a chuva abrandou-se, resumindo-se a chuvisqueiro, porém contínuo, mas que suavizava bastante a situação do pobre cavaleiro que se achava extenuado e encharcado até à alma!... Melhorara o tempo, e melhorara, conseqüentemente, um pouco mais a condição da marcha e, por volta das três da madrugada, os cascos do cavalo de *Pierre*, finalmente, arrancavam cadenciado ruído das pedras do calçamento das ruas de *Rheims*...

\*\*\*\*\*

Enquanto *Pierre* pelejava freneticamente contra a tempestade, para chegar o mais rápido possível a *Rheims*, *Edith-Aurore* e a fiel *Berthe* lutavam com as armas que tinham à mão para tentarem debelar a febre que, inclemente, cozinhava a pobre *Sylvie*.

– Oh, senhora! – exclama, aflita, a criada. – A febre não a quer deixar!... Mesmo com o fortíssimo chá de cinamomo e de sementes de mostarda trituradas, conseguimos fazer a febre de nossa menina ceder um pouquinho

sequer!...

– Sim, *Berthe!*... – concorda a mãe, tomando-se de desespero extremo, enquanto que, com um pano de linho umedecido, tentava refrescar um pouquinho as têmporas da filha. a mocinha já principiava a delirar, sob o terrível efeito da alta temperatura corporal que a acometia, fazia, já, algumas horas. – Tudo tentamos, para baixa-lhe a febre, sem logarmos êxito algum; agora, entretanto, resta-nos rezar e suplicar a Deus e a Jesus que nos deem o amparo e a proteção!...

– E esta chuva que não passa nunca!... – exclama, agoniada, a criada, olhando para a janela, através da qual se percebiam os intensos clarões dos relâmpagos. – E *Pierre*, como se estará saindo sob a tempestade?...

– *Pierre* é um rapaz forte e corajoso!... – exclama *Edith-Aurore*. – Sei que depende desvelado carinho por *Sylvie* e tudo fará para chegar à cidade o mais rapidamente possível, a trazer-nos um médico!...

– Que Deus vos ouça, *madame!*... – exclama a criada. – E, se não vos importais, vou até o meu quarto, a acender uma vela para *Sainte-Catherine!*... Voltarei em seguida!...

– Vá, *Berthe!*... Vá e suplique a *Sainte-Catherine* por nossa menina!... Começo, já, a temer por sua vida!... – diz *Edith-Aurore*, com a voz embargada pelo pranto, e uma série de soluços acomete-a.

– *Oh, madame, il ne faut pas de désespérer!*...<sup>69</sup> – exclama a criada, condoendo-se da dor da outra. – Deus haverá de ouvir as nossas súplicas!... Vereis que, em seguida, a nossa menina principiará a melhorar-se!... Tende fé!...

– *Oh, berthe!*... *Berthe!*... – exclama *Edith-Aurore*, cheia de desespero, abraçando-se à fiel criada. – Peço a ti que ores, porque eu... – e se sente sufocar pelo pranto e pelos soluços – eu... me acho às raias do desespero!... Se *Sylvie* se for, irei em seguida!... Não suportarei tamanha provação!...

– *Oh, não penseis em tais coisas agora, madame!*... – admoesta-a a criada. – É hora de termos fé em Deus!... Lembrai-vos de Jesus, o sublime médico, o curador de todas as dores, o Consolador dos Aflitos!... ajoelhemo-nos, aqui mesmo, senhora, e rezemos, nós duas, o terço!... Vinde!...

Em seu leito, *Sylvie* gemia e se contorcia toda, premida pelos estupores da febre. As duas mulheres ajoelham-se, então, ao lado da cama da enferma e se persignam, altamente pesarosas e premidas pela dor extrema.

– *Oh, amado Jesus!*... – exclama *Berthe*, com a voz trêmula pela forte

emoção. – Sede misericordioso, Senhor, para com a nossa menina!... – e, apertando com os dedos as contas do rosário, repete as palavras da oração ensinada pelo insigne Mestre Nazareno:

*Notre Père qui êtes aux cieux,  
que votre nom soit sanctifié...* <sup>70</sup>

E, tomadas pela fé, as duas mulheres rezam o terço todo, na expectativa de que Deus ouvisse-lhes as sentidas orações. Entretanto, nada se sabe acerca dos desígnios do Criador!... As horas passavam, a tempestade principiava a amainar-se, e *Sylvie* não apresentava melhoras. Pelo contrário, apenas abria os olhos tremendamente vermelhos pelo escaldar da febre, a solicitar goles e mais goles de água, pois a sede inclemente atormentava-a enormemente.

– Oh, *ma petite!*... – exclama *Edith-Aurore* a umedecer-lhe os lábios com uma taça de água. – Que tens tu, meu bem?... Que mal será esse que anda a acometer-te?... Parece-me tão estranho!... É diferente dos resfriados que já tiveste!...

– Oh, *maman!*... – balbucia a moça, com dificuldade. Era-lhe tremendamente custoso até mesmo articular as palavras, tamanho era o tremor a sacudi-la, sem tréguas. – Não sei o que tenho!... O corpo parece-me estourar em chamas!... Sinto-me cozer viva!...

– Oh, céus!... – exclama a mulher, deixando-se tomar ainda mais pelo desespero. – E *Pierre* que não retorna com o médico!...

– paciência e fé em Deus, senhora!... – exclama a criada. – *Pierre* haverá de estar por chegar!... Já faz tanto tempo que se foi!...

– as horas, *Berthe!*... – pede *Edith-Aurore*. – Vê as horas!...

– Já passa das seis, senhora!... Faz mais de dez horas que *Pierre* se foi!...

Neste comenos, ouvem-se alguns relinchos de animais.

– *Pierre* retorna!... – grita *Edith-Aurore*, animando-se e se tomando de alta ansiedade.

Em seguida, ambas atropelam-se a correr até a janela.

– Tendes razão, *madame!*... – observa a criada, firmando a vista no meio da leve penumbra que ainda invadia a manhã. – *Pierre* e o médico chegam.

– Vai, corre a abrir-lhes a porta, *Berthe!*... Fico com *Sylvie!*... Traze o médico cá, sem demoras!...

Pouco depois, a porta do quarto abre-se, e a criada estava de volta. Um jovem e distinto senhor seguia-a, carregando pequena valise de couro preto à mão.

– *madame!*... – diz o médico. e, fazendo ligeira reverência diante de *Edith-Aurore*, apresenta-se: – *Jean-Luc Versonier*, médico e cirurgião, a vosso dispor!

– *Oh, M'sieur le docteur!*...<sup>71</sup> – exclama *Edith-Aurore*, a torcer as mãos de intensa aflição. E, voltando-se para o leito, aponta-lhe *Sylvie*: – É minha filhinha!... Acha-se a arder em febre, desde o entardecer de ontem!...

O médico aproxima-se do leito e, atentamente, toma o pulso de *Sylvie*; depois, com o dorso da mão, sente-lhe a temperatura à testa; em seguida, afasta-lhe as cobertas e, abrindo a maleta de couro preto, dela retira primitivo estetoscópio de madeira e, apondo-o ao peito da mocinha, ausculta-lhe, demorada e meticulosamente, as batidas cardíacas. A seguir, guarda o instrumento de volta na maleta e, puxando a pálpebra de um dos olhos da enferma, estuda-lhe, minudentemente, a esclerótica, a pupila... Em seguida, volta a tomar-lhe a temperatura com o dorso das mãos; novamente, sente-lhe, com a ponta dos dedos ao pulso, os batimentos cardíacos; a seguir, firma a vista e lhe corre, meticulosamente, os olhos pela tez avermelhada, pelo colo e pela pele do braço, e franze o cenho, em demonstração de alta preocupação. Depois, volta-se para *Edith-Aurore* e a fixa com olhos firmes.

– E então, doutor?... – pergunta a mãe, cheia de expectativa.

– Podemos conversar a sós, *madame?*... – diz o médico.

– Oh, claro!... – fala ela, nervosa. – A sala de estar... *S'il vous plaît!*...<sup>72</sup>

– Digo-vos, *madame* – principia o médico, pouco depois, a sós com *Edith-Aurore*, sentados no amplo divã de couro da sala de estar –, o que vossa filha tem é grave!... E, saliento: poderá ser gravíssimo, se minhas suspeitas confirmarem-se!... Respondei-me, senhora, por favor, a estas questões, apenas para a comprovação do provável diagnóstico: o início foi abrupto, com mal-estar, febre, rigidez, vômitos, cefaléia e dor nas costas?...

– Sim... – responde a mulher, com ligeiro titubear. – Penso serem exatamente esses os sintomas apresentados por minha filha...

– E, ainda – prossegue o médico –, notei-lhe, também, a manifestação de intensa vermelhidão, quero dizer, já se evidenciam lesões cutâneas abundantes, na face e extremidades, com distribuição centrífuga...

– pensais isso ser o quê, *M'sieur le docteur?*... – pergunta ela, com a voz trêmula.

O médico olha-a com olhos seríssimos e graves. O que lhe ia dizer certamente acabaria com ela, instantaneamente.

– Temo que a vossa filha tenha contraído varíola,<sup>73</sup> *madame*... – diz ele, agora, baixando os olhos.

O doutor *Jean-luc Versonier* não teve coragem de continuar a olhá-la nos olhos. Precisou dar-lhe a facada cruel, mas o que fazer?... Tinha quase a absoluta certeza de que aquela mocinha estava, inexoravelmente, condenada à morte!...

*Edith-Aurore*, a princípio, nada disse. Seus olhos permaneceram parados e inexpressivos, fixando o nada. Será que ouvira bem o que dissera o médico?...

– Disseste que *Sylvie* tem o quê, *M’sieur le docteur*?... – pergunta ela, com a voz trêmula e extremamente fraca, quase um choro.

– Infelizmente, penso que a vossa filha acha-se acometida de varíola, *madame*... – repete o médico, apertando-lhe forte a mão.

– Não!... *Sylvie* não poderá nunca apanhar varíola!... estais enganado, doutor!... – exclama ela e, bruscamente, retira a mão que o médico, gentilmente, segurava entre as suas. em seguida, levanta-se, ligeira, e se põe a caminhar, em círculos, extremamente exaltada. – Minha menina não poderá jamais ter apanhado tal doença!... Não!... Certamente, estais enganado!... Vai ver que é apenas ligeiro mal-estar!... Sabeis muito bem como é isso: somos de Paris, e a mudança abrupta de ares tê-la-á afetado!... Ela é muito frágil!... O senhor não sabia!... Tenho a certeza absoluta!... É apenas um resfriado!... – e, abrindo um sorriso nervoso, a demonstrar laivos de insanidade, prossegue: – Não!... Imaginai bem que tolice dissestes!... Varíola, não!... Que absurdo!...

O doutor *Jean-Luc Versonier* olha-a, altamente penalizado. “*Pobre mulher!*...”, pensa ele. “*Mal sabe que a filha corre alto risco de não sobreviver... poucos sobrevivem a essa terrível doença!... e, no estágio em que se encontra, certamente, ser-lhe-á fatal; apenas questão de mais algumas horas... Demorou-se-lhe muito o socorro médico...*”

– Devereis estar preparada, *madame*!... – insiste ele. – Acaso não viajastes de trem?... Sabeis como é, os trens transportam todo o tipo de pessoas... E sempre existem epidemias de varíola em algum lugar!... Eu, particularmente, acho que essa doença como algumas outras são altamente contagiosas e deveis todos permanecer atentos ou também acabarão contaminados!... Existem alguns tratamentos que se fazem para a varíola, mas apenas em situações de prevenção, como o que se costuma praticar em grandes hospitais, inoculando-se sob a pele, minúsculas partículas do pó das crostas

secas das pústulas de doentes que sobreviveram ao mal; entretanto, isso não é tão confiável assim, pois a doença recrudesce, reaparecendo sempre mais virulenta que antes!... Acho que o caminho para a cura não é esse!...

– Que estais dizendo?!... – exclama a mulher, às raias da fúria, olhando-o, firmemente, nos olhos. – Que devemos relegar nossa menina à própria sorte?... Que deverá morrer à míngua, sem nenhum tratamento, e sem os meus cuidados, se é que ela contraiu, mesmo, essa doença horrorosa?... Oh, doutor, perdoai-me, mas não penso que as doenças transmitem-se assim, não!... O que dizeis são suposições!... Nada se provou ainda!...

– Fazemos experiências, *madame*!... – observa o médico. – E já se sabe muita coisa acerca dessa e de outras doenças epidêmicas!...<sup>74</sup> A transmissão, possivelmente, dá-se de pessoa a pessoa, pelo contato!...

– E o que faremos, então?... Para transportá-la a Paris, não haverá tempo, presumo.

– Morreria pelos caminhos, senhora... – diz o médico, baixando os olhos.

– E o que sugeris?... – pergunta, altamente aflita, *Edith-Aurore*. – o tempo corre e, certamente, minha filha já se acha grandemente comprometida com o mal!...

– Infelizmente, conforme pude constatar, assim é, *madame*!... – concorda o médico. – Se ainda houvesse recebido assistência médica desde o início, talvez tivéssemos tido a chance de ter mais algumas armas a nosso favor!... Entretanto, perdemos precioso tempo, e a doença instalou-se, tremendamente voraz!... A febre cozinha-a, inclemente, e as pústulas já principiam a eclodir. Entretanto, enquanto houver vida, haverá chance!... – diz o médico, animando-se. E, levantando-se, prossegue: – Vamos arriscar!... É para isso que aqui estou!... preciso, entretanto, que se providencie, urgentemente, água quente para as tisanas e para as cataplasmas...

– *Berthe*!... *Berthe*!... – ouve-se a voz da aflita *Edith-Aurore* a chamar pela criada.

Em pouco, o médico passava a medicar, meticulosa e pacientemente, a enferma. A mãe e a criada postavam-se ao lado do leito, sempre atentas a atenderem à mínima solicitação do facultativo.

Ao pé da escada de pedras, *Pierre* mantinha-se atento. Seu coração estava apertado; a garganta achava-se entupida por um nó do tamanho do mundo. Profundos suspiros de intenso pesar ouviam-se, amiúde, a brotarem-lhe do fundo do peito. No íntimo, o jovem mordomo culpava-se. Escondido atrás do

vão da escada, ouvira o colóquio da patroa com o médico. Não que lhe fosse do hábito ouvir a conversa dos patrões, mas àquela situação, em que a vida do seu amor achava-se em jogo, sentia-se tão desesperado que precisou ouvir o que dizia o médico. E se sentira estarrecer ao escutar o tenebroso diagnóstico: varíola!... Deus do céu!... E se ela morresse?... Varíola era uma doença gravíssima!... havia gente que sobrevivia a ela; entretanto, tantos morriam!... E se *Sylvie* não a suportasse?... Além do mais, se escapasse, aquela maldita doença deixava a sua marca funesta para sempre, a espalhar-se pelo corpo todo da pessoa!... Que seria do lindo rosto dela, grotescamente desfigurado pelas horríveis cicatrizes das pústulas?... Oh, não queria nem pensar!...

As horas avançavam, e o médico lutava com as armas que possuía contra o terrível mal que, inclemente, devorava as resistências da pobre *Sylvie*. Banhada em suor e a contorcer-se toda pelos altos ardores da febre severa, a mocinha delirava.

– *François!... François !...* – murmurava ela, entre os estertores da febre cruel. – *Où c'est toi, mon amour?... Le sordide diable, a monter son écoeurant dragon, poursuit moi!...*<sup>75</sup>

– Oh, doutor !... – exclama, altamente desesperada, *Edith-Aurore*. – As horas passam, e nada de melhoras!... Vede!... As manchas vermelhas despontam-lhe pelo corpo todo!...

– *mais c'est de la variole!...* – exclama, estarecida, a velha criada que, somente a partir daquele momento, dava-se conta da gravidade da doença de *Sylvie*. E, tomando-se de extremo desespero, levanta as mãos ao alto, e grita: – *Oh, mon Dieu!... Oh, Sainte-Vierge!... Oh, Jésus bien-aimé!...*<sup>76</sup>

– Sim, *Berthe!* – exclama *Edith-Aurore*. – Nossa menina acha-se com varíola. E, tomando-se, também, de alto desespero, abraça-se à criada, que também já se achava em prantos: – E entendo, agora, que só Deus poderá salvá-la!...

– Rezemos, então, senhora!... – diz a velha criada, ajoelhando-se e, persignando-se, apanha o surrado rosário do bolso do seu avental e passa a desfiá-lo com os dedos trêmulos.

*Edith-Aurore* deixa-se, também, cair de joelhos, com os olhos cheios de pranto. E, com a voz embargada de dor, acompanha a fiel criada em sua consternada oração.

As horas avançaram, chegou a tarde; também a noite veio. E, durante esse

tempo todo, o médico não arredou pé de junto do leito da enferma, a prestar-lhe assistência e a ministrar-lhe a medicação conhecida à época; entretanto, ao avançar da noite, o estado de *Sylvie* piorou.

– nada mais tenho a fazer, *madame!*... – exclama o médico, deixando-se abater, totalmente exausto pelas longas horas de tensão e de apreensão, durante as quais tentou, por todos os caminhos que lhe eram conhecidos, debelar o mal que roubava a vida à delicada donzela de olhos cor de mel... – Sinto muito, mas, sinceramente, nada mais tenho a fazer por vossa filha!...

*Edith-Aurore* olha-o transida de terror.

– Não!... – grita ela, caindo de joelhos diante do jovem médico e, tomando-lhe as mãos, suplica-lhe, banhada em lágrimas: – *Par Dieu, non!... Je vous demande, s'il vous plaît, ne quittez pas!*...<sup>77</sup>

– Oh, *madame!*... – retruca o médico. – Já fiz o que podia e nada me custaria ficar; entretanto, acho-me extenuado, faminto e preciso, urgentemente, descansar!... Há mais de dez horas ininterruptas que estou a medicar a vossa filha!...

– Oh, senhor doutor!... – exclama *Edith-Aurore*. – Suplico-vos, como mãe!... Ficai, por favor!... Ofereço-vos um leito para descansardes, enquanto *Berthe* prepara-vos, rapidamente, um jantar!... Por favor, senhor doutor!... Peço-vos!... As coisas poderão mudar!... Tenho fé em Deus!... Por favor!...

– Está bem, *madame!*... – responde o médico, depois de cogitar por instantes. – E além do mais, já se faz noite fechada e seria temeroso sair pelos caminhos em tão avançadas horas!... Está bem!... Permanecerei em vossa casa; entretanto, afirmo-vos: vossa filha, dificilmente, verá o raiar de um novo dia!... Não vos deixo ilusões!... Melhor preparar-vos para o pior!...

*Berthe* conduz o médico a um dos quartos vagos e, em seguida, desce à cozinha a cozer-lhe um jantar. Certamente, ele seria o único a conseguir engolir algum alimento naquela casa.

*Edith-Aurore* aproxima-se do leito da filha e, chorosa, toma-lhe a mão.

– Oh, *ma petite!*... – diz ela, com os olhos transidos de dor, diante do intenso sofrimento da filha adorada. – Se tu me deixares, o que será de mim?... *Et ton papa?*... Meu Deus, ele não suportará perder-te!... Oh, Deus do céu!... – prossegue ela, tomada de extremo desespero. – Salvai a minha menina, Senhor!... *Oh, Dieu, sauvez ma petite poupée!*...<sup>78</sup>

Percebendo que lhe apertavam fortemente a mão, *Sylvie*, no meio do tremendo torpor que a acometia, abre os olhos.

— *Ma... man...* — balbucia ela. — *Je... meurs...*<sup>79</sup>

— Não!... Tu não vais morrer!... — grita, desesperada, *Edith-Aurore*. — Eu não vou deixar que isso aconteça!... Não, por Deus, não!...

— Sim..., *ma... man...* — prossegue a jovem, com extrema dificuldade. Os olhos lacrimejavam-lhe tanto; tanto continham lágrimas provindas do ardor da febre, quanto da dor de perceber que se ia deste mundo, ainda tão jovem, ainda tão cheia de ilusões ao coração... E o seu amor?... Como se sentiria o seu amor ao sabê-la morta?... O rosto de *François-Armand*, então, desenha-se-lhe lindo, à tela mental, e ela sorri, no meio de toda aquela dor. — *François, ma... man...* Dize-lhe... que pensei nele...

— Oh, direi!... direi, *ma petite!*... — exclama a mulher, cobrindo de inúmeros beijos as afogueadas faces da filha. — Mas, que estou eu a dizer-te?... Tu mesma dir-lhe-ás!... Que tolices andamos nós duas a dizer!... Tu não vais morrer!... Tu não vais morrer!... — entretanto, neste comenos, a jovenzinha revira os olhos, a sumir-se. — Não!... *Sylvie!*... *Sylvie!*... — sacode-a, violentamente, a mãe e grita: — *Berthe!*... *Pierre!*... O doutor!... Depressa!...

A jovem abre os olhos, novamente, e fita a mãe, demoradamente. Já não mais chorava; apenas profunda tristeza inundava-lhe o semblante. Depois, devagar, tremeluziu e se apagou, de vez, como uma chama ao vento, o brilho daquele lindo olhar!...

Quando *Pierre* e *Berthe* adentraram o quarto, seguidos do sonolento médico, *Edith-Aurore* achava-se sem sentidos, abraçada ao cadáver da filha...

\*\*\*\*\*

Três dias depois, na movimentadíssima gare de Paris, um trem chegava dos lados no Nordeste do país; no compartimento de cargas, vinha o esquife de uma jovenzinha que morrera de varíola, numa distante casa de campo na *Champagne-Ardenne*s.

— Cuidarei, pessoalmente, da liberação da bagagem e do esquife de *Sylvie*, *Edith!* — exclama o general *du Servey*, abraçando-se, condolentemente, à pobre mãe. — Assim que me telegrafaste, comuniquéi aos amigos que já se acham à espera para o velório da tua pobre menina!...

— Oh, que desgraça!... Que desgraça!... — exclama *Constance*, a esposa do general, também se abraçando à pobre *Edith-Aurore* que se desmanchava em lágrimas. — Como pôde isso acontecer à tua pequena?...

— Oh, foi tudo tão de repente, *Constance!*... — responde a outra, a soluçar. — Chamei-lhe um médico, em *Rheims*, mas nada ele conseguiu fazer!... A

minha bonequinha foi-se, a meio de terrível sofrimento!...

– Essa doença costuma ser assim mesmo!... – exclama a outra. – Se não mata, deixa aquelas horrorosas marcas para sempre!...

– O exército cuidou de avisar ao vosso esposo, *Edith!*... – diz o general. – Entretanto, como podes supor, impossível que ele chegue a tempo para o velório. É longa a distância a percorrer.

– Oh, sei que não chegará a tempo!... – diz a mulher. – Não terá a oportunidade de vê-la pela última vez!...

– Agora, entretanto, será melhor que te adiantes à tua casa – observa o general. – *Constance* far-te-á companhia!... a liberação do esquife poderá demorar-se. Acho que sabes como é a burocracia neste país!...

– Agradeço-vos, imensamente, general, por vossa prestimosa ajuda!... – exclama *Edith-Aurore*.

Em seguida, as duas mulheres tomam um coche de aluguel e rumam para a casa de *Edith-Aurore*. Longas horas de intenso sofrimento ainda se seguiriam. Longas horas de dor, de cruel sofrimento e de desespero atroz, como sói acontecer aos que perdem os filhinhos amados, tão cedo ceifados pelas gafas da morte...

---

67. “– *Por Deus, senhorita!*...”, em francês.

68. A França sofreu tremenda epidemia de cólera, no ano de 1849.

69. “– *Oh, senhora, não se deixe desesperar!*...”, em francês.

70. Assim se inicia a oração do *Pai-Nosso*, em francês.

71. “– *Oh, senhor doutor!*...”, em francês.

72. “*Por favor!*...”, em francês.

73. Vale lembrar aqui que, quando ocorreram os fatos acima narrados, ou seja, em meados do século XIX, a varíola, como as demais doenças infecto-contagiosas, era, ainda, quase que absolutamente incurável e não possuía qualquer tipo de tratamento ou prevenção eficazes e dizimava as pessoas em terríveis, constantes e incontroláveis epidemias.

74. A Microbiologia como Ciência começa a ter um verdadeiro avanço, a partir de meados do século XIX, com o desenvolvimento de microscópios de alta qualidade, juntamente com o aperfeiçoamento de técnicas de esterilização, cultivo de microrganismos e técnicas citológicas. Nessa época, estudiosos eminentes como o químico francês *Louis Pasteur* (1822-1895) e o médico alemão *Robert Koch* (1834-1910) desenvolveram estudos que conduziram ao estabelecimento das bases da Microbiologia como ciência experimental estruturada e especializada.

75. “– *François!*... *François!*...” (...) “– *Onde estás, meu amor?...* *O sórdido diabo, a cavalgar seu asqueroso dragão, persegue-me!*...”, em francês.

76. “– *Mas é varíola!*...” (...) “– *Oh, meu Deus!*... *O Virgem Santa!*... *O Jesus bem-amado!*...”, em francês.

77. “– *Por Deus, não!*... *Eu vos peço, por favor, não partais!*...”, em francês.

78. “*Oh, Deus, salvai a minha bonequinha!*...”, em francês.

79. “– *Ma... mãe!*...” (...) “– *Eu... estou morrendo!*...”, em francês.

## Capítulo 8. O adeus a Sylvie...

O coronel *Hippolyte-Antoine Rousselet* abre, com mãos nervosas, o telegrama que acabava de receber do estafeta do exército. Seus olhos percorrem, aflitos, as lacônicas palavras grafadas em letras grandes:

“*Retournez vite. Sylvie trop mal.*”<sup>80</sup>

Assinava o telegrama o general *du Servey* que optara por não ser demasiado cruel, enviando ao outro tão nefasta notícia, assim, de supetão, mesmo sabendo que o pai da jovem era um homem equilibrado e largamente habituado aos horrores de uma batalha. Entretanto, como também era pai, sabia o quão fortemente tal golpe poderia abater-se sobre o valeroso companheiro...

O coronel *Rousselet*, malgrado o caráter endurecido e grave, talhado fazia, já, longos anos, nos duríssimos campos de batalha, sentiu, entretanto, a vista escurecer-se e as pernas fraquejarem ao tomar conhecimento da terrível notícia que acabava de receber. Súbita zonzeira perpassa-lhe pela cabeça, e ele tem de apoiar-se em uma das palancas que compunham a armação da sua barraca. Deus do céu!... Se era o general *du Servey* e não a esposa a enviar-lhe o telegrama, certamente seria algo deveras muito sério que andava a acometer a sua menina!...

Com a boca extremamente ressequida pela ardência do deserto e pelo choque da notícia recebida, *Hippolyte-Antoine Rousselet*, tremendamente amargurado, apanha o cantil e dele sorve longo gole de água. Depois, sua vista perde-se, por instantes, na imensidão de areia escaldante que se abria diante de si. Pensava e ordenava as ideias. Precisava procurar o seu superior, sem demora, e lhe entregar o posto. Que poderia ser de tão grave, a acometer a sua menina, para o mandarem chamar, assim, com tamanha urgência?... Boa coisa não deveria ser!... Depois, decidido, chama pelo ordenança que se punha de prontidão, a poucos passos da barraca, e lhe dá uma rápida ordem. Em seguida, encaminha-se para o seu cavalo que se achava selado, à sombra da tenda e, com preciso salto, ganha-lhe a sela e sai em busca do forte, que se situava a poucos quilômetros dali, e onde o comando do seu regimento encontrava-se sediado.

\*\*\*\*\*

O esquife de *Sylvie* fora colocado a velar, no salão de visitas do casarão dos *Rousselet*. *Edith-Aurore*, vestida de negro, sentava-se-lhe ao lado e lhe

acariciava as ceráceas mãos. Amiúde, levantava-se e, acarinhando-lhe, ternamente, a empalidecida face, beijava-a, banhando-a de lágrimas.

– *Oh, ma petite!... Oh, ma petite!...* – exclamava a sofrida mãe, enquanto acariciava os sedosos cabelos cor de mel da filha. – Por que te vais, assim, tão cedo de mim?... Que será de nós, sem ti, sem a tua alegria, sempre a contagiar a todos nesta casa?...

Os amigos faziam-lhe companhia, na vã tentativa de consolá-la no que lhe era notoriamente inconsolável: perdera o seu bem mais precioso!... que consolo poder-se-ia dar-lhe?...

Ao lado da porta de entrada do salão, a receber os amigos e conhecidos que ainda chegavam, *Pierre* mantinha-se mudo, em seu posto. Embora sério e a cumprir a sua tarefa, os olhos, entretanto, não podiam esconder o que lhe ia à alma. Extremamente vermelhos pelo excesso de choro, achavam-se inchados e, mesmo assim, o rapaz ainda chorava, ao ver o corpo da amada dentro do ataúde branco. Que seria da sua vida doravante?... Que motivos mais teria para continuar a viver ali?... Nenhum... O sol dos seus dias apagava-se para sempre. Mesmo sabendo que ela não o amava e que se voltava, de corpo e alma, apenas à paixão que dedicava ao... – não gostava nem de pronunciar-lhe o nome! – ao outro... ao detestável cadete *Rounet*, mesmo assim, ele ficara ali, a servi-la, todos os dias, simplesmente, pelo prazer de vê-la, de estar no mesmo ambiente que ela, de ouvir-lhe a voz, a soar-lhe, sempre, como deliciosa música aos ouvidos!... Entretanto, e agora?... Quão desbotada e sem graça ser-lhe-ia a vida dali em diante!... De repente, mesmo não gostando do outro, do namorado de *Sylvie*, lembra-se dele. Que seria do desgraçado, então, quando soubesse da tragédia?... “*Tu e eu a perdemos, meu caro!...*”, pensa ele, tristemente, e, contudo e verdadeiramente, sem nenhuma sensação de euforia, de locupletação ou de desforra pela também desgraça do rival, conclui: “*Nós dois, doravante, seremos dois molambos a perambular por este mundo desgraçado e cruel!...*”

*Pierre* ainda se mortificava, enormemente, por não ter conseguido trazer o médico a tempo, naquela noite de tempestade, quando ela principiara a manifestar os sintomas da doença. “*Custei tanto, a chegar a Rheims, em busca do doutor!...*”, pensa ele, cheio de pesar. “*Entretanto, que poderia fazer eu, no meio daquele dilúvio?... Bem que tentei, mas as patas do cavalo atolavam-se na lama...*”

*Pierre* teve vontade de sair correndo dali, de ir em busca do silêncio e da

reclusão do seu quartinho, atrás da adega. Não suportava mais ter de permanecer ali, de pé, e ter de olhá-la dentro daquele caixão!... Aquilo era demais para ele!... Preferiria não vê-la assim, tão pálida, nos braços da morte!... Oh, como tudo aquilo lhe era desesperador!... Entretanto, continhasse. Era melhor ficar!... Apiedava-se da patroa, também. A pobrezinha estava só, a suportar aquele terrível drama!... *Berthe* andava pela cozinha, a preparar chá e biscoitinhos de cinamomo para as visitas... Pobre *Berthe*... Desta vez, seus deliciosos biscoitinhos de canela saíam mais salgados que doces, tantas eram as lágrimas que ela derramava sobre a massa!... Também ela se afeiçoara, grandemente, a *Sylvie*!... Vira-a nascer, crescer... E o patrão?... Deus do céu!... Quando o coronel soubesse!... Certamente, não chegaria a tempo. A Argélia deveria ficar tão distante de Paris!...

No salão de visitas, as pessoas sentavam-se nos amplos divãs e nos cadeirões de palhinha, a falarem baixinho, respeitosos, condoídos pela dor daquela mãe.

– *Edith*... – chama-a *Marie-Louise*, aproximando-se e lhe confia: – Conversava com *Céleste-Marie*. Dize-me, mandaste avisar, também, a *François-Armand*?...

A outra levanta a cabeça e, com infinita expressão de dor, olha-a, com os olhos tremendamente machucados pelo excesso de lágrimas.

– *Oh, ma amie!*... *Quelle distraction!*... *J'ai m'oublié de ça complètement!*...<sup>81</sup> – responde a outra. – E, depois, deixei tais coisas ao general *du Servey*!... Mesmo ao meu esposo, foi ele quem avisou!...

– Deixa, que providenciaremos isso, *ma chérie!*... – diz *Marie-Louise*, beijando a outra à face. – Com nada mais deves preocupar-te!...

Em seguida, *Marie-Louise* corre os olhos pelo salão e divisa o general que conversava a baixíssima voz com outro cavalheiro.

– Certamente que avisei o tenente *Berg*!... – diz o general. – possivelmente, a essa hora, tanto o pai quanto o tenente e o cadete *Rounet* de tudo já sabem e devem encontrar-se a caminho de Paris!...

\*\*\*\*\*

*Wilfred Berg* lera o telegrama, rapidamente, e seus olhos toldaram-se, de repente, de infinita tristeza. A ele, o general não poupou a verdade. “*Sylvie est morte. Variole. Informez Rounet.*”<sup>82</sup> Deus do céu!... Pobre *François-Armand*!... Sabia o quanto o primo amava aquela mulher!... Pobre *Sylvie*!... Tão jovem ainda!...

O tenente *Berg* retira uma vez mais o papel do bolso da túnica, desdobra-o e o relê. Que desgraça, meu Deus!... Já era noite, e o vento frio do deserto começava a soprar. Em pouco, o rapaz certamente ali estaria a papear com ele. Gostavam de conversar. Além de parentes, havia enorme afinidade entre ambos. *Berg* não tivera ainda a coragem suficiente para transmitir-lhe a terrível notícia. Caberia a ele dar ao pobre rapaz aquela punhalada fatal, da qual, certamente, nunca mais iria reerguer-se!...

– Ah, *François!*... – murmura baixinho o tenente *Berg*, com o telegrama entre os dedos. – Isto vai acabar contigo de vez!... Depois, suspira fundo, e chama pelo ordenança que se achava a postos, a alguns passos da barraca, e lhe ordena com a voz firme: – Rapaz, procura pelo cadete *Rounet!*... Quero-o aqui, imediatamente.

O soldado perfila-se e bate continência. Sua voz soa firme e forte:

– *Oui, M’sieur!*... – e sai ligeiro.

Enquanto aguardava pela chegada do primo, *Berg* corre os olhos pelo céu límpido e estrelado do deserto. Seu pensamento busca as lonjuras infinitas. Não era muito crédulo acerca das coisas da religião. Entretanto, cria existir uma Força Soberana e Inteligente a governar as coisas e o destino das pessoas. Não era habituado a orar, mas, naquele momento, lembra-se de Deus. Precisava de ajuda para acertar o coração daquele jovem; precisava de muita coragem para desferir-lhe – se bem que muito a contragosto –, o golpe fatal!... Engole seco, por diversas vezes. Já havia passado por situações difícilimas, em sua vida; entretanto, não se lembrava de nenhuma outra que o tivesse desgostado tanto assim!

– Que coisa!... – murmura ele. – Logo eu?... E logo com *François?*... Oh, vida desgraçada!...

– *Berg!*... – ouve-lhe a voz, chamando-o por trás.

*Wilfred Berg* não se vira de imediato, a encará-lo. Súbito mal-estar invade-o. Não se achava apto, de jeito nenhum, a dar cabo do amigo, assim, daquela maneira. Deus do céu!... Que desgraça era aquela?... Por que é que as coisas tinham de ser sempre assim?... Pessoas morriam todos os dias: velhos, jovens, adultos; até uma infinidade de crianças morriam a todo o instante!... Devia-se estar acostumado a isso, mas nunca se está, quando a desgraçada morte vem bafejar-nos às fuças, com seu pútrido hálito, e nos rouba os nossos entes queridos!...

– *Berg!*... – insiste o outro. – Mandaste chamar-me!... Que queres?... – e,

estranhando a atitude do amigo, toca-o de leve ao ombro: – Estás passando bem?...

– Estou!... – responde o tenente, virando-se e o olhando firme no rosto. E prossegue, visivelmente, nervoso: – Quer dizer... não!... Não estou!...

O rapaz resume-se a devolver-lhe um olhar intrigadíssimo. não conseguiu entender, de imediato, o estranho comportamento que o amigo demonstrava!... Poucas vezes vira-o, assim, tão descontrolado!... Que poderia andar a acontecer, para deixá-lo tão desequilibrado daquela forma?...

Por fim, diante da expressão de patente confusão a formar-se às feições do jovem cadete, *Wilfred Berg* arma-se, então, de extrema coragem e lhe entrega o papel do telegrama. Para que estender mais aquela agonia?... Deu-lhe o papel a ler e não disse nada. Sem preâmbulos, sem preparações, sem palavras que lhe pudessem minorar aquela desgraceira toda que aquele minúsculo pedaço de papel continha!... E que tipo de palavras ele, eventualmente, poderia dizer, naquele terrível momento?... iriam, acaso, abafar a explosão que se daria a seguir?... Por certo, nada que lhe dissesse ou qualquer uma outra coisa que houvesse neste desgraçado mundo, naquele instante, poderia, de alguma forma, aliviar-lhe aquele tipo de dor...

*François-Armand* apanha o papel, desdobra-o, e seus olhos passeiam rapidamente pelas palavras rabiscadas em letras grandes. Seus lábios tremem, e ele empalidece subitamente. Depois, um ricto de dor intensa congestionou-lhe as feições, suas pernas perdem a sustentabilidade, e ele cai de joelhos sobre as fofas areias do deserto. Os olhos envermelhecem, tomados pelo pranto, e ele grita. Grita tão forte um grito de dor tão pungente que pouquíssimas vezes neste mundo alguém já terá ouvido igual!...

altamente condoído pela dor do amigo, *Berg* ajoelha-se-lhe ao lado e tenta abraçar-se a ele. O rapaz, entretanto, enlouquecido pela dor intensa, sacode-se, violentamente, livrando-se dos braços do outro e, tresloucado, levanta-se, num rompante, e a emitir gritos lancinantes de dor e de desespero, põe-se a correr pelas areias já embranquecidas pela luz da lua.

– *François!*... Não!... – grita o tenente *Berg*. e, levantando-se, põe-se a correr-lhe no encalço.

O rapaz corria enlouquecido, distanciando-se, perigosamente, do acampamento. *Berg* sabia que, se o deixasse a sós, correria sério perigo. Sem a proteção dos companheiros, perder-se-ia pelas traiçoeiras dumas e seria missão difícilíssima reencontrá-lo, ainda mais à noite, naquela imensidão de

areia que já principiava a congelar pela ação do vento frio que soprava inclemente; ainda, havia o risco de ele topar com uma patrulha inimiga que, certamente o aprisionaria, escravizando-o ou, ainda, dependendo da situação, decapitá-lo-iam, sem piedade, a golpes de cimitarra – conduta que os nativos costumavam aplicar aos soldados inimigos nas vezes em que, casualmente, encontravam-nos perdidos pelo deserto. Assim, *Berg* teve de esforçar-se ao máximo para alcançá-lo e, conseguindo tocá-lo com a mão, salta sobre ele e o derruba de bruços sobre a areia branca e gelada. Em seguida, vira-o e se lhe senta sobre o abdômen, segurando-lhe, fortemente, ambos os punhos com as mãos. Tal façanha só foi possível porque o tenente, sendo mais velho e mais avantajado de corpo, conseguiu dominar facilmente o outro, que ainda não passava de um rapazote de dezessete anos.

– Ouve, *François!*... – diz *Berg*, ainda arfando, grandemente, pelo excessivo esforço na captura do rapaz. – Sei que isso te despedaçou a alma, mas agora é preciso seres forte, aceites!... Compreendo a tua dor!... Sei que, para ti, ela é a maior dor do mundo e que, dificilmente, tu te recuperarás deste golpe, mas assim é a vida!... Temos de aceitá-la!... Acaso a morte não faz parte da nossa vida?... A perda dos nossos entes queridos é-nos provação difícilíssima; entretanto, que podemos fazer, senão aceitar?...

– *Sylvie* está morta, *Berg!*... – exclama o rapaz, com a voz carregada de dor e de desespero. – Tu não entendes?... Ela está morta!... Sabes o que é isso?...

– Sei!... – responde o tenente. – E, se me prometeres que não mais sairás a correr como um doido pelo deserto, saio de cima de ti!...

O outro não responde. Apenas um choro intenso acomete-o. *Berg*, então, sente-o vencido. A crise do primeiro impacto passava. Agora, advir-lhe-ia a lassidão dos músculos que sempre se segue às tensões nervosas. Lágrimas de dor e de desespero advêm-lhe em catadupas. O tenente, então, solta-lhe os braços e, devagar, levanta-se e se deita, também de costas, ao lado do amigo, sobre a areia gelada.

– Como será a minha vida sem ela, *Berg?*... – diz o rapaz, olhando-o com o canto dos olhos.

– Difícil, *François!*... Muito difícil!... – responde o tenente. – E tu terás de acomodar-te a ela e aos seus horrores que, doravante, ser-te-ão companheiros!... Terás de acostumar-te à horrível dor da solidão; terás de habituar-te a uma angustiante espera que nunca se findará e terás, ainda, de lutar como um leão, a arrebanhares consolo e ânimo para seguir vivendo!...

e vontade forte – mas muito forte mesmo! – para não enlouqueceres de dor ou te deixares arrastar para o vício do álcool e, caindo, assim, numa vida realmente desgraçada!... Olha, antes de ser o teu primo, sou, muito mais que isso, o teu amigo, com quem poderás contar sempre!... Tu sabes muito bem!... Se te digo tais coisas, é porque gosto de ti e não te quero ver perdido, a te tornares um molambo e a te desgraçares, sem rumo, por aí!... Considera que tu ainda tens a tua carreira no exército!... E que apenas começaste a dar os primeiros passos em direção ao teu futuro!... É necessário, agora, ter coragem!... Muita coragem, mesmo, para entenderes, principalmente, que aquele sonho que tanto acalentaste em constituíres um lar feliz com *Sylvie*, apagou-se para sempre e que, mesmo cheio de dor a sufocar-te, terrivelmente, a alma, deves seguir adiante, até que o tempo – o único remédio realmente eficaz para o esquecimento das grandes dores – faça-te esquecer, e que tudo o que ora vives não passe, somente, de funda cicatriz a lembrar-te o quanto, um dia, a vida machucou-te, impiedosamente!...

– Não!... – exclama o rapaz, sentando-se, abruptamente, na areia e, encarando o amigo com os olhos desmedidamente abertos, nos quais se percebiam laivos de loucura, prossegue: – Isso nunca!... Desde já, tens a minha palavra de que me recuso a viver neste mundo sem ela!... Doravante, *mon ami*, já principio a morrer!...

– Entendo-te a dor, *François*, mas estás a dizer asneiras!... – rebate *Berg*. – Sei que te recusas a aceitar o que te digo, mas és bastante jovem e ainda poderás reconstruir a tua vida!... O tempo encarregar-se-á de trazer-te novos rumos à existência.

– Quem anda a dizer asneiras és tu!... – retruca o rapaz, às raias da grosseria. – Não sabes, decididamente, o que acabas de dizer!... Como poderá alguém viver sem os próprios pensamentos?... *Sylvie* era os meus pensamentos todos, *Berg*!... Doravante, minha cabeça andar-á oca como a de um idiota!... Meu coração batia, única e exclusivamente, por ela; agora, baterá vazio, sem ressonância alguma!... Minhas palavras eram, quase que totalmente, sobre ela e, doravante, meus lábios falarão sobre o quê?... Melhor que eu emudecesse, para sempre, pois para que as palavras, se não mais poderei dizer o nome do meu amor?...

*Berg* olha-o, cheio de compaixão. Pobre rapaz!... Tomara que fosse forte o suficiente para não perder a razão!...

– Vem!... – diz *Berg*, levantando-se. e lhe estendendo a mão, convida-o: –

Vamos voltar!... Aqui faz muito frio!...

No aconchego da barraca, o tenente *Berg* apanha uma garrafa de vinho e dois copos.

– Bebe o vinho!... – diz ele, estendendo um dos copos a *François*. E, abrindo ligeiro sorriso triste, prossegue: – Aquecer-te-á, além de amortecer-te, ilusória e temporariamente, as dores da alma!...

O rapaz apanha o copo com ambas as mãos, posto que ainda se achava bastante trêmulo pela altíssima descarga emocional por que passara.

– Achas que devo ir a Paris?... – pergunta ele, depois de sorver pequeno gole do vinho.

– Se quiseres... – responde *Berg*, sentando-se-lhe ao lado, numa cadeira de campanha. – Poderei fazer-te companhia na viagem!... Mas se pensas achar-lhe o cadáver à espera...

– Sei que não mais a verei, *berg*!... – diz o rapaz, com os olhos a inundarem-se de abundantes lágrimas de dor e de sentimento. – Vou-me embora e não mais voltarei à Argélia...

– Isso resolveremos depois – diz *Berg*, batendo-lhe de leve ao ombro. – Olha, não queres passar a noite aqui?... Se ficares junto aos demais soldados, a dor ser-te-á mais cruel, não achas?... Lá há sempre as brincadeiras de mau gosto, as zombarias... Sabes como é...

– Gostaria, mesmo, era de ficar só... – diz o rapaz, baixando a cabeça, a sacudir-se todo pelos soluços de choro. – Só, com a minha desgraça...

– Aqui te sentirás mais a sós que lá!... Garanto-te!... – exclama o tenente *Berg*. – Seremos somente tu e eu!... E te deixarei em paz, prometo-te!... Agora vem, acomoda-te em meu leito, que me ajeitarei muitíssimo bem no saco de dormir.

– Quando partiremos, *Berg*?... – pergunta o rapaz, depois de ambos deitados, à espera do sono.

– Amanhã mesmo – responde o outro. – Agora, desanuvia a tua cabeça, se o conseguires, e busca repousar um pouco... – e baixa a luz do lampião, soprando, a seguir, a mortiça chama que se apaga, sem relutar.

A barraca do tenente *Wilfred Berg* mergulha na escuridão. Lá fora, só o silêncio do deserto, cortado, amiúde, pelo soturno uivar de um chacal que, tomado de encantos pela luminescência da lua cheia, tributava-lhe seu lúgubre canto...

\*\*\*\*\*

Quando o coronel *Hippolyte-Antoine Rousselet* regressou da Argélia, o corpo da filha já houvera sido inumado, fazia, já, oito dias.

– *Oh, mon Dieu!... Quelle tragédie!...*<sup>83</sup> – exclama o homem, ao deparar-se com a esposa tristíssima, chorosa e vestida de luto. – Que sucedeu à nossa menina?...

– A varíola, *Hippolyte!*... A maldita varíola roubou-a de nós!... – exclama a mulher, tomando-se de alto desespero.

– Como deixaste isso acontecer, mulher?!... – brada o coronel, levando-se ao desespero. – Regressei do campo de batalha, apreensivo, sim, mas pensando-a doente!... Entretanto, como a encontro?... Morta!... A minha filhinha acha-se morta!...

– Oh, meu querido!... – exclama a mulher, abraçando-se ao marido. – Tu não sabes o quanto lutei para salvá-la!... Porém, a morte mostrou-se mais forte e a levou!... Oh, como sou infeliz e desgraçada!... Que será de nós, agora?...

– A principal razão de minha existência foi-se... – murmura o coronel, deixando-se sentar abatido, sobre o divã. – Agora, nada mais importa... Nada mais...

– Oh, sofro tanto quanto tu!... – exclama a mulher, cheia de dor. – Não sabes o que foi levar tudo sozinha, sem ti!...

– E eu tão distante... – diz o coronel, alheio ao que lhe dizia a esposa. – Pobre *Sylvie!*... Que te reservou a vida?... Quase nada!... Quase nada!... Que viveste?... Quanto tempo aqui estiveste?... Alguns anos, apenas!... Alguns poucos anos, nada mais!...

– Que faremos, *Hippolyte*, sem ela?... – diz a mulher, abraçando-se forte ao marido que já principiava a fraquejar, enormemente, às raias de perder a razão. – Que será das nossas vidas doravante?...

– Que será das nossas vidas?... – pergunta o coronel, com os olhos a encherem-se de lágrimas. Mesmo acostumado às durezas das guerras, sentia-se fraquejar, diante da difícil provação de perder a filha, ainda em tão tenra idade. – Que vida, *Edith-Aurore?*... Doravante, não haverá mais vida para nós!... Só dor...

E, abraçando-se, deixam-se tomar pelo choro convulso. Não havia como se consolarem reciprocamente, pois ambos sofriam a mesma dor, a mesma e inconsolável dor...

\*\*\*\*\*

No dia seguinte à chegada do coronel *Rousselet*, também regressavam a

Paris o tenente *Berg*, a acompanhar o inconsolável *François-Armand*. O rapaz emagrecera, visivelmente, e se mostrava abatidíssimo.

– Não vais passar pela tua casa, primeiro? – pergunta *Berg*, quando ainda se achavam no coche que os trazia da gare da cidade. – Se quiseres, irei contigo, e tu te avistarás com a tua mãe; depois iremos juntos à casa dos pais de *Sylvie*...

– Não!... – retruca o rapaz, sem titubear. E, cheio de zanga, prossegue: – *Maman* verei depois!... Primeiro, *Sylvie*!...

– mas *Sylvie* não se encontra mais lá!...

– Se repetires tal asneira, esqueço-me de que és o meu comandante e te encho a boca de tapas!... – retruca o jovem, olhando-o com olhos ferozes.

O tenente limita-se a olhá-lo demoradamente. O rapaz voltara a fixar o olhar à frente, fria e inexpressivamente, com os lábios premidos, descorados, como se fossem dois riscos oblíquos a borrarem-lhe o esquálido rosto. “*Deus do céu!*...”, pensa *Berg*, fixando firme o perfil da face do amigo. As feições de *François* pareciam talhadas num bloco de gelo. “*Ele não vai aguentar!... Ele não vai aguentar!... Já fraqueja, há bastante tempo, e não dá mostras de recuperar-se!... Perde-se no meio do turbilhão da dor e não tem forças suficientes para safar-se!... Temo que enlouqueça!...*”

Pouco depois, ambos saltavam diante do vetusto casarão de pedras cinza da desgraçada família *Rousselet*.

– *Eh, François, halte!*...<sup>84</sup> – grita *Berg*, quando o outro, abrindo, furiosamente, o alto portão de ferro, e desvairado, lançava-se à frente, subindo, aos pares, os degraus da pequena escada que dava à porta de entrada do vestíbulo. – Espera-me, *François*!... – brada o tenente, esforçando-se para segui-lo. – Não entremos assim, dessa maneira, sem nos fazermos anunciar!...

O outro, sem ouvir o que lhe dizia o amigo, pôs-se a esmurrar a porta, freneticamente, como um alucinado.

– Abram a porta!... – gritava ele, a bater forte com as mãos fechadas. – Abram esta maldita porta!...

Em pouco, a porta abre-se, e *Pierre* aponta a cabeça, visivelmente contrariado pelo escarcéu que o rapaz fazia à entrada da casa.

– *Pardon, M’sieur!*... – diz o mordomo, interpondo-se-lhe, ostensivamente, à passagem. – Não há...

– Sai!... – grita o rapaz, às raias da fúria, cortando-lhe, rispidamente, as palavras. E, encarando-o, com olhar ferocíssimo, ameaça: – Sai, desgraçado,

ou lhe arrebento o focinho!...

Com forte golpe de ombros, *François* empurra o mordomo para o lado e entra, abruptamente. E *Pierre*, deixando-se tomar por alto assombro, diante do estranho comportamento que demonstrava o rapaz, recompõe-se de imediato e lhe corre no encalço.

– *Sylvie!*... – gritava o rapaz, enlouquecido. – *Sylvie, où est toi?*...<sup>85</sup> Vem, meu amor!... Ouve bem!... Sou eu, teu *François* que retorna da Argélia!... Depressa, vem!... Eu te prometo: não mais voltarei àquele inferno!... Doravante, permanecerei aqui, junto de ti, para sempre!... Vem!...

*Berg* e *Pierre*, agora, mantinham-se à relativa distância, enquanto que o rapaz, com os olhos a encherem-se de lágrimas, postava-se, pateticamente, de braços abertos, no meio do salão de visitas, a olhar para os colonos brancos da balaustrada do mezanino no alto das escadas.

– Acho que *François* perde a razão, *Pierre!*... – cochicha *Berg* ao ouvido do mordomo.

– Pressenti que isso aconteceria, *M'sieur le commandant!*... – retruca o outro, em baixíssima voz.

– E onde se acham os teus patrões?... – pergunta o tenente *Berg*.

– Saíram ainda muito cedo – responde o mordomo. – *madame* quis ir à igreja, a encomendar uma missa em intenção da alma de *Sylvie!*...

– Sabes qual é a igreja?... – pergunta o tenente.

– Não, senhor. Mas penso ser no *Sacré-Coeur*, pois é lá que a senhora costuma assistir às missas de domingo.

– Então, deverão retornar em breve; não creio que tenham ânimo de passear pela *Cité!*...

– Por certo que não, *M'sieur le commandant!*... – responde o outro. – Ficai à vontade, a aguardá-los, se assim o desejardes!...

Neste ínterim, *François* principia a galgar os degraus de granito cinza e, pondo-se a correr escada acima, aos gritos, vai em busca do quarto da amada. O mordomo segue-o, com olhos altamente estarecidos.

– Vem, sigamo-lo!... – convida *Berg*.

*François*, tomado de altíssimo desespero, já vasculhava o antigo quarto de *Sylvie*, a abrir as portas dos armários, a olhar por debaixo da cama, por detrás das cortinas...

– Onde te meteste, *mon amour?*... Andas a esconder-te de mim, é?... – dizia ele, com o pranto a escorrer-lhe pelas faces, enquanto, desesperadamente,

prosseguia na busca por sua amada. – Vamos, deixa de brincadeiras, que morro de saudades de ti!... Vamos, aparece!...

*Berg* e *Pierre* apenas acompanhavam-lhe, com os olhos, o intenso esquadrinhar do antigo aposento da namorada morta. Vencido, por fim, deixa-se cair de joelhos e se toma de intensos soluços de choro convulsivo.

– *François!*... – diz *Berg*, aproximando-se dele. – Vem!... Desçamos e nos sentemos a aguardar os pais de *Sylvie!*... Não se acham em casa!... Foram à igreja a encomendar um... uma... – o tenente não quis terminar a frase, pois temia novo ataque histérico do outro. – Vem, sentemo-nos na sala de estar, a aguardá-los...

– Então *Sylvie* está com eles!... – iluminam-se, de repente, os olhos de *François*, e ele se levanta rápido. – Então é isso!... – e apontando o mordomo, prossegue: – Por que é que esse pulha não nos disse logo que ela andava a passear com os pais?...

*Berg* e *Pierre* trocam-se ligeiro olhar. O mordomo baixa os olhos. Principiava a tomar-se de alta compaixão pelo outro. Era patente que perdia a razão...

– Bebe, que te fará bem!... – diz *Berg* a *François*, pouco depois, já sentados na sala de visitas, a oferecer ao rapaz uma das duas taças de vinho que *Pierre*, gentilmente, trouxera-lhes numa bandeja.

– Será que se demorarão?... – pergunta *François*, mal tocando os lábios no líquido vermelho-rubi. – Que disseste mesmo que foram fazer?... Ah, já sei!... Foram passear pela *Cité!*... *Sylvie*, certamente, foi comer *tarte à fromage*, na *pâtisserie* do *Boulevard Saint-Denis!*... – diz ele, iluminando os olhos de intenso brilho. – Sabes, *Berg*, ela adora *tarte à fromage* e, depois, passear de barco pelo rio!... *Sylvie* é deveras incansável!... Da última vez em que lá estivemos, ela quase me matou de exaustão de tanto que me fez remar o barco, rio acima e rio abaixo, sem parar!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Mas, não me importo, não!... Nem um pouquinho!... Mata-me de tanto remar o barco, porém a paga que recebo compensa-me, enormemente: fico a ver-lhe o rosto, os olhos, o tempo todo!... Para mim, não existe paisagem melhor!...

*Berg* olha-o, cheio de pena. Pobre rapaz!... Será que não iria suportar o peso daquela tragédia?... Que lhe reservaria a vida doravante?... E a mãe, que só a ele tinha de filho, como reagiria?... Pobre *tante amandine!*... A mãe de *François* era sua tia, irmã mais nova de sua mãe. Ambas eram viúvas da guerra. Duas mulheres solitárias, a viverem em imensos casarões povoados

de lembranças e de fantasmas!... “*Pobre maman!... Pobre Amandine!...*”, pensa *Berg*. “*Também vós sois vítimas dessa vida cruel e desgraçada, que todos vimos vivendo ultimamente!... Tudo fazemos pela paz, pela igualdade, pela fraternidade, pela liberdade... Entretanto, quando houve paz, efetivamente?... Nunca!... Decididamente, nunca vivemos em paz!...*”

– *Berg*... – a voz de *François* tira-o daquelas cogitações. – Vou dar baixa no exército!... casar-me-ei com *Sylvie*; decididamente, não quero seguir a carreira militar!... Não seguirei os passos de papai e dos meus antepassados!... Olha, retomarei as aulas no *Lycée des Offices*!... Quero empenhar-me e, talvez, estude medicina... Desejo constituir uma família ao lado de *Sylvie*, em paz!... Nada de campos de batalhas, de medalhas ao peito!... – e, encarando o outro, com os olhos vermelhos e altamente maltratados pelo intenso pranto, prossegue: – Quero ser feliz, *Berg*!...

*Wilfred Berg* engoliu seco. Baixou os olhos, profundamente apiedado do primo. A situação era pior do que pensava. Sentiu-se impotente diante daquilo. Era novo, inusitado para ele. Habituara a conviver com as desgraças, com a dor extrema; lidava, diuturnamente, com as questões da vida e da morte; achava-se forte o suficiente; entretanto, a situação do primo fazia-o fraquejar. Deus do céu!... Como agir diante daquela situação?... Uma coisa era consolar estranhos, lidar com a dor alheia; agora, entretanto, a dor estava ali bem próxima dele, ao seu lado, na sua família!... De certa forma, sentia-se responsável por *François*!... Sempre o protegera; sentia nele o irmão que não tivera e sabia que esse sentimento era recíproco e que, apesar de ser bem mais velho que o outro, era assim mesmo que *François* também se sentia em relação a ele, *Berg*.

– Tu farás o que for melhor para ti!... – responde *Berg*, segurando-lhe, fortemente, a mão. – E eu estarei sempre pronto a auxiliar-te no que precisares...

– Obrigado, *Berg*... – diz o outro, abrindo um sorriso cheio de gratidão. – Eu e *Sylvie* ficaremos eternamente gratos a ti...

A um canto, *Pierre* a tudo observava, em silêncio. Pobre rapaz!... Não gostava dele. Nunca haviam sido simpáticos um ao outro, na realidade. Enciumavam-se, um do outro; entretanto, agora, o que *Pierre* sentia era intensa pena do desgraçado!... Sabia que essas coisas que atacavam a cabeça das pessoas costumavam ser muito sérias!... Quisesse Deus que aquele pobre diabo suportasse o terrível golpe que lhe preparara o destino!... Acaso ele,

*Pierre*, também não estava sofrendo?... Talvez até mais que o outro, pois não vivia ali, diuturnamente, ao lado dela?... Estava-lhe sendo um inferno, também, viver naquela casa, sem ela, mas se mantivera firme. Sofrendo o inferno, mas firme!... Decididamente, as pessoas não eram iguais, não se portavam do mesmo jeito, diante das grandes provações da vida!... Uns suportavam os duros baques da existência, com certa resignação até; outros, entretanto, deixavam-se tomar pela demência!...

– Não achas *Pierre* um boçal daqueles?... – cochicha *François* ao ouvido de *Berg*. – Por que será que o coronel *Rousselet* mantém um sujeito ordinário como esse dentro do seu lar?...

– Sssh!... – diz-lhe *Berg*. E, abrindo ligeiro sorriso, prossegue: – Olha lá que ele tem o dobro do teu tamanho, hein?... Se ouve o que estás a dizer dele...

O outro também se ri divertido. Adorava espicaçar seu desafeto. pobre rapaz!... Temporariamente, esquecia-se da sua dor e mal sabia ele que ela voltaria, muito em breve, mais dolorida, mais contundente, mais arrasadora ainda...

---

80. “*Regresse depressa. Sylvie muito mal.*”, em francês.

81. “– *Oh, minha amiga!... Que distração!... Eu me esqueci disso completamente!...*”, em francês.

82. “*Sylvie está morta. Variola. Informar Rounet.*”, em francês.

83. “– *Oh, meu Deus!... Que tragédia!...*”, em francês.

84. “– *Ei, François, espera!...*”, em francês.

85. “– *Sylvie, onde estás?...*”, em francês.

## Capítulo 9. Diante da dor extrema...

*François* e *Berg* aguardavam pelo casal *Rousselet* fazia, já, hora e meia, quando se ouviu, repentinamente, o ruído da porta do vestibulo abrir-se, depois de um estalido da maçaneta.

– Os patrões regressam!... – exclama *Pierre*, saindo do mutismo bovino que viera mantendo por esse tempo todo, de pé, a um canto da sala de visitas. e, aprestando-se, lépido como um gato, encaminha-se a receber os donos da casa que, altamente desanimados e abatidos, voltavam da sua incursão matinal. – Tendes visitas, senhores!... – diz ele, em voz baixa, adiantando-lhes sobre a presença de *François* e *Berg* na casa.

– Quem aí estará a esta hora?... – pergunta *Edith-Aurore*, visivelmente contrariada. Achava-se tão desalentada, para conversar com quem quer que fosse.

Não precisou que *Pierre* respondesse à pergunta da patroa. *François* vinha-lhe logo atrás e, empurrando, grosseiramente, o mordomo, sobrepõe-se a ele e, sem nem mesmo cumprimentar os atônitos pais da sua amada, pergunta-lhes, a rebotar-se de ansiedade:

– Onde está ela?... Onde está *Sylvie*?... Não foi convosco à *Cité*?...

O coronel *Rousselet* e a esposa trocam-se espantado olhar.

– *François*!... Oh, *François*!... – exclama *Edith-Aurore*, estendendo os braços ao rapaz e, a abrir-se em pranto abundante, prossegue: – Então ainda não te contaram, meu querido?...

– Contaram-me o quê?... – responde ele, deixando-se abraçar pela mãe da sua antiga namorada. – Por que *Sylvie* não está contigo?... Onde a deixaste?... Acaso não sabes que é muito perigoso deixar uma donzela a passear sozinha pela *Cité*?... Oh, *Edith*... – e, meneando a cabeça em reprovação, volta-se para o pai de *Sylvie*: – E vós, coronel, devíeis saber o quanto Paris anda perigosa ultimamente!... Oh, dissei-me onde é que a deixastes, que irei buscá-la já!...

Neste comenos, o tenente *Berg* já se aproximara e troca ligeiro e significativo olhar com os pais de *Sylvie*. Entendendo a situação, o coronel *Rousselet* toca, amavelmente, com a mão, o ombro do rapaz e o convida:

– Oh, *François*, vem conosco!... Sentemo-nos, que te daremos as explicações!... *Pierre* servir-nos-á uma taça de vinho e, então, conversaremos!...

*Edith-Aurore* abraça-se ao rapaz e o conduz, gentilmente, à sala de visitas.

Sentado ao lado da mãe da sua amada que lhe tomara as mãos entre as suas e as acariciava, cheia de zelo, *François* mostrava-se altamente agitado. Era patente que seu estado emocional achava-se alterado; os cabelos mostravam-se despenteados; os olhos, inquietos, moviam-se, incansavelmente, nas órbitas, como se buscassem algo; as abas do nariz, largamente dilatadas, indicavam-lhe a dificuldade de respirar; as mãos trazia sempre trêmulas, frias e suarentas. Até mesmo a farda, que ele sempre exibira impecável, encontrava-se toda maltratada, com laivos de sujidade em derredor das abas dos bolsos das calças, além de inusitada suarda à túnica. Pobre *François!*... Era o desleixo em pessoa!...

– Ainda não me dissestes onde se encontra *Sylvie!*... – diz ele, abruptamente retirando as mãos das mãos de *Edith-Aurore*. – Já começo a perder a paciência!... – exclama ele, com um terrível brilho aos olhos. E, voltando-se para o pai de *Sylvie*, diz-lhe ostensivamente: – Coronel *Rousselet*, por que é que andais a mentir para mim?... Vamos, dize-me de uma vez: onde é que se acha a vossa filha?...

*Hippolyte-Antoine Rousselet* olha, um tanto desnorteado, para *Wilfred Berg* que até então se mantivera calado a tudo observar e pergunta:

– Acaso já lhe disseste a verdade, tenente?...

– Sim, coronel... – responde o outro. – Mas se nega a crer...

– *Sylvie* está morta, cadete *Rounet!*... – diz, então, o coronel, com a voz forte, olhando o rapaz nos olhos. – E acho que já te comunicaram o fato!... É horrível, é muito triste dizer-te isso, mas é verdade!... A varíola matou a nossa menina!...

O rapaz põe-se a tremer, e seus olhos enchem-se de lágrimas. Um choro convulso acomete-o, e ele se deixa cair de joelhos, devagarinho, sob o grosso tapete de lã. Torce as mãos, num esgar de extremo desequilíbrio nervoso a tolher-lhe de vez a razão, e ele grita, então, a plenos pulmões: – Não!... Não é verdade!... Sois um mentiroso, coronel *Rousselet!*... Vós e *Berg* sois uns mentirosos!... – e voltando-se para *Edith-Aurore* que também se desmanchava em dorido pranto, diz-lhe, com as palavras molhadas pelas lágrimas: – E tu, *Edith?*... Também tu confirmas que ela se foi?...

A esposa do coronel *Rousselet* não conseguiu responder com palavras, pois sua garganta achava-se entupida pelo pranto e por um imenso nó de dor e de angústia. Limitou-se, apenas, a sacudir a cabeça, afirmativamente, olhando-o nos olhos, olhos que apresentavam um misto de desespero, de dor extrema e

de expectativa – uma derradeira expectativa, uma última e fugaz esperança...

À resposta afirmativa de *Edith-Aurore*, *François* emitiu estrondoso grito de dor e, levantando-se, pôs-se a correr tresloucado, em direção da porta do vestíbulo.

Atônitos, os três homens puseram-se, rapidamente, também a correr-lhe no encalço. O jovem cadete, ágil como uma raposa, alcançou a porta do vestíbulo e, aos saltos, venceu a pequena escada que dava acesso à porta de entrada e, num átimo, abrindo o portão de grades de ferro, ganhava, rapidamente, a rua.

– Não o deixes escapar!... – gritava *Berg* a *Pierre* que, sendo o mais jovem dos três, conseguiu aproximar-se, rapidamente, de *François* que já levava larga dianteira, correndo como um desvairado pelo meio da rua. – Agarra-o!... Se o perdermos, será difícil a sua captura depois!...

E *Pierre*, sendo, de fato, o mais avantajado dos três, facilmente conseguiu saltar sobre o fujão e o dominou, com relativa facilidade, pois o outro se mostrava altamente abatido pelos dias de quase completa inanição a que se vinha submetendo. Aplicando-lhe forte gravata, o mordomo conseguiu dominá-lo. O rapaz, entretanto, esperneava e gritava como um alucinado. Com a ajuda de *Berg* e do coronel *Rousselet*, foi possível recambiar *François* de volta a casa. Depois, utilizando-se de tiras de pano, manietaram-no, fortemente, amarrando-lhe, também, os tornozelos um ao outro, e o puseram sentado sobre o tapete da sala de visitas.

– Que pensas que devemos fazer agora?... – pergunta o coronel ao tenente *Berg*. – Não achas que lhe seria conveniente chamarmos um médico?...

– Sim – responde *Berg*. – Entretanto, antes disso, a mãe dele deverá ser comunicada. Deixa a meu cargo tal tarefa, pois, como sabes, ela é minha tia.

Uma hora depois, *Wilfred Berg* deixava o coche de aluguel, diante do vetusto casarão de granito cinza da família *Rounet*. Para, por instantes, diante do alto portão de grades escuras e sonda a fachada sóbria do solar onde residia a marquesa de *Montpelier*. “Pobre tia *amandine*!...”, pensa *Berg*. “Mais um golpe a atingir o teu pobre coração!...” Uma vez mais olha para a casa. O solar dos Marqueses de *Montpelier*... E, muito triste, perpassa-lhe à cabeça as feições da tia. Era a irmã mais moça da sua mãe. Casara-se com *Louis-Henri Rounet*, o herdeiro dos Marqueses de *Montpelier*. *Berg* lembra-se do tio, grandalhão, em seu imponente uniforme, com o peito a ostentar uma porção de medalhas rutilantes. Mas, como acontecera ao seu próprio pai,

o tio morrera, também, na maldita guerra de conquista da Argélia!... Por alguns instantes mais, *Berg* permaneceu parado diante do portão, com o pensamento perdido em reminiscências. Tudo estava se acabando... As pessoas próximas morriam... Ou enlouqueciam... *François... Céleste-Marie...* Deus do céu!... Um calafrio, então, percorre-lhe o corpo de alto a baixo e, de repente, ele teve medo. Estava ficando só!... Sozinho, neste mundo desgraçado!... Depois, resoluto, abre o portão e entra. Agora, era a hora de matar *Amandine*, de dar-lhe a punhalada fatal...

– Oh, és tu?... – exclama a marquesa *de Montpelier*, abrindo largo sorriso, ao ver que era o sobrinho a adentrar-lhe o vestíbulo.

– *Ma tante...*<sup>86</sup> – diz o tenente, ao beijar, afetuosamente, a perfumada face que a tia, cheia de expectativa, apresentava-lhe.

– Então, estás de volta a Paris?... – exclama a requintada mulher, de aparência exuberante, apesar de bastante madura, já bem próxima dos cinquenta anos. *Amandine* senta-se numa *chaise longue*, estofada em veludo azul-celeste e, indicando amplo e confortável divã ao rapaz, prossegue, agora, tomando-se de ares de preocupação: – Estiveste, recentemente, de licença, e já te achas de regresso?... Não me digas que algo aconteceu...

*Berg* olha-a, firme, nos olhos. Ela já pressentia a desgraça. As mães têm especial sentido para essas coisas!...

– *Oui...* – responde ele, lacônico, baixando os olhos.

– Não vais dizer-me que algo aconteceu a *François-Armand!*... – exclama *Amandine Rounet*, empalidecendo, de repente, e se empertigando na marquesa onde se achava recostada. – Vamos lá, *Wilfred!*... Nada me escondas!... Dize-me: *François* está morto?...

– Oh, não!... Não!... – apressa-se em responder *Berg*, percebendo que a tia empalidecera, isntensamente. – Quero dizer, não, exatamente, morto!...

– Não entendo o que dizes, meu filho!... – exclama a marquesa, tomando-se de forte aflição. – Se dizes que ele não está morto, o que tem então?...

– *François* está doente, titia!... – responde *Berg*. – Meu primo encontra-se doente, e é preciso que tu o vejas!...

– Mas, terei de ir até a Argélia?!... – espanta-se a mulher.

– Não. *François* acha-se aqui mesmo em Paris – completa o rapaz.

– Então se interna no hospital do exército?... – pergunta ela.

– Não, *ma tante*. Ele está na casa do coronel *Rousselet!*...

Pouco depois, no luxuoso coche que os conduzia à residência do coronel

*Rousselet, Wilfred Berg* relatava à tia, com minúcias, os acontecimentos mais recentes sobre a situação de *François-Armand*.

– Sempre achei que *François* não iria suportar este revés que se abateu sobre ele!... – exclama *Amandine*, com os olhos a se encherem de lágrimas, pela primeira vez, desde que soubera o que se passava com o filho. – Ele sempre foi fraco para as coisas do coração!... Sabes como é!... Nem todos têm a mesma fortaleza, diante das vicissitudes da vida!... – e, meneando, ligeiramente, a cabeça, prossegue, com um tom de intensa amargura à voz: – Não sei... Acho que o protegi demais!... Poupei-lhe muitos dissabores; ocultei-lhe a verdadeira face do mundo!... Não queria que sofresse!... No entanto...

– Oh, querida!... – diz *Berg*, penalizando-se dela. E, tomando-lhe a mão, aperta-a forte. – Fizeste o que foi melhor para *François*!... Foste-lhe a mãe e o pai, também!... E, se queres saber, o teu filho tornava-se um grande homem!... Ao contrário do que podes pensar, ele não é nenhum covarde!... Demonstrou sempre coragem e valor diante do perigo!... Digo-te, porque sou o seu superior e o observo com atenção!... Fica tranquila: teu filho é um homem de verdade!... Apenas, que topou com um inimigo mais forte que ele: o próprio coração!... *François* foi derrotado pelas artimanhas da paixão!... Existirão, acaso, coisas mais traiçoeiras que estas, neste mundo?... E quem é que pode algo contra tais armadilhas?... Ninguém, minha querida, ninguém, mesmo...

*Amandine* emite fundo suspiro. Aquele jovem ali ao seu lado, acabava de abrandar-lhe, temporariamente, as angústias do peito. E, aproximando aos lábios a mão dele, que ela segurava entre as suas, beija-a, ternamente.

– *Merci beaucoup, Wilfred!*... – exclama ela, abrindo ligeiro sorriso de gratidão. – Com tuas palavras, aliviaste um pouco a minha dor. E, o que pensas que devemos fazer com o teu primo?...

– Sugiro que, primeiro, devemos buscar um médico especialista – observa, sério, o rapaz. – Creio, piamente, que *François* superará esta crise!... É jovem, muito jovem ainda!... Terá tempo suficiente para reestruturar a própria vida!... Com a tua desvelada ajuda, sei que ele conseguirá vencer este terrível embate!... Confiemos, que tudo se resolverá!...

– Oh, queira Deus que tenhas razão, meu querido!... – exclama *Amandine*. – Queira Deus que tenhas razão!...

O reencontro com o filho foi tocante. *François* demonstrava fortes indícios

de loucura. Achava-se extremamente agitado, falava alto, tornara-se agressivo e violento. Quase não se importou com a presença da mãe. Limitou-se, apenas, a olhá-la, sem dar mostras de, efetivamente, tê-la reconhecido. E, quando ela, chorosa e condoída, pôs-se de joelhos diante dele, sobre o tapete de lã da sala de visitas do casal *Rousselet* e o abraçou a soluçar, o jovem agitou-se mais e tentou mordê-la, em atitude feroz e altamente hostil.

– Tendes razão!... – exclama *Amandine*, com os olhos rasos de pranto, depois de constatar a gravidade do caso do filho. – É preciso que se chame, sem mais delongas, um médico especialista. Meu filho enlouqueceu!...

Algumas horas depois, uma ambulância estacionava diante do solar dos *Rousselet*. Conter aquele rapaz tomado de loucura não foi tarefa nada fácil para a dupla de fortes enfermeiros que ali estavam, solicitados pelo médico que, previamente, viera examinar *François*. Após o meticuloso e preliminar exame clínico, o doutor *Édouard Leforestier* decidira-se pela internação do rapaz na clínica *Charenton*, localizada nas imediações de Paris e famosíssima pelas pesquisas e pelos tratamentos que dispensava, em especial, às doenças mentais.

*Berg* e *Amandine*, juntamente com o doutor *Leforestier*, seguiram a ambulância, na ampla carruagem da marquesa. *Amandine Rounet* soluçava baixinho, abraçada ao sobrinho que, com palavras ternas, buscava consolar a pobre mãe.

– Ele ficará bom!... Ele ficará bom!... É apenas uma crise nervosa!... Tu verás, logo estará de volta ao nosso convívio!...

O hospital *Charenton*<sup>87</sup> fora fundado, ainda no século XVII, e, após as monumentais remodelações recebidas anos antes, era um excelente centro de tratamento médico e referência para a Europa toda, à época.

– Em *Charenton*, *François* será bem cuidado, *n'est-ce pas*, *M'sieur le docteur*?...<sup>88</sup> – pergunta *Berg*.

– Perfeitamente, senhor tenente!... – responde, solícito, o médico. – sem sombra de dúvida, a nossa clínica é, na atualidade, a mais capacitada em toda a Europa!... Não achareis, por certo, em nenhum outro lugar, assistência mais moderna que em *Charenton*!...

*Amandine* sente-se animar um pouquinho mais, depois de ouvir as seguras palavras do doutor *Leforestier*.

– Não judiareis de *mon petit garçon*, *n'est-ce pas*?...<sup>89</sup> – pergunta *Amandine*,

cheia de apreensões. – Escutam-se tantas coisas sobre o tratamento que se dispensa aos dementes... Um monte de judiações!... Banhos gelados de manhã, poço de serpentes, simulações de quedas, de incêndios, além de picadas de escorpiões e de aranhas!... Sustos e mais sustos aplicam-se aos pobres!... Ouvi dizer que até a eletricidade já andam a usar!... Imaginai só!... Provocam-lhes choques à cabeça!...

– Oh, por certo que não, *madame!*... – replica o médico, com um riso sardônico. – Conforme já disse, *Charenton* é modelo de tratamento para todas as doenças e, principalmente, para as mentais. Ficai sossegada, que vosso filho será tratado com todo o respeito e dignidade por toda a equipe que, ressalte-se, é composta de pessoas altamente especializadas para tratar com esse tipo de enfermos, coisa que, confesso-vos, não é tarefa nada fácil!... Entretanto, ficai sossegada, pois vos empenho a minha palavra de honra de que todas essas coisas que ouvistes dizer não vão além do fertilíssimo imaginário das pessoas!... Não passam de esdrúxulas fantasias!... Em *Charenton*, usam-se apenas drogas!... Remédios e nada mais!... Já existem algumas substâncias, extraídas de ervas vindas do Oriente e do Novo Mundo, às quais são atribuídos excepcionais poderes de cura para uma série de males!... Já testamos, largamente, a ação de tais substâncias em nossos pacientes e obtivemos grande número de curas!... É preciso, entretanto, confiar!...

Uma hora e meia depois e vencida a distância de quase dez quilômetros, entre a clínica e o centro de Paris, avista-se o imponente edifício a sobressair-se do meio de bem cuidado bosque. E, enquanto o coche vencia os poucos metros restantes até à entrada principal do hospital, *Amandine* estudava, com olhos altamente oprimidos, o extenso e bem cuidado parque que circundava a exuberante clínica. E, sob a sombra do verdejante arvoredo, uma infinidade de pacientes, metidos em camisolões de algodão alvíssimo e acompanhados de diligentes enfermeiras, repousavam ao entardecer, recostados, placidamente, em cadeiras preguiçosas ou sentados em cadeiras de rodas. A aparente tranquilidade do lugar sossegou, momentaneamente, o desesperado coração da mulher.

A ambulância adiantara-se um pouquinho ao coche em que viajavam os três. Quando a carruagem estacionou diante da imponente escadaria de mármore branco, que dava acesso à entrada principal do edifício, *François-Armand* já estava sendo retirado do carro, com o auxílio de mais dois

enfermeiros que, aprestados, acorreram a ajudar os dois companheiros que se atropelavam, enormemente, diante da relutância do rapaz, em aceitar, pacificamente, a sua internação naquela clínica. *François-Armand* achava-se extremamente agitado. Mesmo contido numa camisa-de-força, armava-se de descomunal vigor a tentar dar com a cabeça nos enfermeiros que dele se ocupavam ou a morder-lhes as mãos ou, ainda, a aplicar-lhes violentos pontapés. Foi deveras dificultoso aos enfermeiros conseguirem colocar o rapaz numa maca, atar-lhe, firmemente, os pés e a cabeça, pois os braços já se achavam contidos pela camisa-de-força.

– Conduzamo-lo para uma das celas acolhoadas!... – ordena o médico que passara a supervisionar o transporte do enfermo. – Com cuidado, para que não se fira!...

*Amandine* e *Berg* acompanharam o transporte do rapaz até uma das alas da extensíssima clínica, destinada aos doentes mentais que eram mantidos sob reclusão. A pobre mãe soluçava baixinho, enquanto seguia o triste cortejo que vencia os intermináveis corredores do hospital. *François*, com os olhos desmedidamente arregalados, parecia não perceber onde estava. Emitia fracos gritos, posto que a voz já se lhe enrouquecera, e a boca enchia-se-lhe de viscosa e abundante baba a juntar-se aos cantos dos lábios e a ensopar-lhe o queixo e o peito. Pobre *François-Armand*!... Que patético era vê-lo daquela forma, quem o conhecera como o garboso e vaidoso jovem, tão esmerado no cuidado com a higiene pessoal e no apuro e no requinte dos trajes que costumava envergar!... O que a excessiva dor não causa!... Quando em demasia, o sofrimento poderá levar à insanidade total!... Poucos são os que conseguem suportar as grandes provações que a vida, invariavelmente, a todos apresenta, sem se deixarem tomar pelo desespero extremo e a tudo enfrentando, com resignação e paciência!...

– É preciso deixá-lo a sós, por um tempo – diz o médico, espionando, através do pequeno visor telado da porta da cela trancada a chave, o rapaz que se debatia furioso, lançando-se contra a parede e rolando ao chão, tomado de desespero extremo. – Logo a fúria arrefecer-se-lhe-á e lhe sobrevirá, então, a prostração!... Aí então, iniciaremos o seu tratamento!... Tenha confiança, *madame*!... Vosso filho acha-se no lugar certo!...

*Amandine* soluçava intensamente ao ver as atitudes demenciais do filho. Diante de manifestação de loucura tão eloquente, difícil era-lhe acreditar que o rapaz, um dia, ainda voltasse a recobrar a razão.

– Queira Deus que tenhais razão, *M’sieur le docteur!*... – exclama ela, tomada pelo choro. – Queira Deus que estejais certo!...

– vamos, titia!... – convida *Berg*, tomando-a, gentilmente, pelo braço. – O que tínhamos a fazer por ele já fizemos!... Agora, resta-nos manter a calma e esperar!...

Lá fora, já anoitecia, quando ambos tomaram o coche de volta para casa. O majestoso bosque que rodeava o imponente hospital agora se achava deserto: ninguém mais ali estava, a não ser o vento – suave brisa primaveril – a embalar, ternamente, os galhos do arvoredo que, pacificamente, deixava-se tingir de negro pelas mãos da noite que chegava...

\*\*\*\*\*

*Berg* conduz a tia de volta a casa. A marquesa *de Montpellier* ainda se encontrava extremamente abatida e desarvorada.

– Não queres que te leve comigo para casa? – pergunta o rapaz, altamente condoído pela situação de terrível abatimento em que se achava a tia. – Poderás ficar com mamãe!... Tenho a absoluta certeza de que ela te receberá de braços abertos!...

– *Oh, non, mon chéri!*... – responde a matrona. – Melhor remoer a minha dor a sós!... – e, abrindo um sorriso amargo, prossegue: – Estou habituada à solidão!... Fica tranquilo: a vida apenas acaba de adicionar-me um pouquinho mais de absinto à alma!... Nada mais que isso!... Vai em paz e não te esqueças de transmitir as minhas recomendações à *Simone*...

*Berg* despede-se da sofrida mulher, abraçando-a forte e lhe beijando a face descorada e molhada de lágrimas. Depois sai apressado. O coche aguardava-o, estacionado diante da mansão, e ele se predispõe, então, a ir para a casa da mãe. Ainda lá não estivera, desde que chegara a Paris. A mãe vivia reclamando dele: quando voltava à cidade, primeiro, visitava a todos – *Céleste-Marie*, os amigos, os bares, a casa de *Lulu Fontainebleau*... –; a última era sempre ela. “*Pobre mamãe!*...”, pensa ele. “*Tu também te encontras sempre só, perdida nas tuas lembranças.*...”

– Oh, que te aconteceu para estares de volta a Paris tão rápido assim?... Não faz nem um mês que retornaste à Argélia!... Não vais dizer-me que aquela maldita guerra acabou-se!... – observa a mãe, altamente intrigada, ao vê-lo que adentrava o vestibulo.

– Não, *maman*, a guerra ainda não se acabou!... – diz ele, abraçando-a forte e a beijando à face. – Foi-me preciso acompanhar *François-Armand* de volta.

– *François?!... – pergunta Simone-Francine d’Oubigny Berg, segurando-lhe forte a mão e a estranhar, enormemente, o fato. – Mas não esteve ele, recentemente, de licença, exatamente quanto tu aqui também estiveste?... – pergunta a mulher, tomando-se de súbito palor. E ordena, resoluta, olhando-o nos olhos: – Vamos, Wilfred, dize-me: que lhe aconteceu?...*

– *François está doente – responde o rapaz, deixando-se sentar, pesadamente, sobre o divã. E, percebendo que a mãe tomava-se de forte comoção, diz-lhe: – Mas, acalma-te!... Vem, senta-te aqui, que te conto tudo!*

– *Oh, mon Dieu!... – exclama Simone-Francine, levantando-se, altamente transtornada pela notícia que lhe trazia o filho. – Oh, pobre François!... Pobre Amandine!... E como se acha minha irmã?...*

– *Ma tante acha-se, como é natural, completamente desesperada – observa o rapaz.*

– *Oh, e por que não a trouxeste cá, contigo?... É preciso que se cuide dela!...*

– *Convidei-a, mas não aceitou – retruca o rapaz.*

– *Não!... – diz a mulher. – Mandarei que se prepare o coche, imediatamente, e irei até lá!...*

– *Vais sair à noite, sozinha?... – espanta-se o rapaz.*

– *Vou!... – responde a mulher, decidida. – Além do mais, não é tão tarde assim, e Benoît, o cocheiro, estará comigo, a conduzir o carro!... Depois, tua tia não mora tão distante daqui!... São apenas três quilômetros!... Não!... Não!... Absolutamente!... Não deixarei minha irmã a sós, em momento tão difícil!... Sei que tu, agora, cansado como te encontras, dormirás como uma pedra até amanhã!... Acaso já comeste?... Não?... Mas tu te arranjarás com os criados, *n’est-ce pas?*... Oh, pobre François!... sabias que ele é meu afilhado?... Teu pai e eu o batizamos!... Oh, pobrezinho!...*

A mãe deixa-o, a aprestar-se para a saída, e *Berg* permanece a sós, no imenso salão de visitas. Como era bom estar ali, rodeado de tanto conforto!... Mentalmente, faz a comparação com a sua pequena barraca no alojamento. Ali havia o excesso de conforto; lá, a completa ausência de tudo: apenas o estritamente indispensável. Seus olhos percorrem a extensa galeria de retratos da parede diante de si: o avô materno, general *Frédéric-Armand d’Oubigny*, todo engalanado em seu suntuoso uniforme, pejado de medalhas ao peito; depois, seus olhos se detêm no retrato do pai. O pai!... Tão pouco convivera com ele!... Mas sabia que o amara muito!... Um nó de emoção entope-lhe a

garganta, e ele se levanta e se põe diante do imponente retrato do pai. Sondalhe os mínimos detalhes da fisionomia tão habilmente reproduzida na tela: os olhos azuis profundos e brilhantes, a testa ligeiramente calva, os bastos bigodes claros, o cavanhaque triangular, os cabelos amarelos como o trigo maduro... O pai fora um homem bonito!... A quantas coisas aquele alemão valoroso não tivera de renunciar, para poder ficar com o seu amor?... Renunciara à promissora carreira militar e à cidadania alemã, para ficar com a sua amada!... Quantos preconceitos não tivera de superar, para poder realizar o seu sonho de amor!... Como militar, tivera que encerrar, cedo, a carreira, em seu país, mas, como homem, agigantara-se na forja do sofrimento...

– *M’sieur le comandant!*... – ouve a voz do mordomo, chamando-o, atrás de si.

– O que é, *Sébastien?*... – pergunta *Berg*, sem se virar.

– Vossa mãe mandou que vos preparasse o jantar...

Mais tarde, já em seus aposentos e deitado sobre o amplo leito, *Berg* repassava à memória os fatos recentes. A patética imagem do primo, todo descomposto, vem-lhe à mente. “*Pobre rapaz!*...”, pensa ele. “*Que será de ti, doravante?...* *Sentirei falta das nossas conversas ao anoitecer, diante da minha tenda...*” Depois, seu pensamento voa até *Céleste-Marie*. Ela, certamente, sequer sonhava que ele se achava de volta em tão pouco tempo. *Céleste-marie*... A situação da noiva preocupava-o, enormemente. Sabia que a moça tinha os nervos fracos, que não suportaria um embate mais forte que a vida, eventualmente, viesse a apresentar-lhe e que, fatalmente, como acontecia ao primo, também acabaria por acontecer a ela. Era preciso tomar muito cuidado com esse tipo de criaturas tão sensíveis, tão frágeis diante de uma contrariedade!... Perdiam a razão, com uma facilidade impressionante!...

Quando amanhece, *Berg* acorda-se e percebe que a luz do dia coava-se forte pelos interstícios da janela. Decide, então, deixar o leito, pois a manhã deveria encontrar-se bem adiantada. Precisava aproveitar bem o tempo; sua licença não se estenderia por mais de uma semana e havia tanta coisa a fazer em Paris!...

Enquanto se vestia e se olhava, atento, ao grande espelho de cristal, *Berg* listava os afazeres que lhe reservava o dia. Primeiro, iria até *Montmartre*. Desejava fazer uma surpresa a *Céleste-Marie*!... Convidá-la-ia a almoçar numa *boulangerie*, na *Cité*, e depois, iria ter com o general *du Servey*.

Gostava de conversar com o velho militar. Ele sempre estava a par dos principais acontecimentos da cidade, e era um homem de firme caráter e de proposições seguras, sempre pronto a asseverar e a emitir juízos ponderados sobre os mais variados acontecimentos e, também, sobre as novas descobertas da ciência que, a cada dia, eram apresentadas ao público.

Hora e meia depois, o tenente *Berg* saltava do coche de aluguel, diante do vetusto casarão que *Céleste-Marie* e a mãe ocupavam em *Montmartre*.

– *Toi?!...<sup>20</sup>* – espanta-se, enormemente, *Céleste-Marie* ao ver que era ele que a aguardava, ansiosíssimo, na sala de estar. – Mas retornaste tão depressa!...

– precisei acompanhar *François-Armand*, meu primo...

– *François?...* – admira-se a moça. – Mas o que tem ele que não pôde regressar sozinho?...

– *François* acha-se doente, *Céleste-Marie*...

– Oh, feriu-se em combate?...

– Não, exatamente...

– O que tem ele, então?...

– Sabes que *Sylvie* foi-se, faz pouco tempo, *n'est-ce pas?...* – diz *Berg*.

– Oh, sim!... – responde a moça. – Estivemos em seu velório, *maman* e eu.

– E sabias que ambos eram namorados, não?... Pois *François* não suportou a dor da perda de *Sylvie* e...

– Entendo... – atalha *Céleste-marie*, baixando os olhos, tristemente. – E onde está ele agora?...

– Internamo-lo em *Charenton*...

– Precisou chegar-se a tanto?... – admira-se ela.

– Não imaginas quanto... – explica ele. – Ficou furioso... Foi necessário trancafiá-lo numa cela acolchoada!...

– Oh, pobre *François*!...

Um pesado silêncio fez-se, então, entre ambos, durante o qual, *Berg* passou a estudar, detalhadamente, as feições de *Céleste-Marie*: os cabelos longos a caírem-se-lhe sobre os ombros, numa ondulada cascata de azeviche, e a contrastarem-se, expressivamente, com a tez branca e suave; os olhos escuros e assustadiços, ligeiramente encovados e rodeados de quase imperceptíveis, mas teimosas olheiras; os lábios ligeiramente arqueados para baixo, a indicarem-lhe a habitual ausência de riso... *Céleste-marie* quase não ria; mantinha-se calada e acabrunhada o tempo todo, num costumeiro e interminável mau humor.

– Acho que também eu ainda acabarei em *Charenton*... – diz ela baixinho, quase num murmúrio.

– Por que dizes isso?... – pergunta *Berg*, aborrecendo-se, enormemente. – Não tens motivo nenhum para dizeres tais asnicas!...

– É o que pensas, *Wilfred*!... – diz ela, levantando-se, abruptamente, do divã. E, mostrando-se altamente agitada, bate no peito, com a ponta dos dedos, e prossegue, olhando-o, com os olhos cheios de desespero: – Decididamente, nem imaginas o que carrego aqui dentro de mim, encerrado como um monstro abjeto a roer-me a alma, sem tréguas e sem piedade!... Tu e mamãe achais que invento tais coisas, não é?... Pois se enganam ambos, completamente!... Isso – ou sei lá o que é! – ainda irá enlouquecer-me!... Se é que não me matará primeiro!...

*Berg* olha-a, grandemente preocupado. Até então, não levava suficientemente a sério o que pensava serem simples chiliques de *Céleste-Marie*; entretanto, depois que vira o primo, literalmente, desabar, diante da morte de *Sylvie*, tomava-se de sérias preocupações. E se ela, realmente, estivesse doente?... E se passasse, de repente, a comportar-se qual o primo, tornando-se enfurecida, a ponto de terem de mantê-la sob custódia, também numa cela acolchoada?...

– Vem, senta-te aqui e me conta tudo o que te vai pela alma!... – diz ele, carregando a voz de ternura. – Acaso não confias em mim?...

– Não é isso!... – redargui ela, extremamente agitada. – Não é questão de confiança, não, *Berg*!... – e, torcendo, nervosamente, as mãos e relutando em voltar a sentar-se ao lado dele, no divã, prossegue: – Tu e mamãe tendes demonstrado atitudes muito simplistas em relação ao que sinto!... achais que médicos e remédios resolver-me-ão tais coisas!... Entretanto, sinto que não é assim!...

– Vem!... Senta-te aqui!... – repete ele. – Vamos conversar!...

– Oh, *Berg*!... *Berg*!... – explode ela em choro, ao abraçar-se a ele, de volta no divã. – às vezes, sinto-te tão distante e me é tão difícil abrir-te o meu coração!... Temo que penses estar eu louca e, assim, deixares-me, de vez!...

– Oh, tolinha!... – diz ele, afagando-lhe, ternamente, as costas com as mãos. – Como podes pensar tais coisas de mim?... Há quanto tempo estamos juntos tu e eu?... Tempo bastante, acho, para conheceres-me o suficiente e deduzires que não te deixaria por nada neste mundo!... nunca!... Sabes o quanto te amo!...

– Oh, como é bom ouvir isso de ti!... – diz ela, acalmando-se um pouquinho mais. – Mas, quero que saibas que as coisas tornam-se, a cada dia, mais e mais difíceis para mim!... Não sei se vou aguentar!...

– se me disseres tudo o que te vai pela alma, quem sabe não te poderei ajudar mais que os tais sabichões dos médicos?... – brinca ele, abrindo um sorriso maroto. Era a tentativa de fazê-la rir, de esquecer o sofrimento... – Sabes o quanto os médicos pensam que tudo sabem...

– Só mesmo tu para fazeres-me rir, *Berg!*... – diz ela, abrindo um arremedo de sorriso.

– Olha, porque não vamos almoçar na *Cité?*... – convida ele, aproveitando a brecha que ela lhe abria. – Depois iremos até o quartel, em visita ao general *du Servey!*... Que te parece?...

– Acho que me será bom sair um pouco!... – diz ela, depois de cogitar por instantes. – Estou só; mamãe foi à igreja.

– Então vai!... – diz ele, empurrando-a, amavelmente. – Corre a aprontarte!...

*Céleste-Marie* beija-o, inesperada e efusivamente, à boca e, como uma garotinha, sai quase a correr.

– Não vás embora, hein?... – grita ela, do meio das escadarias. – Se eu me demorar, é porque ando a caprichar na *maquillage!*...

*Berg* ri-se do jeito espontâneo dela. Gostava da maneira como *Céleste-marie* agia: sempre a surpreender, com as suas atitudes inesperadas!... E se pergunta se não seria apenas carência de afeto o que ela sentia... Não seria falta de amor?... Uma vez mais, o tenente *Berg* mortifica-se. Se optasse por viver somente ao lado do seu amor, a vida não lhe seria, talvez, mais suave, mais plena?... Por que é que tinha de dedicar-se, tanto assim, aos deveres patrióticos?... Já não teria feito o suficiente?... A sua família, acaso, não vinha, havia gerações, devotando-se, quase que exclusivamente, à França, a lutar, incansavelmente, pelos ideais de liberdade, de igualdade e de fraternidade entre os povos?... Não era hora de pensar em si, em seu próprio bem-estar, a constituir a sua própria família e, ao lado de *Céleste-Marie*, ver nascerem os seus filhos?...

– Que me valeriam a família, os filhos, sem liberdade?... – murmura baixinho, amargo, com um nó a formar-se, imenso, em sua garganta.

Levanta-se, então, e, devagar, dirige-se para a janela. Afasta a cortina de rendas brancas e espiona lá fora: poucos transeuntes caminhavam pela rua,

apesar do sol a inundar tudo com a sua luz brilhante. “*Para que buscar a inexistente felicidade no meio deste caos?... Primeiro, é preciso que se restabeleçam a hierarquia e a ordem e se fortaleçam os alicerces da República...*”, pensa ele, olhando a nesga de céu azul que se abria a partir da janela. “*Depois, a construção de uma sociedade calcada em princípios de liberdade, igualdade e fraternidade... E pressinto que isso ainda não ocorrerá por ora!... Muito tempo e muito sangue ainda se escoarão até que tais coisas, efetivamente, estabeleçam-se, definitivamente, entre nós...*”

*Wilfred*, visivelmente amargo, tateia os bolsos da sua túnica azul-escura e apanha a carteira de cigarros. Depois, volta a sentar-se no divã e olha, inexpressivamente, a coluna de fumaça cinza-azulada que se formava acima da sua cabeça. *Céleste-Marie* demorava-se... E se iria demorar bastante, ainda; conhecia-a o suficiente: ela costumava demorar-se uma eternidade na *maquillage*... E, suspirando fundo, o tenente *Berg* olha para o cigarro que queimava, preso entre os dedos, e, a seguir, suga-o longamente. sabia que era preciso ter paciência, muita paciência mesmo...

---

86. “– *Minha tia...*”, em francês.

87. *Charenton* foi fundado em 1645 e era, originalmente, mantido por uma irmandade religiosa. Após um breve período de fechamento, durante a Revolução Francesa, o hospital foi reaberto e se tornou uma instituição estatal. Posteriormente, um trabalho de reestruturação geral, baseado num projeto iniciado em junho de 1838, resultou na construção de um novo e monumental edifício. Localizado a seis milhas a sudeste de Paris, *Charenton* abrigava entre 600 e 700 pacientes, já, a partir de 1870. Os doentes internados na grandiosa instituição eram, em sua grande maioria, oriundos das classes sociais mais favorecidas. *Charenton* não tratava apenas pacientes psiquiátricos; também abrigava convalescentes de cirurgias, além de outros, acometidos de febres e de outras doenças. Em 1973, essa monumental instituição foi rebatizada como *Hôpital Esquirol*, em homenagem a seu famoso diretor do final do século XIX, *Jean-Etienne-Dominique Esquirol*.

88. “– *Não é, senhor doutor?...*”, em francês.

89. “... *de meu menininho, não é?...*”, em francês.

90. “– *Tu?!...*”, em francês.

## Capítulo 10. Em Charenton...

A enfermeira abre, devagar, a portinhola do visor da porta da cela acolchoada e espiona lá dentro. Acocorado a um canto, *François-Armand* abraçava-se aos próprios joelhos recolhidos e sobre eles apoiava o queixo. Metido numa camisola de algodão branco e, visivelmente emagrecido e grandemente descomposto, o rapaz, aparentemente, mostrava-se mais calmo; toda aquela intensa agitação dera lugar a uma passividade alheada – sequer um mínimo movimento notava-se-lhe, nem mesmo aos olhos, os quais ele mantinha fixos, parados no vazio e tomados de uma inexpressividade quase assustadora.

– Acalmou-se!... – cochicha a moça ao médico que a acompanhava.

O médico adianta-se e espiona também.

– Acho que já posso entrar – diz o médico. E, voltando-se para a enfermeira, ordena: – Abre a porta!

O médico acocora-se diante do rapaz e o estuda meticulosamente. *François-Armand* não esboça a mínima reação.

– Ides iniciar a terapia hoje, doutor?... – pergunta a enfermeira em voz baixa.

– Acho que não... – responde o médico. – Ele se encontra ainda em profundo estado de apatia. Aguardemos um pouco mais. A propósito, tem se alimentado?... Tem ingerido água?

– Muito pouco, doutor – responde a enfermeira, enquanto ambos deixavam a cela de *François* e caminhavam, lado a lado, pelo extenso corredor do hospital.

– Observe-se isso, com atenção – recomenda o médico. – E que se continue a administração de cânfora<sup>21</sup> de duas em duas horas. Tem apresentado sintomas de convulsão?...

– Não, senhor – responde a enfermeira. – Após a aplicação do medicamento, não tem demonstrado qualquer reação importante: apenas tremores e espasmos, nada mais.

– Prossiga com a cânfora. Se não esboçar nenhuma reação, mudaremos para o choque com as enguias<sup>22</sup>. É preciso provocar-lhe convulsões ou não sairá da crise.

Sozinho em sua cela, *François* não esboçava a mínima reação. Cinco dias fazia, já, que se achava internado em *Charenton*. Nos primeiros dias,

acometido de insanidade furiosa, arremetera-se de cabeça, sistematicamente, contra as paredes da cela, na tentativa de autodestruir-se. No princípio, ainda mantivera laivos de razão; entretanto, com o passar dos dias, a perda de *Sylvie* mostrava-se-lhe insuperável: não conseguia, de forma alguma, aceitar tal golpe do destino. Deus do céu!... Como aquilo lhe parecia sumamente cruel!... Gritara, então, com todas as forças, a revolta que lhe carcomia a alma!... Não, não aceitaria aquilo jamais!... Viver sem seu amor, nunca!... Preferível, mil vezes, a morte!... E, com o desespero extremo a dominar-lhe a razão, lançava-se, aos gritos, contra as paredes acolchoadas da cela em que o haviam trancafiado!... Mas, oh, desgraça!... Não conseguia estourar os miolos contra a parede!... Por mais que tentasse, o acolchoamento das paredes amortecia-lhe as cabeçadas, arremessando-o de volta, num vaivém frenético e treloucado. Oh, desdita cruel!... Quantas vezes tentara?... Tentara tanto, até cansar-se, até cair esfalfado pela fadiga intensa. E, após ligeiro descanso, ao recobrar um tantinho de forças, tocava às novas e frustradas tentativas... Pobre *François*!... Por quanto tempo ali ficara qual um títere, manipulado por demoníacas e invisíveis mãos, a executar tão aviltantes saltos contra a parede recoberta de colchões?... Depois, esfalfara-se de vez e dormira... Dormira tanto, dormira por muitas horas, por mais de um dia e uma noite inteiros... E, quando finalmente abrisse os olhos, nada mais reconhecia do lugar ou de si próprio: era a alienação total!... Seus olhos nada viam, nada registravam, além do vazio; sua cabeça zonzava, apenas o vazio, a nulidade total... De nada ou de ninguém mais se lembrava... Apenas sede... Registrava a sede, a boca seca e, ali do lado, água, num pequeno recipiente de papelão parafinado, mas ele não a relacionava à sensação de sede. Sentia os músculos travados pela síncope dos dias anteriores. Quis levantar-se, mas as pernas não lhe obedeceram. As horas drenavam-se devagar, intermináveis, horrivelmente lentas. Seria noite ou dia?...

Uma hora qualquer, a portinhola da vigia da porta da cela descerra-se, e um par de perscrutáveis olhos surge. Porém, *François* sequer sabia o que eram. Depois, o ruído da chave na fechadura, a porta abre-se, e dois enfermeiros entram e se acocoram diante dele.

– É preciso dar-lhe o remédio! – exclama um dos homens e ordena ao companheiro: – Apanha a água.

O outro estica o braço e pega o copo de papel que jazia ao chão, próximo à parede e, em seguida, da bandeja que trouxera, apanha pequeno frasco e

deixa verter algumas gotas do líquido transparente na água.

– Ele deve estar morrendo de sede!... – observa o enfermeiro, abrindo ligeiro sorriso. – Não nos dará trabalho algum!... Vai beber a água todinha!...

*François* mantinha-se impassível diante dos dois homens. Seus olhos quedavam-se parados, fixando o vazio, sem demonstrarem qualquer expressividade.

Depois de aguardados alguns instantes até que o remédio se misturasse, completamente, à água, um dos homens apresentou o copo diante dos olhos do doente. *François* não esboçou nenhuma reação. Devagar, então, o enfermeiro aproximou-lhe o copo aos lábios e, ao contato com a água, o rapaz, principiou a sorver os goles, lentamente, com dificuldade, posto que trazia a boca e a língua ainda dormentes pelos excessos de gritos e de rangeres de dentes dos dias anteriores. E, aos poucos, sorveu o líquido todo.

– Não lhe daremos mais água, por hora – observa um dos enfermeiros. – Mantenhamo-lo sempre sedento, a facilitar-nos a ingestão do remédio!

– Sim!... – concorda o outro. – E também não vamos mais deixar água aqui!... Já que temos de voltar em duas horas...

– Acho que ainda não terá convulsões...

– Dificilmente isso ocorre, logo ao início do tratamento, mas teremos de ficar atentos, a observar...

Os enfermeiros acocoram-se diante do rapaz, a sondar-lhe as reações. À exceção de uma série de fortes tremores, *François* nada apresentava de diferente: mantinha-se em sua apatia. E, depois de vinte minutos, os enfermeiros levantaram-se e se predispuseram a deixar a cela.

– Vamo-nos!... – exclama um deles. – Esse aí não vai “acordar” muito facilmente, não!...

– Também penso que não!... – concorda o outro.

Os dois homens saem, trancando a porta da cela a chave, e *François* permanece em seu mutismo, ainda acorado sobre o chão acolchoado. O estômago principia a enjoar-se-lhe, enormemente; a boca enche-se-lhe de espessa baba, e ele vomita, emporcalhando-se todo!... E, uma sucessão de espasmos dolorosos acomete-lhe o ventre, na vã tentativa de expulsar o que lá não existia... A completa ausência de alimentos por muitos dias, desarranjara-lhe, enormemente, o estômago, provocando-lhe náusea intensa. O remédio, tendo como princípio ativo a cânfora<sup>23</sup>, causava-lhe enorme mal-estar.

Extremamente abatido e amolecido pela ação do medicamento, *François*

adormece. O tratamento visava, exatamente, a isso: relaxar-lhe a musculatura, para que dormisse bastante, após as sequentes e intermináveis tentativas, a cada duas horas, de provocar-lhe as convulsões, pois se cria, à época, que os fortíssimos espasmos neuromusculares poderiam, eventualmente, trazer os psicóticos de volta à razão. Entretanto, tal procedimento clínico não produzia, comumente, o resultado esperado, e o paciente mais sofria que, propriamente, obtinha a cura e acabava morrendo, em consequência da inoperância dos métodos de tratamento empregados. *François* não seria exceção àquela regra: se tivesse sorte, recobriria a razão, com os choques medicamentosos ou com os demais procedimentos de que se utilizavam então; se não, acabaria esfalfado e morreria de progressiva inanição e pelo acúmulo das agressões que sofreria com o desenrolar do esdrúxulo e quase ineficaz tratamento. O calvário do pobre rapaz, entretanto, apenas começava...

\*\*\*\*\*

A manhã de final de primavera apresentava-se, já, esfumada pela névoa abafadiça do verão que se aproximava. As flores das exuberantes amendoeiras do *Boulevard Saint-Denis* principiavam a murchar e a despencar, languidamente, dos galhos, num ligeiro rodopiar até o calçamento de pedras, lá embaixo, a comporem um efêmero tapete amarelo-pálido, sobre o qual os transeuntes, apressados pelas necessidades de acudirem a vida, caminhavam, com passos aligeirados.

– Que queres comer?... – pergunta *Berg* à namorada.

– Qualquer coisa... – responde ela. – Deixo a ti a escolha para hoje...

Sentados na esfuziante *boulangerie*, enquanto aguardavam pelo alimento solicitado, *Berg* toma a mão de *Céleste-Marie* e a beija ternamente. A moça abre-lhe um sorriso. Um sorriso bonito, de batom vermelho-rubi.

– Estás linda!... – atraindo-a para si, ele lhe cochicha rente ao ouvido.

– Oh, também tu estás sempre bonito e elegante!... – observa ela, beijando-o, afetuosamente, à face. E, prossegue, olhando-o nos olhos: – Sinto-me muito orgulhosa em estar contigo!... Vê como as sirigaitas que enxameiam no ambiente olham-te com os olhos melados de cobiça!...

– Oh, como sempre, exageras, *ma belle*!... – retruca ele, rindo-se. – Tu é que chamas a atenção da metade dos homens da rua, quando passas, metida em tuas primorosas roupas!...

– Oh, estás com ciúme, é?... – brinca ela. – Tu é que andas a exagerar!...

Vivo, na maior parte do tempo, trancada em meu quarto... Quando não te achas em Paris, quase não saio de casa!...

– Pois deverias sair!... – observa ele, tornando-se sério. – Faz-te mal essa clausura voluntária em que te meteste!... Na verdade, sinto-me estourar de orgulho, quando noto que te desejam!... Sabes, perfeitamente, o quanto és bela, *Céleste-Marie*!... E por que é que, então, tu te escondes do mundo, assim?... Tu e a tua mãe deveríeis sair, irdes ao teatro, aos restaurantes!... Paris está cheia de excelentes lugares a oferecerem diversão como não existe em qualquer outra cidade do mundo e, no entanto...

– Quando estás comigo, sinto-me um pouco mais segura, *Berg* – replica ela, amarga. E, esforçando-se ao máximo para não chorar, prossegue: – mas, quando estás longe, não tenho vontade nenhuma de sair!... Mamãe vive a dizer o mesmo que disseste; entretanto, tenho, cá, dentro de mim...

– Um monstro a roer-me as entranhas!... – atalha ele, demonstrando enfado. – Já sei!... Repetiste tanto isso que já decorei!...

– Oh, *Berg*!... – diz ela, contrariada. – Decididamente, tu e mamãe não conseguis entender o que me vai pela alma!... Porém, repito-te uma vez mais: tal coisa ainda acabará por matar-me!...

– Por que não reages, não lutas contra isso, meu bem? – observa ele, segurando-lhe as mãos, ao perceber que a magoara enormemente. – Sabes que podes contar comigo para qualquer coisa!...

– Não sei, *Wilfred*... – diz ela, com a voz baixa, altamente sentida. – Acho que não posso contar com ninguém... Nem mesmo contigo...

– Oh, dessa forma magoas-me!... – diz ele, apertando-lhe forte a mão. – Se não confias mais em mim...

– Tu mesmo andas a fazer-me perder a confiança em ti, *Berg*... – diz ela, olhando-o com os olhos carregados de tristeza. – Sei que, no fundo, também me consideras uma desequilibrada...

– Oh, por que estás a dizer-me tais coisas?... – pergunta ele, altamente chocado. – Decididamente, nunca achei que estavas...

– Doida?... Maluca?... – atalha ela, com a voz molhada pelo pranto. E, principiando a alterar-se, prossegue: – Não precisas mentir mais!... e sabes por que não te casaste comigo, ainda, *Wilfred*?... Porque me achas louca!... E não queres atrelar-te a uma demente, não é?...

– Sssh!... – diz ele, pondo a ponta do indicador aos lábios. E, olhando em derredor, prossegue: – Principias a chamar a atenção!... Vê!... Já se acham

todos a olhar para nós!...

– Que me importa essa gente?... – exclama ela, e, levantando-se, abruptamente, prossegue, quase aos gritos: – Que têm eles com a minha vida?... Nada!... – e sai, empurrando, grosseiramente, os que se achavam em seu caminho.

*Berg* levanta-se, estupefato, e se põe a segui-la, quase a correr. Todas as cabeças achavam-se, tautocronamente, voltadas para ele.

– *Céleste-Marie!*... *Eh, halte!*...<sup>94</sup> – grita o tenente *Berg*, a correr atrás da namorada que, já na calçada, e altamente decidida, caminhava a passos rapidíssimos, no meio dos transeuntes. – Espera por mim!... – grita ele, temendo perdê-la no meio das pessoas.

Com tremendo esforço, o rapaz consegue alcançá-la e a segura forte pelo braço.

– Deixa-me, *Berg!*... – diz ela, com um forte puxão, tentando soltar-se. – Melhor que eu me vá para casa!... E não precisa acompanhar-me: sei muito bem qual o caminho a seguir!...

– Oh, perdoa-me!... – diz ele, colocando-se diante dela, a barrar-lhe o caminho. – Perdoa-me, querida, por favor!... Eu sou um imbecil!... Tu estás, de fato, doente e é preciso cuidar de ti!... – e, tentando abraçá-la, prossegue: – Vamos!... Deixa-me ficar contigo!...

– Não!... – exclama ela, com os olhos tomados de um brilho estranho. – Tu não gostas mais de mim!... Andas a fingir que ainda me amas, mas não é verdade!... Na certa, deves ter uma outra e não tens coragem de dizer, não é?... Olha, *Berg*, não precisas dizer! Eu já sei: tu tens outra e não queres mais saber de mim!...

– Oh, como te enganas!... – diz ele, segurando a mão dela. E percebendo que as pessoas voltavam-se a olhá-los que discutiam em plena rua, convida-a: – Vem, sentemo-nos no parque e conversemos!...

– Está bem!... – concorda ela, deixando-se vencer. – mas, nada que me disseres convencer-me-á do contrário: tu já arranjaste uma outra e agora tentas te desfazer de mim!...

– A ninguém mais tenho, além de ti!... – exclama o rapaz, segurando, amorosamente, as mãos de *Céleste-Marie*. – Andas a meter coisas na tua cabeça!... Se tens dúvida a meu respeito, por que não indagas por aí?... Os fofoqueiros não me poupariam...

*Céleste-Marie* limita-se a olhá-lo com os olhos rasos de lágrimas. Como o

seu amor era bonito!... Se o perdesse para umazinha outra qualquer, matar-se-ia... ele insistia com os olhos. Poderia alguém tão bonito assim andar a mentir tão descaradamente?... Não combinava... Ah, com *Berg*, decididamente, não combinava.

– Oh, *Berg*!... *Berg*!... – exclama ela, afundando o rosto no peito dele e dando evasão à catadupa de lágrimas que lhe afogavam o peito. – Tu és, na verdade, a minha desgraça!... Por que é que não consigo desvencilhar-me de ti?...

– Acho que é porque, bem lá no fundo do teu coração, tu não queres, minha querida!... – exclama ele, puxando-a, delicadamente, pela nuca e a olhando no fundo dos olhos.

– É verdade!... É verdade!... – exclama ela, oferecendo-lhe a boca aflante. – Não quero!... Eu não quero ficar longe de você!...

E ele a beija, cheio de paixão. Como era gostoso o beijo de *Céleste-marie*!... Beijo vermelho-carmim, beijo de paixão...

– Não voltaremos nunca mais àquela *boulangerie*, não é?... – diz ela, meio envergonhada.

– E por que deveríamos lá voltar algum dia?... – replica ele. E, abrindo um sorriso matreiro, prossegue: – Na *Cité* existem, pelo menos, umas vinte...

Quando a tarde principiava a cair, *Berg* e *Céleste-Marie* deixavam o coche de aluguel diante dos portões do quartel.

– O general sabe que tu estás em Paris?

– Sim. Foi ele que me telegrafou, avisando sobre a morte de *Sylvie*.

Em pouco, achavam-se no gabinete do velho militar que os recebe com um esfuziante sorriso.

– tenente *Berg*!... *Céleste-Marie*!... – exclama o general *du Servey*, levantando-se de sua secretária e, rodeando-a, vem receber os amigos de braços abertos. – Que alegria revê-los!...

– General!... – diz o rapaz e, empertigando-se diante do superior, bate-lhe continência.

– Oh, sentai-vos aqui!... – convida *du Servey*. – Que tal uma taça de vinho?... – e, encaminhando-se para o conhecido armário, dele retira uma garrafa e as taças. a seguir, estendendo a bebida ao casal, toma do seu copo e se senta no divã, ao lado de ambos: – E o jovem *Rounet*, como se encontra?...

– Mal, general!... – responde o rapaz. – Muito mal!... Não suportou o transe difícil e, no momento, acha-se internado em *Charenton*!...

– Tão grave, assim?... – espanta-se o general.

– Pelo que me consta, gravíssimo, senhor – explica o tenente, sério. – Acompanhei-lhe a internação, juntamente com a mãe que, conforme sabeis, é minha tia, e o quadro que ele apresentava era de alienação total!

– Pobre rapaz!... – exclama o general, visivelmente condoído. – E, por ora, como se encontra?

– Ainda não sei, general – responde o rapaz. – Penso em visitá-lo amanhã.

– Gostaria de vê-lo, também, tenente – diz o militar. – Se não te importas, poderíamos ir juntos.

– Para mim, será um imenso prazer, senhor!... – retruca o rapaz, satisfeito com a solicitação que lhe fazia o superior. *Berg* gostava muito do general *du Servey*: era um homem inteligentíssimo e detentor de vastíssima cultura. – Passarei, então, em vossa casa às nove.

– Perfeito!... – diz o general e, voltando-se para a jovem que acompanhava a conversa em respeitoso silêncio, pergunta-lhe: – E a tua mãe, *Céleste-Marie*, como está ela?...

– Mamãe está bem, general – responde a moça, gentil. – Quero dizer, depois de tanto tempo, finalmente está conseguindo superar a perda de papai. Vive ocupada com os afazeres da casa; vai muito à igreja...

– E tu?... – prossegue o homem, olhando-a firme nos olhos. – Parece-me que tu, entretanto, não te achas muito bem...

– Ah, senhor – diz ela, corando ligeiramente –, sabeis como é!... Andam a acometer-me coisas estranhas... Ouço vozes, vejo vultos que se me apresentam a furto... Tenho muita insônia e, quando adormeço, terríveis pesadelos acometem-me!...

– Já foste aos médicos, naturalmente... – observa, bastante atencioso, o general.

– Oh, sim!... – diz a moça, abrindo um sorriso nervoso. – Claro que ando a consultar-me com os médicos!...

– E o que dizem os médicos?

– Oh, general, pouca coisa dizem eles... Na realidade, quase nada dizem, apenas enchem-me de remédios!... E vivo a dormir ou, se não, a andar pela casa meio abobalhada pelo excesso de sedativos que me prescrevem...

– Eu, particularmente, creio que tais enfermidades têm a sua origem na alma!... – observa o general, levantando-se e se pondo a caminhar em círculos, com as mãos às costas. – E penso que muitas coisas ainda se

descobrirão acerca da alma!... Não sei se é do vosso conhecimento, mas a imprensa veiculou, acerca de dois anos, acho que, por volta de 1848, estranho caso que se passou na América, numa pequena cidade chamada *Hydesville*.<sup>95</sup> O fato foi tão extraordinário e inusitado que chamou a atenção do mundo todo!...

– Acho que me lembro de tais coisas, sim!... – exclama o tenente *Berg*. – Porventura não vos referis ao caso em que se achavam envolvidas duas irmãs que afirmavam conversar com espíritos?...

– Exatamente!... – diz o general, com um brilho de entusiasmo aos olhos. – E creio que o nome delas era *Fox*!... Sim, as irmãs *Fox*, *Kate* e *Margareth*!

– E, parece-me que havia um caso de assassinato, ocorrido anos antes, na casa em que a família *Fox* passou a ocupar!... – acrescenta *berg*.

– Sim!... – prossegue o general. – Era o fantasma de um tal *Charles B. Rosma*, um caixeiro-viajante, que fora assassinado pelo casal *Bell*, antigos moradores da casa. Mataram o pobre mascate que lhes pedira pouso, àquela noite, e dele furtaram quinhentos dólares, conforme relata o próprio espírito.

– Mas o cadáver do suposto senhor *Rosma*, até o presente momento, ainda não foi, efetivamente, encontrado!...<sup>96</sup> – observa *Céleste-marie*, entrando na conversa. – Lembro-me, perfeitamente, de que mamãe acompanhava o fato pelos jornais e que comentou, certa vez, que tudo estava tomando o rumo de bem urdida fraude!... Não vos parecem estranhas tais coisas?

– Lembro-me disso, também, *Céleste-Marie*!... – diz o general. – Só que as inúmeras escavações realizadas no porão da casa dos *Fox* não se saíram tão desastrosas assim, não!... Acharam-se evidências de que um corpo houvera sido, sim, inumado ali!... Havia resquícios de ossos, de cabelos... Não lhes parece que o corpo tenha sido trasladado, depois, para local ignorado?... Sabes como é, havia tanto interesse para que o espírito realmente não tivesse se comunicado!... A comprovação de tal fato, certamente, acabaria com o ganha-pão de muita gente, não achas?

– Possivelmente... – diz a moça.

– E o que pensais, então, general, acerca disso tudo?... – pergunta o rapaz. – Percebo que esses assuntos interessam-vos sobremodo!

– Para mim, teremos novidades!... – observa o militar. – Estais, naturalmente, lembrados das mesas girantes que vimos em casa da marquesa *Adèle de Souvigny*, *n'est-ce pas*?... E por mais que se especule a respeito, até o presente momento, ninguém conseguiu desmascarar a fraude!... Os

senhores jornalistas vivem à cata de alguém que lhes dê tal prazer, entretanto, até agora, ninguém conseguiu desvelar esse mistério!...

– Tendes razão, general – observa *Céleste-Marie*. – A mim me impressionou sobremaneira o fenômeno!... A propósito, continuais, vós e *Constance*, a frequentar as sessões que se fazem em casa da marquesa de *Souvigny*?...

– Oh, sim! – responde o general. – Não perdemos, minha esposa e eu, uma só das sessões!... Sabes como é, a parte que me cabe, não se limita, apenas, ao lado divertido da questão; a mim me interessa, sobremaneira, o aspecto científico, fenomênico disso. Creio existir, por trás dessa extraordinária ocorrência, fatos que irão, decididamente, modificar os rumos da humanidade!... Não percebeis como as coisas atropelam-se de uns tempos para cá?... Eu nasci, ainda no século passado; sou testemunha de como o mundo era restrito, pequeno, limitado a poucas milhas em derredor!... Hoje, entretanto, grande parte da humanidade viaja para todos os lados, no conforto e segurança de rapidísimos e modernos trens, a desenvolverem quase cinquenta quilômetros por hora!... Um espanto, não é mesmo?... E o telégrafo a encurtar o tempo na comunicação?... Acho que o céu principia a revelar-se a nós, meus queridos!... E, se quereis, mesmo, saber, acho que os que já se foram, antes de nós, acham-se tão vivos quanto eu e vós e se encontram loucos para telegrafar-nos!... Não notaram o quanto as mesas agem semelhantemente ao telégrafo?... Além do mais, tenho cá comigo que ninguém morre!... Ainda não sei o quê, efetivamente, acontece-nos depois de mortos, mas a razão indica-nos que não acabaremos, simplesmente, mergulhando num mar de esquecimento ou de anulação!... A consciência, o pensamento ou sei lá o quê seja deverá permanecer... Ainda não sei como isso se dá, mas que a morte não é o fim, não é...

– Acho que tendes razão, general – diz o tenente *Berg*, trocando ligeiro e significativo olhar com a namorada, diante das firmes convicções apresentadas pelo velho militar. E, aproveitando a ocasião, pergunta: – Credes, então, que em assim sendo, os espíritos poderiam agir e atuar sobre nós?

– Por que não?... – redargui o general. – A forma como fazem isso, repito, eu ainda não sei, mas, como as experiências e descobertas científicas aceleram-se, neste século, creio que, em pouquíssimo tempo, tudo saberemos!... Tudo será posto às claras!... Existem fortes evidências de que

os espíritos agem sobre nós, sim!... E os casos de possessão?... A Igreja e os protestantes atribuem tal fenômeno ao diabo, mas sei que não é isso!... A Bíblia está repleta de relatos sobre essa questão!... O próprio Jesus não andou, acaso, a expulsar espíritos?...

– E demônios, também!... – atalha *Céleste-Marie*. – Não vos esqueçais de que Jesus refere-se ao diabo, nos Evangelhos!...

– Tens razão, minha cara!... – concorda o velho militar. – Não discutirei se na tua crença existem ou não demônios, mas devo advertir-te de que esta palavra origina-se da língua grega e vamos encontrá-la largamente empregada pelo célebre filósofo Platão, ao referir-se aos excelentes ensinamentos do seu mestre Sócrates, acerca do *daimon*<sup>27</sup>, que bem ilustra a origem do termo demônio que, a princípio, tinha significado bem diverso do que ocupa agora!

– Então o termo foi descaracterizado ao longo do tempo, senhor! – observa o tenente *Berg*. – Se não significava demônio efetivamente...

– Sim – prossegue o general –, mas os tradutores da Bíblia, aliados a interesses cuja finalidade era única e exclusivamente estabelecer um Cristianismo à moda deles, trataram de desvirtuar o sentido das coisas que, em sua origem, diferiam em muito do que ora possuem!

– Mas mexer em coisas santas é sacrilégio!... – ajunta a moça. – E isso que afirmais é, de veras, muito sério, general!...

– Oh, *Céleste-Marie*!... – diz o militar. – Sei que tu e a tua mãe mantendes a vossa crença no Catolicismo, e a minha intenção não foi e nem é a de gerar cismas à tua cabeça!... Entretanto, a maioria das pessoas desconhece o verdadeiro teor que reveste a História da Cristandade!... Muitos fatos foram propositadamente ocultados para protegerem-se grandes interesses!... E, além do mais, o grosso das pessoas não costuma nada questionar, mesmo acerca das coisas mais mezinhas, quanto mais as que se referem às complexíssimas questões que envolvem a fé, *n'est-ce pas?*... Entretanto, a todos é ensinado que não se devem questionar os dogmas da fé!... Eu, pelo contrário, acho que todas as coisas devem ser questionadas!... Acaso não é questionando que os homens, inconformados com o já estabelecido, acabam por descobrir as coisas?... No mundo, há duas categorias de homens, *Céleste-Marie*: os conformados e passivos e os inconformados e ativos!... Eu pertencço a essa segunda categoria!...

– Exatamente!... – observa o tenente *Berg*. – Tendes toda a razão, general!...

Os grandes pensadores sempre foram homens inconformados com a situação do seu tempo!...

– E, se não fossem os questionamentos, o mundo não evoluiria!... – prossigue o general. – Até acho que o progresso não viria jamais, e seria tudo estagnação!... O “*cogito ergo sun*”<sup>98</sup> – máxima a representar a dúvida metódica de *Descartes*<sup>99</sup> – foi um passo muito importante para a Ciência. Configurou filosófica e metafisicamente um conjunto de certezas para o cientista prosseguir o seu trabalho, na convicção de que ao homem cabia a tarefa de perceber o mundo que o rodeia. Essa descontração mental advinha da consciência da própria existência, através do *cogito* (Penso, logo existo), e a aceitação da ideia de Deus como certeza inata e decorrente da própria dúvida cartesiana, em conformidade com o próprio *cogito* agostiniano, segundo o qual Deus é fonte de saber, de existência e da própria dúvida. Considero o pensamento de *René descartes* o primeiro grande passo da humanidade a desvincular-se do brutal dogmatismo medieval!...

– Deu a coragem que faltava ao homem, quereis dizer!... – observa o tenente *Berg*.

– Sim!... – exclama o general. – Depois vieram outros que lhe completaram o pensamento!... Não te esqueças de *M’sieur Voltaire*!...<sup>100</sup> Ah, *Voltaire*!... *Voltaire*!... Ele não era um democrata, na acepção justa, e acreditava que as pessoas comuns estavam curvadas ao fanatismo e à superstição. Para ele, a sociedade deveria ser reformada, mediante o progresso da razão e o incentivo à ciência e à tecnologia. Assim, *Voltaire* transformou-se num perseguidor ácido dos dogmas, sobretudo os da Igreja católica.<sup>101</sup>

– Mas dizem que o senhor *Voltaire* converteu-se de volta ao Catolicismo, ao final da sua existência, com mais de oitenta anos!... – observa o tenente *Berg*.

– Dizem que sim – concorda o general. – E se comenta até que deixou um documento escrito a próprio punho, declarando-se arrependido de tanto ter perseguido a Igreja!... Entretanto, o bem maior ele já houvera feito: semeara a dúvida e a dúvida faz um bem enorme à razão!... Desenferruja-a!... E, se quereis mesmo saber, não fossem as famosas cartas de *M’sieur Voltaire*, a semear o germe das dissensões, principalmente os ferinos ataques às ordens estabelecidas, a Revolução nunca teria acontecido, e estaríamos ainda, vivendo ares medievais!... Se ora já colhemos os benefícios da ciência, devemo-los a esses homens audaciosos!...

*Berg* e *Céleste-Marie* permanecem calados. O general sabia mesmo das coisas. A tarde avançava, e o casal resolve partir.

– Ficamos deveras satisfeitiíssimos com a vossa lição, general!.. – exclama o rapaz, apertando forte, a mão do seu superior.

– Fez-me um bem enorme ouvir as vossas palavras, general!... – diz a moça, enquanto o velho militar beijava-lhe, respeitosamente, a mão. – Espero que nos convideis para as sessões de *Madame de Souvigny!*...

– Por certo que vos convidaremos, *mademoiselle!*... – diz ele, satisfeito. – Aguardeis, tu e a tua mãe que, em breve, receberéis o nosso convite!...

Lá fora, no coche que os levava para casa, *Céleste-Marie* achava-se mais serena, mais tranquila. Uma brisa morna brincava com os seus cabelos negros e ondulados e ela, fugindo do que lhe era habitual, abre um largo sorriso vermelho-rubi. “*Um lindo sorriso...*”, pensa *Berg*, olhando-a, cheio de ternura. “*Pena que tu mudas tanto de humor!... Pena, mesmo...*”

---

91. As primeiras descrições do uso de cânfora para o tratamento dos portadores de transtornos mentais originam-se do século XVI, quando **Paracelsus** a utilizava na cura de pessoas “lunáticas”. A retomada de tal procedimento é atribuída ao médico austríaco **Leopold Von Avenbrugger** que, a partir de 1764, tratava a *mania vivorum* com cânfora, ministrada a cada duas horas, até que surgissem as convulsões. A princípio, para tal procedimento, usou-se a cânfora e, depois, com o desenvolvimento da química farmacêutica, empregou-se o *cardiazol* ou o *metrazol* (*Pentilenetetrazol*). Assim, a convulsoterapia foi largamente empregada no tratamento de algumas psicopatias, posto que as opções de tratamento psiquiátrico até a terceira década do século XX eram bastante limitadas. Até então, para os pacientes ambulatoriais, o tratamento quase que se restringia à psicoterapia e, para pacientes internados, praticamente nada se podia fazer, exceto prover com suporte social, sedar e vigiar para que não fizessem mal a si mesmos ou a outros. Somente a partir da segunda década do século XX, a psiquiatria dava mostras de seus primeiros avanços, e os principais tratamentos existentes consistiam na terapia por febre malárica de **Wagner-Jauregg** (1917), a sonoterapia prolongada de **Klaesi** (1922) e a convulsoterapia, recuperada por **Ladislav Joseph von Meduna** (1930), que retomou, a princípio, as injeções de cânfora e, depois, o *Pentilenetetrazol*. Entretanto, o primeiro grande tratamento não contestado pela ciência e largamente utilizado pela psiquiatria foi a eletroconvulsoterapia (eletrochoque), empregada a partir de 1937, após as pesquisas dos médicos italianos **Ugo Cerletti** e **Lucio Bini**, além do coma insulínico de **Sakel** (1933) e a psicocirurgia de **Moniz** (1935).

92. Na Roma Antiga, os médicos utilizavam-se do tratamento de eletrochoque com enguias elétricas. Há registro, também, nos papíros, que **Ramsés II**, rei do Egito Antigo, foi tratado com eletrochoque por médico daquela época.

93. A cânfora é uma substância branca, cristalina, com um forte odor característico, e obtida a partir da seiva e pela oxidação do pineno (parte principal da essência de terebentina), retirada do canforeiro (*Cinnamomum camphora*), árvore pertencente à família *Lauraceae* e ao gênero *Cinnamomum*, o mesmo da árvore que produz a canela. Essa árvore é nativa de algumas regiões do Extremo Oriente, particularmente Taiwan, Japão e China meridional.

94. “– *Céleste-Marie!*... *espera por mim!*...”, em francês.

95. Tais fatos passaram para os anais do Espiritismo como os “*raps*” de *Hydesville*, talvez o marco inicial da ostensiva manifestação dos espíritos e que, seguido, depois, pelos fenômenos das mesas girantes, conduziram às pesquisas realizadas por **Allan Kardec**, o insigne Codificador do Espiritismo, anos depois, com o lançamento de “O Livro dos Espíritos”, em 18 de abril de 1857.

96. Logo após as revelações feitas pelo espírito assassinado na casa, imediatamente, decidiu-se que a solução seria procurar o cadáver na adega, onde estaria enterrado. As escavações, porém, não levaram a resultados definitivos, pois deram n’água, sem que se tivessem encontrado quaisquer indícios e, por essa razão, foram suspensas. Entretanto, no verão de 1848, o próprio Sr. *David Fox*, auxiliado por alguns interessados, retomou o empreendimento. A uma profundidade de um metro e meio, encontraram uma tábua. Aprofundada a cova, encontraram carvão, cal, cabelos e alguns fragmentos de ossos que foram reconhecidos por um médico como pertencentes a um esqueleto humano; mais nada além disso. As provas do crime eram precárias e insuficientes, razão, talvez, pela qual o Sr. *Bell* não foi denunciado como autor do crime.

97. **Platão**, ao escrever sobre **Sócrates**, diz que este se comunicava com um espírito invisível chamado **Daimon** (também escrito **Daymon**). Neste contexto, outra definição para “demônio” seria “repleto de conhecimento”, por se atribuir à sua descendência sobrenatural a capacidade de reter vastos conhecimentos por toda uma existência. Nas culturas orientais, demônios seriam todas

as criaturas tidas como místicas ou espirituais. Mas, não necessariamente de natureza maligna, como nos casos das fadas, anjos, gnomos... Todos os citados e outros mais seriam classificados como demônios no seu termo genérico por serem ou sobrenaturais ou por possuírem vasto conhecimento ou poder mágico. O único equivalente oriental para um demônio maligno como o visto pelo Ocidente seria **Oni**, um tipo de ser espectral cuja natureza era a de atormentar outros seres.

98. “*Penso, logo existo*”, em latim. Máxima do filósofo francês **René Descartes**.

99. **René Descartes** (31 de Março de 1596, *La Haye en Touraine*, França – 11 de Fevereiro de 1650, Estocolmo, Suécia), também conhecido como **Renatus Cartesius**, foi filósofo, físico e matemático francês.

100. **François-Marie Arouet** (21 de Novembro de 1694, Paris – 30 de Maio de 1778, Paris), mais conhecido pelo pseudônimo **Voltaire**, foi um poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês.

101. Transcreve-se o trecho seguinte, do tomo XII da famosa revista francesa *Correspondance Littéraire, Philosophique et Critique* (1753-1793), no número de abril de 1778, páginas 87-88, a confirmar o que disse **Voltaire**, escrito a próprio punho: “*Eu, o que escreve, declaro que havendo sofrido um vômito de sangue faz quatro dias, na idade de oitenta e quatro anos e não havendo podido ir à igreja, o pároco de São Sulpício quis de bom grado me enviar a M. Gautier, sacerdote. Eu me confessei com ele, se Deus me perdoava, morro na santa religião católica em que nasci, esperando a misericórdia divina que se dignará a perdoar todas minhas faltas, e que se tenho escandalizado a Igreja, peço perdão a Deus e a ela. Assinado: Voltaire, 2 de março de 1778 na casa do marquês de Villete, na presença do senhor abade Mignot, meu sobrinho, e do senhor marquês de Villevielle, meu amigo.*”

## ***Capítulo 11. Nas trevas da loucura***

O tempo escoava-se devagar para *François-Armand* que ainda se mantinha internado em *Charenton*. Seis meses já se haviam passado, desde o trágico e inesperado decesso de *Sylvie*. O rapaz, agora, tinha alguns laivos de lucidez; entretanto, quando as lembranças vinham-lhe à tona, entrava em novo desespero e se deixava tomar pela fúria intensa. Voltava, então, a ser trancafiado na cela acolchoada e a receber o tratamento intensivo. Passada a crise, voltava a fechar-se num mutismo, numa quase alienação total. E isso vinha se repetindo, sistematicamente, até então. Pouca coisa os médicos tinham conseguido abrir da mente do jovem cadete. Haviam lhe ministrado o que de mais novo a incipiente psiquiatria de meados do século XIX podia oferecer aos acometidos de doenças mentais: uma série de convulsões provocadas pela cânfora; choques à cabeça, com enguias elétricas; terríficos sustos, ao ser baixado, preso pelos pulsos, em horripilantes poços de serpentes (apesar de esse tratamento, à época, já se encontrar largamente condenado pela maioria dos médicos; entretanto, à sorrelfa, em casos difíceis como o que apresentava *François*, ainda se lançava mão de tal expediente, por falta de melhores opções), além de banhos excessivamente gelados e simulações de intenso pavor, gerado por pretensos incêndios, além do simulacro de quedas de lugares altos. Novas drogas que surgiam, a partir de plantas exóticas, oriundas dos lugares mais distantes do mundo, também eram testadas; entretanto, a grande maioria delas não passava do folclore de povos alienígenas e pouco ou quase nenhum efeito produziam nos pacientes.

Por essa época, *François* deixava, paulatinamente, de ser violento. Os excessivos tratamentos de choque transformavam-no, literalmente, num trapo. A inquietude e exuberância, que antes lhe eram tão peculiares, ora não mais se encontravam nele. Tornara-se bastante magro; trazia os olhos tristes e emoldurados por escuras e eternas olheiras; tinha a pele macilenta e pálida, e os lábios, grandemente descorados, assemelhavam-se mais a dois simples riscos oblíquos a indicarem que haviam se esquecido de como se fazia para rir...

Era final do outono, e o inverno já se anunciava, com os ventos gelados a soprarem, com insistência, do Norte. Por essa época, *François*, quando não se achava acometido de crises intensas, costumava ser colocado no grande jardim que rodeava o imponente hospital, juntamente com as centenas de

pacientes, a tomarem sol e ar fresco, pois um dos preceitos que os novos rumos que a medicina principiava a tomar era, exatamente, o de não mais confinarem-se, o tempo todo, os pacientes nas enfermarias, mas, sim, pô-los em contato com o ar aberto. Assim, o imenso parque, atapetado por bem cuidado gramado e sombreado por magníficas árvores, encontrava-se, mormente nos dias mais claros, repleto de centenas de pacientes de todas as enfermarias: os convalescentes, que já podiam locomover-se por si; outros, que ainda apresentavam incapacidade, eram gentilmente conduzidos por amáveis enfermeiras em cadeiras de rodas. Os doentes mentais, porém, ocupavam uma parte reservada do parque e eram submetidos a vigilância mais acirrada, tanto pelas afáveis enfermeiras quanto pelos diligentes enfermeiros que a tudo se mantinham atentos para evitarem-se incidentes indesejados.

*François*, por achar-se um pouco debilitado, passeava pelo exuberante gramado do parque, gentilmente conduzido em cadeira de rodas por prestimosa enfermeira.

– *Oh, mon chéri!... Il vas très bien le soleil aujourd’hui, n’est-ce pas ?...*<sup>102</sup>  
– diz a enfermeira, enquanto empurrava, com extremo cuidado, a cadeira de rodas em que se encontrava *François*.

Inusitadamente, o rapaz levanta a cabeça e, com olhos extremamente perscrutáveis, olha para a enfermeira.

– Oh, tu me olhaste!... – exclama a moça, alegrando-se enormemente. – Precisamos contar tal novidade ao doutor *de la Roche*!...

E, cheia de contentamento, a moça dispara, quase a correr, empurrando a cadeira de rodas para o interior do edifício.

– Oh, o doutor vai gostar de saber disso!... – exclama ela, já, quase a voar pelos corredores do imenso hospital.

Depois de longa busca pelo médico, a jovem enfermeira encontra-o a examinar idosa mulher, deitada sobre um dos leitos de imensa enfermaria.

– *M’sieur le docteur!... j’ai des nouvelles!... François m’a regardé!...*<sup>103</sup>  
– Que dizes, *Marie-Victoire*?!... – exclama o médico, altamente interessado.  
– Então ele te olhou?... Como o fez?... Conta-me como foi!...

– Eu passeava com ele, a empurrar-lhe a cadeira, pelo parque, quando lhe fiz um comentário sobre o dia, sobre o sol, e ele levantou a cabeça e me encarou!... Passou-me a impressão de que entendera o que lhe dissera!...

– Deveras?... – diz o médico, deixando o exame que fazia à caquética

velhinha e se volta para o rapaz que permanecia sentado em sua cadeira de rodas. – Vê!... Parece interessar-se pela nossa conversa!... – e, ajoelhando-se diante do rapaz, diz-lhe: – *Eh, François!... Comment ça va?...*<sup>104</sup>

O rapaz fixa-o com certa expressividade ao olhar e abre um arremedo de sorriso.

– Oh, tens razão, *Marie-Victoire!*... – exclama o médico, cheio de contentamento. – Tu conseguiste!... Possivelmente, a tua voz lembrou-lhe algo!... Já temos um começo!... E acho que, doravante, deixá-lo-ei exclusivamente aos teus cuidados!... Foste a única a abrir-lhe a razão!...

– Achas que lhe lembro alguém, doutor?...

– Possivelmente, *Marie-Victoire!*... – prossegue o médico, altamente animado. – E conversa bastante com ele!... Mesmo que, a princípio, nada te responda, mesmo assim, conversa com ele!... Acho que tu conseguirás!... Leva-o a passear, sempre que possível, e tenta fazê-lo falar!...

*Marie-Victoire* deixa o médico e se põe a conduzir *François* de volta ao parque. O rapaz mostrava ligeiro alento no olhar. Passava a prestar atenção ao que lhe ia em derredor.

– Acho que o doutor tem razão, *François!*... – diz a enfermeira, sentando-se diante do rapaz, num banco do parque, sob frondosa árvore. – Tu comesas a abrir-te de volta ao mundo!... Está um pouquinho frio aqui, mas é melhor que aquela horrorosa cela, não é?... – e dá uma piscadela ao rapaz que a olhava com um par de olhos atentos.

*François* abre, então, ligeiro sorriso que lhe deixa entrever a ponta dos dentes incisivos.

– Ah, entendeste o que eu disse, não é, maroto?... – brinca ela. – Acho que andavas mesmo era a fingir, *n'est-ce pas?*... Só para ganhar carinhos!...

– *Non...* – murmura o rapaz, com a voz fraquíssima.

– Oh, tu falaste!... – exclama ela, efusiva. – Tu falaste!... O doutor vai estourar de contente!... – e, piscando-lhe um olho, prossegue: – Mas, olha, não vamos contar-lhe essa novidade por ora, não!... Será um segredo nosso!... *D'accord?*...

– *Oui...* – responde *François*, abrindo um sorriso.

– Então, combinado!... Doravante, tu falarás apenas comigo!...

*Marie-Victoire* toma ambas as mãos de *François* e as segura, amorosamente, entre as suas. E, em silêncio, passa a olhá-lo, insistentemente, nos olhos. Não sabia por que, mas aquele rapaz enchia-a de estranhos sentimentos. Tinha a

absoluta certeza de que nunca o houvera visto antes, entretanto sentia conhecê-lo como se fizesse, já, tanto tempo!...

– De onde posso conhecer-te, *François?*... – murmura ela, acarinhando-lhe o rosto magro, com a ponta dos dedos. – Não sou de Paris... Nasci e cresci em *Marseille*; cá estou faz apenas dois anos...

E ele a olhava com insistência, abrindo uma sucessão de ligeiros sorrisos, aparentemente, de grande alegria.

– *Sylvie*... – murmura ele, com a voz ainda extremamente enfraquecida, mas carregada de ternura.

– Que disseste?!... – exclama ela, rindo-se. – *Sylvie?*... *Mais, non!*... *Je suis Marie-Victoire, l’infirmière!*.. *Tu te trompes!*...<sup>105</sup>

– *Sylvie!*... *Sylvie!*... – repete ele, acariciando e beijando as mãos da jovem enfermeira. Duas lágrimas brotam-lhe dos olhos e principiam a rolar-lhe face abaixo.

– Oh, tu te enganas!... – repete ela, divertida. – Andas a tomar-me por outra pessoa!... – e, percebendo-lhe as lágrimas, apresta-se em enxugá-las com a ponta dos dedos. – Mas, estás chorando!... Não, não chores, meu bem!...

– *Oh, ma Sylvie!*... – exclama ele, segurando-lhe forte as mãos. – *C’est toi, mon amour!*...<sup>106</sup>

*Marie-Victoire* olha-o, apiedada. o rapaz andava a confundi-la com outra pessoa. Era de hábito, ali, acontecerem tais coisas!... Os doentes saíam de uma crise e, comumente, entravam em outra, talvez mais difícil e mais perigosa que a anterior.

– Oh, tu saíste das trevas da alienação e te metes em outra enrascada!... – murmura ela, quase imperceptivelmente. E, emitindo fundo suspiro, prossegue: – E, o pior é que tu me incluis nesta tua loucura...

– *Sylvie*... – prosseguia ele, com os olhos rasos de lágrimas. – *Ne me quitte jamais!*...<sup>107</sup>

– Oh, por certo que não te deixarei, meu bem!... – diz ela, confortando-o. – Acalma-te, que não te deixarei jamais!...

*Marie-Victoire* olha-o, uma vez mais, aos olhos. “*mas que coisa!*...”, pensa ela, altamente intrigada. “*Não só me parece tê-lo conhecido antes como anda a confundir-me com outra pessoa... Quem será Sylvie?*...”

– Agora, entremos, *François!*... – diz ela com voz firme. E levantando-se, põe-se a empurrar-lhe a cadeira de rodas. – Já está bastante frio aqui e, do jeito que andas fraco, é bem capaz de apanhares uma constipação ou coisa

pior!... Aí, então, teremos sérios problemas, tu e eu...

E, enquanto levava o enfermo de volta ao seu quarto, *Marie-Victoire* cogitava intimamente: precisava inteirar-se da história de *François*... Que representaria aquela mulher na vida do rapaz?...

Pouco depois a enfermeira acercava-se do doutor *Marcel-Édouard de la Roche*, o que tratava do caso de *François-Armand*, e lhe relata, minudentemente, o que se passara, pouco antes, entre ela e o rapaz.

– Mostrou ele tal comportamento, então?... – pergunta o médico, altamente interessado.

– Sim, *M’sieur le docteur*!... – responde a moça. – Mas, chamou-me de *Sylvie*...

– Ah, conto-te, minha cara!... – diz o médico. – Conto-te tudo!...

“*Pobre, François!*...”, pensa *Marie-Victoire*, pouco depois, enquanto caminhava pelos extensos corredores do hospital, de volta a seu posto, após a conversa que tivera com o médico. “*Tão jovem, e a tragédia já lhe desmantelou a vida!*...”

Naquela noite, *Marie-Victoire*, deitada em sua cama, em seu humilde quartinho de pensão, pois era só no mundo, não conseguia tirar a imagem de *François* da cabeça. “*Que coisa!*...”, pensa ela, altamente agastada. “*Não devemos envolver-nos com os pacientes; ao menos, tão afetivamente, ao ponto de tirar-nos a tranquilidade!*...”

Já era quase madrugada quando *Marie-Victoire*, finalmente, conseguiu conciliar o sono. E sonhou, sistematicamente, com *François*; entretanto, no sonho, o rapaz não se apresentava com a aparência atual: era um pouco mais musculoso, de compleição física mais avantajada. Mas ela sabia que era *François*, e ela se abraçava a ele, cheia de volúpia, mas o rapaz a rejeitava; ela, então, enfurecia-se e se lançava sobre ele, unhando-o e tentando mordê-lo. Depois, o sonho mostra-os transportados para um quarto, juntamente com outras pessoas, enquanto *François* e um outro rapaz entranhavam-se em luta feroz; a seguir, nova cena, e um cadáver jazia ao chão, no meio de uma poça de sangue, e ela, *Marie-Victoire*, acuada junto à parede, gritava como uma possessa, enquanto *François*, desesperado, fugia porta afora.<sup>108</sup>

Quando *Marie-Victoire* acordou-se, de manhã, estava banhada em suor, apesar do frio intenso que fazia. Altamente estremunhada, passa as mãos pelo rosto e rememora o terrível pesadelo. Deus do céu!... Que coisa!... Agora até nos sonhos?... Começava a preocupar-se. Ainda zozza pela noite mal

dormida, levanta-se e, apanhando a água gelada, contida num vaso de latão, bastante amassado pelo excesso de batidas que já sofrera em sua longa existência, derrama-a numa bacia de ágata branca, largamente descascada pelos anos de intenso uso, e lava, repetidamente, o rosto, para expulsar o sono. Depois, senta-se à beira da cama, sem nenhuma vontade de arrumar-se para ir ao hospital. Pelos seus cálculos, deveriam ser, já, quatro horas da manhã, pois sua senhoria também se encontrava de pé, a fazer intensos e propositais ruídos pela cozinha. Então, era preciso vestir-se depressa, e ir apanhar a condução para a clínica. Que vida!... Sem muita vontade, mete-se a vestir-se. Em pouco, olha-se em pequeno espelho cujo aço encontrava-se bastante carcomido pelas bordas e, sem muito ânimo, fecha a porta do quartinho e, após tomar ligeiro e frugal desjejum, sai para a escuridão da rua. O frio gela-lhe até a alma, e ela chega a gola do casaco até as orelhas. Por que será que os agasalhos nunca bastam para os pobres?... Andam sempre a faltar um bom pedaço... Cheia de pressa, caminha umas três centenas de metros e se coloca à beira do caminho que dava aos arrabaldes da cidade. Estava sozinha, no meio da escuridão. Medo?... Sempre tivera medo, mas a necessidade era maior!... depois que ficara órfã, aos dezessete anos, viera de Marselha, ao litoral-sul do país, em busca de emprego. E, dada à sua boa aparência, esperteza e jeito espontâneo de rir e de falar, deram-lhe o posto de auxiliar de enfermagem na imponente clínica *Charenton*!... Agora, já contava com vinte anos completos: ainda não se casara, pois não queria dar-se a um qualquer, uma vez que a grande maioria do proletariado, à época, constituía-se de homens grosseirões, mal-educados e que, invariavelmente, enchiam as esposas de filhos e, comumente, tornavam-se alcoólatras, proporcionando às respectivas famílias mais aflições e abandono que, propriamente, amparo e arrimo. *Marie-Victoire* tinha horror a tais coisas, por isso é que permanecera solteira, apesar de pretendentes não lhe faltarem, às dezenas, por ela ser de bons modos e, além do mais, muito bonita.

“*Ah, François-Armand...*”, pensa ela, balançando no pequeno ônibus que, juntamente com uma vintena de sonolentos companheiros, rumavam para a Clínica *Charenton*. “*Tu então eras apaixonadíssimo por tua Sylvie, e ela se foi...*”

Quase duas horas depois, estava ainda escuro, quando *Marie-Victoire* salta do carro, à porta da clínica. E, no meio do grupo de soturnos companheiros de trabalho, enceta, com passos apressados, a curta caminhada de três

centenas de metros até a entrada do hospital, atravessando o parque que, àquela hora, estava completamente tomado pela frígida e densa neblina. Pouco depois, refeita pela calefação interna do ambiente, retoma seu posto, a atender a infinidade de internos, no afã diário de fazer-lhes a primeira das inúmeras visitas, a acudir as mínimas necessidades que os doentes apresentassem, além de acompanhar os médicos, durante os exames clínicos rotineiros. Era uma tarefa árdua aquela, que durava dezesseis horas e, invariavelmente, sempre de pé, a caminhar apressada, através dos extensíssimos corredores do imponente hospital.

Naquele dia, em especial, *Marie-Victoire* achava-se um pouco acabrunhada, pela noite mal dormida; contudo, o principal motivo da sua falta das costumeiras vivacidade e loquacidade não era aquele: seu pensamento, constantemente, era preenchido pela lembrança de *François-Armand*. “*Mas que coisa!...*”, pensava ela, irritada. “*Esse rapaz é um paciente da clínica!... E, além do mais, é doido!...*”

– Que tens hoje, *Marie-Victoire*?... – pergunta uma companheira de trabalho, percebendo-lhe o inusual comportamento, enquanto caminhavam, lado a lado, através de extenso corredor, em direção de uma das inúmeras enfermarias, abarrotadas de doentes.

– Oh, nada, *Yvette*!... – responde ela, ligeiramente áspera. – Apenas que não dormi bem!... Só isso!...

– Sei... – observa a outra, olhando-a com um ar de pouco convencimento pela resposta que lhe dera a amiga. E, prossegue, com uma pontinha de ironia à voz: – Costuma-se perder o sono, quando as coisas não se acham muito bem com o coração...

– Ora, *Yvette*!... – exclama *Marie-Victoire*, agastando-se com a irônica observação da outra. – Quando termina o meu turno, encontro-me tão cansada que sequer tenho tempo para pensar nessas coisas!... Só tu mesma a dizeres tal asnice!...

– Ora!... – prossegue a outra. – Canso-me o tanto quanto tu por aqui; entretanto, à noite, não me tem faltado fôlego para enroscar-me com *Jean-Baptiste*...

– Que tens um fogo daqueles a consumir-te todinha, por fora e por dentro, a clínica toda já sabe, *ma chérie*!... – exclama *Marie-Victoire*, cheia de sarcasmo. – Entretanto, esse não é o meu caso!... Fica sossegada!...

– pois é exatamente isso que acho que te falta, *ma amie*!... – prossegue a

outra, insistindo. – Acaso não sabes que os homens são uma delícia, um santo remédio para tirar-nos esse peso, esse desdouro que por aqui apanhamos?... Experimenta e verás!... – e explode numa debochada gargalhada: – Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

– Não sei, não!... – diz *Marie-Victoire*. – às vezes, penso que, se fizer isso, estarei é a arrumar mais problemas para a minha cabeça!...

– Para mim, os homens sempre foram a solução para os meus problemas, minha cara!... – diz a outra, divertidíssima. – E, se queres mesmo saber, pelo teu jeito, acho que estás mesmo é apaixonada!... Ha!... ha!... ha!... Ha!... E não queres admitir!...

– Estás é doida!... – exclama *Marie-Victoire*, fazendo-se extremamente séria, e se zangando com as palavras da outra. – Apaixonada, eu?!... E por quem achas que andaria eu apaixonada?...

– Sei lá!... – responde a outra, rindo-se. – Por algum dos pacientes, deverá ser!... Ha!... Ha!... ha!... Ha!... Qual dos doidos será ele?... *Delieux?*... *Matriot?*... *Benoît?*... Ha!... Ha!... ha!... Ha!... Ou será *Louis Danterre?*... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

“*François-Armand Rounet!*...”, vem-lhe, de abrupto, à mente. “*Oh, que estou eu a pensar?...*”, mortifica-se ela em pensamento. E prossegue: “*Culpa dessa peste descarada que está a espicaçar-me, com insinuações maldosas, mas se engana: não estou apaixonada por ninguém!...*”

– Tua cara não me engana, *ma amie!*... – continua a outra. – Teu jeito de agir está a trair-te! Vamos lá, confessa: por quem te apaixonaste?... Deixa-me adivinhar de uma vez por todas: o cadete *Rounet!*...

*Marie-Victoire* quase teve uma síncope. Precisou segurar forte, com ambas as mãos, a bandejinha com os medicamentos que segurava. Deus do céu!... Corara até as orelhas!... A desgraçada iria desconfiar!... Traía-se!...

– Não disse?... – exclama a outra, triunfante. – Estás vermelha como uma cereja!... Teu rosto pega fogo!... Viste como acertei?...

– A... acer... acertaste, nada sua tonta!... – tartamudeia ela, tentando recuperar a frieza. – Tu estás jogando!...

– Pensas que não percebi o quanto, apaixonadamente, tu andas a carregá-lo para cima e para baixo, naquela cadeira de rodas, toda cheia de felicidade aos olhos?... Só uma mulher apaixonada age assim!... Não se consegue esconder uma forte paixão, *ma belle!*... Ninguém consegue; muito menos tu!... A paixão trai-nos, impudentemente, sem dó!... Tu não serias exceção à regra!...

Traze-la estampada ao rosto!... – e, fingindo intrigar-se, prossegue: – Porém, dize-me: por que é que foste apaixonar-te por um espantalho como aquele?... Anda ele tão acabado, tão feiinho, não achas?... Poderias ter arranjado algo melhor!... *Hercule Tissot*, por exemplo!... Ah, esse, sim, far-te-ia subir às estrelas, com um só abraço que te desse!... E não vive ele correndo atrás de ti como um sabujo, a farejar todos os passos que dás pelos corredores do hospital?...

– Oh, só tu a achares que me ligaria a um sevandija daquele!... – exclama *Marie-Victoire*, cheia de indignação. – Ora, *Yvette*, francamente, por quem me tomas?

– mas que estás apaixonada pelo jovem cadete *Rounet*, estás!... – prossegue a outra. – Nada me tirará isso da cabeça!... Pode negar o quanto quiseres, mas que é verdade, é!...

*Marie-Victoire* lança à outra um olhar repleto de desdém e, neste comenos, as duas moças chegavam à porta da enfermaria. Antes de entrarem, *Yvette* olha-a, cheia de malícia, e lhe cochicha:

– Depois daqui, irei contigo à enfermaria de *François Rounet*!... – e abre um sorriso cheio de marotice.

*Marie-Victoire* limita-se a devolver-lhe um olhar carregado de ódio e adentra a enfermaria, com passos decididos.

– *Bonjour, Messieurs!*... – brada ela, abrindo um sorriso forçado. Naquele dia, a jovem e bela enfermeira sorria forçado, muito forçado mesmo...

Neste ínterim, ainda deitado em seu leito forrado de lençóis branquíssimos, *François-Armand* olhava, insistentemente, para a porta da enfermaria. Aguardava, ansiosamente, a chegada de alguém. Depois, cansado de esperar, levanta-se, com certa dificuldade, vai até a ampla janela e, afastando uma parte da cortina, observa lá fora. O dia estava horrível! A espessa neblina reduzia tudo a grotescas formas fantasmagóricas. No céu plúmbeo, nuvens baixas passavam céleres, rumo ao Sul, carregando a terrível frialdade de mais um rigoroso inverno que chegava com toda a sua impetuosidade. Em pouco, tudo estaria coberto de geada e, eventualmente, de uma fina camada de neve!... *François* observa a paisagem desbotada e puxa pela memória. O anacronismo embaralha-lhe a cabeça. Que lugar era aquele?... Que fazia ali, no meio daquelas pessoas depauperadas, esqueléticas, de pele macilenta, que viviam tossindo e escarrando sem parar?... Olha, com atenção, a tênue imagem do seu rosto que se refletia na vidraça. Seus olhos seguem,

insistentemente, os traços da sua própria fisionomia, buscando uma identidade e força, naturalmente, a memória. Súbita e intensa dor de cabeça fá-lo gemer e se retrair. Por instantes, preme os olhos fortemente e busca tranquilizar-se. A dor arrefece-se, e ele volta a abrir os olhos.

– *Por quoi?...* – murmura ele, num sopro. E discreta lágrima corre-lhe face abaixo. – *Por quoi... moi?...<sup>109</sup>* – prossegue, baixinho, enquanto sonda as próprias feições refletidas na vidraça.

Neste exato instante, *Marie-Victoire* adentrava a porta da enfermaria. Escapara, aproveitando-se de ligeira distração de *Yvette* e se adiantara à bisbilhoteira companheira, na troca das enfermarias. Não queria que a outra lhe viesse atrás, quando se avistasse com *François*; poderia trair-se, enroscando-se ainda mais nas teias da esperta colega de serviço. A jovem enfermeira lutara bastante, enquanto caminhava pelo corredor, para que a pessoa que seus olhos buscassem, intempestivamente, não fossem *François*, mas não teve jeito: involuntariamente, seu olhar procurou, afoitamente, o leito do rapaz. Ele estava vazio. Então, num átimo e cheia de desespero, seus olhos procuram-no cá e lá, varrendo todo o extenso ambiente, repleto de alvíssimos leitos, ocupados por uma trintena de pacientes, e se detêm, finalmente, no único que se postava de pé, diante da janela, a espiar a paisagem lá fora.

– Oh, lá está ele!... – murmura *Marie-Victoire*, com um suspiro de alívio.

E, antes mesmo de começar a propinar a medicação àquela imensidão de pacientes, aproxima-se de *François*, por trás, devagarinho, imperceptivelmente. O rapaz, instintivamente, sente-lhe a presença e se volta, de chofre.

– *Sylvie!...* – exclama ele, abrindo um sorriso de satisfação. – *C'est toi!...*<sup>110</sup>

*Marie-Victoire* limita-se a sorrir-lhe, com um tantinho de desapontamento. Foi-lhe sumamente desagradável ouvi-lo que a chamava pelo nome da outra; entretanto, soube muito bem disfarçar a contrariedade que aquilo lhe causara.

– *Oui, c'est moi!...*<sup>111</sup> – responde ela, por fim, achando que, no momento, convinha passar-se pela outra. “*Pela tua cura, por ora, deixo que me confundas com a tua Sylvie...*”, pensa ela, puxando-o, amavelmente, pela mão. E prossegue, fazendo-o deitar-se ao leito: – Faz frio, e é bom que te mantenhas aquecido! – e, abrindo um sorriso dos que lhe eram peculiares, diz: – Abre bem a boca para o remédio!... Olha lá!... Muito bem!...

– *Sylvie...*

– Hã...

– Tu continuas bonita...

– Oh, és um lisonjeador de primeira, senhor *Rounet!*... – exclama ela, rindo-se.

– Onde estavas, *Sylvie?*... – pergunta ele, agora segurando a mão de *Marie-Victoire*. – Antes tu não moravas aqui neste lugar...

– Oh, sim – diz ela, prosseguindo na farsa. – Mudei-me para cá agora...

– Acho que tu moravas em outra casa...

*Marie-Victoire* olhava-o, penalizada. Teve vontade de sair dali correndo. Não era do seu feitio andar mentindo, nem mesmo que fosse para auxiliar o rapaz.

– *Excuse-moi...* – diz ela, retirando a mão que ele segurava com tanta paixão. – *Je quitte...*<sup>112</sup>

– Não, *Sylvie!*... – exclama ele, tentando retê-la. – Não, não me deixes, por favor!...

Neste comenos, *Yvette*, a outra enfermeira, adentrava a enfermaria e surpreende ambos em tal colóquio.

– Ah!... – exclama ela, aproximando-se de ambos. E, abrindo um sorriso maroto, prossegue: – Viste como não me enganei?...

– Não é nada do que imaginaste!... – responde a outra, retraindo-se e, deixando o rapaz altamente desconsolado, sai a visitar os demais doentes. – Andas a enxergar coisas onde elas não existem!...

– Oh, sei!... – continua a outra, seguindo-a e agora se abrindo, largamente sarcástica. – Vamos lá, *Sylvie!*... Por que não confessas que andas apaixonada por ele, hein?...

– Meu nome não é *Sylvie!*... – resmungava a outra, zangando-se sobremodo. – Sabes muito bem!... – e, arrostando a outra, prossegue, em patente desafio: – Queres briga, é?...

– Oh, por que iria brigar contigo? – diz *Yvette*, procurando comedir-se com a troça que dirigia à companheira. Como era esperta, percebera que tocava em ferida altamente dolorosa que a pobre companheira mantinha escondida, bem lá no recôndito do peito.

– Como estais hoje, *M’sieur Girard?*... – pergunta *Marie-Victoire* a um homem de meia idade, que a fixa com um par de olhos altamente alienados. – Abre a boca, para o remedinho!... Uh-lá-lá!... Muito bem!... – e afaga, delicadamente, os cabelos completamente revoltos do pobre homem, que lhe

devolve um sorriso pueril.

A outra enfermeira seguia-a, auxiliando-a no mister de medicar os pacientes, só que, agora, inusitadamente calada.

– Não é a minha intenção, na realidade, brigar contigo, *Yvette!*... – diz *Marie-Victoire*, virando-se para o paciente do próximo leito. – *Comment ça va, M’sieur patrick?*...

– Mal, *mademoiselle!*... – responde o velhote, com os olhos a encherem-se de lágrimas. – E onde está *Antoinette*, que nunca vem ver-me?... Tu me disseste que ela viria ontem...

– Oh, não veio a malvada a ver-te?... – exclama a jovem enfermeira, despejando à goela do velhote uma colherada de um líquido incolor que a companheira, antes, resumara de um pequeno frasco, contando as gotas, atentamente, uma a uma, contra a luz, para não se confundir. – Mas fica tranquilo que hoje ela virá!... Olha, a tua esposa não veio, mas enviou um recado para ti: “Dize ao meu amado *Patrick* que hoje não posso ir vê-lo, pois tenho muitos afazeres a aviar, mas, amanhã, com toda a certeza deste mundo, aí estarei a visitá-lo!...”

O velhote abre um sorriso desdentado e pareceu tranquilizar-se.

– *Merci beaucoup, mademoiselle!*... – exclama ele, altamente agradecido.

– E que mal haveria em te apaixonares por *François-Armand?*... – prossegue *Yvette*, enquanto ambas se dirigiam ao leito do próximo paciente. – Penso que não haveria mal algum...

– Sabes que isso é proibido!... – diz a outra. – Se descobrem, põem-me no olho da rua!...

– Oh, garanto-te que ninguém saberá!... – diz *Yvette*, enquanto dosava o remédio para o doente. – Se depender de mim, ninguém neste mundo saberá!... Juro-te!...

– Como estais, *M’sieur Oubignon?*... – pergunta *marie-Victoire* ao próximo doente e, antes mesmo que o homem respondesse algo, derrama-lhe o remédio garganta abaixo.

– Sabias que *François* é muito rico?... – observa *Yvette*, seguindo a outra até o paciente seguinte. – Ouvi dizer que ele é da nobreza e, ainda, que é filho único!... Se quiseres, poderemos investigar, tu e eu, se isso é mesmo verdade!...

*Marie-Victoire* limita-se a enviar para a outra um olhar carregado de censura e toma a mão do enfermo.

– Como estais, *M’sieur de Montaigne*?...

– Vais perder uma oportunidade dessas, sua tonta?... – prossegue a outra, insistindo. – Olha, se te casares com *François*, tornar-te-ás uma baronesa ou condessa ou seja lá o que for!... Já pensaste nisso?... Ah, se fosse comigo!...

– Não me preocupo com tais coisas!... – exclama a outra, enfiando uma colherada de remédio à boca do homem, que se arrebenta numa violenta crise de tosse. – Oh, engasgastes-vos, senhor?... Vamos, recostai-vos e respirai profundamente, assim!... Assim!... Agora, abri os braços!... Respirai!... Assim!... Assim!... Melhorastes?... Ficai, então, com Deus!...

– Pois acho que deverias pensar, seriamente, nesse negócio!... – exclama *Yvette*. – Ou acaso pretendes passar o resto dos teus dias a trabalhares aqui, feito uma mula mal paga, e ainda morares naquela horrorosa mansarda úmida e fria, a comeres, diariamente, apenas batatas cozidas com sal e pão bolorento?... Oh, não!... Acho que precisas pensar um tantinho mais, antes de atirares a oportunidade da tua vida esgoto abaixo!... – e, segurando a outra pelo braço, enquanto se dirigiam ao próximo leito, continua, altamente excitada: – Já te imaginaste morando numa daquelas mansões que há pelos lados dos *Champs Elisées*?... Sabias que é por lá que ele mora?... Que luxo!... E as roupas, as joias, os sapatos que terias, casando-te com ele?... Oh, *Marie-Victoire*!... Pensa seriamente nisso!... Que grande negócio tu não estarias a realizar?...

– Disseste-o muitíssimo bem, *ma amie*: grande negócio!... – responde, irônica, a outra. – E tu achas que a família dele deixá-lo-ia casar-se, sem mais nem menos, com uma pobretona como eu?... – e, meneando a cabeça, ri-se, com sarcasmo, e prossegue: – Só tu mesma a sonhares com tal doidice!...

– Oh, não sabes, por certo, o que não fariam os parentes dele só para verem-no curado!... – continua *Yvette*. – Casá-lo-iam até com uma limpadora de chaminés!...

– Oh, és uma exagerada!... – retruca a outra, rindo-se da observação da colega. Depois, fazendo-se séria, prossegue: – Por certo, sequer imaginas o que sejam os aristocratas, minha cara!... O orgulho que têm!... Simplesmente, abominam os pobres!...

– Vejo que és dura como uma rocha!... – exclama *Yvette*, com um suspiro de impaciência. – Mas, não vou desistir até não vê-la casada com *François*!... – e, correndo os olhos até onde se achava o leito do rapaz, cutuca a companheira e lhe diz matreiramente: – Vê como ele te segue com o olhar!...

Não se desgrudou de ti, um só instante, desde que aqui estás!... Encontra-se perdidamente apaixonado!... Tu já o físgaste, minha cara!... É teu!... Só precisas estender a tua mão e o colheres do galho!...

– Oh, como podes dizer tal bobagem?... Ele pensa que sou *Sylvie*, sua noiva morta!... Acaso esqueceste esse detalhe?... – retruca a outra, altamente amuada. – Como podes achar que gosta, na realidade, de mim?... Não percebes que *François* está muito doente, *Yvette*?... Só tu mesma a teres tais ideias!...

– Mas, com paciência e dedicação, tê-lo-ás curado para ti!... – insiste a outra. – Os mortos esquecem-se, não sabias?... O tempo faz-nos esse serviço!... Viúvos ou solteirões acabam os que se foram!... Os vivos acham-se!... Não sabes que belíssima praga é o coração humano!... Não vive sem se enroscar numa ou noutra paixão!... – e, falando por cima do ombro de *Marie-Victoire*, quase a cochichar-lhe ao ouvido: – E, quando te tornares a baronesa-não-sei-de-quê, tu me levarás contigo como tua secretária, *d'accord*?... – e arremata, com um sorriso carregado de cumplicidade: – Seremos como unha e carne...

*Marie-Victoire* não teve como não se rir. Concluiu que *yvette* deveria ser um pouquinho mais louca que aqueles pobres coitados que ali se internavam...

---

102. “– Oh, meu querido!... O sol está uma beleza, hoje, não é?... ”, em francês.

103. “– Senhor doutor!... Tenho novidades!... *François* olhou-me!...”, em francês.

104. “– Eh, *François*!... Como vais?... ”, em francês.

105. “– *Sylvie*?... Mas, não!... Eu sou *Marie-Victoire*, a enfermeira!... Tu te enganas... ”, em francês.

106. “– Oh, minha *Sylvie*!... (...) – És tu, meu amor!... ”, em francês.

107. “– *Sylvie*... (...) – Não me deixes jamais!... ”, em francês.

108. Tais cenas acham-se relatadas no romance “O Sorriso de Pedra”, dos mesmos autores deste, quando a personagem acima, em encarnação anterior, vivera como *Marguerite*, amante do então *François-Armand* que, à época, era o coudel *Tonton* (*Antoine Jouvenchy*). Esse sonho, na verdade, trata-se de uma recordação do passado.

109. “– Por quê?... (...) – Por que... eu?... ”, em francês.

110. “– *Sylvie*!... És tu!... ”, em francês.

111. “– Sim, sou eu!... ”, em francês.

112. “– Desculpa-me... (...) – Vou-me... ”, em francês.

## Capítulo 12. A espiritualidade revela-se

Corria o ano de 1857. fazia, já, sete anos que *Sylvie* houvera morrido. *François* passara longo tempo internado em *Charenton* – quase cinco anos – e, ora, aparentemente, pelos últimos dois anos, vinha apresentando melhoras clínicas, após longa sucessão de alternadas melhoras com recaídas em crises que, invariavelmente, forçavam-lhe a volta ao hospital até que se equilibrasse novamente. Por essa época, obtivera alta relativa; deixavam-no ficar em casa, ao lado da mãe, mas sempre acompanhado de alguém do hospital, mormente de *marie-Victoire*, pois era ela quem o rapaz, veementemente, sempre insistia para que fosse a enfermeira a acompanhá-lo ao lar. Recusava-se, peremptoriamente, a deixar-se cuidar por outra pessoa, senão ela. A mãe de *François*, *Amandine*, a princípio, não notara o excessivo apego do rapaz pela jovem e bela enfermeira, mas, depois, com o passar do tempo, estranhou o comportamento do filho em relação à moça.

– Sabes que meu filho vive chamando-te pelo nome da outra, não?... – pergunta *Amandine Rounet* à enfermeira, certa tarde de outono, durante o tempo em que o rapaz achava-se a dormir, após receber dose de medicação calmante. – E por que concordas com tal coisa?...

– Desejo que saibais, *madame*, que não tive outra escolha: vosso filho confunde-me com a noiva morta e, a aconselhamento médico, foi essa a única forma de o tirarmos da crise em que se encontrava – retruca a jovem. E prossegue firme, sem dar mostras de que se tivesse deixado intimidar pelas palavras da outra: – Entretanto, não penseis que disso me aproveito!... Pelo contrário: apenas colaboro, às instâncias do doutor *de la Roche* – conforme bem sabeis, o médico que trata de *François*, já, há tempo – e que, vendo nisso a possibilidade de cura do vosso filho, pediu-me a cooperação. Nada, além disso, há!... posso garantir-vos, senhora!

– Assim espero!... – responde-lhe, secamente, *Amandine Rounet*. – E que jamais venhas aproveitar-te da loucura do meu filho, com o propósito de te locupletares com essa confusão que o pobrezinho meteu à cabeça!...

– Nem precisáveis dizer-me tais coisas, *madame*!... – responde a enfermeira, altamente magoada. – Sei, muitíssimo bem, qual é o meu lugar!...

– Gostaria, imensamente, que o doutor *de la Roche* empregasse métodos mais acadêmicos, em relação aos seus pacientes, em vez da utilização de processos tão empíricos!... – observa a mãe de *François*, sem esconder a

contrariedade que lhe ia à alma: – Já faz tanto tempo que ele está assim!... São quase sete anos!... Hoje sei que *François* não se curará jamais!... Por muitos anos, acalentei a ilusão de que ele, um dia, retomasse a razão e que voltasse ao que foi um dia, mas ora percebo que me iludi esse tempo todo!... A loucura do meu menino é irreversível!... Dói-me admitir tal constatação, mas sei que assim é!... – e grossas lágrimas descem-lhe face abaixo.

– Oh, *madame*!... – exclama a jovem enfermeira, tentando consolar a outra. – Tende fé em Deus!... Confiai na Providência Divina!...

– Fé!... Fé!... – explode *Amandine*, cheia de enfado. – Acho que Deus sequer ouviu as minhas preces!... Mostrou-se surdo aos meus rogos por todo o tempo!... Mas, cansei-me!... Cansei-me de tudo, sabes?... Cansei-me desta situação horrível, de ter um louco dentro da minha casa, de ter de medir as palavras que direi, para não fazê-lo recair em crise, de saber olhá-lo com certo jeito, senão ele cairá em crise!... Oh, tudo é bobagem!... Bobagem dos médicos de *Charenton*, os quais reputo tão loucos quanto os seus pacientes!...

– Oh, *madame*, certamente não sabeis o que estais a dizer!... – exclama a mocinha, ofendidíssima. – Em *Charenton*, todos fazem o possível e, também, o impossível pelos pacientes!...

– Sei!... – exclama *Amandine* cheia de ironia. – Pelo que andam a cobrar pela internação dos doentes, até eu faria!...

– Oh, senhora, podeis não entender isso, mas vosso filho obteve muitos progressos com o tratamento lá recebido!...

*Amandine* limita-se a olhar para aquela jovem com forte expressão de agastamento. Já andava a enfarar-se de tudo!... Além do mais, tinha de tolerar a presença constante daquela pretensiosazinha em sua casa, a ditar-lhe ordens sobre o que fazer e quais as atitudes mais corretas a tomar com o filho. No fundo, achava-se enojada dela. Até a sua voz pedante e entojada, com o forte sotaque marselhês, causava-lhe náuseas!... E, sobretudo, não tolerava o comportamento que o filho vinha demonstrando para com aquela provincianazinha estúpida.

– Acho que modificarei o tratamento dispensado a *François*!... – exclama *Amandine*, por fim. E prossegue, sem o mínimo de rodeios, cruamente direta: – E, também, gostaria que tu te afastasses dele!... Pensando bem, acho que, doravante, poderei eu mesma cuidar do meu rapaz, aqui, em nossa casa, dando-lhe mais carinho, mais atenção e mais conforto!... Contratarei um enfermeiro capacitado e tenho a certeza de que daremos conta de tratá-lo

muito melhor do que fazeis lá em *Charenton*!... Além do mais, o doutor *de la Roche* poderá vir vê-lo semanalmente!...

– Como quiserdes, *madame*!... – responde a mocinha, altamente magoada. – Entretanto, devo advertir-vos de que *François*, apenas aparentemente, encontra-se em relativo equilíbrio!... Se assim procederes, ele possivelmente entrará em nova e profunda crise, da qual lhe será custoso sair!... Isso já ocorreu tantas vezes antes!...

– Oh, quem és tu para achares o que devo ou não fazer com o meu menino?... – replica, asperamente, a marquesa *de Montpellier*. – Quem decidirá isso, certamente, não serás tu, mas o doutor *de la Roche*!... E tenho a absoluta certeza de que não me negará tal pedido!... Amanhã mesmo irei a *Charenton* ter com ele!... E, quanto antes tu deixares a minha casa, será melhor para todos!...

– Como desejares, *madame*... – responde a jovem enfermeira, altamente sentida. E, levantando-se, faz ligeira reverência diante da matrona e toma o rumo do quartinho que ocupava, na ala destinada à criadagem.

– Pretensiosa!... – murmura *Amandine*, cheia de rancor, quando a moça deixava a saleta. – Sonsa!... Se pensas que vais abocanhar os bens do meu menino, estás muitíssimo enganada!...

*Marie-Victoire* chega ao seu singelo quartinho e se lança sobre o leito. As lágrimas descem-lhe abundantes, ensopando o grosseiro tecido de algodão da fronha que envolvia o travesseiro.

– *Oh, mon Dieu!*... – exclama ela, baixinho. – Nunca fui tão humilhada em toda a minha vida!... Só por que sou pobre, desdenhou tanto assim de mim!... Ah, desgraça!... Como odeio a miséria!... – e, por um pouco, seu pensamento foi inundado por um turbilhão de ideias díspares e conflitantes. Ia ter de sair dali!... Teria de afastar-se de *François-Armand*!... A velha marquesa, orgulhosa e prepotente, não gostava dela; via nela uma ameaça à vida sentimental do filho!... Vida sentimental!... Que restara de sentimento no coração daquele pobre infeliz?... Nada!... Só escombros de monstruosa tragédia!... Entulhos de uma paixão tão grandiosa e que desmoronara tão fragorosamente, a entupir-lhe o coração e a razão com uma montanha de destroços que, dificilmente, alguém poderia limpar completamente, para nova paixão ali reconstruir!... Pobre *François*!... Ela lhe dera um motivo – saberia Deus qual fora! – de retomar um tantinho da razão perdida e que a mãe, agora, estouvadamente, por puro ciúme, aliado ao preconceito, começava a

cercear!... E, se ela, *Marie-Victoire*, ousasse enfrentar aquela tirana, certamente, a maldita poderia utilizar-se da sua influência e, perfidamente, instar à diretoria do hospital para que a metessem no olho da rua!... Deus do céu!... Que faria?... Gostava de *François-Armand*!... habituara-se a ele, com a sua presença diária!... E agora?... Teria de rogar a Deus, para que, na melhor das hipóteses, a prepotente *Amandine Rounet* não lhe pedisse a cabeça!... Se perdesse aquele emprego, seria o caos!...

A meio de tais cogitações, a jovem enfermeira, tremendamente esgotada pela carga emocional sofrida, acabou por adormecer. Depois de algum tempo, despertou com leves batidas à porta do quarto.

– *marie-Victoire!*... *marie-Victoire!*... – escuta a voz de uma das criadas da casa chamando-a. – *Madame la marquise t’apelle!*... *Vite!*... *Viens!*...<sup>113</sup>

Em pouco, a enfermeira achava-se diante de *Amandine*, que lia um livro, recostada em suntuosa *chaise longue*, no conforto de amplo e aconchegante *boudoir*.

– mandastes chamar-me, senhora?...

– Sim – responde a outra, friamente, sem tirar os olhos do livro. – Pensei melhor e decidi que tu deves partir, ainda hoje, antes que o meu filho desperte do descanso da tarde!...

– Mas, *madame*... – tartamudeia a jovem enfermeira.

– Não discutas comigo, mocinha!... – rebate a matrona, agora, tirando os olhos do livro e a encarando com um par de olhos terrivelmente gelados. E prossegue, com a voz cortante como uma navalha: – E sugiro que saias já, antes que se faça noite!... Meu carro deixar-te-á em segurança, aonde quer que desejes ir!... Anda!... Toca a arrumares os teus pertences!... Não te quero aqui, nem mais por uma hora!...

– E os remédios do vosso filho, *madame*?... E o que direi ao doutor *de la Roche*?... – insiste, ainda, a mocinha.

– Quanto aos remédios, não te preocupes!... – responde a Marquesa *de Montpellier*, direta. – Basta que instruas *Annette*, uma das minhas criadas, pois, se tu fazes isso, também ela será capaz de fazer!... E, quanto ao doutor *de la Roche*, encarrego-me dele, amanhã!... Agora, sai, imediatamente, da minha casa!...

*Marie-Victoire* volta-se para a porta e sai. Estava derreada; tinha os ombros caídos e, à alma, carregava a maior tristeza deste mundo.

– Vai-te, espertalhona!... – murmura *Amandine*, enquanto, com os olhos,

seguia a moça que, altamente pesarosa, deixava a sala.

Uma hora depois, *François-Armand* despertava e, como gostava de estar sempre ao lado da sua enfermeira, a primeira coisa que fez foi perguntar pela moça à mãe, que ainda lia seu livro, na tranquilidade do luxuoso *boudoir*.

– *maman*, por acaso sabes onde se encontra *Marie-Victoire*?

– Tua enfermeira foi-se daqui, *mon petit*!... – mente *Amandine*. – O hospital mandou chamá-la. Aliás, enquanto dormias, aqui esteve o doutor *de La Roche*, em pessoa, a buscá-la.

– mas, por que isso?... – questiona o rapaz, tomando-se de grande desencanto. – E por que permitiste que o doutor a levasse?...

– Oh, meu amor!... – exclama a matrona, deixando o livro e, abrindo os braços, atrai o filho a si. – Senta-te aqui ao meu lado!... Tenho boas novas para ti!... Sabes o que disse o doutor *de la Roche*?... Disse-me que tu estás curado!... Que não precisarás nunca mais retornar àquele horroroso hospital e que não necessitas de mais nenhuma enfermeira!... – e, fingindo alto contentamento, prossegue: – Não é maravilhoso?... Tu ficarás, doravante, sempre aqui, comigo!... O doutor, pessoalmente, instruiu *Annette* a propinar-te os medicamentos!... Tu estás livre, para sempre, do mal que te aflige!... Não é uma boa notícia?...

O rapaz baixa os olhos, cheio de mágoa e de desencanto. Duas lágrimas, de repente, brotam-lhe dos olhos e lhe descem face abaixo.

– *Eh, mon bébé!*...<sup>114</sup> – exclama *Amandine*, notando que ele não a encarara e nada respondera. – Não ficaste feliz com a notícia?...

– *Non, maman!*... – diz ele, baixinho. – *Sylvie* deixou-me, outra vez, e tu nada fizeste para detê-la!...

– Oh, *François!*... – diz a Marquesa *de Montpellier*, levantando-se, altamente contrariada pelas palavras do filho e, encaminhando-se para a janela, com um gesto rápido e preciso, afasta as pesadas cortinas de veludo cinza e espiona lá fora, por alguns instantes. Depois, volta-se e, cheia de desgosto, olha para o filho que se achava acabrunhado, pequenino, encolhido, num canto da *chaise longue*, e prossegue: – Por que não enfrentas, de vez, a realidade, *mon chéri*?... Olha, criei-te para seres forte, viril e decidido; entretanto, o que é que te revelas?... Um meio-homem, demasiadamente sentimental, romanesco e dado a fantasiar sobre tudo o que te vai ao redor!... Oh, quão diferente te saíste de mim e do teu pai!... Queria-te mais forte, mais arrojado!... Não percebes que *Sylvie* não existe mais?... Que ela morreu?... –

e, voltando a sentar-se ao lado do filho, toma-lhe as mãos frias e trêmulas e prossegue: – Olha, assim pensas porque não viste *Sylvie* morta, não é?... Pois eu a vi!... estava morta, sim, dentro de um caixão!... A varíola matou-a, entendes?... Essa que pensas ser a tua namorada não passa de uma impostora, de uma espertalhona, a enganar-te!... Entende isso de uma vez por todas!... Sê homem, *François!*...

– És uma mentirosa, *maman!*... – exclama o rapaz, encarando-a, cheio de horror aos olhos, demasiadamente abertos e tomados de estranho brilho. – És uma grande mentirosa, também tu!... *Sylvie* não morreu!... – e, abrindo um sorriso altamente carregado de um misto de raiva e de desdém, prossegue: – Tu a mandaste embora, *n'est-ce pas?*... Eu sei!... Tu nunca gostaste de *Sylvie!*... Tu a odeias, *maman!*... – e, levantando-se, sai, abruptamente, da sala.

– *François!*... Volta aqui!... – exclama *Amandine*, saindo-lhe no encalço. – Volta aqui, por favor!... – e, já se tomando de prematuro remorso pelas ásperas palavras que dirigira ao filho, corre-lhe atrás. Vai achá-lo encolhido sobre o leito, com o olhar perdido, inexpressivamente, no nada. – Oh, *mon petit*, exclama *amandine*, com os olhos a encherem-se de lágrimas. – Oh, perdoa-me, perdoa-me!... Sou uma estúpida!... – e, tomando o queixo do filho, força-o, primeiro, gentilmente, a olhá-la. O rapaz, entretanto, trazia as mandíbulas duras, cerradas. – Oh, que fiz eu contigo, *mon Dieu?*... – prossegue ela, tomando-se de desespero. E, dessa vez, puxa, violentamente, o rosto do filho, com a intenção de fazê-lo olhar para ela: – Olha para mim, *François!*... – geme ela, cheia de arrependimento. – Olha para mim, meu querido!...

O rapaz, entretanto, parecia feito de pedra. *Amandine*, então, ajoelha-se ao lado do leito do filho e tenta atraí-lo a si; porém, constata, estarecida, que ele se encontrava totalmente rígido; toda a musculatura do seu corpo encontrava-se travada – nenhum movimento notava-se-lhe, à exceção da respiração ofegante e difícil.

– *Annette!*... *Annette!*... – grita pela criada a marquesa *de Mont-pelier*, deixando-se tomar de extremo desespero.

Em pouco, a criada surgia a acudir os gritos da patroa.

– O remédio de *François!*... – brada *Amandine*. – Depressa!... O remédio!...

– Qua... Qual..., *Madame la Marquise?*... – tartamudeia a pobre criada, altamente aparvalhada.

E, a seguir, postando-se diante do aparador, a desnorteada *Annette* passeia os nervosos olhos pelo renque de frasquinhos transparentes a exibirem seus conteúdos, num labirinto de líquidos das mais variadas colorações, e indicados, nos rótulos, por nomes estrambóticos. Totalmente perdida, a criada passeava, alternadamente, os aflitíssimos olhos, entre aquela infinidade de vidrinhos coloridos, e o rosto da patroa, que a aguardava ansiosamente.

– Não te instruiu, corretamente, a outra, sua tonta?... – ralha *Amandine*, deixando-se tomar, por fim, pela impaciência.

– Sim... Quer dizer... Não!... Não sei, senhora marquesa!... – responde a pobre criada, a torcer as mãos, nervosamente, deixando-se invadir por alto desespero.

– Oh, és uma incompetente, mesmo!... – exclama *Amandine Rounet*, a bufar excessos de impaciência. – E, agora, como agiremos, sua lesma?... A outra cretina já se foi!... Toca a chamares um boticário!... Depressa!... O homem deverá entender dessas coisas!...

Meia hora depois, a pobre *Annette* regressava, acompanhada de distinto cavalheiro a ostentar bastos bigode e suíças grisalhos.

– Tais remédios são-me desconhecidos, *madame* – observa o homem, depois de minucioso exame dos frascos, um a um. – esses medicamentos são de uso exclusivo da Clínica *Charenton* e nós, os boticários da cidade, não temos acesso a eles. A maioria deles é destilada no laboratório do próprio hospital e sequer lhes conheço o teor!... Seria uma verdadeira temeridade e grande responsabilidade a minha ministrar ao rapaz drogas assim, pois lhes desconheço a descrição e as dosagens prescritas!... Somente o pessoal da Clínica, mesmo, a propinar-lhe esses remédios com total segurança!... Sinto muito!... – e, fazendo ligeira reverência, faz meia volta e se vai.

*Amandine* toma-se de desespero. E, agora?... Excedera-se, reconhecia. Por excesso de zelo, excedera-se, ao despedir, estouvadamente, aquela sirigaita!...

– Dize-me, *Annette* – interpela ela, voltando-se para a criada que, a um canto, mantinha-se altamente nervosa, a beliscar a palma da mão com as unhas –, acaso aquela infeliz revelou-te onde morava?...

– *Oui, Madame la Marquise!*...<sup>115</sup> – responde a serviçal.

– Manda preparar o carro!... – ordena *amandine*, com a voz firme. – Tu e eu iremos até lá!...

Hora e meia depois, o luxuoso carro da *marquesa de Montpellier* estacionava diante de decrepita construção de pedras, num pobre arrabalde da

cidade. Já anoitecia, e a escuridão principiava a invadir, impiedosa, a rua esburacada e cheia de imundície. *Amandine* deixa o carro, seguindo a criada que a precedera e, altamente assustada pela extrema fealdade do lugar, leva, instintivamente, a mão ao nariz. “*Que fedor, meu Deus!...*”, pensa ela. E corre os olhos pelo chão irregular para não ser traída por um daqueles buracos cheios de lama fedorenta. De fato, o mau cheiro era intenso. Filetes de água escura e malcheirosa – riozinhos de esgoto a céu aberto – corriam, transportando os dejetos residenciais do bairro miserável, onde centenas de paupérrimas famílias amontoavam-se em tugúrios altamente deteriorados pela ação do tempo e das intempéries. *Amandine* estremece ligeiramente. “*Então era ali, naquela imundície, que a espertinha morava, é?...*”, pensa ela. “*Agora entendo o porquê de tanto empenho por estar ao lado do meu filho!... Mas, foi muito bom ter vindo até aqui, sua malandra!... Agora, conheço-te um pouquinho mais!...*”

– *Marie-Victoire, s’il vous plaît, Madame!...*<sup>116</sup> – diz *Annette* à mulher de aspecto carrancudo que viera abrir a porta.

– A quem devo anunciar?... – pergunta, ranzinza, a mulher. Depois, curiosa, espicha a vista e, apertando os olhos para acomodá-los à penumbra, consegue divisar *Amandine* que se postava um pouco mais afastada e, mais além, o suntuoso carro que as trouxera. Percebendo tratar-se de gente graúda, a velhota abre-se num largo sorriso e, fazendo-se extremamente gentil, convida: – Oh, Excelências, fazei o favor de entrar!... Por favor, abrigai-vos em meu humilde lar, enquanto verei se a senhorita poderá receber-vos!...

A velhota some-se ligeira porta adentro, e *Annette* e *Amandine* trocam-se significativo olhar.

– Melhor entrarmos – diz a Marquesa *de Montpellier*. – A fedentina aqui fora está insuportável!...

O interior da casa era desolador!... As paredes eram de pedras rústicas, cobertas pelo limo do tempo; as janelas e portas, de madeira toscamente lavrada; o telhado era de colmo negro e cheirando a mofo, e as traves que o sustentavam achavam-se cobertas de escura fuligem a depositar-se, incessantemente, da fumaça que escapava do precário fogão de pedras da cozinha contígua à única sala da casa. O mobiliário do paupérrimo ambiente resumia-se a pesada mesa de madeira lavrada e de uma meia dúzia de cadeiras trôpegas, velhas e encardidas.

– é temerário sentarmos aí, *madame!*... – observa a criada, depois de

examinar, cautelosamente, uma das cadeiras, com a ponta dos dedos. – acham-se pegajosas de tanta sujeira!...

– Que nojo!... – exclama a outra, com um esgar de repulsa. – Melhor aguardarmos em pé mesmo!...

Em pouco, *Marie-Victoire* surgia do alto de uma escadaria de pedras de degraus desgastados pelos passos do tempo. De antemão já sabia quem seriam aquelas pessoas *bonitas e elegantes* de que lhe falara a senhoria, pouco antes. “*Bonitas, elegantes e extremamente cruéis!...*”, respondera ela à velhota. “*Tu não sabes, Henriette, de que coisas são capazes esses aristocratas!...*” e emendara, depois que se desalterara um pouquinho, penteando os cabelos e passando a palma das mãos, repetidas vezes, pelo vestido amassado. “*Essa gente, simplesmente, abomina os pobres!...*”

– *Madame la Marquise!...* – diz *Marie-Victoire*, fazendo ligeira reverência diante de *Amandine*. E prossegue, com laivos de ironia à voz: – A que devo tanta honra?...

– *Marie-Victoire...* – fala *Amandine Rounet*, olhando firme nos olhos da jovem enfermeira. – Sei que fui dura contigo esta tarde!... Mas *François* passa mal!... *Annette* não foi capaz de ministrar-lhe corretamente os remédios!...

– Não sei por quê!... – exclama a enfermeira. E, voltando-se para a criada que se desmanchava em aflição, prossegue: – Instruí-te até decorares tudo, *Annette!...* Como não conseguiste?...

– Oh, *marie-Victoire!...* – diz *Annette*, aproximando-se da outra. – Eu havia entendido tudo, sim, mas quando o patrãozinho teve a crise, apavorei-me tanto que não me lembrava de mais nada do que me havias ensinado!...

– Então teve ele uma crise, é?... – observa a enfermeira, olhando para *Amandine*. – E por que se desencadeou tal crise, *madame?...* Quando de lá saí, *François* estava bem, a repousar tranquilamente!...

– Não sei!... – responde, brusca, a Marquesa *de Montpelier*, baixando os olhos. – Apenas que se acordou em crise e se acha mudo, fechado em si, e não consigo fazê-lo falar!...

– Não, *madame!...* – redargui a outra, firme. – A crise de vosso filho, certamente, desencadeou-se por algum motivo!... Melhor dizerdes a verdade!...

– Nada aconteceu, senhorita!... – esbraveja *Amandine*. E prossegue, arrostando, ferozmente, a jovem enfermeira: – Acaso estás a duvidar de mim,

mocinha?...

– Sim, *Madame la Marquise!*... – responde a jovem, firme. – Conheço *François-Armand* o suficiente para saber que algo lhe provocou a recaída!...

– Pois te digo que nada aconteceu de anormal, e acho melhor agires rápido e voltares a ministrar-lhe os remédios, corretamente!... Temo pela vida do meu filho!...

– Lá não voltarei, *Madame*, sem antes comunicar o fato ao doutor *de la Roche!*... O médico precisa ser informado de todas as ocorrências!...

– Então o que estás esperando?... Toca a chamares, depressa, o doutor *de la Roche!*...

– Não chamarei o doutor *de la roche*, enquanto não me disserdes a verdade, senhora!... – persiste a enfermeira, renitentemente.

– *Il va bien!*... *Il va bien!*...<sup>117</sup> – exclama *Amandine*, altamente irritada. – Sou eu a culpada de tudo!... Satisfeita?... Olha, humilho-me até esse ponto!... Quando *François* se acordou, procurou por ti e eu lhe menti!... Disse-lhe que tu tinhas partido por ordem do doutor *de la Roche!*...

– Francamente, *madame la Marquise!*... – diz *Marie-Victoire*, olhando a outra nos olhos. – Tudo por ciúme do vosso filho!... Repito-vos, senhora: nada há, entre mim e *François*, e nem nunca haverá!... Ficai sossegada, que o vosso dinheiro não me atrai!... Sou pobre, sim, muito pobre, conforme podeis muito bem conferir!... Entretanto, tenho a minha dignidade!... Guardai o vosso ouro, pois ele, decididamente, não me interessa!...

Em pouco, as três mulheres estavam no luxuoso coche, de volta à casa de *Amandine Rounet*.

– *François!*... – *Marie-Victoire* chama pelo rapaz, pouco depois, já de volta à mansão de *Amandine*. – *François!*... Sou eu!... – prossegue ela, sentando-se-lhe ao lado, no leito, e o atraindo a si, abraça-o ternamente.

– *Sylvie!*... – murmura ele, a seguir, com os olhos a inundarem-se de lágrimas. – *C'est toi que retournes!*...<sup>118</sup>

– Sim, sou eu!...

– Oh, *Sylvie!*... *Sylvie!*... – diz o rapaz, acendendo-se. – Que bom que voltaste!...

Da porta, *Amandine* seguiu tudo com o peito altamente oprimido. Um nó apertava-lhe, grandemente, a garganta. Sabia que tinha enorme problema a resolver dali para frente. Um problema do tamanho do mundo...

\*\*\*\*\*

O general *Emmanuel-Théophile du Servey* depõe sobre a secretária de tampo de mármore branco o livro que estivera lendo, em seu gabinete pessoal. Era noite avançada; a casa encontrava-se totalmente mergulhada no silêncio. Todos, provavelmente, já dormiriam, faria já um bom tempo. O velho militar cerra os olhos meio ardentes pelas horas de ininterrupta leitura e os preme forte, para descansá-los. Em seguida, abre-os e olha para a brochura, altamente extasiado.

– Deus do céu!... Deus do céu!... – murmura ele, correndo a ponta dos dedos pela lombada do livro. – Era isso!... Era isso!... – e se ri, altamente satisfeito.

Em seguida, levanta-se. As pernas achavam-se entorpecidas. Estivera sentado ali, a ler, desde o início da tarde. E, retirando o relógio do bolso da casaca, olha as horas: passava um pouquinho de uma hora. Seus olhos buscam, novamente, o livro que repousava sobre o tampo de mármore alvincente da sua secretária: *Le Livre des Esprits*.<sup>119</sup>

– *Mon Dieu!*... – exclama o velho militar, agora segurando o livro entre as mãos e lhe acariciando, ternamente, a capa. – Era isso que sempre busquei a minha vida toda!... Todas as respostas!... Tudo tão claramente disposto!... – e duas lágrimas descem-lhe pelas veneráveis faces.

Seus olhos seguem as letras grandes: *Le Livre des Esprits... Allan Kardec...* E seu pensamento volta ao dia anterior. Fazia linda tarde de primavera, e ele se encontrara com o Coronel *Léonard-André Bettencourt*, bem próximo ao *Palais Royal*. “*Aonde vais assim tão afoitamente, caro Léonard?...*”, perguntara ao outro. “*À Galerie d’Orléans...*”, respondera o amigo. “*Pois não sabeis, general?... O sr. Kardec acaba de lançar um tratado sobre os espíritos, na livraria Dentu!...*”. “*Deveras?...*”, admirara-se. “*Pois vou contigo até lá!... Sabes o quanto tal assunto interessa-me!...*”

E tiveram ambos tanta sorte!... Ao adentrarem a livraria *Dentu*, a solicitarem pela referida obra à prestimosa senhora *Mélanie Dentu*, a proprietária do estabelecimento que, em pessoa, viera atendê-los, e dela ouviram, após a aquisição dos exemplares: “*M’sieur Kardec acha-se na loja!... No momento, avista-se com o meu gerente. Se desejardes conhecê-lo, conduzo-vos até ele. Quem sabe não vos agraciará com um autógrafo?...*” O general *Emmanuel-Théophile du Servey* recorda-se, então, do rosto de *Allan Kardec*: tinha-o pálido, magro, de zigomas proeminentes e pele sardenta, largamente entremeada de rugas e de algumas verrugas; a fronte era vertical,

comprida e larga, arredondada ao alto e erguida sobre arcadas orbitárias proeminentes, com sobranceiras abundantes e castanhas; os olhos eram pequenos e fundos, com olheiras e pápulas; o nariz era grande, a sobressair-se sobre um bigode ralo, quase todo branco e aparado rente à borda do lábio. O general lembra a pergunta amável do autor ao lhe autografar o livro: “*À qui, Monsieur...?*” “*Général du Servey, s’il vous-plaît!...*”,<sup>120</sup> respondera-lhe.

Os olhos profundos de *Allan Kardec*, carregados dum misto de quase rigidez, entremeada, paradoxalmente, de gentilíssima afabilidade, chamaram, sobretudo, a atenção do general. A voz serena, contudo firme e ponderada, aliada aos gestos precisos e seguros, davam-lhe um ar de extrema seriedade ao conjunto.

O general *du Servey* seguia-o com os olhos, enquanto ele escrevia a dedicatória. conhecia-o apenas de nome. Descobrira que ora ele usava um pseudônimo; seu nome verdadeiro era outro, bem conhecido na França toda.<sup>121</sup> Sabia que ele já lançara outras obras, bastante difundidas no meio educacional e que era tido como professor de renome; entretanto, jamais cogitara que fosse, também, pesquisador sobre as coisas dos espíritos...

– Onde poderia encontrar-me com o senhor, em outra ocasião, *M’sieur Kardec?*... – perguntara-lhe de chofre, sem pensar muito, quando ele lhe devolvera, com um sorriso aos lábios, o livro autografado.

– No momento aprazado, escrever-vos-ei, marcando um encontro, *M’sieur le général!*... – respondera, gentil, o Codificador do Espiritismo. – Por hora, acho-me por demais assoberbado pelas minhas tarefas, mas, prometo-vos, sob palavra de honra, que me avistarei com o senhor!... Aguardai, por favor!...

Extremamente sensibilizado pelas lembranças daquele encontro da véspera, o general *du Servey* guarda o livro dentro de uma das gavetas da secretária e apaga as velas do pequeno castiçal. As horas avançavam. Era tarde, precisava descansar. Nos lábio, carregava um sorriso de satisfação plena. Estava feliz. Sabia que as coisas do mundo, doravante, não seriam mais as mesmas... Não seriam, não...

---

113. “– *Marie-Victoire!... Marie-Victoire!... (...)* – *A senhora marquesa chama-te!... Depressa!... Vem!...*”, em francês.

114. “– *Ei, meu bebê!...*”, em francês.

115. “– *Sim, senhora marquesa!...*”, em francês.

116. “– *Marie-Victoire, por favor, senhora!...*”, em francês.

117. “– *Está bem!... Está bem!...*”, em francês.

118. “– *És tu que retornas!...*”, em francês.

119. *O Livro dos Espíritos*, em francês. O lançamento da primeira edição de *Le Livre des Esprits* aconteceu a 18 de abril de 1857, na Galeria d'Orléans, no *Palais Royal*, em Paris, e editada por **E. Dentu**. Entretanto, o texto inicial não é o mesmo que se publica até os dias de hoje. A segunda edição, considerada definitiva, surgiu somente em 1860. A primeira edição era mais compacta, impressa em duas colunas e continha 501 questões, distribuídas em três partes: 1ª - “Doutrina Espírita”, com dez capítulos; 2ª - “Leis Morais”, com onze capítulos, e 3ª - “Esperanças e Consolações”, com três. Para a consecução de monumental obra, o incansável **Allan Kardec** valeu-se das comunicações dos espíritos, através de vários médiuns, e anotadas em cinquenta cadernos, reunidos pelo célebre dramaturgo **Victorien Sardou**, por seu pai, o professor e lexicólogo **Antoine-Léandre Sardou**, pelo livreiro e editor da Academia Francesa **Pierre-Paul Didier**, pelo filósofo holandês **Tiederman-Marthèse**, além de uma série de outros intelectuais da época. Classificando, compilando, comparando e ordenando o farto material que tinha à mão, o notável mestre lionês trouxe a lume a obra que estabeleceria os primeiros fundamentos do Espiritismo nascente. Mais tarde, sob a coordenação da Espiritualidade, **Allan Kardec** estendeu as 501 questões iniciais para 1018 que, na realidade, são 1019, posto que existe um erro na sequência numérica da questão 1011, fato que, certamente, passou despercebido pelo insigne Codificador.

120. “*Para quem, senhor...?*” “*General Du Serevey, por favor!...*”, em francês.

121. O verdadeiro nome de Allan Kardec: *Hippolyte-Léon Denizard Rivail*.

## Capítulo 13. O Espiritismo

O general *du Servey* não se cansava de falar sobre o extraordinário livro que surgia, aclarando as mentes acerca do mundo em que viviam os espíritos. Já houvera comprado uma porção de exemplares e os distribuía aos amigos mais chegados, com a recomendação de que não deixassem de ler aquela magnífica obra que, segundo ele, encerrava em si a capacidade de transformar o mundo. Autoconstituíra-se, assim, em ferrenho divulgador da extraordinária obra de *Allan Kardec*.

Naquela agradável tarde de primavera de 1857, o então já capitão *Wilfred Berg*, de licença da campanha na Argélia, passava pelo quartel, em visita ao general *du Servey*.

– Lê, com carinho e atenção, *Berg!* – diz o velho militar ao amigo, passando-lhe o livro. – Aí tens o que reputo de algo que já principia a sacudir a França inteirinha!... Digo-te mais: irá além, vazará pelas nossas fronteiras e inundará o mundo inteiro!... Precisavas ver as manchetes dos jornais!... O livro já nasceu forte, batendo, impiedosamente, na abjeta face da hipocrisia, e enfrentando a mentira e a sitiando por todos os flancos!... – e, a abrir-se num sorriso de satisfação plena, prossegue: – Desta vez, não há como escapar!... O forte conteúdo dessas páginas suscita polémicas, meu caro!... Muitas polémicas!... o livro anda a gerar controvérsias em todos os meios, académicos ou não!... Mexe com a cabeça das pessoas, das mais esclarecidas às mais teimosas!... Mas isso é muito bom!... É preciso sacudir, fazer estremecerem as bases das instituições!... Sei que essas ideias abalarão todas as estruturas edificadas até agora!... Tudo o que existe até hoje se tornará velho e obsoleto e ruirá, fragorosamente!... Sequer imaginas o que contêm essas páginas, meu caro!... O maior tratado sobre a vida além-túmulo que alguém já escreveu!... O véu enigmático rasga-se afinal!...

– Deveras?!... – admira-se *Wilfred Berg*, com as efusivas e encomiásticas palavras com que o general elogiava o conteúdo daquele livro.

*Berg* apanha o volume das mãos do amigo e lê o título: *Le livre des Esprits... Allan Kardec...* – e, puxando pela memória: – Não conheço o autor...

– Por certo que o conheces!... – diz o general. – Usou um pseudônimo... Lembras-te do professor *Rivail?*...

– Claro que sim!... – responde o outro. – Todos o conhecem!... Não vais

dizer-me que é ele?...

– Sim... – prossegue o general. – Na semana passada, estive na Livraria *Dentu*, na *Galerie d’Orléans*, em companhia do Coronel *Bettencourt*, a fim de adquirimos a tão propalada obra que se lançava!... Tivemos tanta sorte, ele e eu, que o autor do livro achava-se ali, no momento. Avistei-me, então, com o Professor *Rivail*!... E me prometeu ele, dentro da mais ampla deferência que possas imaginar, receber-me, em particular, dia desses!... Oh, *Berg*, não sabes o quanto a descoberta de tais coisas animam-me, ainda que no crepúsculo desta minha existência!... Oh, se tais coisas me tivessem caído às mãos mais cedo!... Minha vida, certamente, teria sido diferente!... Nem imaginas que estupendas revelações fazem-se nessas páginas!... Não mais a escravidão dos dogmas que, por milênios, tentaram jogar-nos goela abaixo, muitas vezes, à nossa revelia!... Deus revela-se, aí, mais sábio, mais justo e mais equânime!... Não mais o crime e o conseqüente castigo, com a danação eterna, mas a bênção da redenção, através da palingenesia!...

– Mas tais ideias não são novas, general!... – observa *Berg*. – A metafísica e até mesmo a reencarnação já foram sobejamente exploradas e discutidas, neste século, por eminentes pensadores!... E, ainda, ressalte-se que religiões antiquíssimas, como o hinduísmo e algumas das facções do budismo, têm-na como artigo de fé!... Que poderá haver de novo sobre esse assunto?...

– Sim, sei!... – redargui o general. – Nesse ponto estás certíssimo, *Berg*!... Sabemos o quanto *Schopenhauer*<sup>122</sup> discorreu, recentemente, sobre isso!... Não se trata, aqui, de metafísica, pura e simplesmente, ou da palingenesia que se fundamenta na metempsicose,<sup>123</sup> como crêem os hinduístas!... o que *Allan Kardec* traz-nos é algo inusitado!... Desvela-nos Deus, a Natureza, a origem das coisas, com precisão ímpar, tudo calcado na observação sistemática, na análise mais racional que alguma vez já vi sobre as questões da fé!...

– Então o senhor *Kardec* está a fundar uma nova religião?... – pergunta *Berg*. E, abrindo ligeiro sorriso, prossegue: – Eis que surge novo reformador!...

– Posso garantir-te que se trata, sim, de um novo e extraordinário reformador, meu caro!... – diz o general, sério. e, com a voz tomada de intensa emoção, continua: – Traz-nos os fundamentos de nova e diferente religião: a Doutrina Espírita!...

– Se dizeis, general... – fala *Berg*. – Mas, prometo-vos: lerei o livro e, oportunamente, falaremos sobre ele!...

– E, tu – prossegue o general, mudando de assunto –, como vai a vida de casado?... *Céleste-Marie* apresenta melhoras ou continua na mesma?...

– Minha mulher sempre se portou estranhamente, general – responde *Berg*. – Mesmo antes de tomá-la por esposa, apresentava comportamento doentio. Sempre soube que era fraca das ideias... Eu e minha sogra, *Marie-Louise*, acabamos por concluir que, talvez, o casamento pudesse trazer-lhe alguma paz, mas se deu, exatamente, o contrário: *Céleste-Marie* piora a cada dia!... Anda agressiva e mal-humorada o tempo todo; quase não dorme e chora à toa!...

– Ainda bem que não tivestes filhos!... – diz o general. – Penso que ela não seria uma boa mãe!...

– Acho que tendes razão, senhor!... – concorda *Berg*. – Por outro lado, o instinto maternal de *Céleste-Marie* maltrata-a. Anda a insistir para que tenhamos um bebê!... Mas, seria um grande risco!... Ela já tem trinta e dois anos!... *Marie-Louise* também considera perigosa uma gravidez nessas alturas das nossas vidas. Não que a criança ficasse desamparada!... Isso não!... A própria avó cuidaria do neto, com a maior boa vontade; entretanto, não sabemos qual seria a reação da minha esposa!...

– Quem sabe *M'sieur Kardec* não terá a resposta que buscas para o mal de *Céleste-Marie*? – diz o general, apontado para o livro que *Wilfred Berg* mantinha à mão. – Já que os médicos e os remédios em nada a ajudaram!...

– Pode ser que tenhais razão, general!... – diz o Capitão *Berg*.

Na realidade, o militar não se enchia de muitas esperanças, não. Era muito infeliz em seu casamento e, a duras penas, entendera que fizera tudo errado!... No fundo, amava *céleste-Marie* e a desposara com o intuito de fazê-la feliz, mas o resultado fora outro: eram ambos infelizes!...

Pouco depois, na rua, o Capitão *Berg* cogitava. Era ainda cedo, e ele não tinha nenhuma vontade de retornar a casa. Lá, teria de estar com *Céleste-Marie*, de ficar a ouvir suas arengas chorosas, e ele já andava a cansar-se daquilo. A tarde de primavera estava linda, e o militar não teve, realmente, nenhuma vontade de regressar ao lar. O variegado cheiro da cidade acendeu-lhe ao coração o antigo gosto pela liberdade de solteiro. De repente, intensa ansiedade apodera-se dele. *Céleste-Marie* revelava-se enfadonha por demais!... Não sentia, ao lado dela, a mesma emoção de antes. Da esposa só recebia lamúrias e agressões!... Queixava-se de pretensos fantasmas a perseguirem-na; lamentava-se de não conseguir ser feliz; queria engravidar;

queria que ele abandonasse, de vez, a carreira militar para permanecer, constantemente, ao lado dela!... Era só ciúme e exigências!... Exigências e mais exigências, sem nada dar em troca!... Insistia em que ele abandonasse tudo, abandonasse o mundo e se enclausurasse dentro de casa ao lado dela!... Deus do céu!... Se isso acontecesse, certamente, ele enlouqueceria!... Tempos atrás, voltar para a campanha era-lhe difícil, por ter de abandoná-la; agora, entretanto, sentia-se aliviado, quando as suas licenças findavam-se, e tinha de retornar à Argélia!... às vezes, tinha pena de *Céleste-Marie*!... Pena!... O amor que ele sentia por ela vinha se transformando, através do tempo, em pena... De repente, *Berg* sentiu saudade das esbórnias de antes. E *Lulu Fontainebleau*?... abre um sorriso matreiro. Quanto tempo fazia que não visitava a casa de *Madame Fontainebleau*?... Desde que se casara com *Céleste-Marie*... Quatro anos... Acende-se, e então, advém-lhe um desejo enorme de reavivar, das cinzas, as brasas do passado folgazão.

– Bem que eu poderia folgar com as meninas de *Lulu*... – murmura baixinho e sorri. – Acho que ando a precisar de uns descansos nos braços de uma mulher de verdade...

Disfarçadamente, olha para todas as direções. Aparentemente, nenhum conhecido à vista!... Hesita, por instantes, e depois, decide-se. Estuga, então, os passos e se dirige para os lados da *Rue de Saint-Sulpice*. A tarde principiava a cair, amena, quando ele espiona a rua, nos dois sentidos, antes de entrar pela porta. Sobe, afoitamente, as escadas de mármore branco do luxuoso sobrado, saltando os degraus de dois em dois. O coração batia-lhe descompassado, quando ele chegou lá em cima e, por alguns instantes, permaneceu diante da porta do cabaré de luxo, a desalterar-se. Lá de dentro, ouvia-se o abafado som de uma clarineta a entoar langorosa melodia que era secundada, ao fundo, por vozes veladas e risos comedidos.

A casa de *Lulu Fontainebleau* era conhecida pela discricção e pelo requinte: não se admitiam excessos nem escândalos sob qualquer pretexto! Uma dupla de gigantescos africanos fazia a guarda do local, e quem se metesse a dar bandeira era fatalmente expulso do local, literalmente, a pontapés, e proscrito dali para sempre. A porta de entrada era constantemente mantida trancada a chave e permanentemente guardada pela dupla de fiéis negros gigantes.

*Berg* enxuga a testa suarenta com o lenço e, depois, passando a mão pelos cabelos, recompõe-se. em seguida, fechando a mão, bate na porta, levemente, com o nó dos dedos.

– *M’sieur le lieutenant!*... – diz um dos núbios, ao abrir a porta. respeitoso, ao reconhecer *Berg*, faz-lhe ligeira reverência e convida: – *Entrez, s’il vous-plaît, M’sieur le lieutenant Berg!*...<sup>124</sup>

– *Capitaine, N’dingo!* – corrige-o *Berg*, abrindo ligeiro sorriso e entra.

Ao ouvirem o ruído da porta abrindo-se, todas as cabeças que se achavam no pequeno e luxuoso salão, sentadas em derredor de mesinhas de mogno, cobertas por requintadíssimas toalhas de linho alvinitente e, sobre as quais, descansavam as longas e finíssimas taças de cristal boêmio, cheias do borbulhante e dourado *champagne*, voltam-se, tautocronamente, para a entrada.

– *Berg!*... – exclama *Lulu Fontainebleau* levantando-se do divã em que se achava sentada a bebericar de uma taça de *champagne*. E, aproximando-se do rapaz, dá-lhe o rosto a beijar, exclamando, brincalhona: – És tu ou o teu espírito que retorna?...

– Oh, *Lulu!*... – replica *Berg*, rindo-se. – Até tu te deixaste contaminar pela onda de fantasmas que grassa por toda a cidade?... Ainda há pouco conversava com o *General du Servey* e vê o que me deu de presente!... – e lhe exhibe o exemplar do livro que trazia à mão.

– Oh, também eu já o li!... – exclama a velha caftina. – E, se queres a minha opinião sincera, digo-te que o que aí está é a pura verdade!... Sabes, *Berg* – prossegue ela, puxando-o, amavelmente, pela mão e o fazendo sentar-se junto dela no divã de veludo vermelho –, nunca comentei o fato com ninguém, mas vejo a minha mãe (que se foi já faz mais de quarenta anos!...), constantemente, ao meu lado, mormente à noite, quando me ponho a dormir!...

– Deveras? – observa *Berg*, a demonstrar alto interesse.

*Lulu* era tida como mulher firme e austera no agir. Não constava que lhe fosse usual a mentira aos lábios; pelo contrário, eram-lhe conhecidíssimos o modo direto de falar e a franqueza das palavras.

– Sim – prossegue ela –, de modo que essa febre que, de repente, se assenhoreou de Paris, acerca das coisas do além, para mim não é nenhuma novidade!... Sempre tive, cá comigo, bem no íntimo que, se a minha mãe vem amiúde visitar-me é porque, em algum lugar fora deste mundo, ela sobrevive, *n’est-ce pas?*...

– Sim... – responde o rapaz, altamente pensativo.

– E, tu?... – prossegue ela, mudando de assunto e lhe tomando as mãos,

maternalmente, entre as suas. – Ouvi dizer que te casaste...

– Sim...

– Com ela, *Céleste-Marie*?... – e, diante da afirmativa, abre um sorriso, cheio de autoconfiança, e prossegue: – E, deixa-me adivinhar: estás mais infeliz e desconsolado que um monge no claustro!... Tu te arrependeste, não é?... – pergunta ela, olhando-o firme nos olhos.

– *Oui*...

– E aqui vieste em busca de consolo, nos braços de uma das minhas meninas, *n'est-ce pas*?...

*Berg* limita-se a assentir com um movimento de cabeça, baixando os olhos, meio envergonhado.

– Pois te digo que deves ir-te embora, *berg*!... – diz *Lulu Fontainebleau*, fitando-o firme. – Vais enganar-te de novo!... E, depois, vais sofrer mais, com o remorso a roer-te a alma!... Vai embora!... Não te quero aqui!... Se ficares, não só não esquecerás as tuas frustrações como ainda adicionarás mais outras ao teu já tão conturbado coração!... Conheço-te, meu amigo!... Tu não conseguirás trair o teu amor por muito tempo!... Serás traído, antes, pelo teu coração!... Tu amas *Céleste-Marie*!... Fica com ela!...

– Mas, *Lulu*, *Céleste-Marie* enlouquece!... Tu não sabes o que é conviver com uma doida!...

– Sei!... – replica ela, sem se deixar convencer do contrário. – Não exatamente a convivência com uma pessoa demente, mas sou velha o bastante para entender o quão difícil deve ser essa tarefa!... Mas, digo-te, *Berg*, as coisas da vida não costumam ser-nos fáceis, não!... Nem para mim, nem para qualquer um!... Sabes o quanto conheço pessoas em Paris!... Mormente homens, e homens de alto galardão como tu!... Vivo no meio deles!... Não desconheces que vêm aqui, amiúde, nem tanto pelas minhas donzelas, quanto para ouvir-me!... Não penses que não sei o quanto sou tida como excelente conselheira e mulher altamente experiente!... Se até o Imperador<sup>125</sup> já aqui esteve!... – e, piscando um olhinho maroto, acrescenta, rindo-se: – Não para aconselhar-se, é claro!... Ele não precisava dos conselhos de ninguém!... – e, voltando a fazer-se séria, prossegue: – Como podes bem ver, desde muito jovem, ando rodeada por eminentes homens do mundo, meu caro!...

– Mas sou extremamente infeliz, *Lulu*... – geme ele.

– E muito mais serás, se deixares a tua mulher!... – diz ela, firme. – Não

queiras enganar-me e dizer que, quando aqui chegaste, não tinhas a tua cabeça cheia de vontades de fazer isso!...

– Sim... – diz ele, altamente desconsolado. – Ao passar pela *Place Pigalle*, ainda há pouco, reacenderam-se em mim os desejos do passado, e então, lembrei-me de ti!... Tu não sabes o que são as necessidades de um homem, *Lulu!*...

– Oh, como não sei?!... – exclama *Lulu*, censurando-o firmemente. – Acaso desconheces a minha profissão?... E acho, também, que os homens são todos uns cabeças moles!... Andam a trocar o certo pelo duvidoso!... Pensam que o que está pelas ruas é sempre melhor daquilo que têm dentro de casa!... Oh, como se enganam!... Os prazeres escusos são sempre efêmeros, caro *Berg!*... E costumam deixar uma borra amarga à boca!... É como embriagar-se de aguapé: arrepende-se, tremendamente, depois!... Aliás, já deverias saber!... Não és mais aquele frangote de quinze ou dezesseis anos que escapavas à vigilância da tua mãe e vivias a frequentar a minha casa todos os dias!... Logo de manhãzinha já aí estavas à porta!... Lembras-te de que eu precisava expulsar-te, sempre, quando anoitecia, para não ter problemas com o comissário *Lefèvre?*... – e, rindo-se daquelas recordações do passado, prossegue: – Eras tão honesto e franco que não conseguias mentir sobre a tua própria idade!... Lembras quando o comissário apanhou-te a folgar por aqui, e tu lhe revelaste a tua verdadeira idade?... não só levaste uma bronca daquelas como ainda foste levado à presença da tua mãe, pelo próprio comissário!... Depois disso, andaste sumido daqui por um bom tempo!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Meteu-te de castigo a tua mãe, é?... – e, retomando a seriedade, prossegue: – Apesar de agora seres um homem feito, cheio de experiências e cansado de tantas peripécias vividas por este mundo todo, nada mudaste!... Não conseguirias mentir para a tua mulher!... Tu te deixarias trair mais cedo do que pensas!... És honesto demais!... As aventuras amorosas e as amantes são para os mundanos, para os doidivas, *Wilfred!*... Não para ti!... Não te cai bem!... Sempre foste correto por toda a tua vida!... És diferente dos demais que nada valem, que vivem a roubar dos pobres, que mentem, que espoliam e que são capazes até de matar, sem moverem um único músculo da face, tão frios e insensíveis são!... Sei que te encontras desarvorado, infeliz, mas esta é a tua vida!... Queres prazer e diversão?... Aqui tenho a vender-te!... É só escolheres o produto!... Mas escutaste bem o que eu disse?... *Vender-te!*... Terás o prazer mecânico, mercantilista, sem

qualquer toque de paixão ou de ternura!... E se te parecer, na tua sede de deleite, que alguma dessas mocinhas interessa-se por ti, digo-te, de antemão, que é mentira!... Essas criaturas são treinadas para fingir!... Fingir, entendeste bem?... Nada amam, além do ouro!... Conheço-as muitíssimo bem!...

*Berg* olha para aquela mulher que, apesar de setuagenária, ainda carregava indeléveis traços do esplendor que possuía um dia, capaz até de encantar reis e imperadores!... Além de ter sido excessivamente bela, era dona de inteligência singular; todos adoravam conversar com ela e lhe respeitavam os conselhos.

*Lulu Fontainebleau* sonda, com a mão, o bolso do rico vestido de seda branca e retira a carteira de cigarros e ata um deles à extremidade de longa e reluzente piteira de ouro. Pequeno silêncio estabelece-se entre ela e *Berg*.

– Agora vai embora para casa, *Wilfred!*... – ordena ela, com a voz firme, rompendo o pequeno silêncio. e, depois de lançar para o alto longa bafurada de fumaça cinza-azulada do cigarro que fumava, emenda: – Tua mulher deve andar apreensiva com a tua demora!...

Saindo para a calçada, *Berg* já não se preocupava em olhar para todas as direções, antes de deixar a porta de *Lulu Fontainebleau*. anoitecia, e as ruas achavam-se fracamente iluminadas pela luz mortiça e amarelada dos lampiões a gás que, ao queimarem o combustível, zumbiam como um enxame de abelhas alvoroçado. De repente, o ribombo de um trovão ressoa no ar, e ligeira pancada de chuva primaveril desaba, com seus pingos grossos e frescos a tamborilarem sobre o piso calçado de pedras. *Berg* ajeita o chapéu à cabeça e puxa a gola da casaca. Ia ensopar-se, se não entrasse nalgum café. Foi o que fez. Meteu-se à porta, juntamente com pequeno magote de transeuntes, comprimindo-se sob a soleira de simpática confeitaria da *Rue du Commerce*. *Berg* suspira aborrecido, olhando para a chuva que agora desabava mais forte. Iria atrasar-se ainda mais!...

A chuva durou quase meia hora e diminuiu. *Berg* saiu para a rua e, a passos largos, encaminhou-se para a *Place Pigalle*. logo depois, tomou um coche de aluguel. Durante o trajeto, teria tempo suficiente para pensar numa desculpa plausível para apresentar a *Céleste-Marie*.

\*\*\*\*\*

Uma semana depois, o general *du Servey* e *Constance*, sua esposa, recebem uma visita: *Berg* e *Céleste-Marie*.

– Oh, que surpresa, meus amigos!... – exclama o general, contentíssimo.

– Desejo que saibais, senhor, que – prossegue *Berg*, depois de instalados, confortavelmente, em divãs na sala de visitas da mansão do general –, depois que li o livro com que me presenteastes, achei-me tomado de espanto pelas ideias ali contidas!... São, deveras, inéditas!...

– Pois não te disse, capitão?... – exclama o general, entusiasticamente. – Não foi além das tuas expectativas?...

– Sim!... – retruca o rapaz. – *Céleste-Marie* também o leu e tem opinião semelhante, não é, querida?

– Sim – concorda a moça. – O livro revela-nos coisas relevantíssimas acerca da existência da vida extracorpórea!...

– Doravante, novas expectativas abrem-se para a humanidade! – exclama a esposa do general. – Não mais o enigmático silêncio dos túmulos!...

– Concordo contigo, minha cara!... – acrescenta o general. – E tenho uma novidade!... O senhor *Kardec* escreveu-me!...

– Deveras?... – observa *Berg*.

– Sim – prossegue o general. – E concordou em receber-me, na sua própria casa, na *Rue des Martyrs*. Entretanto, por se tratar de espaço exíguo, pequeno apartamento creio, solicitou-me, educadamente, que fosse sozinho!...

– Oh, que pena!... – exclama *Constance*. – Adoraria conhecer o Professor *Rivail* pessoalmente!... Sabíeis que ele e a esposa sempre foram engajados na luta pela extensão do ensino superior, também, às mulheres?...

– Não!... – responde *Céleste-Marie*. – Quem é a esposa dele?...

– Também é professora!... – explica *Constance*. – Conheço-a, de vista, do *Lycée des Arts*. É *Amélie Boudet*!...<sup>126</sup> Pessoa distintíssima e muito culta!... Pelo que me consta, já é autora de três livros!...

– E não vos adiantou nada o senhor *Kardec* acerca do que poderão tratar neste encontro?... – pergunta *Berg*.

– Não, mas, se tiver oportunidade, penso levar-lhe uma série de questões que ainda andam a roer-me a alma em relação, é claro, ao mundo em que vivem os espíritos!... Certamente, o senhor *Kardec* já terá as respostas para todas elas!... – responde o general. E, olhando para *Céleste-Marie*, prossegue: – E, uma dessas questões é sobre esses estranhos males que acometem algumas pessoas que dizem ser perseguidas por inimigos ocultos e que andam, ainda, a ouvir vozes!... Isso sempre me apoquentou as ideias!...

– O caso de *Céleste-Marie*, por exemplo... – observa *Berg*. – Que sempre viveu perturbada, a ver vultos e se dizendo torturada por um estranho homem

que lhe aparece, constantemente, em sonhos, cobrando-lhe coisas que, decididamente, ela sabe nada dever a ninguém!... Não vos parece um caso típico?...

– Sim!... – concorda o velho militar. – O caso da nossa querida *Céleste-Marie* sempre me intrigou!... Quem sabe não teremos a resposta?... E, ainda, tenho uma novidade a dizer-vos: avistei-me, outro dia, com o senhor *René de Montségur*, que me assegurou estar o senhor *Allan Kardec* a fazer sessões espíritas em sua residência!... E que ele próprio, *Montségur*, já foi admitido a algumas dessas sessões e me garantiu tratarem-se de coisas seriíssimas!... Relatou-me ele que o senhor *Kardec* utiliza-se de sensitivos,<sup>127</sup> pessoas altamente sensíveis e que se deixam influenciar pelos espíritos!... E ainda que, através dessas pessoas, já se manifestaram alguns dos que foram altos dignitários da História, da Igreja, das Artes, das Ciências, da Filosofia... Escrevem mensagens, nas quais abordam temas de elevadíssimo teor filosófico, científico ou religioso, cujo conteúdo, elaborado em linguagem cultíssima e sempre embasado em fundamentos e teses que visam à boa conduta e à moralidade superior, tem assombrado as pessoas!... E, invariavelmente, são assuntos que se destacam por encontrarem-se muitíssimo acima do nível e do conhecimento dos sensitivos e até mesmo do próprio professor *Rivail*!...

– Se isso, realmente, anda a acontecer, as coisas logo estarão a incendiarse!... – exclama *Constance*. – E o que temo são as consequências que advirão disso tudo!... Percebem o quanto essas revelações andam a abalar as estruturas da sociedade?... Achais que a Igreja deixará tudo passar em branco?... Não se esqueçam de que a nova Doutrina contesta *in totum* todos os dogmas católicos e até mesmo os protestantes!... Não vos parece que teremos represálias?...

– Oh, minha querida!... – exclama o general. – Podes ter a absoluta certeza de que teremos a reação natural dos que se acharem prejudicados com a revelação da Verdade!... Mormente os vendilhões do templo, os quais combateu, veementemente, Jesus!... Ou achas que a hierarquia católica já não se coça, altamente incomodada com tal publicação, que se mostra completamente recheada de verdades cristalinas, acerca da fé verdadeira, sem a máscara hipócrita dos mistérios e dos milagres, além de explicar, em bases altamente científicas, a origem das coisas, bem como o futuro que se reserva à alma após a morte, sem nenhuma alegoria ou ameaça de castigo pela

danação eterna?... Por certo não perdoarão o fato de lhes atirarem às fuças o quanto são mentirosos e enganadores!... Desde já, podemos todos ficar de prontidão, que o senhor *Kardec* não passará incólume por essa, não!... Andou a açular a fera com vara bem curta!...

– Tendes razão, general!... – observa *Berg*. – Imaginai se ainda existissem as fogueiras da Inquisição!...

– Oh, o senhor *Kardec* fatalmente seria queimado vivo por tamanha heresia!... – exclama *Constance*.

– Não te esqueças de que a Inquisição ainda não foi totalmente extinta, *ma chérie*!... – prossegue o general. – Ela ainda funciona!... Graças a Deus, não nos moldes do que já foi um dia, mas, infelizmente, ainda tem os braços bastante fortes para perseguir e judiar!... existem outros métodos para se assar alguém na fogueira!... Naturalmente, não lhe aniquilando mais o corpo, como faziam antigamente, mas lhe matando a moral, através da calúnia!... Existem criaturas especializadas em espalhar falsos boatos, criados, propositadamente, com a única finalidade de assassinar moralmente uma pessoa!... Os boatos espalham-se como plumas lançadas ao vento!... Depois de soltos, é impossível retardar-lhes ou até mesmo impedir-lhes o avanço!... E, apesar de falsos, sempre haverá os que neles crerão, e a sua propagação será inevitável!... É disso que tenho medo, e o senhor *Kardec*, possivelmente, não lhes escapará à sanha!...

Por instantes, o pequeno grupo de amigos permaneceu em silêncio, em íntimas cogitações.

– Paga-se o preço!... – *Céleste-Marie* rompe, por fim, o silêncio. – É preciso pagar sempre o preço pelo que se faz!... Tudo tem um preço...

– Tens razão, minha querida!... – diz o general. – E preço mais alto pagam os que desejam acender um pouco mais de luz neste mundo!... haja vista o exemplo de Jesus!... Haverá alguém que já trouxe ao mundo mais luz que Ele?... No entanto, qual a paga que lhe demos?...

– A morte... – diz *Constance*, pensativa. – O preço foi a cruz...

– E temo ter destino similar o senhor *Kardec*... – prossegue o general. – Mui cedo lhe pedirão a cabeça!... Podeis estar certos disso!...

Depois da colocação do general *du Servey*, todos permaneceram quietos, recolhidos em seus pensamentos. Por que é que as coisas tinham de ser sempre assim?... A História não estava recheada de casos exemplificadores?... A humanidade não iria aprender nunca?... Por que é que

permanecemos sempre tão relutantes em aceitar a verdade?... Acaso não asseverou Jesus que a verdade, um dia, deveria ser restabelecida?...<sup>128</sup> E quantos, a exemplo de Jesus, já não haviam doado a própria existência em paga da verdade?... *Jan Huss, Johannes Kepler, Jeanne d’Arc*... Mártires que não hesitaram em imolar-se nas chamas da fogueira da Inquisição, para que a luz da verdade baixasse a este mundo ainda tão obnubilado pelas trevas da ignorância!...

– Realmente, somos ingratos para com aqueles que nos trazem a liberdade!... – exclama o Capitão *Berg*. – Basta folhearmos os compêndios de História e ali acharemos registrados os holocaustos do passado!...

– Sim! – concorda o general. – A lista dos que se sacrificaram a bem da verdade já é bem grande!... E aí acrescento não só os que foram, literalmente, imolados nas chamas das fogueiras inquisitoriais, mas também os que se queimaram no fogo das perseguições, das calúnias, do arresto de bens, da segregação arbitrária em prisões infectas e inumanas...

– Tendes razão, senhor!... – concorda *Berg*. – Como já bem dissestes, há muitas maneiras de se “queimar” uma pessoa!... Não necessariamente, atando-as a um poste rodeado de achas de lenha...

– De preferência, empregando-se lenha verde e molhada, para haver mais fumaça e lentidão no “cozimento”!... – completa o velho militar.

A agradável tarde de primavera prosseguia, enquanto os amigos conversavam, agora, animadamente, acerca das novidades que a deslumbrante cidade sempre tinha a apresentar, invariavelmente, todos os dias. Viviam no coração do mundo civilizado de então e eram os primeiros a beberem na fonte de todos os acontecimentos que surgiam como modismos a serem copiados pelo resto do mundo!...

Quando a noite caiu, *Berg* e *Céleste-Marie* deixaram o casal *du Servey*. Achavam-se um pouco mais animados, pois era sempre bom privar da companhia de pessoas altamente agradáveis e cultas como eram *Constance* e o velho militar!... Daquela vez, *Wilfred Berg* deixava a casa do general, com uma pontinha de esperança no olhar. Será que *Céleste-Marie*, finalmente, conseguiria livrar-se dos males que a acometiam?...

---

<sup>122</sup>. **Arthur Schopenhauer** (Danzig, 22 de Fevereiro de 1788 – Frankfurt, 21 de Setembro de 1860) foi um filósofo alemão do século XIX da corrente irracionalista. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1851) seja o mais conhecido. **Schopenhauer** foi o filósofo que introduziu o Budismo e o pensamento indiano na metafísica alemã. Ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o Budismo como uma confirmação dessa visão. **Schopenhauer** também combateu ferrenhamente a filosofia hegeliana e influenciou fortemente, na juventude, o pensamento de **Friedrich**

**Nietzsche**, o criador e divulgador do *niilismo completo*.

123. Doutrina segundo a qual uma mesma alma pode animar, sucessivamente, corpos diversos, homens, animais ou vegetais; transmigração.

124. “– *Senhor tenente!... (...)* – *Entraí, por favor, senhor tenente Berg!...*”, em francês.

125. Referência a *Napoleão Bonaparte*, em francês *Napoléon Bonaparte*, nascido *Napoleone di Buonaparte*, (Ajaccio, Córsega, 15 de Agosto de 1769 – Santa Helena, 5 de Maio de 1821) foi o dirigente efetivo da França, a partir de 1799, e adotando o nome de *Napoleão I* foi Imperador da França de 18 de Maio de 1804 a 6 de Abril de 1814, posição que voltou a ocupar rapidamente de 20 de março a 22 de junho de 1815.

126. **Amélie-Grabrielle Boudet** nasceu em *Thiais*, pequena cidade do Departamento francês do Sena, em 23 de Novembro de 1795. Além de lecionar as primeiras letras nas escolas primárias, **Amélie** também foi professora de Letras e Belas Artes, uma vez que possuía habilidades inatas para a poesia e para o desenho. Mulher culta e inteligente, publicou três obras: “Contos Primavera”, 1825; “Noções de Desenho”, 1826; “O Essencial em Belas Artes”, 1828. Esteve casada com **Allan Kardec** por trinta e sete anos, até a morte deste, ocorrida em 31 de março de 1869. **Madame Allan Kardec**, como ficou conhecida, desencarnou em Paris, em 21 de janeiro de 1883, aos 87 anos de idade.

127. O termo *médium* não era ainda comumente empregado à essa época; vulgarizar-se-ia, a partir da publicação de o Livro dos Espíritos, em abril de 1857, e conseqüente divulgação do pensamento nele contido.

128. Evangelho de S.João, 14.16-17

## Capítulo 14. M'sieur Allan Kardec...

Quando o general *du Servey* parou diante do número 8 da *Rue des martyrs*, eram exatamente vinte horas e quinze minutos. “*Apenas faço questão da pontualidade, M'sieur le Général...*”, recorda-se o velho militar da carta que recebera do Professor *Rivail*, dias atrás, marcando aquele encontro. “*Da rua, deveis subir as escadas até o primeiro andar, tomar o corredor até o apartamento dos fundos...*”

Diante da porta envernizada em preto, *Emmanuel-Théophile du Servey* para, por alguns instantes, para recompor-se. Em seguida, bate, pausadamente, com os nós dos dedos da mão fechada.

– *Bonsoir, Madame!*... – exclama ele, diante do rosto amável e distinto que lhe abriu a porta. – Sou o general *du Servey*... *M'sieur Kardec* espera-me!...

– *Parfaitement, M'sieur le général!*... – exclama a adorável mulherzinha de olhos claros e radiantes. – *Entrez, s'il vous plaît!*...<sup>129</sup>

O general entra e se depara com uma porção de pessoas que se comprimiam em sala exígua de pequeno, mas confortável apartamento.

– Oh, sede bem-vindo, excelentíssimo senhor general!... – exclama o Professor *Rivail*, levantando-se e, gentil, acolhe o visitante, indicando-lhe uma cadeira a sentar-se. Em seguida, apresenta, um a um, os demais: – *Madame Plainemaison*... *M'sieur, Madame e Mademoiselle Dufaux*... *M'sieur Levin*...

Com breves e significativos sinais de cabeça, um a um, os presentes cumprimentaram o recém-chegado.

– Dizíeis, *Madame Plainemaison*?... – prossegue o Professor *Rivail*, após as devidas apresentações.

– Relatava-vos, senhor, que *Mademoiselle Dufaux* é sensitiva e que vem mantendo contado com espíritos desde 1853. E que teve publicada, em livro editado em 1854, uma série de escritos recebidos do Rei Luís IX.

– É verdade!... Lembro-me disso!... – exclama, altamente interessado o Professor *Rivail*. – Entretanto, não consegui, ainda, ter em mãos tal publicação!... Acha-se esgotada por acaso?...

– Não, *M'sieur Kardec*, responde o senhor *Dufaux*, pai da jovem médium. – Na realidade, tais escritos contêm a autobiografia do Rei São Luís, fato que incomodou, sobremaneira, altos dignitários da Igreja, que se sentiram ameaçados pelas revelações ali contidas, além de entenderem que o livro

contém ofensas à pessoa de Sua Majestade!...<sup>130</sup> Decidiu-se, então, pela adição da obra ao *Index librorum prohibitorum*,<sup>131</sup> e consequente apreensão dos exemplares que se achavam expostos nas livrarias, para venda.

– Oh, que lástima!... – exclama o Codificador do Espiritismo, altamente indignado. – E qual é mesmo o título dessa obra?... Acaso mantivestes algum dos exemplares?

– O livro chama-se “A história de Luís IX, ditada por ele mesmo” – replica o senhor *Dufaux*. – Entretanto, causou-nos tamanha dor de cabeça que nem queirais imaginar, senhor!... Se desejardes, em ocasião propícia, trar-vos-ei exemplar dos remanescentes que temos guardados em nosso castelo em *Fontainebleau*. E, além dessa, há uma outra obra, senhor – prossegue o pai da notável médium que, à época, era ainda uma juvenzinha de dezesseis anos –, “*Spiritualiste*”, que também, em muito, desagradou as autoridades!... E, além desses dois, publicamos outro e que ainda se encontra em circulação no meio espiritualista,<sup>132</sup> “A vida de Joana d’Arc, ditada por ela mesma”...

– Gostaria de analisar todos esses escritos, *M’sieur Dufaux*!... – acrescenta, altamente interessado, o Professor *Rivail*. E, retirando o relógio do bolsinho do colete, examina as horas. – Já podemos começar a nossa sessão!...

A senhora *Allan Kardec*, sobraçando pequena resma de papel e meia dúzia de lápis previamente apontados, aproxima-se e os dispõe sobre a mesa. O Professor *Rivail* nomeia as pessoas a sentarem-se em derredor da mesa, notadamente, os que possuíam sensibilidade mediúnica e se senta ele, por fim, à cabeceira. O restante da pequena assistência, aproximadamente vinte pessoas, permaneceram sentadas em derredor, em cadeiras de palhinha e em pequeno divã de veludo verde-musgo.

– *Mes amis*... – ouve-se a voz firme, mas ao mesmo tempo branda e suave, do insigne Codificador do Espiritismo –, *faisons maintenant du silence!*...<sup>133</sup> – e prossegue, fazendo a clássica pergunta: – Há alguém aí?...

Não de imediato, mas daí a alguns minutos de silenciosa e expectante espera, a jovem *Dufaux* apanha um dos lápis e, visivelmente tomada por uma entidade espiritual, dá a entender que desejava escrever. *Rivail*, então, faz breve saudação ao espírito e lhe põe à disposição algumas folhas de papel. *Ermance Dufaux*, então, põe-se a escrever pausada, mas firme e decididamente, sob o comando da entidade espiritual. Pleno silêncio segue-se, quebrado apenas pelo ruído característico do grafite a roçar o papel. E, enquanto aguardava o que tinha a dizer aquele espírito, o pensamento do

Professor *Rivail* volta para tempos atrás. Recordar-se do seu primeiro contato com *Zéphyr*, o seu espírito-guia. Acontecera numa sessão a que fora convidado, juntamente com a sua esposa *Amélie-Gabrielle*, na casa da Família *Boudin*. As meninas do casal, *Caroline* e *Julie*, eram médiuns. E, como naquele exato momento ali acontecia, lembra-se, perfeitamente, do *roc*<sup>134</sup>, à mão da jovem *Caroline Baudin*, a riscar ligeiro a lousinha de ardósia: “*Sou o Zéfiro*<sup>135</sup> *da verdade. Chamem-me por este nome...*”. Por esse meio absolutamente rudimentar, advieram as primeiras escritas psicográficas com que o Espírito *Zéfiro* e outros começaram a ditar a obra inaugural da Codificação, “O Livro dos Espíritos”. E as personagens mediúnicas escolhidas para a psicografia seriam justamente as jovens e pueris meninas, filhas do casal *Baudin*, *Caroline* e *Julie*, aquela com dezoito anos, e esta com apenas quinze anos. Teria que ser daquela forma!... Aquelas duas meninas, com certeza, sem qualquer preparo intelectual, foram as escolhidas para tal relevante mister!...

*Rivail* emociona-se. Sente os olhos rasarem-se de lágrimas. “*Salve, caro Pontífice, três vezes salve!*” Foram as primeiras palavras rabiscadas, apressadamente, na ardósia pela mão da jovem *Caroline Baudin*. Não entendera, de imediato, o sentido daquela estranha saudação que, à primeira vista, parecera-lhe estranha. Os presentes à sessão debulharam-se em estrepitosas gargalhadas. “*Pon... Pontífice?!...*”, tartamudara ele, altamente vexado. *Monsieur Baudin* sentira-se constranger, pois não conseguia entender o ocorrido e tentara, a desmanchar-se em profusas desculpas, atribuir ao caráter espirituoso de *Zéfiro* aquela provável brincadeira. O Professor *Rivail*, entretanto, acabara por aceitar a pilhéria e, descontraído, pespegara: “*minha bênção apostólica, meu filho!...*”. E a pequena assistência volta a explodir em efusivas gargalhadas. *Zéfiro*, porém, apressou-se em pôr término à zombaria e ao constrangimento, explicando que *Rivail* houvera sido um alto sacerdote druída, com o nome de *Allan Kardec*, à época do imperador romano *Júlio César*, na antiga Gália, hoje França, nos anos cinquenta antes de Cristo. E que ele, *Zéfiro*, fora contemporâneo de *Rivail*, em encarnação daqueles tempos longínquos. Os druídas eram filósofos, juizes, professores, enfim, personalidades respeitadíssimas a ocuparem proeminentes funções entre os celtas, povo guerreiro que acabou dominado por *Júlio César*, depois de terrível e bárbara invasão do território gálio. Os druídas detinham uma série de conhecimentos tidos como “ocultos”,

passados oralmente de uns para outros, sem, contudo, deixarem qualquer registro escrito. Por isso, muito pouco se conhece sobre eles. na descontração daquela reunião da família *Baudin*, surgia um novo tempo de conhecimento para a Humanidade. “*um novo alvorecer...*”, pensa *Rivail*, no exato momento em que *Ermance Dufaux* depositava o lápis, após psicografar uma série de laudas que foram sendo recolhidas e ordenadas, uma a uma, por *Madame Plainemaison*.

Após a reordenação das folhas de papel, *Madame Plainemaison* passa-as, educadamente, ao Codificador do Espiritismo que delas faz, *a priori* e silenciosamente, atenciosa e meticulosa leitura.

– Trata-se de uma mensagem do *Rei São Luís...* – observa *Allan Kardec*, cheio de emoção à voz, depois de ler aquelas memoráveis páginas. E, com a voz ainda tomada pela fortíssima emoção, o insigne Codificador do Espiritismo propõe-se a ler:

“*amados irmãos,*

*É chegado o tempo do novo advento do Cristo!... Troam as trombetas angelicais, rufam os tambores da glória eterna e eis que surge, de regresso, nos céus que se abrem, a sublime figura do amorável Consolador, a suavizar o jugo dos aflitos e a cumprir a promessa lançada há dois milênios!...<sup>136</sup>*

*O primeiro grande passo já foi dado,<sup>137</sup> e se faz necessária, mais do que nunca, a firmeza nos propósitos da nossa luta, a fim de prepararmos a mesa para a nova Ceia do Senhor!... Cubramo-la com a toalha branca da pureza dos nossos corações, os quais deveremos manter sempre imaculados e limpos dos labéus e das paixões do mundo, para que o Sublime Cordeiro deles disponha, uma vez que a Verdade necessitará alicerçar-se em fé inabalável como a rocha!...*

*E, particularmente, saúdo a ti, meu bom amigo, pela herança de sabedoria e fé que de antanho angariaste nas longínquas plagas gaulesas, diante das fogueiras druídas onde oficiaste como insigne sacerdote e quando, em holocausto, oferecias a Belenos,<sup>138</sup> o Grande Pai-Luz, os perfumes mais sutis que da natureza se pode fruir!... E também, tu, linda criança, que a tão sublime mestre outrora acolitavas, meus louvores e gratidão por ora novamente vos juntardes para a realização de assaz esplendente labor sob o comando do Cristo!...”<sup>139</sup>*

Após a leitura da sucinta, mas altamente expressiva mensagem de *São Luís*, as comunicações não mais ocorreram. Mesmo porque a intenção da reunião

daquela noite de final de abril era mais a de comemorar o bom andamento na vendagem do livro. Em tão pouco tempo, a obra já fazia tanto sucesso e se espalhava como num rastilho de pólvora!...

Pouco depois, finda a reunião e após as pessoas todas já haverem deixado a casa, o professor *Rivail* achava-se só, em seu pequeno escritório. Sua esposa, *Amélie-Gabrielle*, já se houvera recolhido ao quarto do casal e, possivelmente, dormiria. *M'sieur Kardec* tinha às mãos e lia aquela mensagem de *São Luís*, uma vez mais. Novamente, a alusão ao sacerdote *druída!*... Da primeira vez, ocorrera no primeiro contato que tivera com a família *Boudin*, quando *Zéphyr*, seu espírito-guia, brincara com ele, chamando-o de *pontífice!*... Agora, a senhorita *Dufaux* que, certamente, desconheceria, completamente, esse fato, trazia aquelas palavras de *São Luís!*... “*Insigne sacerdote de Bel!*...” Até adotara o nome que ostentava nessa época e que lhe fora revelado por *Zéphyr: Allan Kardec!*... Amoldara-se tanto a ele que quase já não o chamavam mais pelo nome de batismo!... A imprensa, os amigos!... E, agora, recebia a revelação de que a jovem *Dufaux* vivera contemporaneamente e bem próxima a ele, na antiga Gália, como uma druidesa!... Reencontravam-se, no desenrolar da sua missão!... As coisas encaixavam-se e, para dar cabo da sua tarefa, de forma a corresponder, plenamente, com as expectativas da Equipe Espiritual que o assistia, precisaria, sim, de colaboradores da relevância da senhorita *Dufaux!*...

“*A obra – não fomos nós que compusemos o Livro, mas os Guias, o Professor Rivail e o roc!*...” – dissera, em sua inocência, a menina *Caroline Baudin*, respondendo para a jovem *Ermance Dufaux* que, curiosa, perguntara como o Livro houvera sido composto.

À lembrança do fato acontecido naquela noite, havia pouco, ali em sua casa, *Rivail* sorri e meneia a cabeça. “*O livro, querida Caroline, é, na verdade, fruto do incansável trabalho de todos nós!*...”, pensa ele, altamente emocionado. Em seguida, apanha uma caderneta de uma gaveta da sua secretária, abre-a e confere os dados. Ali trazia anotada, dia a dia e minudentemente, a vendagem do Livro. Dos mil e duzentos volumes da edição inicial, em pouco mais de uma quinzena, já houvera vendido mais da metade deles!...

*Rivail* fecha o pequeno caderno de notas e o guarda de volta à gaveta. Suspira fundo. Na semiobscuridade do pequeno ambiente, seu rosto parecia de bronze polido, a refletir a luz bruxuleante da vela que queimava num

castiçal de ferro, a um canto da secretária. “*A luta apenas inicia-se...*”, pensa ele, de repente, tomando-se de intensa amargura. “*Os ataques já começam... A ignomínia é lançada sobre o meu nome... Sei que não será tarefa fácil!...* E um nó imenso sobe-lhe à garganta. Sentia o baque da idade pesando-lhe sobre os ombros. A vida não lhe tinha sido muito fácil. Tivera de lutar como um mouro para manter a casa... E, às próprias expensas, mandara imprimir o livro. Tostão a tostão guardados com muito sacrifício dele e da mulher. *Gabi...*<sup>140</sup> A amável figura da companheira vem-lhe à mente.

– Não fosse a tua ajuda... – murmura ele, com a emoção a embargar-lhe a garganta. – sempre incansável, a meu lado, apoiando-me em tudo!... – e grossas lágrimas correm-lhe face abaixo.

Depois, resolutamente, levanta-se da secretária e, com um forte assopro, apaga a luz da vela. Ia dormir. Já passava da meia-noite, e ele estava exausto; precisava descansar, pois, para o dia seguinte, já havia uma infinidade de coisas a resolver...

\*\*\*\*\*

*François-Armand*, após o regresso de *Marie-Victoire*, voltara a encontrar relativo equilíbrio. A mãe, *Amandine*, preocupava-se com o excessivo apego do filho àquela enfermeirinha pedante e pobretona!... Era-lhe um peso ter de suportar aquela mulherzinha dentro da sua casa e o que lhe era pior: ter de presenciar o desmedido carinho que o rapaz demonstrava pela moça. E a jovem, em contrapartida, desdobrava-se em veementes demonstrações de desvelos e de atenções para com o rapaz.

Certa feita, à saída da *Opéra*, *Amandine* encontra-se com o General *du Servey* e com a sua simpática esposa, *Constance*. A mãe de *François-Armand* houvera saído de casa, àquela noite, mais com o propósito de desanuviar a cabeça da constante chateação que lhe provocava o intenso interesse do filho por sua enfermeira.

– *Amandine!*... – exclama *Constance du Servey* ao deparar-se com a outra. – Estás tão sumida, querida!... Onde é que andas a esconder-te?...

– Oh, em casa!... – responde a outra, após cumprimentar o casal. – Aonde mais poderia ir, com o meu filho em estado tão deplorável?...

– Nenhuma melhora apresentou ainda o teu rapaz?... – pergunta, altamente interessado, o general *du Servey*.

– Infelizmente, quase nenhuma, general!... – responde, bastante desolada, *Amandine Rounet!*...

– Oh, que lástima, *ma chérie!*... – exclama *Constance*. – Dizes, então, que todo o tempo em que esteve interno em *Charenton* pouco lhe valeu?...

– Não só quase nada lhe valeu como ainda me trouxe problema ainda maior!... – retruca a outra, grandemente desconsolada.

– Deveras?... – interessa-se o general.

– Sim, caro general – prossegue *Amandine*. – Meu filho apaixonou-se por sua enfermeira!...

– Oh, e que poderá haver de mal nisso?... – pergunta *Constance*. – Não andas a ter ataques de preconceito, andas?...

– Não se trata de preconceito, não, *constance!* – responde a outra. – Longe de mim tais coisas!... Tu me conheces muito bem!... O caso é que meu filho anda a confundir a talzinha com *Sylvie!*...

– Não!... – exclama em coro o casal *du Servey*.

– Sim!

– E como se dá isso, *Amandine?*... – pergunta o general.

– Simples, *mon ami*: meu filho cismou que uma é a outra, entendes?...

– Oh, coisas da cabeça!... – observa, altamente espantada, *Constance du Servey*. – Pobre *François-Armand!*...

Um curto lapso de silêncio estabelece-se entre os três. *Amandine* deixa escapar discretas lágrimas que busca enxugar, rapidamente, com o lençinho de linho branco que tinha à mão.

– Acho que poderemos tentar algo com o teu filho, *Amandine* – diz o general, quebrando o respeitoso silêncio que se formara. – Permites que te visitemos, um dia desses?...

– Oh, claro que sim!... – diz *Amandine*, abrindo um sorriso nervoso. Foi-lhe deveras penoso arrebanhar forças para dissimular o que lhe passou à cabeça, de pronto. Na verdade, andava era muito descrente de qualquer coisa que lhe dissessem ou que lhe recomendassem a respeito dalgum tratamento para o filho. Desiludia-se, já, de tudo; entretanto, procurou sorrir e continuou: – É sempre bom ter alguém que se preocupe conosco, com a nossa dor!... Podereis ir à minha casa quando desejardes!...

Três dias depois, *Amandine* recebe a visita de *Emmanuel-Théophile du Servey* e da esposa.

– Onde está o teu filho? – pergunta o general, após se ajeitarem os três em confortáveis divãs no amplo salão de visitas.

– *François* repousa, general – responde a Marquesa de *Montpelier*. – Tem

de fazer isso todas as tardes. Recomendação do médico, pois o pobrezinho não consegue suportar a sonolência terrível que lhe provocam os calmantes que ingere, diariamente, em dose cavalariça!...

– Oh, que pena!... – exclama *Constance*. – Desejava tanto vê-lo!...

– Cara *amandine* – principia o general –, não sei se tens conhecimento do lançamento do livro que fez o Professor *Rivail*, acerca do Espiritismo!...

– Oh, comentou-me sobre tal fato o meu sobrinho *Wilfred*!... – retruca *Amandine*. – E, se não me engano, fostes vós, general, a presenteá-lo com um exemplar do livro!...

– Correto!... – diz o velho militar. – E, à ocasião, relatou-lhe ele algo mais sobre o conteúdo do livro?...

– Falou-me por alto, general – responde a mulher. – Mas ainda não li a referida obra, apesar de toda a polémica que já anda a causar pelos periódicos todos!...

– Exatamente!... – observa *Constance*, entrando na conversa. – Não se fala sobre outra coisa na cidade!... Paris tomou-se de uma onda de Espiritismo como nunca antes ocorreu!...

– Pois venho estudando esse livro com atenção e interesse e posso afiançar-te de que se trata de trabalho sério e fidedigno!... E, inclusive, já mantive contado com o senhor *Kardec*, o autor da obra!... – assevera, enfático, o general.

– Mas não dissestes ser o autor do livro o Professor *Rivail*?... – estranha *Amandine*. – Esse eu conheço de vista!...

– Oh, tens razão em confundir tudo!... – explica o general. – O professor *Rivail* lançou o livro, usando um pseudônimo: *Allan Kardec*!... – e lhe narra o processo todo.

– Entretanto, de que forma tal livro poderá trazer alguma ajuda ao nosso *François*?... – pergunta *amandine*, tomando-se de alta ansiedade.

– Não exatamente o livro, marquesa – explica *du Servey* –, mas o senhor *Kardec*, que vem fazendo sérias experiências com sensitivos, já, há algum tempo. E que, valendo-se da cooperação dessas pessoas, vem estudando, sistematicamente, a influência dos espíritos sobre os viventes da terra e também sobre o mal que lhes podem causar!... Venho frequentando, a convite do próprio senhor *Kardec*, as sessões que se realizam todas as terças-feiras, em sua residência, na *Rue des martyrs*, uma recém-fundada reunião de alguns adeptos apenas. A principal sensitiva é a senhorita *Dufaux*, embora existam

outros. Entretanto, o local não pode conter senão entre quinze a vinte pessoas, mas que, às vezes, nele se encontram até trinta. A cada dia, essas reuniões tornam-se concorridíssimas pelo fato de oferecerem grande interesse pelo seu caráter sério, e pela alta importância que se dão às questões ali tratadas; comumente, temos a presença de aristocratas, de altos dignitários do Governo e até mesmo de príncipes estrangeiros e de outras personagens de elevada distinção. O local, pouco cômodo pela sua disposição, evidentemente, anda a tornar-se muito exíguo. Alguns dos frequentadores propuseram ao Senhor *Allan Kardec* cotizar-se para alugar espaço mais amplo e em localização mais conveniente. Ainda se está a pensar sobre isso. Além do mais, há que se obter a permissão das autoridades para o funcionamento da Sociedade.<sup>141</sup> E, como muito bem sabes, depois do atentado,<sup>142</sup> tais coisas costumam demorar meses!...

– Entendo... – diz *Amandine*, após o minucioso esclarecimento que lhe fizera o general. E, depois de cogitar por instantes, pergunta: – E em que consiste essa influência dos... dos espíritos?...

– Ainda desconheço, particularmente, tais processos, mas tenho a absoluta certeza de que o senhor *Allan Kardec* já terá muitas das respostas para tantas perguntas que, até hoje, ninguém ainda conseguiu nos dar a contento!... E, a cada sessão, tenho assistido às evidências incontestáveis de que sobrevivemos, sim, após o fenômeno tido como “morte”!... São inúmeras as provas cabais aferidas que, pessoalmente, não tenho mais qualquer dúvida a esse respeito!... E, digo-te mais: sequer supões o quanto um espírito poderá influenciar alguém!... Tenho presenciado a tantos fenômenos que nem podes imaginar!...

– Achas, então, que a loucura do meu filho poderá ter raízes numa dessas influências?... – questiona *Amandine*. – De quem, por exemplo?...

– Da própria *Sylvie*, que se foi tão jovem e de forma tão abrupta e inesperada!... – responde o general. – Mas, advirto-te: são cogitações minhas!... Quem realmente entende de tais coisas é o Senhor *Kardec*!... eu ainda me atenho à condição de simples observador!... Entretanto, repito: a cura do teu filho poderá estar envolvida nesse processo!

– Se dizeis, general... – diz *amandine*.

– Olha, por que não tentar, querida? – observa *Constance*, entrando na conversa. – Acho que qualquer tentativa ser-te-á válida, não é mesmo?

– Sim... – concorda a outra, ainda levemente reticente. – Mas, como

proceder?...

– O primeiro passo a dares, em minha opinião, é que deves assistir a uma dessas sessões que se fazem na *Société*... – diz o general. – E penso apresentar-te ao Senhor *Kardec*, para lhe ouvirmos as impressões a respeito! Que achas?...

– Acho que devemos tentar – responde *Amandine*, ganhando um pouco de ânimo. – Pelo restabelecimento da saúde do meu filho, farei qualquer coisa!...

– Sim!... – diz *Constance*. – E sabias que o capitão *Berg* também consentiu em levar à *Société* o caso de *Céleste-Marie*?... Acho que sabes o quanto ela sempre foi complicada!...

– É mesmo!... – concorda *Amandine*. – A esposa do meu sobrinho sempre apresentou um comportamento estranho, desde que a conheço!... *Marie-Louise* vivia tentando tudo o que lhe indicavam para conseguir a cura para a filha, mas até hoje nada conseguiu!...

– E já a levou a consultar especialistas na Alemanha e na Suíça, mas foi tudo em vão – acrescenta *Constance*. – Acho que anda a desistir de tentar, coitada, pois nunca obteve nada de concreto!...

– Pensas ser o caso de *Céleste-marie* também para o senhor *Allan Kardec*, general? – pergunta *Amandine*.

– Perfeitamente, marquesa – responde o militar. – O caso de *Céleste-marie* afigura-se-me ainda mais típico que o de *François*!...

– E como pensais levar a ambos até a *Société*, general? – pergunta *Amandine*.

– Oh, comumente, não levamos os doentes para lá, não, marquesa! – responde o velho militar. – E nem se faz isso necessário!... As tentativas de cura são feitas a distância!...

– A distância?!... – espanta-se a mulher. – Mas como é isso possível?... E tem, acaso, surtindo algum resultado positivo?

– Oh, nem podes imaginar, cara *Amandine*!... – apressa-se em responder *Constance*. – Das vezes em que lá estive, em companhia de *Emmanuel-Théophile*, presenciei coisas extraordinárias!... E o senhor *Allan Kardec* sabe conduzir tão bem os trabalhos na *Société*!... Nem imaginas quem são os espíritos que lá comparecem!...

– Deveras?... – interessa-se *Amandine*.

– Sim!... além de *São Luís*, que é o guia-mentor da *Société*, lá se acham presentes, amiúde, *São Vicente de Paulo*, o Imperador<sup>143</sup>, *Sainte-Jeanne*

*d’Arc, Platão, Aristóteles, Fénelon, São Paulo, Santo Agostinho...* A lista é enorme!...

– Toda essa gente famosa?!... – espanta-se a Marquesa de Montpelier, voltando os olhos para o general, levemente desconfiada, à espera da aquiescência do honorabilíssimo militar.

– O grupo de Espíritos de renome que ali comparece, *madame*, é deveras muito grande!... – diz o general, a confirmar as palavras da sua mulher. – E os ensinamentos que nos têm trazido, através da pneumatografia,<sup>144</sup> realizada pelos diversos sensitivos que acolitam *M’sieur Allan Kardec*, são realmente expressivos e inéditos!... Nunca se viu, no mundo, pensamentos filosóficos a encerrarem tão altos sentidos de profundidade e de racionalidade quanto os que se recebem dessas personalidades espirituais que assinam nomes famosíssimos do passado!... Tais lições contêm, com toda a certeza, o que existirá de mais profundo e tocante a sensibilizar os corações puros e despojados de preconceitos ou de presunção!... Posso garantir-vos, senhora, que nem nunca houve, em todos os tempos, lições mais amáveis acerca do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, em todos esses séculos de existência do Cristianismo, que essas que ora se recebem na *Société Spirite*!... E, antes que perguntes, *Amandine*, adianto-me: não existe a mínima possibilidade de fraude, uma vez que os assuntos ali tratados resumem-se a revelações inéditas, de pleno desconhecimento não só de *M’sieur Allan Kardec*, como dos sensitivos todos, ou de quem quer que seja, em qualquer canto deste velho mundo!... Tens a minha palavra de honra!... Alguém mais racional que eu, só conheço um: o próprio Professor *Rivail*!...

– Se assim afirmas, general... – diz *Amandine*, altamente pensativa.

Mais tarde, à mesa do jantar, enquanto tomava a refeição da noite, em companhia do filho e da enfermeira (*François* fazia questão de que a moça participasse da mesa com eles), *Amandine* achava-se mais calada que de costume. Sempre não fizera muita questão de esconder seu descontentamento de ter de compartilhar a mesa com aquela grosseirona; sujeitava-se mais àquela humilhante situação, em consideração às exigências do filho!... Para vê-lo bem, faria qualquer coisa, até mesmo aquilo!... “*Agradeceria tanto a Deus se tudo isso acabasse!*...”, pensa a marquesa de Montpelier, com um fundo suspiro de desalento, enquanto acompanhava os olhares apaixonados que o rapaz e a moça, indisfarçavelmente, trocavam-se. Depois, sacode, quase que imperceptivelmente, a cabeça, para afastar aquela sensação ruim.

Precisava substituir aquele tremendo desgosto por um pouco de esperança; a esperança que lhe trouxeram, havia pouco, o general e *Constance*... Quem sabe o senhor *Kardec* e os Espíritos não dariam um jeito em *François*?... Era preciso, pois, recomeçar a confiar, voltar a ter um pouco de esperança...

---

129. “– *Perfeitamente, senhor general!*... (...) – *Fazei o favor de entrar!*...”, em francês.

130. Referência a **Napoleão III** de França, nascido **Carlos Luís Napoleão Bonaparte** (*Charles-Louis-Napoléon Bonaparte*) (Paris, 20 de abril de 1808 – Chislehurst, Kent, Inglaterra, 9 de janeiro de 1873), sobrinho do grande Napoleão e que foi presidente e, posteriormente, imperador da França pelo período compreendido de 1852 a 1870.

131. Tratava-se do *Index Librorum Prohibitorum* (índice dos livros proibidos), relação que a Igreja Católica Apostólica Romana iniciara em 1559 e que durou até 1966, na qual eram listados os livros “mais nocivos aos ignorantes que úteis aos doutos” e que, automaticamente, excomungava os que fossem pilhados a lerem tais obras. Nos mais de quatrocentos anos de existência, foram publicadas mais de trinta edições do *Index*, condenando cento e nove escritores por sua obra total e, aproximadamente, mais de quatro mil livros. Acabou por autodeterioração, pois, em 1966, ninguém ligava mais para a excomunhão.

132. Vale ressaltar aqui que, por volta de abril de 1857, época da publicação de “O Livros dos Espíritos”, alguns termos pertinentes à terminologia espírita, como “médium”, “espiritismo”, “psicografia” e outros, ainda não eram conhecidos nem empregados; o vocabulário mais frequentemente usado até então se resumia aos termos importados das obras do “*Modern Spiritualism*”, seita espiritualista criada à época das Irmãs *Fox*, nos Estados Unidos, e existente até hoje.

133. “– *Meus amigos*... (...) – *Façamos silêncio agora!*...”, em francês.

134. Lápiz de pedra amarrado a uma tupaia, ou seja, uma cestinha de vime na qual costumavam vir embalados bombons ou outras guloseimas, à época.

135. *Zéfiro* é o nome do vento do oeste na Costa Marítima Européia e é também tido como uma brisa suave. Na mitologia grega, é filho de *Eos* (deusa do amanhecer) e de *Astreu* (um dos titãs, pai dos ventos e dos astros). *Zéfiro* esposou *Íris* e seus irmãos foram *Bóreas*, *Noto* e *Euro*.

136. Evangelho de S.João, 14.16

137. Referência à publicação da primeira edição de “O Livro dos Espíritos”.

138. **Belenos** ou **Bel** era o deus celta da luz que, à época, era cultuado ateando-se fogo a representações gigantescas de animais da floresta, como gamos e alces, em bem elaboradas armações de madeira, recheadas de palhas secas e de musgo, as quais eram transformadas em imensas fogueiras, ao centro de grandes clareiras abertas na mata; tratava-se do *Beltane*, festival realizado em homenagem a esse deus e que era comemorado em 1º de maio, no auge da primavera européia, com danças ao redor dessas desconhecidas fogueiras.

139. Referência à jovem **Ermance de la Jonchère Dufaux**, que se tornaria a principal médium a auxiliar **Allan Kardec**, durante a revisão do *Livro dos Espíritos*, em sua segunda edição, a de 1860, mais ampla e mais completa.

140. Forma como, intimamente, era conhecida **Amélie-Gabrielle Boudet**.

141. Obtida a autorização legal junto às autoridades, através da influência do **Sr. Dufaux**, que conhecia, pessoalmente, o Prefeito de Polícia, a *Société Parisienne des Études Spiritiques* passou a funcionar, todas as terças-feiras, de 1º de abril de 1858 a 1º de abril de 1859, no *Palais Royal, Galerie de Valois*; entretanto, mudou-se dali e, a partir de 1º de abril de 1859 até 1º de abril de 1860, funcionava às quartas-feiras, numa das salas do restaurante *Doux*, no *Palais Royal, Galerie montpensier*. Em 1º de abril de 1860, instala-se em sua sede definitiva, na *Rue de Sainte-Anne*, 59.

142. Referência ao atentado que intentou **Felice Orsini**, um patriota italiano, deputado na Constituinte de Roma de 1849 que, ao cair a República em seu país, refugiou-se em Paris e, em 1858, arremessou uma bomba contra a carruagem em que viajava Napoleão III pelo motivo de este haver restabelecido a autoridade do Papa nos Estados Pontifícios. Por tal façanha, **Orsini** foi guilhotinado em 13 de março de 1858, isto é, quase vinte dias antes da fundação da *Société Parisienne des Études Spiritiques*. É importante salientar que, saindo ileso desse atentado, o imperador francês procurou cercar-se de maiores cuidados e sancionou a Lei de Segurança Geral, que facultava ao Ministro do Interior transladar ou exilar qualquer cidadão francês que fosse reconhecido culpado de conspirar contra a segurança do Estado. Era uma lei rigorosa, que não se derogou senão doze anos depois, em 1870, com a queda da monarquia, fato que concorreu para que o **Sr. Dufaux** tivesse de apresentar garantias ao Prefeito de Polícia que a Sociedade Espírita de Paris tinha caráter plenamente apolítico.

143. Referência ao imperador francês, **Napoleão Bonaparte**.

144. Ou *psicografia*.

## Capítulo 15. A Société...

Quase uma centena de pessoas acomodava-se nas dependências da *Société Parisienne des  tudes Spirites*, naquela terça-feira de julho de 1858, agora em sua nova sede, na *Galerie de Valois*, no *Palais Royal*. Da tribuna, *M'sieur Allan Kardec* abriu os estudos da noite, fazendo curta e singela prece, hábito que se vinha desenvolvendo, ao início e ao final das sessões ali realizadas, sob a orientação do patrono da casa, o Espírito de *São Luís*. Os membros efetivos da Sociedade sentavam-se em derredor de longa mesa, coberta por alvinitante toalha de linho;<sup>145</sup> diante da mesa, dispunha-se quase uma centena de cadeiras, completamente tomadas pela assistência que, em respeitoso silêncio, assistia a mais uma das famosas e concorridas sessões de *M'sieur Allan Kardec*, como ficaram conhecidas as primeiras reuniões espíritas realizadas em Paris.

Abertos os trabalhos daquela noite, o Professor *Rivail*, tomando a palavra, diz, com a voz pausada:

– Dentre os assuntos pautados para esta noite, em primeiro lugar, passamos   apreciação dos nossos Guias Espirituais o caso que nos traz Sua Excelência, o *General du Servey*, nosso membro efetivo, que apresenta questionamento por escrito, acerca da saúde do jovem *Marquês de Montpellier*, acometido de insanidade mental desde longa data. Presentes   sessão, além do referido consultador, sua digníssima esposa, *Madame Constance-Yvonne du Servey* e a excelentíssima senhora *Marquesa Amandine-H l ne Rounet*, a augusta genitora do jovem *Marquês de Montpellier, François-Armand...*

O grupo de médiuns a atuar, efetivamente, na *Société Parisienne des  tudes Spirites*, por esse tempo, constituía-se das irmãs *Baudin, Julie* e *Caroline*, possuidoras ambas de mediunidade psicogrfica; de *Ermance Dufaux*, médium também psic grafa; de *Madame Plainemaison*, médium auditiva e inspirada; *Ruth-Céline Japhet*, psic grafa; *Aline Carlotti*, psic grafa e psicof nica; *M'sieur Roustan*, médium intuitivo; *Madame Canu*, sonâmbula inconsciente; *Madame Leclerc*, psic grafa; *Madame Clément*, médium falante e vidente e *Madame Roger*, clarividente. Essas pessoas formavam o corpo mediúnico da *Société*; alguns deles haviam participado da psicografia da primeira edição de O Livro dos Espíritos, como as irmãs *Baudin, Caroline* e *Julie*. Os demais se aproximaram, no decorrer do tempo, durante e após a fundação da Entidade, ainda quando as sessões aconteciam no apartamento

do Professor *Rivail*.

Imediatamente após a solicitação verbal, feita pelo insigne Codificador do Espiritismo, a *Senhora Plainemaison* entra em transe.

– *J’écoute une voix!...* – murmura a mulher, dona de espetacular e capacíssima mediunidade, a atuar nos primeiros tempos do Espiritismo. – *Une jeune voix que pleure...*<sup>146</sup>

– *Qui est là?...* – pergunta o notável *Allan Kardec*. – *Dissiez le votre nom s’il vous plaît !...*<sup>147</sup>

– *Sylvie...* – murmura *Madame Plainemaison*. – Diz chamar-se *Sylvie*...

Ao ouvir aquele nome, o General *du Servey* troca significativo olhar com a sua esposa.

– Que disse a mulher?... – cochicha *Amandine* para *Constance*. – Não consegui ouvir o que ela disse!

– *Sylvie!*... – repete a outra, excitadíssima. – Não te disse?... As coisas irão esclarecer-se já, já!... Aguarda, minha cara!...

– *N’est-ce pas possible!*... – sussurra de volta *Amandine* ao ouvido da outra. – Disseste *Sylvie*?... Seria, acaso, a filha de *Edith-Aurore*?...

– Sim!... Que outra?... Agora, cala-te e presta mais atenção para ouvires o que dizem!...

– *Amandine!*... *Amandine!*... – exclama, em transe mediúnico, a *Senhora Plainemaison*.

– *Moi?!...* – exclama *Amandine*, tremendamente assustada. E, voltando-se para *Constance*, diz-lhe, altamente espantada: – A mulher disse o meu nome!...

– Sim!... – retruca a outra. – O espírito de *Sylvie* deseja falar-te!... Anda, levanta a tua mão!... Dá-te a conhecer, vamos!...

– *Moi-je!*...<sup>148</sup> – exclama *Amandine*, levantando, titubeantemente, a mão.

– *Oui, là!*...<sup>149</sup> – diz o Professor *Rivail*. E prossegue: – *Senhora Marquesa de Montpellier*, confirmai-nos, por favor: foi da vossa relação pessoa com tal nome?...

– Sim, *M’sieur Kardec!*... – responde *Amandine*. – Tratava-se da noiva do meu filho!

– *Amandine!*... *Amandine!*... – prosseguia, em transe, a *Senhora Plainemaison*. – *Je souffre pour François!*... *J’écris!*...<sup>150</sup>

– *Parfaitement!*... – responde *Rivail* ao espírito, diante da enorme expectativa que se formava na assistência, ali presente à sessão.

A seguir, *Mademoiselle Ruth-Céline Japhet* dá evidentes mostras de achar-se em transe. Sua mão direita principia a tremer com insistência, sinal de que o espírito passava a comandar-lhe, ostensivamente, o movimento do braço e da mão. *M'sieur Allan Kardec* oferece-lhe um lápis e lhe coloca à disposição pequeno maço de papéis. A médium, então, toma do lápis e, com incrível rapidez, passa a escrever, ininterruptamente e em traços firmes e precisos, as letras graúdas, que vão, rapidamente, preenchendo as laudas, que eram substituídas com agilidade pelo insigne Codificador do Espiritismo. Os minutos escoavam-se em total silêncio, mantido pela assembleia que se mostrava o tempo todo altamente expectante em relação ao que o espírito andava a escrever pelas mãos da senhorita *Japhet*. No salão, nenhum ruído, a não ser o do quase imperceptível roçar do grafite nas asperezas do papel; a jovem *Japhet*, tomada pelo espírito que dela emprestava a mão, mantinha os olhos completamente cerrados; a cabeça, tinha-a jogada para trás, com o pescoço ligeiramente tombado para o lado esquerdo. Tomavam-se as suas feições de intensa palidez; dir-se-ia fantasmagóricas até para quem a observasse de relativa distância e à frouxa luminosidade que se fazia no ambiente. O rosto, amiúde, tomava-se de expressivos esgares, como se a médium andasse a sofrer algum tipo de espasmo enquanto que, simultaneamente, alguns gemidos quase imperceptíveis escapavam-se-lhe dos lábios frouxos e completamente inexpressivos. Alguns minutos depois, a médium atira o lápis sobre a mesa e, a seguir, estira, longamente, os membros como se os desentorpecesse de incômoda dormência e, ainda, a apresentar, concomitantemente, ligeiros tremores que lhe varriam, literalmente, o corpo de alto a baixo. Depois, sempre completamente assistida pelo Professor *Rivail*, a jovem *Ruth-Céline Japhet* abre os olhos e os preme firme, para reacomodá-los à luz. À primeira vista, dir-se-ia que acordava de longo período de sono.

– *Merci beaucoup, Mademoiselle Japhet!* – diz *Allan Kardec*, sorrindo, amavelmente, à jovem. – *Vous avez été formidable !...*<sup>151</sup>

Em seguida, o senhor *Kardec* reúne as laudas psicografadas e delas faz primeiro e metucioso exame. Depois, levanta-se, encaminha-se à tribuna e, olhando, primeiro e demoradamente, para a expectante assembleia, diz:

– Senhores e senhoras!... Temos em mãos uma mensagem de alguém que se denomina *Sylvie*. E, como já pudemos constatar, através da percepção de *Madame Plainemaison*, possivelmente, tratar-se-á de pessoa que tenha sido

da relação da senhora Marquesa de Montpelier... Atentai, por favor, à leitura que faremos, a seguir, das palavras que nos transmitiu Sylvie...

*“Caros Amandine, General du Servey e Constance...*

*Amigos... Não imaginais o quão emocionada encontro-me em poder dar-vos notícias minhas após a minha morte!... Morte... Oh, não podeis, certamente, aquilatar como ora se me afigura isso como grande engodo!... Não existe a morte, meus amigos!...*

*Quando o mal acometeu-me, na Champagne, não imaginais o quanto temi morrer, deixar o mundo, assim tão cedo, ainda tão jovem!... Pensava em mamãe, no que seria a sua dor infinita, ao perder-me, e em papai, tão longe, na Argélia, quando recebesse esse impiedoso golpe; mas, principalmente, pensava no meu amor, também distante, na África, perdido nas imensidões das areias do deserto argelino...*

*Sofria, barbaramente, os estertores da febre inclemente a cozer-me viva, mas sofria ainda mais, pensando na imensa dor que adviria aos corações que me eram tão caros, depois dessa minha partida tão prematura!... Oh, queridos, não sabeis como o meu desespero exacerbava-se mais e mais, ao pressentir que a minha vida se consumia, celeremente, no meio do fogo da varíola!... Via o desespero de mamãe, tentando fazer o possível e até mesmo o impossível, à míngua dos recursos que tinha em mãos, nas lonjuras do interior do país, para segurar-me em meu corpo que se finava ligeiro... Depois, o fim, no meio de inominável e lenta agonia...*

*Pensei que mamãe morreria junto comigo; mas foi forte e venceu a dor que não tem nome: a dor da mãe que perde um filho, a abraçá-lo e a apertá-lo, tão forte e loucamente, ao seio transido pelo desespero, como que se quisesse disputá-lo, à força, empregando tão somente as suas trêmulas e impotentes mãos, a tentar, mesmo que dessa forma assaz descompensada, arrancá-lo das mãos de Deus que também o deseja para Si... Percebestes?... As mães lutam até contra Deus, para que Ele não lhes tome de volta os filhos!... Entretanto, que luta desigual é essa!... A morte, invariavelmente, vence... Mas, elas, as mães, sobrevivem; continuam vivendo, assim, meio mutiladas, meio trôpegas, posto que lhes arrancaram um grande naco do coração!...*

*Amandine, sei que sofres a dor de veres o teu filho perder-se a meio das sombras da loucura!... Entendo-te a dor, posto que essa também é a minha dor!... É a nossa dor!... Acaso pensas que não me desespera o coração ao ver o meu amor, o meu adorado amor, à deriva, a vagar sem rumo, perdido*

*pelos obscuros meandros da demência?... Não sabes o quanto ando a lutar para que François liberte-se desse horrível mal que o aflige!...*

*Nosso adorado François perdeu-se, temporariamente, de nós, e te aconselho a não lhe perturbares o coração com as tuas implicâncias!... A jovem enfermeira nada mais se lhe afigura que o único e derradeiro apoio a restituir-lhe o mínimo de lucidez!... Ciúmes?... Não, Amandine, o amor que sinto por ele me encobre essa terrível deficiência da minha alma!... E, se queres saber se me dói vê-lo se voltar para a outra, com os olhos lambuzados de ternura e de paixão, digo-te que sim!... Mas, sei também que isso é pura ilusão de uma mente enlouquecida!... Nessa jovem, buscou-me e, talvez nalgum traço – num mínimo resquício do meu ser que ela, porventura possua! – ele tenha me encontrado!... E só isso me basta!... Basta-me saber que o seu amor por mim ainda é tanto que, ao perder-me, buscou-me, incessantemente, até novamente me achar, mesmo que tenha sido nos olhos de uma outra mulher...*

*Beijo-te, minha amiga, e também aos outros que me são tão caros – mamãe e papai ( meu querido papa que aguarda um sinal de mim!...)*

*Mas, especialmente, peço-te, Amandine, que beijes François por mim!... Ele saberá que serei eu a beijá-lo, através da tua boca!...*

*Sylvie*

O senhor *Allan Kardec* termina a leitura da mensagem e corre os olhos pela assembleia. A emoção era geral. *Amandine* chorava baixinho; *Constance* segurava-lhe as mãos, ternamente, entre as suas.

– Aí tens a prova, *Amandine*!... – diz-lhe o general. – É notório que as pessoas que se sentam àquela mesa e, mesmo o Senhor *Allan Kardec*, desconheciam a riqueza dos detalhes contidos na mensagem!... É patente que se trata de *Sylvie* a escrever-te do além!...

– Sem dúvida, minha cara!... – acrescenta *Constance*. – Ninguém teria prévio acesso a tantas e precisas informações acerca do teu filho e de *Sylvie*!... Tens a prova de que nada dissemos sobre o caso a ninguém!

– Tendes ambos razão!... – diz *Amandine*, deixando-se tomar ainda mais pelas lágrimas. – Mas, como fazer tais coisas chegarem ao conhecimento do meu filho?...

– Como fazer isso, ainda não sei! – exclama o general. – Mas, certamente, *M'sieur Allan Kardec* sabê-lo-á!

\*\*\*\*\*

A carta que *Sylvie* escrevera do além trouxera esperança e ânimo para *Amandine*. Finalmente, uma perspectiva de cura para *François-Armand* surgia, através das sessões que se realizavam, todas as terças-feiras, na Sociedade Espírita de Paris. Os pais da jovem desencarnada, *Edith-Aurore* e o capitão *Hippolyte-Antoine Rousselet*, receberam, já na tarde do dia seguinte, a visita de *Amandine*, juntamente com *Constance* e o General *du Servey*, a levarem-lhes a novidade. O casal *Rousselet*, a princípio, mostrara-se meio cético a respeito da notícia que traziam os amigos; entretanto, diante da prova irrefutável que tinha à mão – e, fato curioso! – a letra e mesmo a assinatura de *Sylvie* eram bastante semelhantes à da mocinha, conforme a mãe pôde perfeitamente constatar.

– Eu sempre acreditei que *Sylvie* achava-se viva em algum lugar! – diz *Edith-Aurore*, com os olhos a marearem-se de lágrimas. – Ainda não sei exatamente onde, mas pressinto que minha filha vive...

– Podes ter a certeza disso, minha cara! – exclama *Constance*. – Aí tens, nas tuas mãos, a prova incontestada de que o que sempre sentiste é verdadeiro!... A tua menina vive no além!

– Sempre achei que as pessoas não poderiam, simplesmente, apagar, como uma chama ao vento – diz o capitão *Rousselet*. – e, há muito, desde que minha querida *Sylvie* foi-se, anelava, em meu íntimo, o desejo de uma prova, por mínima que fosse, de que ela, efetivamente, não se deliu no ar!... E, notai bem que a ninguém contei tal desejo!... Somente eu o sabia, nem mesmo *Edith-Aurore*!... – e, com as mãos trêmulas e os olhos a encherem-se de lágrimas, o capitão prossegue: – Eu sei que isso é real!... Vistes?... Ela tinha conhecimento do meu desejo secreto!... – e relê o trecho: “– ...meu querido papa que aguarda um sinal de mim!...”

– Só esse fato, isoladamente, já comprovaria tudo, capitão!... – replica o general. – Impossível que aquelas pessoas reunidas lá na Sociedade Espírita pudessem ter tomado conhecimento prévio de algo que ia pela tua cabeça, somente!... Sequer a tua esposa sabia!... A razão refutaria, nesse caso, qualquer tipo de fraude, não concordas?... Notadamente, o espírito da tua filha ter-te-á lido o pensamento; creio não existir outra explicação para fenômeno assim!... Entretanto, é preciso levar mais essa comprovação ao conhecimento do Sr. *Allan Kardec*. Tais confirmações ajudar-lhe-ão a provar aos cépticos do mundo que aquilo que bem propala o Espiritismo embasa-se em fundamentações lógicas e científicas!... E, malgrado o que se leem pelos

jornais altamente desinformados acerca do verdadeiro caráter do Espiritismo, essa Doutrina não é fruto de “mentes hebetadas e esquizofrênicas”, como escreveu, recentemente, um articulista, no *Journal des Débats*<sup>152</sup> !

– De fato, general – prossegue o capitão –, decididamente, a imprensa não dá tréguas ao Espiritismo e, conseqüentemente, ao Sr. *Kardec*. Até de embusteiro e de charlatão já andam a chamá-lo...

– Li, recentemente, na *Gazette*, artigo difamatório, no qual o jornalista classificava o Espiritismo de “Falsa doutrina, criada para iludir os néscios e os ingênuos...” – observa *Constance*.

– Pior que tudo isso – acrescenta *Amandine* –, foi o que li no *Le Constitutionnel*, ainda ontem!... Escreveram que o Sr. *Kardec* anda a enriquecer-se rapidamente, amealhando fortuna incalculável com o Espiritismo!...

– Oh, pobre coitado!... – exclama o general. E meneando, tristemente, a cabeça, prossegue: – Eu é que sei o quanto é extensa a fortuna do Professor *Rivail*!... Sabíeis que financiou a primeira edição de *O Livro dos Espíritos* às próprias expensas, utilizando-se da economia de anos e anos de trabalho árduo, conjuntamente com *Madame Allan Kardec*?...

– Sim! – diz *Constance*. – Conheço a Professora *Amélie Boudet* desde quando ela lecionava para as garotas, no *Lycée des Arts*!... É criatura adorável!... Amabilíssima!... Não me espanta nada que ela venha dando pleno apoio à causa abraçada pelo esposo!... Ambos são, indubitavelmente, pessoas digníssimas!... E não creio que estejam a ganhar dinheiro com o Espiritismo!... Sob qual alegação?... Da venda dos livros?... Sei que disso pouco lucro se auferem!... De onde mais, se nada cobra das consultas que se dão na *Société*?... Para mim, não vejo qualquer fundamento em tais descabidas afirmações!...

– Tomo tudo isso à conta de calúnias, meus caros!... – observa o general. – Deve haver uma porção de interesses escusos embutidos nessa campanha difamatória que os jornais já começam a lançar sobre o Espiritismo!... Há muita gente que não gostou nada do que revelaram os Espíritos!... Sabeis como é, tais coisas andaram a *melar*-lhes os negócios, não concordais?...

– Sim, general – concorda o capitão *Rousselet*. – Mormente os dos modernos vendilhões do templo!... Não achais que o Espiritismo poderá vir a embaraçar-lhes os rendosos ganhos?...

– Oh, nesse ponto tens toda a razão, meu caro!... – concorda o general *du*

*Servey*. – A Cristandade vem retalhando e vendendo o corpo de Cristo, a varejo e a peso de ouro, há bastante tempo!... Aliás, é nisso que se resume a sua maior renda!... Na simonia!...

– Justamente!... – emenda o capitão. – E deve o Sr. *Kardec* precaver-se com essa velhacagem simoniaca, ou lhe pedirão a cabeça, logo, logo!... Aliás, ainda não sei como não começaram as perseguições!... São mestres em tal mister!... Perseguir, prender e fazer calar são as especialidades deles!...

– Hão que cuidar das rendas!... – exclama *Constance* a rir-se. – Sem a pastagem, como é que continuarão a cevar os seus bois?... E como se manterão gordos e lustrosos a dormirem feito porcos, escarranchados em seus ricos palácios?...

– Acho que será sempre temerário cutucá-los com vara curta – atalha o general *du Servey* –; entretanto, se nunca ninguém isso fizer, como é que nos chegarão as verdades acerca das coisas espirituais, como o fizeram, tão magnificamente, os próprios espíritos, através de pessoa assaz competente e de moral ilibadíssima, como o é o Professor *Rivail*?... É certo que ele pagará o preço, aliás, o elevado preço que sempre pagaram aqueles que buscaram trazer um pouco mais de luz às trevas deste nosso mundo!... O próprio Cristo é a prova disso!... Que fizemos com Ele?... Não houve, em todos os tempos da Humanidade, alguém mais puro e mais perfeito que Ele, a habitar entre nós; entretanto...

– Não sei como ainda não lançaram o Livro dos Espíritos<sup>153</sup> no *Index*!... <sup>154</sup> – exclama *Constance*. – Será que andam a dormir no ponto ou os ventos das mudanças, finalmente, principiam a soprar?

– Se ainda estivéssemos na República, minha cara, ainda creia que se não o proibissem – replica o general. – E, se os republicanos ainda se encontrassem no poder e, eventualmente, defendessem a livre circulação dos livros, seria apenas com o intuito de fustigar os mandatários da Igreja!... Garanto-te, com toda a certeza, que não seria por nenhum outro motivo, que não esse!... Picuinhas, apenas!... Não creio que os políticos dos tempos atuais, em que se restaura a monarquia, detenham eles algum interesse em perseguir ou de fazer calar a boca aos religiosos institucionalizados!...

– Bem que os revolucionários tentaram!... – emenda *Amandine*.

– Mas, podes facilmente constatar que não conseguiram, *ma chérie*!... – observa *Edith-Aurore*. – Nos tempos da Revolução,<sup>155</sup> o clero passou por maus bocados; entretanto, com a volta da monarquia, a Igreja volta a andar

aos abraços e aos beijos com o poder temporal... – e, completa, depois de breve riso de ironia: – As monarquias espiritual e a material sempre se deram maravilhosamente bem!... São recheadas do mesmo estofo!...

– E o Sr. *Kardec* que se cuide!... – exclama o capitão. – Mais cedo do que se imagina, virá o contra-ataque!... Será apenas questão de tempo!...

– Concordo, plenamente, com o que dizes, capitão! – diz o general. – Muito em breve acredito que se iniciarão os ostensivos e intensivos ataques à Doutrina dos Espíritos, com a intenção de sufocá-la ainda no nascedouro!... Mas, penso ser essa uma guerra da qual os inimigos do Espiritismo já sairão, de antemão, derrotados!... Achar-se-ão a pelejar contra o Cristo Consolador e sequer disso têm a mínima noção!... As coisas que provêm de Deus, meus caros, homem algum terá o poder de deter ou de extinguir!...

– Sim – completa *Constance* –, o homem somente se permite destruir aquilo que ele mesmo cria; o que é divino, entretanto, nem mesmo se se juntar toda a força humana, conseguir-se-á deter um milímetro sequer do poder da Criação!...

– É verdade! – concorda o general. E prossegue, sempre enfático: – O próprio homem encarrega-se de mudar ou de destruir somente o que ele mesmo engendra!... As coisas de Deus, entretanto, não são derogáveis nem mutáveis, posto que já surgem perfeitas e eternas... Temos recebido, sistematicamente, as orientações do Espírito de São Luís, a discorrer-nos sobre a missão que terá o Espiritismo sobre a Terra!... E, qualquer um que, contra a marcha dessas novas e revolucionárias ideias acerca da fé posicionar-se, estará, simplesmente, a pelejar contra Deus!... O avanço da Verdade far-se-á, inexoravelmente, queiram os seus detratores ou não!... Bem o vereis!...

– Sim, mas retornando à carta que nos enviou *Sylvie*, como achais que devemos proceder doravante, senhor?... – pergunta *Edith-Aurore* ao general *du Servey*.

– Como, certamente, já imaginais, eu e *Constance* já nos tornamos assíduos frequentadores das sessões da *Société* – responde o general. – E, digo-vos mais: tornamo-nos seguidores dessa nova Doutrina, pois a consideramos, de fato, a segunda volta do Cristo!... Ela encerra, em si mesma, ensinamentos inusitados que vêm com o propósito de esclarecer, não de confundir ou de suscitar ainda mais dúvidas ou descrenças, como fazem as religiões institucionalizadas, que sempre apresentaram uma série de dogmas absurdos

que mais escravizam que libertam as consciências!... Entendemos que a principal função de uma religião deveria ser, exatamente, a de libertar o homem, não a de escravizá-lo mais e mais, encarcerando-lhe a razão e o fazendo perder-se num labirinto de dogmas, de rituais inexpressivos e vazios os quais visam atender, apenas, à conduta exterior!... E, para se justificarem os eventuais questionamentos que se fazem – pois o homem é um inquiridor por natureza!... – criaram uma sucessão de incontáveis e insondáveis mistérios, a lançarem um enigmático e hermético véu sobre as questões mais sérias e mais profundas a envolverem a fé!... Onde falha a razão, entra a superstição, meus amigos!... Postula o Espiritismo que Fé inabalável somente é aquela que pode encarar a razão face a face em todos os tempos!... Nenhuma outra!... Como se pode negar o valor da Ciência e não na ter como companheira da nossa fé?... Acaso Deus não é o maior de todos os cientistas que existem?... O homem, na verdade, nada cria; apenas redescobre o que já existia...

– Tendes toda a razão, general... – diz, pensativa, *Amandine*.

O general *du Servey* cala-se por instantes, profundamente emocionado, após as encomiásticas palavras sobre o Espiritismo e, olhando para o pequeno grupo de amigos ali reunido, prossegue:

– A principal missão do Espiritismo será a de consolar!... – continua ele com a voz firme. – Onde houver dor e desespero, ali deverá manifestar-se Jesus, através das mãos dos seareiros espíritas!... E, se bem notardes, assim já procedemos nós, os que participamos, efetivamente, da *Société*... Nosso lema maior é esse: Fora da Caridade não há salvação!... Já cotizamos tarefas entre nós; há os que fazem o trabalho diretamente com os espíritos e os que se dispõem a mitigar e a minorar as dores do mundo... Realiza-se, assim, uma série de tarefas de socorro e de atendimento aos necessitados do pão material, mas, mormente, no que se refere a questões de ordem espiritual. Casos de loucura e de perturbação bem como de doenças incuráveis têm sido resolvidos, amiúde, com o concurso dos Espíritos que lá comparecem, sistematicamente, a prestarem assistência, seja através de orientações que nos transmitem por escrito, ou através do fenômeno da incorporação, quando o espírito fala-nos, diretamente, através de um médium, tomando-lhe o corpo por empréstimo ou, ainda, por meio da magnetização direta ou indireta do enfermo, feita a distância. Há ainda, conforme orientação recebida da espiritualidade, a magnetização da água – fato que vem proporcionando curas

extraordinárias!...<sup>156</sup> Quanto ao caso de *François-Armand*, tenho a certeza de que, sob a sábia supervisão de *M'sieur Kardec*, o seu tratamento dar-se-á. Tem sido assim. Sempre que se procurou a *Société*, com casos semelhantes, houve a maior boa vontade da parte de todos em procederem ao atendimento, e as curas, em quase todas as situações, efetivamente, aconteceram!... Tenho fé de que também *François-Armand* libertar-se-á do mal que o aflige!...

– Oh, queira Deus que sim!... – exclama *Amandine*, enchendo-se de animação. E pergunta: – E quando procuraremos o Sr. *Allan Kardec* novamente?...

– Na próxima terça-feira, iremos à *Société* – responde o general. – E estendo o convite a ti, capitão, e à tua esposa!

– Oh, por certo que lá estaremos, *n'est-ce pas, mon chéri?*... – apressa-se em dizer *Edith-Aurore*, olhando para o esposo.

– Sim, general – responde o capitão. – Podeis estar certo de que lá estaremos!...

Depois que as visitas deixaram a casa, já bem no final da tarde, o casal *Rousselet* enchia-se de novas perspectivas. Fora-lhes deveras inesperada aquela revelação!... *Sylvie* escrevera-lhes uma carta do além... Sabê-la viva, ou melhor, agora já ter a certeza absoluta de que a sua menina, que os deixara tão rápido e tão inesperadamente, andava a lembrar-se deles e a escrever-lhes de um outro lugar, era realmente muito acalentador!... Ainda sentados na sala de visitas, ambos permaneceram em silêncio, fechados em íntimas cogitações. Depois de algum tempo, o capitão *Hippolyte-Antoine Rousselet* toma a mão da esposa e a aperta forte. Tinha os olhos rasos de lágrimas e, ao fixar o rosto da mulher, nota que ela também chorava. Miram-se, a seguir, um dentro dos olhos do outro, demoradamente, e continuam a se apertar, fortemente, as mãos e a se sorrirem. Quem sabe, dali para frente, a vida não deixaria de ser tão vazia para eles, tão cheia de uma tristeza tão grande, que não tinha mais fim?...

---

<sup>145</sup>. Daí surge a designação que se deu ao Espiritismo de “Mesa Branca”. Entretanto, tal referência deveria ter conotação diversa desta que se lhe atribuíram. Na realidade, significaria “mesa posta” e, por extensão, a “caridade”, principal atributo pelo qual deveriam ser reconhecidos os *verdadeiros* profíctes do Espiritismo, segundo declaração do próprio *Allan Kardec*.

<sup>146</sup>. “– *Ouçõ uma voz!*... (...) – *Uma voz jovem que chora!*...”, em francês.

<sup>147</sup>. “– *Quem se acha aí?*... (...) – *Dizei o vosso nome, por favor!*...”, em francês.

<sup>148</sup>. “– *Eu!*...”, em francês.

<sup>149</sup>. “– *Sim, lá!*...”, em francês.

<sup>150</sup>. “– *Amandine!*... *Amandine!*... (...) – *Sofro por François!*... *Escrevo!*...”, em francês.

<sup>151</sup>. “– *Muito obrigado, Senhorita Japhet!* (...) – *Fostes formidável!*...”, em francês.

<sup>152</sup>. O “*Journal des Débats*” (Jornal dos Debates) foi um periódico francês, hebdomadário, publicado entre 1789 e 1944, e que

mudou de título algumas vezes. Criado imediatamente após a primeira reunião dos “Estados Gerais”, de 1789, foi, depois da deflagração da Revolução Francesa, o fiel registro dos debates da Assembleia Nacional; era, então, editado sob o título de *Journal des Débats et des Décrets*” (Jornal dos Debates e dos Decretos). Resistiu até mesmo durante a ocupação da França pelos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial, mas deixou de circular, a partir de 1944.

153. Em 1º de maio de 1864, apenas alguns anos à frente dos fatos acima narrados, “O Livro dos Espíritos” foi lançado no temido *Index Librorum Prohibitorum*, índice dos livros censurados e proibidos pela Igreja Católica, criado em 1559, pela Sagrada Congregação da Inquisição, para “prevenir a corrupção dos fiéis”.

154. O *Index Librorum Prohibitorum* é uma lista de publicações proibidas que foram consideradas heréticas pela Igreja Católica Romana, no ano de 1559, no Concílio de Trento (foi o mais longo da história da Igreja: é chamado Concílio da Contra-Reforma, 1545-1563); o Papa Paulo IV (1555-1559), em seu último ano de pontificado, instituiu, oficialmente, na “Sagrada Congregação da Inquisição”, a censura das publicações. A 32ª Edição do *Index*, publicada em 1948, incluía quatro mil títulos censurados, e não existe surpresa alguma em relação à censura, uma vez que a Igreja sempre perseguiu qualquer linha de pensamento divergente do seu, desde a institucionalização do catolicismo; o que realmente surpreende é a relação dos nomes de expressivas personalidades, como *Galileu, Voltaire, Victor Hugo, Pascal, Espinoza, Shakespeare*, dentre outros, citados ao longo da História, nesse Índice de Livros Proibidos. O *Index* foi abolido pelo Papa Paulo VI, em 1966.

155. Referência à Revolução Francesa, de 1789.

156. Vale lembrar aqui que, nos primórdios da prática espírita, muito do vocabulário ou mesmo das técnicas atualmente empregadas nos Centros Espíritas não eram, ainda, efetivamente conhecidos, como “água fluidificada”, “médium” ou até mesmo “obsessão”, “desobsessão”, “passe”... As técnicas e o vocabulário pertinente foram surgindo, paulatinamente, à medida que a prática espírita institucionalizava-se.

## Capítulo 16. Um caso de cura...

O fato envolvendo a carta escrita por *Sylvie* chegou ao conhecimento do capitão *Berg*, através do general *du Servey*.

– Dizes que *Sylvie* escreveu uma carta depois de morta?... – espanta-se *Céleste-Marie* com aquela novidade que, extremamente excitado, trazia-lhe o marido, assim que ele pusera os pés em casa.

– Pois me afiançou tal coisa, ainda há pouco, o general, enquanto tomávamos um café no *Le Procope*!<sup>157</sup> ... – responde *Berg*, altamente entusiasmado com a notícia. – E já se cogita num tratamento espiritual para *François-Armand* na *Société Spirite*, sob a responsabilidade de *M'sieur Allan Kardec*!... Não crês que tu também poderias pleitear um tratamento assim?...

– Oh, *Wilfred*!... – diz ela, com um suspiro a traduzir-lhe o constante desânimo que lhe ia à alma. – Já tentamos tanta coisa!... Viajamos para diversos lugares em busca de tratamento; entretanto, como sabes, nada resolveu!... Continuo na mesma!...

– Oh, querida! – diz ele, tomando-a aos braços e, afagando-lhe, ternamente, os cabelos, prossegue: – Não custa tentar uma vez mais, não concordas?... Certamente deverá tratar-se de algo novo, completamente inusitado o que se faz no Espiritismo!...

– Não, sei não, meu querido!... – responde ela, tomando-se de alta tristeza. – Sei que sofro e te faço sofrer!... E também sei o quanto és infeliz ao meu lado!... Na verdade, ainda não sei como tu me suportas!... Às vezes, questiono-me como consegues tolerar este meu constante azedume, essa frequente mudança de humor!... Sou um fracasso!... Sequer te pude dar um herdeiro com que tanto sonhaste!... Às vezes, pergunto-me como consegues suportar-me!...

– Oh, se suporte é porque te amo, *ma chérie*!... – diz ele, tomando-se de forte emoção à voz. – Se não te amasse, certamente, já me teria ido... E o filho, ainda temos muito tempo para encomendá-lo, não concordas?...

– És, de fato, um homem muito bom, *Berg*... O melhor homem do mundo!...

– Oh, exageras, *ma belle*!... – diz ele, com ligeiro sorriso. Depois, segurando-lhe a cabeça com as mãos, olha-a, fixamente, nos olhos, e continua: – Peço-te: faze-o por mim!... Uma vez mais!... Procuremos por *M'sieur Allan Kardec*... Por favor, imploro-te!... Amo-te tanto e te quero ver feliz ao meu lado!...

– Oh, que não faria por ti, *Berg*?... – diz ela, abrindo um sorriso triste. – Tu sabes o quanto te amo!... Entretanto, deixo bem claro que só o farei por ti!... Da parte que me cabe, já me considero uma doida, sem qualquer esperança de cura!... Mas, peço-te, ainda, outra coisa: sei que és um entusiasta do Espiritismo, talvez por influência do general *du Servey*, a quem tanto admiras; entretanto, não vás com tanta sede ao pote!... E se eu te decepcionar outra vez?...

– Oh, tolinha!... – exclama ele, abraçando-a forte. – Como podes pensar que, eventualmente, tu me decepcionarás, se não obtiveres nenhuma melhora?... – e, meneando a cabeça, prossegue: – E, se isso, por acaso, acontecer, *ma belle*, decididamente, não serás a culpada!... Por que é que tu te deverias culpar?...

– Não sei, *Berg*!... – diz ela, triste. – Costumo encher-me de culpas por tudo de ruim que me acontece!... Vem-me, então, à mente uma infinidade de cobranças, de acusações!... Tu não imaginas o inferno que é a minha vida!... Se algo de mal te sucede, culpo-me; se mamãe sofre por minha causa, culpo-me!... É aterradora esta situação!... Vivo constantemente atormentada!... Tormentos e aflições surgem-me do nada, e chego às raias do terror, só em pensar que tal coisa ou tal situação poderiam advir a ti ou à *maman*!... Entro, então, em pânico e me desespero!... Oh, *mon amour*, acho-me tão cansada!... Não tenho paz; não sei o que seja alegria!... Creio mesmo ter sido sempre louca!... Acho que já nasci assim, *Berg*!... – e pungentes soluços sacodem-na, insistentemente.

– Procura acalmar-te, meu bem!... – diz ele, afagando-lhe os cabelos negros e ondulados. – Tem confiança!... Ainda acharemos uma cura para os teus males!...

– Oh, ando tão descrente!... – continua ela, entre os soluços do pranto. – Sequer consigo rezar!... Minhas ideias confundem-se, quando tento ligar-me a Deus!... Simplesmente, não consigo rezar, *Berg*!... Não sabes o quanto isso me é difícil!... *Maman* tem frequentado a igreja diariamente; sei que ora, fervorosamente, por mim e isso ela tem feito desde há muito tempo!... Sabes, querido, mamãe é incansável!... Invejo-lhe a persistência!... Sei que anda a fazer tantas e tantas promessas aos santos, coitada!... Mas vê!... Nada obtivemos até então!... Ando a cansar-me de tudo; entretanto, *maman* continua, não esmorece nunca!...

– *Marie-Louise* faz essas coisas porque tem muita fé, *ma chérie*!... – diz

*Berg*, a afagar, ternamente, os cabelos da esposa. – E, também, porque te ama!... Tua mãe ama-te em demasia, *Céleste-Marie*, e é por isso que não se cansa de suplicar a Deus por ti!...

– E, com isso, faz-me sofrer ainda mais!... – prossegue ela, chorosa. – Sou mesmo uma desgraçada!... Deus não a ouve, porque sou amaldiçoada, *Berg*!... – e explode em choro altamente convulsivo.

– Acalma-te, meu bem!... – diz *Berg*, atraindo-a mais fortemente aos braços. – Entendo-te a revolta, mas é preciso não perder a fé jamais!... Se Deus ainda não te concedeu a graça é porque ainda não chegou a hora!... – e, procurando tirá-la daquela profunda crise de angústia, prossegue: – Olha, quem sabe Ele não está, justamente, a ouvir-te por agora?... Dizem que na *Société Spirite* andam a promover curas milagrosas!...

– Tenho medo de tais coisas, *Berg*!... – explode ela em desespero. – Dizem que lá mexem com fantasmas e com assombrações!...

– Oh, certamente, tudo isso não passa de fantasias da cabeça das pessoas!... – observa ele, com um sorriso. – O que sei é que lá fazem pesquisas sérias sobre os mortos, isso sim!... – e, tentando convencê-la do contrário, prossegue: – Viste o que disse *Sylvie*?... Uma série de coisas a exatamente confirmarem ser ela a verdadeira autora da carta!... Não há como não aceitar!... É tudo muito patente!...

*Céleste-Marie* nada responde. Com o rosto escondido ao peito do esposo, continua seu choro profundo, doído. E, *Berg*, fortemente abraçado a ela, continua a afagar-lhe os cabelos negros e ondulados; depois, ele lhe beija o alto da cabeça, repetidas vezes, e preme, fortemente, os olhos, para sufocar as lágrimas, ainda em seu nascedouro, e um nó profundo, então, toma-lhe a garganta. Era preciso buscar uma solução para aquilo, urgentemente. *Céleste-Marie* esgotava-se. Até quando ela conseguiria suportar tamanha provação?...

*Céleste-Marie* chorou por longo tempo, assim, abraçada a ele. Depois, desafogada, levanta o rosto lavado pelas lágrimas e, encarando-o, diz:

– *Berg*, se *M'sieur Allan Kardec* e o Espiritismo conseguirem curar-me, tu me darás um bebê?...

– Oh, claro que sim, *mon amour*!... – responde ele, sem titubear. – Claro que sim!...

Havia tanto enlevo na voz de *Céleste-Marie* que *Berg* nem pensara para responder. Para que ela recuperasse a saúde, ele faria qualquer coisa. Qualquer coisa, mesmo!... Inusitadamente feliz, ela o abraça e o beija

repetidas vezes.

– És um homem bom, *Berg*... – diz ela, radiante. – És um homem bom...

\*\*\*\*\*

Numa terça-feira de novembro de 1858, na sessão ordinária da *Société Parisienne des Études Spiritiques*, sob a presidência do insigne Professor *Hippolyte-Léon Denizard Rivail*, inicia-se o tratamento espiritual de *François-Armand*. Presentes à sessão, o general *du Servey*, *Constance*, *Amandine*, além do capitão *Berg*, *Céleste-Marie*, *Marie-Louise* e os pais de *Sylvie*, o coronel *Rousselet* e *Edith-Aurore*. Como sempre, também naquela terça-feira, o singelo salão da Sociedade Espírita de Paris encontrava-se repleto de pessoas. Não raro, achavam-se, entre os presentes, altas personalidades estrangeiras que ali acorriam, fosse por se encontrarem em visita a Paris ou, ainda, fosse com o fim precípuo de conhecerem *in loco* as famosas reuniões de *M'sieur Allan Kardec* que, com incrível e inusitada rapidez, como nunca antes acontecera com nenhum outro fato, passavam a ser conhecidas em todas as plagas deste mundo, mesmo as mais remotas.<sup>158</sup>

Como de costume, os doentes não eram levados até a Sociedade Espírita; o tratamento consistia na aplicação dos recursos espirituais à distância; o nome e o endereço do enfermo eram colocados para a apreciação dos Espíritos que emitiam seu parecer, fosse através da psicografia, da psicofonia ou de qualquer uma outra modalidade mediúnica.

Depois de iniciada a sessão pelo *Professor Rivail*, foi lida, a princípio, como de praxe, a lista de solicitações de assistência e de esclarecimento a dúvidas e a questionamentos, posto que era comum surgir uma série de incertezas acerca das comunicações recebidas dos espíritos, fato que se apresentava compreensível, uma vez que a prática espírita era incipiente e ainda desconhecida até então. A seguir, sob a silenciosa expectativa da assistência, os Espíritos passaram a manifestar-se, através dos médiuns presentes à sessão. O tempo corria, enquanto os médiuns escreviam laudas e mais laudas de papel, a receberem as notícias do além... *M'sieur Kardec* a tudo acompanhava, atento. Nada lhe escapava à atenção. E tinha a colaboração de mais dois membros efetivos da *Société* a auxiliarem-no, sistematicamente: *Madame Plainemaison* e *M'sieur Baudin* que, além de portadores de mediunidade ímpar, também o auxiliavam na difícil e complexa tarefa de assistir e de dar suporte aos médiuns em transe. Depois de mais de uma hora, as comunicações foram cessando, paulatinamente. Agora

era necessário juntar aquelas mensagens todas e as ler, com atenção e rigor!... Era preciso tomar muito cuidado com o que diziam os espíritos!... Não aceitar, *a priori*, tudo o que escreviam, não!... Fazia-se imprescindível analisar cada palavra, cada ideia expressa, antes de torná-la pública!... *M'sieur Kardec* sabia muito bem em que terreno estava pisando!... Havia tantos riscos a envolverem a mediunidade, tantos escolhos!... Um passo em falso, e os inimigos da Luz ali estariam, sempre muito atentos à mínima oportunidade que se lhes dessem, para lançar toda a sorte de empecilhos e de confusão!... *Rivail* começava a perceber, à medida que o tempo passava, o quão enganosa poderia ser uma daquelas mensagens!... Lembra-se dos sábios conselhos do apóstolo João e abre um ligeiro sorriso. Não deveria dar crédito a qualquer espírito; primeiro era preciso testar-lhes a origem...<sup>159</sup> Em relação ao que fazia, todo o cuidado era, realmente, sempre pouco...

– Senhoras e senhores, temos, hoje, uma série de comunicações – diz o Codificador do Espiritismo, depois de, atentamente, ter lido uma meia dúzia de mensagens psicografadas. – Principiaremos com a que se destina à *Madame de Longchamp*!... Trata-se do seu augusto esposo...

– *Oh, Pierre!*... *Pierre!*... – exclama distinta dama que, levantando-se, altamente excitada e chorosa, corta as palavras de *M'sieur Kardec*. – *C'est mon bon Pierre!*... – prossegue ela, a desmanchar-se em lágrimas. – Eu sabia!... Eu o sentia!...

– Aproximai-vos, senhora, *s'il vous plaît!*... – diz o *Professor Rivail*, convidando-a a abeirar-se da mesa. – Aqui tendes o que vos diz o vosso esposo!... Lede e, por favor, a seguir e se assim o desejardes, podereis confirmar aos presentes a veracidade dos fatos!

– Sim!... Sim!... – exclama a mulher, a segurar, com mãos trêmulas, o maço de papéis manuscritos que lhe passara *M'sieur Allan Kardec*.

– *M'sieur Alphonse-Auguste de Pérault-Devron!*... – prossegue *Allan Kardec*. – Temos algo de *Marguerite!*... Confirmais?...

– Oh, sim!... Sim!... – exclama um ancião, aproximando-se um tanto trôpego e a apoiar-se numa bengala. – *C'est ma fille!*...<sup>160</sup>

E então, uma série de mensagens foi encaminhada às pessoas que consultavam os espíritos acerca dos mais variados assuntos: notícias de parentes falecidos, procura por pessoas desaparecidas, cura de doenças graves...

– *Madame et M'sieur Rousselet!*... – chama *Allan Kardec*. – Notícias de

*Sylvie...*

– *Oh, mon Dieu!...* – exclama *Edith-Aurore* a explodir em lágrimas. – Ela nos escreveu de novo!...

Hora e meia mais tarde, sentados todos ao redor de uma mesa no *Le Procope*, a tomarem um lanche, comentavam, animadamente, entre si, o extraordinário fato que se repetia!

– Não vos disse que o que se propõe fazer *M’sieur Allan Kardec* é extremamente sério? – observa, felicíssimo, o general *du Servey*. – Hoje todos nós tivemos provas ainda mais irrefutáveis da autenticidade da mensagem recebida!

– Sim!... – concorda o capitão *Rousselet*. – Minha filha refere-se a detalhes da sua existência que somente eu e a mãe conhecemos!...

– Ainda mais que nos promete a cura de *François!*... – acrescenta *Amandine*, cheia de ânimo.

– E realmente prova maior teremos se meu primo, efetivamente, curar-se! – diz *Berg*.

– Sim!... – exclama *Edith-Aurore* que trazia os escritos da filha à mão, a relê-los com insistência. – Observai o que ela diz aqui: “*Nosso querido François encontra-se, já, sob os cuidados de emérita equipe de médicos daqui, e a sua cura plena dever-se-á apenas a um pouco mais de tempo... Tenhamos paciência, oremos com fé e aguardemos...*”

Forte esperança, então, reforça os ânimos do grupo de amigos. *Amandine* toma a mão de *Edith-Aurore* e a aperta firme.

– Eu sei que a tua filha está a cuidar de *François!* – exclama ela, com os olhos rasos de lágrimas. – Amavam-se tanto que, amor tão intenso assim, não poderia jamais se romper com a morte!...

– Sim, *ma chérie!*... – diz a outra, também com os olhos a marearem-se de lágrimas. – O amor deles transcende à própria morte!...

Os amigos entreolham-se. As coisas mudavam. Agora surgia nova esperança no horizonte. Com isso, havia a chance de voltarem a ser felizes e se riem. E seu riso mistura-se com a discreta alacridade do *Le Procope*, literalmente tomado pela beleza e pelo brilho do que havia de mais elegante e mais luxuoso em Paris. Os tempos mudavam; as coisas, finalmente, passavam a ganhar um significado mais firme, mais plausível...

\*\*\*\*\*

Naquela mesma noite, quando *Amandine* chega em casa, *François-Armand*

ressonava tranquilamente, recostado num divã da sala de estar. A leve frufrulhar do vestido da mãe, o rapaz acorda-se e a olha, entre admirado e assustado.

– Aonde foste, *maman*? – pergunta ele, altamente estremunhado. Trazia os olhos inchados pelo muito e profundamente que dormira.

– Oh, saí com alguns amigos – diz ela. E lhe mente, propositadamente: – Fomos à *Comédie*...<sup>161</sup>

– Ah, e o que estão encenando na *Comédie*?... – pergunta ele, demonstrando alto interesse.

– Levam *Rotrou*<sup>162</sup> : “*Cleagénor et Doristée*”!... – responde *Amandine*, sentando-se diante do filho numa *chaise longue*. E, olhando-o, fixamente, nos olhos, observa-lhe os traços da fisionomia. *François* encontrava-se sereno, inusitadamente tranquilo. – Andavas a dormir desde quando?...

– Não sei!... – responde ele, rindo-se, brejeiro. – Acho que dormi por cem anos!...

– E a tua enfermeira?... – pergunta *Amandine*, olhando em derredor. – Onde se meteu ela?...

– Referes-te àquela idiota que me arranjaste e que me quer empurrar remédios goela abaixo a toda hora?... – diz ele, fazendo troça. – Deixei-a de castigo em seu quarto!... Disse-lhe que não a queria ver por aqui a encher-me as paciências!... – e, levantando-se, espreguiça-se, exageradamente, estirando os braços, a alongá-los acima da cabeça. – Puxa!... Estou enferrujando!... Preciso fazer uma caminhada!... – e, aproximando-se da janela, espiona lá fora e diz: – Pena que já escureceu!...

*Amandine* olha-o, boquiaberta. Não acreditava no que estava vendo!... Era o seu filho que estava de volta, depois de tanto tempo!... Teria se curado, assim, repentinamente?... Achava que levaria algum tempo ainda. Custava a crer no que via! *François* ainda espionava lá fora, através da janela, e ela resolve certificar-se.

– E *Sylvie*... Ainda tens vontade de vê-la?...

O rapaz permanece olhando pela janela, por uns instantes. Depois se volta devagar e encara a mãe nos olhos.

– *Sylvie* está morta, *maman*... – diz ele, com o olhar carregado de tristeza. – Acaso não sabes que ela morreu?...

*Amandine* baixa os olhos. Forte emoção oprime-lhe o peito. Era verdade!... Ele reagia normalmente!... Não a chamara mais de mentirosa e nem se

enfurecera diante da afirmação daquele triste fato!... Mas era preciso ir mais adiante:

– E *Marie-Victoire*?...

– Faze com ela o que quiseres!... – diz ele, voltando a sentar-se diante da mãe. Tinha os olhos tristes, mas não se lhe percebia qualquer traço de insanidade à fisionomia ou de revolta à voz.

– Sabias que *Sylvie* escreveu-nos do além?... – prossegue *Amandine*, arriscando-se. Precisava certificar-se das reações do filho. A ansiedade roía-a por dentro. – Escreveu, já, duas cartas!... E pergunta por ti!...

– Se dizes... – murmura o rapaz, agora baixando os olhos ainda mais tristes.

– Pensei que te alegrarias mais... – diz *Amandine*, levantando-se e, aproximando-se dele, toma-lhe a cabeça e a aproxima de si. E, enquanto lhe acariciava os cabelos revoltos, prossegue: – *Sylvie* continua preocupada com a tua saúde... Prometeu ajudar-te e vejo que cumpriu a promessa, mesmo bem antes do que eu imaginava... Tu voltas à tua razão outra vez!... – e, beijando-lhe o alto da cabeça, repetidas vezes, prossegue: – Percebo que estás bem!... Oh, *mon chéri*, não sabes o quanto alivias o meu coração, aceitando esse fato e optando por encará-lo de frente!... Sei o quanto isso te pode ser doloroso, mas assim é a vida!... Temos de aceitar, com resignação, as dores, como Deus no-las manda!... – e a afagar, insistentemente, os cabelos do filho, emenda: – Acho que, agora, finalmente, poderás dar um rumo à tua vida...

O rapaz nada responde de imediato. Apenas ligeiros soluços sacodem-no, insistentemente. Depois de alguns instantes, levanta a cabeça e, com os olhos borrados pelas lágrimas, fixa a mãe.

– Se o que tentas dizer-me é para eu esquecer *Sylvie, maman*, perdes o teu tempo!... – e, levantando-se, continua a olhar para a mãe e prossegue, com o pranto a molhar-lhe as palavras: – Nunca esquecerei *Sylvie, maman*!... Nunca, entendeste?... E, até que não chegue o dia de eu a ela de novo juntar-me, prosseguirei vivendo, sim!... E, não mais me esconderei atrás da máscara da loucura, se é o que temes!... Fica sossegada!... Doravante, serei eu de novo!... Ou quase... Se possível fosse a um morto ressuscitar... Mas continuarei!... Embora morto por dentro, *maman*, eu continuarei!... – e sai, com passadas firmes.

*Amandine* olha-o que saía resoluto. Não tinha mais dúvidas: era o seu filho que voltava!... Ou quase ele... Depois, suspira fundo. A primeira grande batalha já havia vencido... Restava, agora, persistir na luta. Sozinha, na

grande sala de estar, a Marquesa *de Montpelier* pensava. Fecha os olhos e, satisfeítíssima, põe-se a recordar os últimos acontecimentos daquele dia. Deus do céu!... Era incrível aquilo!... Quando saíra para a sessão na *Société Spirite*, deixara o rapaz totalmente hebetado pelos narcóticos que lhe ministrava aquela enfermeirinha imbecil!... Entretanto, ao voltar, ele estava completamente diferente!... Deus do céu!... Como era aquilo possível?... Agiriam tão rapidamente assim os espíritos que assistiam as sessões de *M'sieur Allan Kardec*?... *Amandine* custava a acreditar. Tudo se lhe afigurava deveras impressionante!... Tão depressa assim?... Era incrível aquilo!... Os amigos, por certo, ficariam contentes com o resultado de melhoras tão patentes que já passava a apresentar o filho, imediatamente após o tratamento recebido. Paulatinamente, *Amandine* sentia-se relaxar; os dias de tensão e de preocupação extrema findavam-se... E, no fundo, exultava, ainda, por um outro motivo: antegozava o desmedido prazer que fruiria ao despachar da sua casa, de uma vez por todas, aquela sirigaitazinha prepotente, logo que o dia amanhecesse!... Ah, iria adorar ver o desapontamento surgir às fuças daquela ordinária!... E, então, um sorriso de plena satisfação aflora-lhe aos lábios e, mesmo de olhos cerrados, a Marquesa *de Montpelier* pressentiu que não se achava mais a sós na sala. Abre os olhos, devagar, e, à soleira da porta, a talzinha olhava-a, já meio desenxabida.

– Que queres? – pergunta *Amandine*, fazendo-se ríspida. Não fazia nenhuma questão de ocultar que não gostava nem um pouco daquela sujeitinha metida a besta.

– *Pardon, Madame la Marquise*, por interromper o vosso descanso – diz *Marie-Victoire* –, mas é preciso dizer-vos que *François-Armand* nega-se a tomar os medicamentos!... Aliás, desde o princípio da noite, vem ele tendo comportamento estranho!... – prossegue ela, aproximando-se de *Amandine*. – Recusou-se, peremptoriamente, a tomar os remédios e me tratou com rispidez!... – e acrescenta, quase a chorar: – Diria que chegou mesmo às raias da grosseria comigo hoje, *madame*!... Vosso filho jamais me tratou dessa forma antes!...

– E o que tem isso?... – observa *Amandine*, fitando a mocinha com desprezo. – Meu filho pode e deve fazer o que desejar nesta casa!...

– Mas é sumamente importante que tome os remédios, senhora!... – exclama a enfermeira, com os olhos rasos de lágrimas. – Caso contrário, entrará em crise e terá de ser internado na Clínica!...

– Será mesmo?... – diz *Amandine*, a fitá-la com desmedido desdém. E prossegue, encarando-a acintosamente: – Aliás, iria dizer-te isto amanhã, mas como te adiantaste, digo-te já: quando o dia amanhecer, vai-te daqui!... Só não te ponho porta fora neste momento, porque a noite já avança, senão aqui não permanecerias nem mais um instante!... *François* não precisa mais de ti!... Se ainda não percebeste – sonsa que és! –, agora te digo com toda a clareza: meu filho não precisa mais de ti!... Some da minha casa!...

– Mas, *madame*, e o Doutor *de la Roche*?... Que dirá ele?...

– Com o Doutor *de la Roche*, entendo-me eu!... – responde *Amandine*. – Agora, toca a arrumares os teus pertences que, logo rompa a aurora, quero-te longe da minha casa!... – e sai intempestivamente da sala.

*Marie-Victoire*, de repente, sente o chão desaparecer de debaixo dos seus pés. Essa era então a paga que recebia?... Durante anos, dedicara-se ao jovem enfermo; apegara-se a ele de corpo e alma e se habituara tanto com a sua voz terna e macia, chamando-a de *Sylvie*... *Sylvie*!... De repente, um surdo ódio apodera-se do coração da enfermeira. E lágrimas abundantes molham-lhe as faces contraídas num ricto de dor, dor profunda, dor contundente, dor de desilusão...

– Odeio-te, *Sylvie*!... – murmura ela, com as palavras ensopadas de pranto. – Mesmo que estejas morta, odeio-te, maldita!...

De volta ao pequeno quarto que habitara por tanto tempo naquela mansão, *Marie-Victoire* lança-se sobre o leito e chora. Os soluços sacodem-na, violentamente, e ela esmurra o travesseiro, tomada de intenso furor.

– Oh, como sou infeliz!... – diz ela entre soluços. – Como viverei sem ti, meu amor?...

Desespero enorme apodera-se de *Marie-Victoire*. Envolvera-se em demasia com *François-Armand*. Haviam ido muito fundo naquela relação; ela se entregara a ele de corpo e alma; haviam sido tantos os anos de íntima relação!... *Amandine* desconfiava... E tinha razão, a maldita!... Sim, haviam se entregado ambos a intensa paixão, sim, e tinha, agora, vontade de vomitar tudo às fuças daquela esnobe insensível, que sempre a tratara como um ser abjeto e vil!... Só porque era pobre?... E daí?... acaso os pobres não tinham sentimento também?... Não podiam apaixonar-se, é?... Desgraçada!... Não fosse a desmedida intransigência e intolerância, já poderia estar casada com *François* havia tempos; entretanto, tivera que mentir, tivera que fingir que nada sentia pelo rapaz!... Ah, como lhe fora difícil e cruel esconder aquele

sentimento que, de tão grande, mal lhe cabia apertado no coração!... Havia vezes em que o seu amor pelo rapaz avolumava-se tanto que parecia querer explodir-lhe o coração em mil pedaços!... Entretanto, tivera aquela insensível desgraçada sempre a humilhá-lha e a vigiar cada passo que dava naquela casa!... Contudo, mesmo assim, ela e *François* sempre encontravam um jeito de burlar-lhe a vigilância e como se amaram!... Amaram-se, perdidamente, loucamente, embora ele, no meio dos arroubos de paixão e de enlevo, chamasse-a sempre de *Sylvie*!... Ah, e essa outra desgraçada tinha de estar sempre entre eles!... Mas, até então, não relegara tanta importância a esse fato, não!... O que lhe importava eram os ternos afagos e os doces beijos de *François*, sempre trocados à sorrelfa, longe dos olhos de *Amandine* que de tudo isso desconfiava, mas de nada tinha certeza... *Amandine*!... Ah, maldita, desgraçada!... Ir-se-ia dali, sim!... Escorraçada como uma cadela hidrófoba, mas se iria, sim!... Sofreria as penas do inferno, longe do seu amor, mas se iria!...

– Porém, não esperarei que amanheça, não, desgraçada!... – diz a jovem enfermeira, levantando-se do leito. E enxugando, resolutamente, os olhos, com o dorso das mãos, põe-se a juntar, apressadamente, os poucos pertences que possuía e os joga, desajeitadamente, dentro de pequena mala de papelão. – Vou-me daqui ainda hoje, maldita!...

Feita a pequena mala, *Marie-Victoire* deixa o pequeno quarto que ocupara por bom tempo, sem se voltar uma única vez, e, pé ante pé, silenciosamente, chega à porta do vestíbulo e sai para a escuridão da noite da cidade.

Já na rua, lança derradeiro olhar para o casarão de granito cinza e murmura entre dentes:

– Ainda me vingarei de vós, desgraçados aristocratas!... Ainda irei à forra!...

Resoluta, *Marie-Victoire* lança-se às trevas da noite e é literalmente engolida por elas. Caminhava a passos firmes e decididos. Tinha muito a andar naquela noite. Muito mesmo, até chegar ao pobre arrabalde onde morara tempos atrás. Não lhe ia ser fácil retomar a vida naquela minúscula e fria mansarda!... Acostumara-se à largueza, à limpeza, à boa comida e, principalmente, aos afagos do seu amor... No entanto, o que lhe reservaria a vida doravante?...

– *Froid*... – murmura *Marie-Victoire*, enquanto caminhava, dificultosamente, pelas ruas escuras e esburacadas. O vento gelado da

madrugada fustigava-lhe, cruelmente, a face. Desolada, achega a gola do casaco ao pescoço e prossegue num sussurro áspero, como se cuspiasse as palavras, ensopadas de ódio: – *Froid et solitude... Rien plus...*<sup>163</sup>

---

157. Fundado em 1686, pelo siciliano **Francesco Procopio dei Coltelli**, o *Le Procope* é o café-restaurant mais antigo de Paris e, também, um dos mais célebres, ainda na atualidade, localizado na *Rue de l’Ancienne Comédie*, 13.

158. Vale lembrar aqui que, em menos de vinte anos após o seu lançamento, o Livro dos Espíritos já era conhecido em todos os continentes, fato que, à época, representou um marco na rapidez da divulgação de uma ideia, em consequência das dificuldades ainda existentes nos meios de comunicação, em meados do século XIX, quando apenas o telégrafo era empregado e, mesmo assim, cobrindo distâncias relativamente curtas. Somente a partir de 1866 é que foram realizadas as primeiras transmissões transatlânticas regulares de telégrafo, através de um cabo submarino, interligando a América do Norte à Europa.

159. I João, 3.4.

160. “– É minha filha!...””, em francês.

161. *Comédie-Française*, ou *Théâtre-Français*, é o único teatro estatal da França, e um dos poucos que têm uma companhia permanente de atores. Situa-se no 1º *arrondissement* de Paris. A *Comédie-Française* foi fundada por um decreto de Luís XIV, a 24 de Agosto de 1680, para fundir numa só as duas principais companhias parisienses, a companhia do *Hôtel Guénégaud* e a do *Hôtel de Bourgogne*. Atualmente, a *Comédie-Française* dispõe de um repertório de cerca de 3.000 peças e de três salas de teatro: a sala *Richelieu*, o *Théâtre du Vieux-Colombier* e o *Studio-Théâtre*.

162. **Jean de Rotrou** (1609 - 1650) foi um poeta e dramaturgo francês. A primeira peça de **Rotrou**, *L’Hypocondriaque* (produzida pela primeira vez em 1631), dedicada a **Louis de Bourbon**, Conde de **Soissons**, foi colocada em cena quando o autor tinha apenas dezoito anos. Ainda no mesmo ano, publicou a coleção de *Œuvres poétiques*, onde estão incluídos elogios, epístolas e versos religiosos. Escreveu ainda: *Diane*, *La Bague de l’Oubli*, *Cleagénor et Doristée*, *Les Occasions Perdues*, *L’Heureuse Constance*, dentre inúmeras outras.

163. “– Frio... (...) – Frio e solidão... Nada mais...””, em francês.

## Capítulo 17. Um encontro casual...

Deixando a casa da Marquesa *de Montpelier*, *Marie-Victoire* caminhava, aos tropeções e sem muita pressa, carregando a sua mala, pelas esburacadas e escuras ruas da cidade. Era madrugada alta, e o frio cortante machucava-lhe o rosto exposto, causando-lhe grande incômodo. Entretanto, maior incômodo era o que sentia, fundo, à alma, terrivelmente ferida pela rispidez da mãe de *François-Armand*. *François!*... Ele, mesmo, magoara-a, terrivelmente, rejeitando-a daquela maneira!... Como passara a agir daquela forma, de repente, assim, do nada?... Pensando bem, não era de estranhar-se muito aquilo, não!... *Marie-Victoire* tinha larga experiência da Clínica!... Lembrou-se, então, de que, às vezes, alguns dos doentes mentais lá internados recuperavam-se espontaneamente!... Era inexplicável aquilo; porém, acontecia... Quantos não saíam de crises de histeria profunda, sem o concurso de qualquer ação médica ou medicamentosa?... Eram os mistérios da alma!... Passavam anos, mergulhados na mais completa alienação e, depois, num segundo, recobravam a razão!... Curavam-se totalmente!... *François*, certamente, havia sido um desses casos. Pior para ela!... Mas, aceitar a sua situação atual não lhe era nada cômodo!... Por muito tempo, acalentara a ideia de tornar-se a esposa de *François-Armand*, de deixar, de vez, a miséria!... No fundo, sempre torcera para que o rapaz nunca mais recobrasse a razão, que permanecesse alienado para o resto dos seus dias, e ela, ali, sempre solicitada por ele e a, pretensamente, substituir-lhe a amada morta!... Mas, ah, não tivera sorte!...

– *Oh, malheurs!*... *Disgrâce!*...<sup>164</sup> – murmura a jovem enfermeira, caminhando com dificuldade pela escuridão.

Neste comenos, sente-se cansar. Para, por instantes, para tomar um pouco de fôlego e, também, para localizar-se. Mais para o centro da cidade, as ruas principiavam a iluminar-se por lampiões a gás,<sup>165</sup> a lançarem a sua luz branco-brilhante sobre o calçamento de pedras irregulares. Houvera caminhado por mais de duas horas ininterruptas e já lhe era possível enxergar as coisas com um pouco mais de precisão. Ergue a cabeça e consegue avistar as torres de *Notre-Dame*: duas sombras escuras a projetarem-se, a distância, contra a tênue claridade do céu sem luar. Estava chegando à *Cité*. No momento, caminhava pela *Rue de Rivoli*, sob as árvores do *Jardin des Tuileries*. Por entre os troncos das árvores do bosque, divisou o brilho das águas do *Seine*;

estava, assim, bem próximo à ponte. Sua intenção era chegar ao *Boulevard Saint-Germain*, bem mais largo e mais iluminado que as ruelas escuras que margeavam o rio e, por ele, descer até à *Île de la Cité*. Não havia quase ninguém na rua àquela hora. Uma ou outra carruagem passava ligeira, quase a atropelar um ou outro bêbado que caminhava, tropegamente, pelo meio da rua, em seu característico zigzaguear. Depois de atravessar a ponte, a jovem hesitou por instantes: e se seguisse margeando o rio até à *Île*?... Era bem mais perto que andar até o *Boulevard Saint-Germain*, mais adiante. Por ali, havia apenas que percorrer o *Quai Voltaire* e o *Quai de Conti* e já se acharia na *Île de la Cité*, onde pretendia permanecer até que o dia amanhecesse, diante da Catedral.<sup>166</sup> Lá, certamente seria mais iluminado e haveria mais gente. *Marie-Victoire* permanece, por instantes, ao final da ponte, a descansar da intensa caminhada. Coloca a pequena valise sobre o parapeito da ponte e, espichando o pescoço, olha as águas escuras do rio a correrem silenciosas e enigmáticas lá embaixo.

– *Êtes-vous perdue, Mademoiselle?*...<sup>167</sup> – assusta-se ela, com a possante voz que lhe vinha pelas costas.

– *Moi-je?!... Mais non, M’sieur!*...<sup>168</sup> – responde ela, virando-se, num átimo, com o coração a bater-lhe descompassado. E levando, instintivamente, as mãos ao peito, a demonstrar o desmesurado susto recebido, prossegue, ainda respirando com dificuldade: – Apenas descansava!...

– Oh, desculpai-me, então, por favor, senhorita!... – exclama ele, fazendo-lhe longa medida. – Sinceramente, pareceu-me que vos acháveis perdida!...

– Não, não estava, senhor!... – responde ela. E, olhando mais atentamente para o rosto do rapaz e, mesmo à fraca claridade dos lampiões a gás, pôde deprender que se tratava de um homem ainda jovem e bonito. Então, resolve corrigir-se: – Quer dizer, de certa forma, achava-me, perdida, sim; cogitava qual caminho tomar até à *Île*: margeando o rio ou caminhando até o *Boulevard Saint-Germain*...

– Oh, mas sem qualquer sombra de dúvida, se tomardes o *Quai Voltaire* – e, apontando a ruela que principiava ali mesmo, ao fim da ponte –, essa que aí está, chegareis mais rapidamente à *Cité*!...

– Sei disso, cavalheiro – diz ela, apanhando a valise do parapeito da ponte –, mas a questão não era exatamente essa!... É que, conforme podeis muito bem notar, o *Quai Voltaire* acha-se bastante escuro!... Penso ser o *Boulevard Saint-Germain* um pouco mais iluminado, apesar de estar bem mais distante

daqui!...

– Entendo-vos... – diz o rapaz, agora a observá-la melhor à ténue claridade do lampião. E, prossegue: – Se permitirdes, poderei fazer-vos companhia, pois me dirigia, exatamente, para a *Île*...

– Oh, de veras?... – observa ela, a estudar-lhe, atentamente, as feições. O rapaz não tinha o rosto mau e se mostrava bastante gentil e educado. Decide-se e, postando-se ao lado dele, prossegue: – Pois, então, vamos!...

Caminharam alguns passos em silêncio, lado a lado, estudando-se, minuciosamente, com o canto dos olhos.

– De onde vens, senhorita?... – pergunta ele, agora mudando, propositadamente, o tratamento.

– De *Clichy* – responde ela, lacônica.

– Nossa!... – espanta-se ele. – Vieste caminhando de tão longe assim?...

– Não tive muita escolha... – diz ela. – Era urgente que saísse de lá!

– Tiveste algum problema?... – pergunta ele. E depois, desculpando-se: – Oh, que indelicadeza a minha!... Estamos a caminhar já faz um tempinho e nem me apresentei: *Pierre Durand*!...

– *Enchantée*!... – responde ela, rindo, e lhe fazendo ligeira medida com a cabeça, diz: – *Marie-Victoire Bernard*!...

– *Enchanté, Marie-Victoire*!... – diz ele, por sua vez. – Tens um belo nome!... E o que fazias em *Clichy*?...

– Era enfermeira... – responde ela.

– *Un'enfirmière*!... – exclama o rapaz, achando graça. – Levas mesmo jeito de enfermeira!... – brinca ele. – Mesmo não estando a envergares o jaleco branco, tens o jeito!...

– Por que dizes isso?... – pergunta ela, intrigada.

– És um tantinho séria!...

– Só por esse motivo?

– Não; mas é característico delas, as enfermeiras, não achas?... Costumam ser sérias e bastante intransigentes, quando intentam jogar-nos aquelas poções horríveis goela abaixo!...

– Se nos fazemos de moles, os marmanjões como tu é que, costumeiramente, dão-nos as maiores dores de cabeça ao terem de tomar os remédios!... – observa ela, com ar divertido. – Apenas cumprimos o nosso dever, meu caro!...

– De veras?... – prossegue ele, com ar brincalhão. Não sabia porque, mas

aquela mocinha que achara perdida nas trevas de Paris tinha o dom de fazê-lo alegrar-se. Quanto tempo fazia que não conversava, assim, tão despreocupadamente, com alguém?... Fazia muito tempo; na realidade, não se ria assim, desde que uma outra mocinha, jovial como esta, fora-se... – Dize-me, *Marie-Victoire* – continua ele, olhando-a de soslaio, enquanto caminhavam –, deve ter sido algo muito grave o que te aconteceu onde estavas para te arriscares a sair sozinha pelas ruas escuras da cidade...

– Se foi!... – responde ela. – Literalmente, expulsaram-me de lá!...

– Oh, então deves ter aprontado uma das boas!... – diz ele, rindo-se.

– Nem tanto assim!... – exclama ela, enrubescendo, ligeiramente. Depois, recompõe-se rapidamente e, voltando o rosto, encara-o e prossegue, cheia de desdém à voz: – Ingratos é o que são esses aristocratas, isso sim!... Chupam-nos até os ossos e depois, quando não mais lhes atendemos às necessidades, deitam-nos fora, sem a menor cerimônia!...

– Ah, servias aos aristocratas, então, hein?... – diz ele, olhando para ela. – Mas tens razão ao te indignares!... Essa gente não presta!... Quando têm oportunidade, pisam-nos, sem dó!... Judiaram de ti, então?...

– Se judiaram!... – responde ela, altamente indignada. – Humilharam-me até não mais poderem!... Pior era a velha marquesa... Morria de ciúme do filho, com medo de que eu me insinuasse a ele!... Desgraçada!... Escorraçou-me qual uma cadela sarnenta!... Essa gente parece ter nojo dos pobres, *Pierre!*...

– Parece?... – replica ele, cheio de desdém. – Acho que nutrem verdadeiro asco por quem não é da laia deles!... Os revolucionários bem que tentaram apagar essa mancha do mundo, guilhotinando-os aos milhares, mas não conseguiram!... Ei-los a brotarem, de novo, como vermes aos monturos!...

– És liberal ou republicano?... – pergunta ela.

– Que adianta ser liberal ou republicano?... Ou, ainda, socialista ou monarquista?... – prossegue ele, com amargura à voz. – Mudam os regimes, mas os homens continuam os mesmos; a miséria continua a crescer; a corrupção tende a aumentar...

– Tens razão... – concorda ela. – Parece que a República não pega...

– Sim, e aí temos restaurada a abjeta monarquia!... – diz ele. – Parece que o povo encontrava-se saudososo do fedor da aristocracia...

– Despreparo político dos republicanos e dos liberais, meu caro!... Tanto que aí está o rei de volta! – diz ela, agora se rindo. – Acho que não tem

mesmo mais jeito!... A solução é conformar-se!...

– Conformar-me?!... – rebate ele. – Jamais!... É só surgir um outro exército republicano que me engajarei nele, sem titubear!... Odeio os aristocratas!...

– Quem sabe, um dia, aprenderemos a gerir-nos por nós mesmos, não é?... – diz ela com um suspiro fundo. – Por enquanto, vamos engolindo a miséria e o abandono que nos imputam os poderosos!... Ainda haveremos de aprender!...

– Não sou tão conformado quanto tu, não, minha cara!... – diz ele, tomando-se de zanga. – Questiono esse direito ignóbil de alguns poucos terem muito, e muitos terem de se virar com tão pouco!... Mormente com as migalhas que, a sobejarem, caem das fastuosas mesas desses porcos indecentes!...

– Mas, assim tem sido, desde o começo do mundo, meu caro!... – diz ela. – A Revolução,<sup>169</sup> acaso, não tentou mudar essas coisas?... E o que se conseguiu?... Um rio de sangue correu por estas ruas que ora pisamos e no que deu?... No mesmo de antes!... Aí estão eles de volta, restaurados e, o que é pior, pela própria vontade do povo!...<sup>170</sup> Achas que, se o povo realmente não o quisesse de volta, o rei aí estaria?...

– Não sei, não, minha cara!... – diz ele, pensativo. – Dessa vez o exército não ficou do lado do povo!... Pelo contrário, defendeu o golpe de estado, efetivando o tirano no trono!... Quantos não perderam a vida, tentando impedir que a desgraça voltasse?...<sup>171</sup>

– *Louis Bonaparte* aplicou o golpe, aproveitando-se do caos! – diz ela. – Os partidos não se entendiam!...

– De fato, viviam a brigar entre si, esquecendo-se do principal: a promoção de verdadeiras mudanças que, efetivamente, beneficiassem o grande perseguido, o povo!... – e, dando-se conta, por fim, de que ela entendia muitíssimo bem de política, pergunta, altamente intrigado: – Vejo que estás a par de tudo o que vai pelo país!... Coisa rara de acontecer às mulheres... Principalmente às mais jovens, como tu!

– Oh, esqueces-te de que vivo rodeada de gente?... – responde ela. – Sou pobre e tenho pouca instrução, mas já passei alguns anos da minha vida junto a pessoas das mais variadas origens. Em *Charenton*, a clínica onde me iniciei no ofício de enfermeira, como sabes, recebe, principalmente, gente graúda...

– É... Tens razão... – concorda ele, pensativo. – Até os ricos ficam doidos, *n'est-ce pas?*

– Se ficam!... Há loucos oriundos de todas as camadas... – responde ela. –

Entretanto, para lá vão apenas os que têm condição de pagar!... Aos pobres, reservam-se poucas e exíguas vagas no porão!

– Ah, é assim que funciona por lá, é?

– Só por lá?... – observa ela, irônica. – Acaso a discriminação para com os pobres não existe em todo o canto?...

– Tens razão! – concorda ele, tentando deglutir a raiva que lhe entupia a garganta; chega, até mesmo, a tremer-se de fundo ódio, motivado pela lembrança da situação em que se encontrava o país, atolado no mais negro abandono e relegado ao descaso total pelos governantes altamente corruptos; a alta do custo de vida; o desemprego quase geral; as fábricas fechando as portas, umas atrás das outras, produzindo levadas e levadas de desempregados a enxamearem como moscas pelas ruas... O recrudescimento da criminalidade, gerado pela falta de oportunidade no mercado de trabalho...

– Moras onde, *Pierre*? – pergunta ela.

– Alugo um quatinho numa mansarda, no *Quai de Bercy* – responde ele.

– Oh, então estamos próximos da tua casa! – observa ela.

– Sim, logo abaixo, só que teremos de atravessar a ponte. Mas, não ias à *Cité*?

– Sim – diz *Marie-Victoire*, parando um pouco para tomar fôlego.

Em seguida, a jovem enfermeira deposita a pequena valise ao chão e esfrega uma mão à outra para desentorpecê-las do frio. Depois, ajeita uma mecha de cabelo que, ao abaixar-se, se desprendera do grampo a firmar-lhe o penteado desajeitado, certamente feito às pressas. Enquanto ela ajeitava o cabelo, ele a olhava, demoradamente, estudando-lhe as feições, cada gesto que fazia... Um silêncio estabeleceu-se entre ambos. A noite prosseguia lenta, fria; o céu cobria-se, agora, de ligeira névoa, tornando tudo mais escuro e mais gelado. Ao longe, o apito de uma locomotiva feriu o ar, pungente, lamentoso, como o grito de um animal que estivesse sendo imolado.

– Deixa-me carregar a tua mala... – oferece-se ele.

– Oh, *merci beaucoup*! – diz ela, passando-lhe a pequena valise e se sentindo aliviar. – Já me canso!... Estou caminhando há horas!...

– Trabalhas onde, *Pierre*? – pergunta ela. – Tens um jeito *raffiné*!... Não me parece seres algum reles operário ou estivador das embarcações!...

– Tens razão, *Marie-Victoire*!... – responde ele. – Por muito tempo, aliás, por quase toda a minha vida, convivi com gente graúda!... Na realidade, fui educado por uma família de posses e lá trabalhei como mordomo até há bem

pouquíssimo tempo!...

– E por que de lá saíste?... – espanta-se ela. – Deixaste o bem bom, um serviço leve desses, numa crise assim?...

– Sim... Tens razão... – diz ele, baixando a cabeça. – Mas eu não era feliz lá...

– E trocaste esse teu posto por um outro, presumo...

– Ainda não... – responde ele, com extrema amargura à voz.

– Humilharam-te os ricos?... – pergunta ela, estacando os passos e o olhando firme. – Eles são bem capazes disso!...

– Não, não me humilharam, não!... – apressa-se em responder o rapaz. – Eu é que não me ajeitava mais naquela casa!...

– Então, devem ter sido motivos realmente muito fortes, para fazerem-te trocar o pão bem bom de cada dia e um leito cheiroso e limpinho por uma fria e úmida mansarda!... – observa ela.

– Sim – responde ele, laconicamente. – Motivos fortíssimos!...

*Marie-Victoire* abre pequeno sorriso malicioso. Entendera os motivos fortíssimos!... E, por instantes, nada lhe diz. Continuam ambos a caminhar, lado a lado, pela ruela margeante ao Sena que, inalterável e insensível às agruras dos homens que viviam naquela grande e desumana cidade, corria manso, cortando-a em grande extensão e dela recebendo toneladas e toneladas de esgoto, a tismarem-lhe as águas, tornando-as, paulatinamente, enegrecidas e pesadas, à medida que, sinuosamente, como imensa serpente escura, percorria diversos dos bairros da grande capital francesa.

– Esses motivos fortíssimos a que te referiste, na verdade, são coisas do coração, *n'est-ce pas?*... – observa ela, olhando-o com uma expressão quase marota aos olhos.

– São... – responde ele, conciso. E, depois de caminharem um bom pedaço em silêncio, ele prossegue, sem muita animação: – Chegamos; ali está a *Place Parvis*.<sup>172</sup>

– Ufa!... – exclama a moça. – Agora, finalmente, poderei sentar-me num banco, a aguardar que amanheça!...

– Vais ficar exatamente aqui, *Marie-Victoire?*... – pergunta o rapaz, colocando-lhe a maleta ao lado, no banco em que ela se sentara. – No meio dos bêbados e das prostitutas?...

– Sim!... – responde ela, estranhando-lhe a pergunta. – Por que não?... Acho aqui um lugar até seguro, bem iluminado e, além do mais, sabias que ainda

não tenho para onde ir?... Deverei aguardar que o dia clareie e caminhar até *Puteaux*, onde antes morava, na casa de *Madame Démieux*. Com sorte, terei de volta o quarto que lá alugava!

– *Puteaux*?... Onde fica?...

– Para além do *Bois de Boulogne* – explica ela. – Longe demais!... É preciso, ainda, atravessar o rio, depois da grande curva. E, depois, terei de conversar com o pessoal da Clínica onde trabalhava. Não sei se me quererão de volta!...

– Posso sentar-me?... – pergunta ele, depois de fixar por instantes o rosto de *Marie-Victoire*.

– Oh, claro!... – exclama ela, puxando a maleta mais para si e lhe abrindo um espaço no banco. – Pensei que ias para a tua casa...

– Ia... – responde ele, com a voz triste. – Ia tentar dormir... – e, como se desabafasse, diz, sem encará-la: – Na verdade, quando te encontrei perto da ponte, andava a vagar por aí, sem rumo certo...

– Entendo... – diz ela, olhando-o de soslaio. – Não queres te abrir?... Percebo que trazes uma imensa avalanche, aí, contida no teu peito!... – e, abrindo um sorriso meigo, prossegue: – Acho que não vais conseguir contê-la por muito tempo e, certamente, vai explodir!... E, quando isso acontecer, é possível que te destroce ainda mais o coração!...

*Pierre* limita-se a tentar engolir o espesso nó que lhe entupia a garganta. Ela tinha razão. *Marie-Victoire* era deveras perspicaz. A catadupa que ele, sob tremendo custo, vinha mantendo contida no peito sufocava-o e lhe fazia um mal intenso. Era preciso, de fato, deixá-la vazar, dar-lhe fluxo...

– Sabes, *Marie-Victoire* – diz ele, com a voz baixa e sem encará-la –, tu tens razão!... A dor que se aloja em meu peito anda a matar-me aos poucos, devagarinho, sem dó...

– Dores de paixão, não é?... – pergunta ela, olhando-o no rosto. – E por que não lutas pelo teu amor?...

– Ela está morta... – diz ele, num sopro.

*Marie-Victoire* nada diz. Devagar, deixa de olhar para ele e, pensativa, fixa os olhos nos bicos dos sapatos sujos da lama da rua. Um magote de bêbados e de prostitutas passa rente a eles, a atravessar a praça, fazendo troça uns dos outros, em grande algazarra. A jovem enfermeira permanece calada. O rapaz, ali do seu lado, também se mantinha calado, com o olhar perdido no vazio; olhar triste, sem brilho. Aliás, *Marie-Victoire* percebera que os olhos de

*Pierre* eram extremamente tristes. E, mesmo quando ele se ria, seus olhos continuavam tristes... A moça levanta o rosto e o fita, demoradamente. Ele continuava mudo, frio e distante. O grupo de bêbados e de prostitutas achava-se, agora, já quase no fim da praça, do outro lado, e, ao longe, ouviam-se-lhes as etílicas vozes, num desarmônico coral, entremeado de risos e de gargalhadas:

“*Cadet Rousselle!... Cadet Rousselle!...*”

*Cadet Rousselle c’est un bon garçon!...*”

– Sinto muito... – murmura *Marie-Victoire*, por fim.

*Pierre* se volta e olha para ela. Ele tinha os olhos mareados de lágrimas. Depois, com a ponta dos dedos, enxuga-as, devagar.

– As coisas não têm sido fáceis para mim, ultimamente – diz ele, voltando a fitar o nada. – Estou só no mundo!... Todos se foram!...

– Consola-te comigo, *mon chéri!*... – exclama ela. – Também eu a ninguém mais tenho por aqui!... Exceção de uma velha tia que deixei no Sul!... – e, fazendo um gesto inane com a mão, prossegue: – Pode ser que já nem se encontre mais viva...

– É, acho que somos dois solitários nesta cidade horrível!...

*Marie-Victoire* limita-se a assentir com a cabeça, olhando-o à face.

– Tudo acabado!... – murmura ele, com a voz extremamente triste. – Tudo se foi... Esvaziou-se...

Depois, *Pierre* levanta-se e olha, demoradamente, para o céu que ora se achava escuro, pesado de névoa. *Marie-Victoire* segue-lhe os movimentos com os olhos.

– Vem!... – convida ela. – Senta-te!...

– Não estás faminta?... – pergunta ele, olhando-a. – Por esse tempo, no *Quai de Voltaire*, deve achar-se aberta uma espelunca onde poderemos beber um café quentinho e mastigar algo...

– Se quiseres, faço-te companhia... – responde ela.

O *Café Le Loup*, no *Quai de Voltaire*, achava-se aberto. Uns poucos bêbados e vagabundos ocupavam algumas das mesinhas encardidas, a bebericarem rum ou vinho ordinário em pequenos copos de vidro opaco pela baba constante. *Pierre* e *Marie-Victoire* sentam-se ao lado de uma das mesinhas de tampo de mármore branco encardido. Um garçom de rosto esquelético e cabelos negros, lisos e brilhantes pelo excesso de óleo e a envergar um avental sujo, aproxima-se, com um cigarro apagado e molhado

pela saliva a pender-lhe ao canto da boca.

– *Qu'est-ce que voulez-vous?*<sup>173</sup> – pergunta ele, sem muito ânimo.

– Café, pão e bolinhos de carne, *s'il vous plaît!* – responde *Pierre*.

O garçom afasta-se a coçar, ostensivamente, os cabelos empastados de gordura.

– Faz tempo que ela morreu? – pergunta *Marie-Victoire*.

– Faz... Acho que quase sete anos... – responde ele, depois de alguns instantes de silêncio. A voz saíra-lhe com um gosto amargo, um gosto de tristeza infinita.

– Então se foi bem jovem, ainda...

– Sim... Era bastante jovem, quando se foi, de varíola.

– De varíola?... – exclama ela. – Que pena!... Essa doença é mesmo terrível!... E, coitada, se não tivesse se ido, certamente ficaria ainda pior, com o corpo todo marcado pelas manchas... Preferível foi-lhe a morte, então!... Não há coisa pior para uma mulher que apanhar essa doença!...

– Eu a amaria da mesma forma!... – exclama *Pierre*, amargo. – Amava-lhe a alma, entendes?... Não a pele!...

O garçom retorna, sobraçando uma bandeja.

– O café está bom!... – observa *Marie-Victoire*, depois de sorver extenso gole do líquido reconfortante. – Bebe, antes que esfrie.

*Pierre* limita-se a olhá-la rapidamente. Depois, baixa os olhos e fixa o líquido escuro que fumegava na xícara branca. Achava-se tão desolado que nem vontade de beber o café tinha.

– Já te apaixonaste alguma vez, *Marie-Victoire*? – pergunta ele, sem olhá-la, e, depois de ter levado a xícara aos lábios e haurido longo gole do café, prossegue: – Digo, paixão de verdade, profunda, que mais machuca que traz prazer e alegrias...

– Sim... – responde ela, lacônica.

– E onde está o teu amor?...

– Deixei-o, há pouco, em *Clichy*... – diz ela.

– Então foi por isso que de lá saíste, não foi?

– Foi... A mãe dele era contra.

– Por que eras pobre?...

– Acho que sim... – responde ela. – Na verdade, ela nunca gostou de mim!...

*François* foi internado na clínica; foi lá que o conheci...

– Come algo – observa ele, passando-lhe o prato de latão onde meia dúzia

de bolinhos de carne nadavam em apetecível *sauce grise* –; lambuza o pão no molho!... – e abre um ligeiro sorriso. Depois, fazendo-se sério, prossegue: – Era louco, então, o teu amado?...

– Oh, *Pierre!*... – censura-o, ela. – Esses são modos de te referires ao meu amor?...

– Desculpa-me... Não te quis ofender...

– *François* achava-se, sim, doente, *Pierre!* – exclama ela, depois de alguns instantes de silêncio. – Terrivelmente doente da alma!... Uma paixão enlouquecera-o...

– Deveras?... – diz *Pierre*, mostrando profundo interesse pelo caso. – Pobre rapaz!... Hoje sei que é perfeitamente possível alguém enlouquecer de amor!... – e, depois de refletir por um momento, prossegue: – Mas, se enlouqueceu de paixão, não o foi por ti, certamente!... E onde é que entras nessa história?... Não estou entendendo bem: como foi que tu entraste na vida dele?...

*Marie-Victoire* passou a narrar-lhe, então, detalhadamente, o caso de *François-Armand*, a morte de *Sylvie*, sua internação em *Charenton*... E, à medida que tomava conhecimento dos fatos, *Pierre* principiou a empalidecer, e suas mãos deram de tremer descontroladamente.

– Que tens, *Pierre?* – pergunta *Marie-Victoire*, ao perceber que o rapaz abalava-se, enormemente, à medida que ela o ia colocando a par da sua história. – Estás branco feito um fantasma!... Que te deu?...

– Nem podes imaginar, *ma chérie!*... – diz ele, passando a mão pela testa gelada. Depois, tomando as mãos dela entre as suas, prossegue, olhando-a nos olhos: – Como é pequeno este mundo, meu Deus!...

– Por que dizes isso?... – pergunta ela, ainda sem nada compreender.

– A moça que morreu de varíola, *Sylvie*, como disseste, era o meu amor, *Marie-Victoire!*... – diz ele, com os olhos a se encherem de lágrimas. – E *François-Armand*, o rapaz por quem és apaixonada, era o noivo dela!...

*Marie-Victoire* olha-o embasbacada.

– Que dizes?!... Tens certeza do que afirmas?!...

– Toda a certeza deste mundo, *ma belle!*... – diz ele.

E, passa a narrar fatos que vinham, exatamente, encaixar-se, com precisão, à outra parte que *Marie-Victoire* relatara.

– Tens toda a razão, *Pierre!*... – exclama ela, ainda estupefata. – Este mundo é pequeno demais!...

– No fundo, foi bom encontrar-te, *Marie-Victoire!*... – exclama ele, apertando-lhe a mão.

– Para mim, também o foi!... – diz ela, com os olhos a encherem-se de lágrimas. – Começava a sentir-me, já, tão solitária neste mundo!...

Lá fora, o dia principiava a clarear. A cidade, como um gigante que passara horas a dormir profundamente, acordava-se. As locomotivas e as máquinas a vapor das fábricas lançavam seus apitos estridentes aos ares, como a darem o sinal de início à terrível luta diuturna que se iniciava em mais uma etapa que surgia no meio de um dia nebuloso, frio e triste...

---

164. “– *Oh, infelicidade!... Desgraça!...*”, em francês.

165. A iluminação pública a gás do centro de Paris deu-se a partir de 1819.

166. Referência à Catedral de *Notre-Dame*, que se localiza na *Île de la Cité* – uma ilha do Rio Sena, no centro de Paris.

167. “– *Estais perdida, senhorita?...*”, em francês.

168. “– *Eu?!... Não, senhor!...*”, em francês.

169. Referência à Revolução Francesa, de 1789.

170. Em Dezembro de 1848, **Luís Bonaparte**, sobrinho de **Napoleão Bonaparte**, foi eleito Presidente da França e, em Dezembro de 1851, deu um Golpe de Estado, fechando a Assembleia e tendo o poder absoluto. Esse golpe ficou conhecido como “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”. A partir daí, instalou-se o Novo Império, que duraria até 1870.

171. Em 1830, na França, **Carlos X** foi deposto e, em seu lugar, assumiu Luís Filipe D’Orléans e, diferentemente do que esperava a maioria da população, seu governo manteve a situação sócio-econômica exatamente como se apresentava antes. A única diferença foi o restabelecimento da política liberal, mas a pequena burguesia continuou fora das decisões governamentais, assim com os operários e os camponeses. Entre os anos de 1846 e 1848, a França passou por uma terrível crise econômica; as colheitas foram péssimas, o preço dos produtos alimentícios aumentou absurdamente, agravando ainda mais a situação da população. Além disso, diversas fábricas faliram e muitos trabalhadores perderam seus empregos. Ocorreram diversas manifestações contra o governo, o primeiro-ministro, francês, **Guizot**, (**François-Pierre-Guillaume Guizot**) tentou reprimir as manifestações em vão, pois a Guarda Nacional unira-se aos revoltosos, iniciando-se a Revolução Liberal de 1848. Com o exército ao seu lado, os revolucionários forçaram **Luís Filipe** a abdicar. O governo provisório foi formado por republicanos, liderados por **Affonse Lamartine** e os socialistas, liderados por **Louis Blanc**. Apesar das diferenças claras entre os dois grupos, foram tomadas algumas medidas importantes, como: a liberdade de imprensa, a abolição da escravatura nas colônias, a legalização dos sindicatos, a jornada de trabalho reduzida para dez horas e a convocação de uma assembleia constituinte. Apesar de os socialistas terem conseguido a maioria na Assembleia, o Governo Provisório revogou a Lei que diminuía a jornada de trabalho, mandou fechar os sindicatos e perseguiu os jornais socialistas. A reação da população veio de imediato, e milhares de pessoas saíram às ruas, só que, dessa vez, o exército foi fiel ao governo, e a população foi esmagada numa ação repressora em que mais de 10 000 pessoas foram mortas. Em Dezembro de 1848, **Luís Bonaparte**, sobrinho de **Napoleão Bonaparte**, foi eleito Presidente da França e, em Dezembro de 1851, deu um golpe de estado, fechando a Assembleia.

172. Praça onde se situa a Catedral de *Notre-Dame*, em Paris.

173. “– *Que é que desejais?*”, em francês.

## Capítulo 18. Nasce uma amizade

O dia já clareava, quando *Pierre* e *Marie-Victoire* deixaram o *Café Le Loup*, no *Quai Voltaire*.

– Vais mesmo voltar para *Puteaux*?... – pergunta o rapaz, enquanto caminhavam, lado a lado, pela ruela que margeava o cais. Ele, agora, já principiava a temer a solidão que, certamente, voltaria a invadir-lhe a alma.

– Sim – responde ela. – Não tenho outro lugar para ir!... E deverei dar graças aos céus, se *Madame Démieux* puder alugar-me um dos seus quatinhos.

– Olha, por que não tentas algo aqui mesmo, no centro?... – sugere ele, tentando segurá-la por perto. De repente, teve medo de perdê-la de vista. – Há tantas mansardas, em *Bercy*, ou no *Quai de Conti* ou no *Quai de Voltaire*...

– Oh, mas o aluguel seria alto demais para mim!... – exclama ela, com um risinho de desapontamento. – Sabias que tenho pouquíssimas economias e, mesmo se recuperar o meu emprego em *Charenton*, o meu salário será uma miséria?... Agradeço a tua boa vontade, mas, para mim, seria inexecutável morar pelo centro da cidade!... – e, de repente, tornando-se melancólica, prossegue, olhando para o chão: – Bem que gostaria...

– E, por que, ao menos, não tentas?... – prossegue ele, insistindo. Não conseguia entender a razão, mas havia algo que o atraía naquela mulher. Parecia-lhe conhecê-la, já, de muito, mas muito tempo mesmo...

– Oh, acho que não valeria a pena!... depois, quase nada conheço deste lado da cidade!

– Mas eu conheço tudo por aqui, como a palma da minha mão! – exclama ele. – Poderia ir contigo!... Por que não tentamos o lugar onde moro?... Poderemos, eventualmente, encontrar um quarto que se vagou!... Há tanta gente se mudando da cidade, por conta do desemprego!... Não queres procurar o meu senhorio?...

– Não sei... – titubeia ela. – O que possuo mal dará para eu sobreviver por alguns dias apenas!... Se tiver de despender tudo o que tenho, como farei para a comida?...

– Não tenho muita coisa, posto que o dinheiro que me deu o casal *Rousselet*, como gratificação pelo tempo que a eles servi, mal está dando para manter-me desde então... Entretanto, venho arranjando alguns biscates para fazer e tenho, dessa forma, conseguido alguns francos para a comida, muito

embora eu venha restringindo a minha alimentação, desde que deixei o solar dos meus antigos patrões... – e, emitindo fundo suspiro, prossegue: – Até quando suportarei, não sei, pois esta inflação galopante, que aí está, abate-se sobre nós como uma nuvem de gafanhotos que a tudo e a todos vai devorando, sem exceção!...

– Oh, há exceções, meu caro!... – corrige-o ela. – Para os que andam a especular com a carestia, tudo vai muitíssimo bem!... Sem nos esquecermos, ainda, dos ricos!... Esses nunca são, efetivamente, atingidos por nada!...

– Tens razão, *ma belle!*... – diz ele, abrindo ligeiro sorriso. – Nesse tipo de coisas, a parte mais fraca é a que sempre se esboroa toda, *n'est-ce pas?*...

– E, no caso, eu e tu e a imensa maioria dos nossos compatriotas!... – diz ela, abrindo os braços em largo gesto. – A grande maioria dos franceses passamos fome!...

– Sim – concorda ele –, mas eu dizia que posso auxiliar-te, nos primeiros tempos, até que te arranjes, se de fato, resolveres permanecer por estas bandas.

– Deveras?... – pergunta ela, enviando-lhe um olhar carregado de ternura. Aquele rapaz forte, embora tremendamente triste e acabrunhado, surpreendia-a a todo instante. – Não serei um peso para ti?... Olha que não me será fácil reaver o meu trabalho em *Charenton*...

– Sequer tentaste!... – diz ele, endereçando-lhe um olhar de quase censura. – Tudo está muito difícil para todos, nestes tempos, minha querida. Se não nos dermos as mãos, fatalmente, a maior parte de nós perecerá, pois os que detêm os destinos da nossa nação pouco ou quase nada andam a importar-se conosco!...

E, num gesto espontâneo, feito, assim, sem pensar, levado mais pelo coração, *Marie-Victoire* apanha a mão do rapaz e a segura, apertando-a forte. Ele sorri, comovido, e lhe devolve aquele tocante gesto de carinho, e intensa emoção, a seguir, apodera-se de ambos. Olham-se, então, fixando-se, firmemente, nos olhos.

– *Merci beaucoup, Marie-Victoire!*... – murmura ele, com os olhos rasos de lágrimas.

– *Merci beaucoup, Pierre...*

\*\*\*\*\*

*Céleste-Marie* decidira-se por iniciar o tratamento na Sociedade Espírita de Paris. A princípio, relutara um pouco, mas, ao saber que *François-Armand*

recuperara-se quase de pronto, e, juntando-se isso às constantes instâncias do esposo e da mãe, resolvera-se a acompanhá-los a mais uma das sessões de *M'sieur Allan Kardec*, só que, desta vez, como paciente.

Naquela noite de terça-feira de dezembro de 1858, a *Société Parisienne d'Études Spiritistes* achava-se, como sempre, tomada pelos fiéis frequentadores. *Céleste-Marie*, *Wilfred Berg* e *Marie-Louise* buscam por uma das primeiras filas da assistência. O general *du Servey* e *Constance* já se achavam, de antemão, sentados em lugares ali à frente. Cumprimentaram-se, ligeiramente, e se acomodaram ao lado do casal amigo. Respeitoso e geral silêncio mantinha-se no salão de reuniões. À mesa, constituída ao fundo da sala, sobre estrado ligeiramente elevado, a destacar-se do nível do piso do chão, uma dezena de pessoas sentavam-se, altamente sérias e em silêncio absoluto. À cabeceira, punha-se o insigne Codificador do Espiritismo que, fortemente concentrado, examinava, com excepcional atenção, uma série de papéis, aos quais, à medida que os lia, acrescentava-lhes anotações às margens. Em pouco, *M'sieur Allan Kardec* apanha o relógio do bolsinho do casaco e o examina cuidadosamente. Depois, levantando-se, encaminha-se ao pequeno púlpito e, fixando a distinta assistência, diz:

– *Mesdames et Messieurs!*... Agradeço-vos, sinceramente, pela presença à nossa sessão. Na ordem do dia, temos uma série de questões que se colocam à apreciação dos nossos guias espirituais a quem rogamos, de antemão, a prestimosa colaboração... – e passa a ler a ata da sessão que se realizara na semana transcursa. Em seguida, enumera os assuntos que se desenvolveriam naquela noite.<sup>174</sup>

*Céleste-Marie*, desde que se dispusera a ir até à Sociedade Espírita, tivera exacerbadas as estranhas sensações que sempre a houveram martirizado ao longo da sua existência. Chegara mesmo até a dizer ao esposo que pensava em desistir de ir, posto que passava muito mal. *Berg*, então, armando-se de extremado carinho e com jeito, convencera-a a não desistir, a ir em frente. Ali na *Société*, entretanto, sentia-se piorar ainda mais; aliás, desde que pusera os pés no salão, sentira-se sufocar e tivera ímpetos de desvencilhar-se do braço que o marido lhe dava e de sair dali a correr; entretanto, arrebanhando forças incomuns, conseguira controlar-se, mesmo a ter a respiração difícil, e o peito oprimido por sensações estranhas e pelo medo que lhe impunha aquele lugar e aquelas pessoas. *Berg* segurava-lhe a mão, firme, para dar-lhe coragem e, amiúde, olhava-a de furto. Quando lhe sentia a

mão tremer, descontroladamente, murmurava-lhe ao ouvido:

– *Courage, mon amour!... Courage!...*<sup>175</sup>

A seguir, a sessão principia, quando os médiuns, entrando em transe, passavam a comunicar-se com os Espíritos presentes à sessão. *Allan Kardec* a tudo supervisionava com atenção e dedicação plenas; nada lhe escapava à observação e à perspicácia. Os lápis corriam céleres, nas mãos dos médiuns, enchendo laudas e laudas de papel. Era a Espiritualidade que se projetava, ostensivamente, a escancarar as portas do além-túmulo, com clareza e com seriedade tal, a abalar, sistematicamente, os velhos conceitos seculares, carcomidos pelo tempo e encobertos pelo acúmulo da poeira dos dogmas absurdos, dos milagres e das superstições, a amordaçarem e a mascararem a face da verdade!... Pela primeira vez, o mundo recebia, de forma tão grandiosa e tão espetacular, as imarcescíveis comprovações de que a vida não se resume ao exíguo espaço compreendido entre o berço e o túmulo; havia, sim, algo, além desta existência que conhecemos!... Nova vida, tão real e talvez mais complexa que esta que se conhece neste mundo, manifestava-se!... E, a cada sessão que se realizava na *Société Parisienne d'Études Spirités*, e, à medida que os Espíritos traziam, pela porta da mediunidade, as notícias dos “mortos”, a comprovarem, irrefutavelmente, que se achavam vivos como sempre, percebia-se não mais o assombro do início, mas a certeza incontestável de que a vida continuava!... E, revigoradas na fé que se alicerçava, principalmente, na razão e no bom senso, as ideias Espíritas alastravam-se como rastilho de pólvora, a encherem os periódicos da época, a ultrapassarem as fronteiras de Paris, ganhando a França toda, a Europa e o mundo...

– *Madame Berg!...* – chama *Allan Kardec* ao final da sessão.

– *C'est toi, mon amour!...*<sup>176</sup> – interpela-a, docemente, *Berg*. – *M'sieur Allan Kardec* chama-te !...

– *Moi!...* – exclama *Céleste-Marie*, levantando a mão.

O Codificador do Espiritismo faz um sinal com a mão, incitando-a a aproximar-se. *Berg* também se levanta e acompanha a esposa, posto que se achava altamente ansioso pelo resultado: *M'sieur Kardec* tinha à mão uma série de folhas de papel escritas por um dos médiuns.

– Aqui tendes, senhores, o resultado da vossa consulta – diz o *Professor Rivail*, estendendo às trêmulas mãos de *Céleste-Marie* o maço de papel. – Lede com atenção e, à menor dúvida, não hesiteis em procurar-nos aqui na

*Société*... Já tudo li, de antemão, e posso garantir-vos de que o que aí se encontra é a mais pura expressão da verdade!... Podereis conferir, a cada página, a minha chancela!... – e, apertando firme a mão de ambos, despede-os e prossegue atendendo às demais consultas.

*Berg, Céleste-Marie, Marie-Louise, o General du Servey e Constance*, todos altamente ansiosos pelo que continha aquelas páginas psicografadas, dispõem-se a sair, em busca de lugar propício onde pudessem lê-las com atenção e discutirem o seu conteúdo. Decidem-se, após ligeira e discreta confabulação, por um recatado café, que havia ali mesmo na *Galerie des Valois*.

Pouco depois, achavam-se todos sentados em derredor de uma mesa, no *Café Le Rouget*. O ambiente encontrava-se pouco frequentado àquela hora, e o garçom houvera disposto as fumegantes xícaras de café diante de cada um deles.

– Lê, *Berg!*... – incita-o o *General du Servey*, mal sofrendo a ansiedade que o carcomia.

– Sim!... Sim!... – exclama *Marie-Louise*. – Lê, que andamos com o coração a sair pela boca de tanta aflição!... – e abre um riso nervoso.

O capitão *Berg*, então, com a voz pausada e clara, principia a leitura:

*“Ma petite,*

*Sei que pouco te lembras de mim, posto que, quando me fui do mundo, eras ainda uma delicada garotinha de cinco anos!... Criou-te a tua mãe, a minha adorada Marie-Louise – a leoa –, que te foi a mãe e o pai, a defender-te e a proteger-te das agruras deste mundo cruel!... E o fez tão bem!... És uma heroína, Loulou!... Supriste-me a falta diante da nossa “petite poupée” e o fizeste magnificamente!...*

*Sabes, “ma petite poupée”, a crueldade da guerra arrancou-me de junto de ti e da tua mãe, mas podeis ter a certeza de que não as abandonei jamais!... Os pretensos mortos vivem, meus amores!... Ora tendes as provas incontestes deste fato!... E eu sempre me mantive ao vosso lado, oferecendo-vos a minha proteção – discreta, mas constante! – e a sussurrar-te aos ouvidos, Céleste-Marie, as palavras de consolo e de incentivo para que prosseguisses na luta íntima, contra esse sofrimento que te martiriza o ser!... Sei o quanto sofres!... E isso tem um motivo, “ma petite poupée”!... Uma causa tão esdrúxula e tão inusitada à tua compreensão que, até há bem pouco tempo, dir-se-ia impossível que tu viesses a saber!... Todo esse mal que te acomete tem raízes*

*na tua vida pregressa. Desejo que saibas, “ma petite”, que não vivemos uma única vez no mundo!... São tantas as jornadas pela senda da carne que até lhes perdemos a conta!... Teus sofrimentos, meu bem, têm origem na vingança que um desafeto teu, um homem a quem muito magoaste no passado e que hoje, vivendo no mundo dos espíritos e ainda a guardar no coração profundo rancor contra ti, continua a perseguir-te!... Ama-te e te odeia ao mesmo tempo!... Era apaixonado por ti e, por tua causa, perdeu a vida, num duelo; julga-te a culpada por essa sua desdita e hoje te persegue. Tudo isso poderá parecer-te um absurdo, mas assim é!... Não te levaram, acaso, a consultar uma infinidade de médicos e não ingeriste tantos remédios?... Alguém já descobriu, de fato, o que tens?... E, dize-me, com sinceridade: algum dos medicamentos que te prescreveram surtiu efeito?... Sei que não... Então, crê no que te diz o teu pai!... Este é o caminho certo!... Aqui encontrarás a cura!... Juntei as minhas preces às que a tua mãe sempre fez por ti, e hoje sei que elas foram ouvidas!... Deus, em Sua infinita misericórdia, determinou, e Espíritos iluminados aqui estão a cuidar do teu caso!... Confia na Providência Divina e ora tu também!...*

*Beijo-te e à tua mãe,  
Guillaume-Philippe”*

*Berg encerra a leitura da mensagem, altamente emocionado. Céleste-Marie chorava baixinho; Marie-Louise tinha os olhos rasos de lágrimas. O General du Servey e Constance achavam-se altamente comovidos.*

*– C’est mon papa!... – murmura Céleste-Marie, com as palavras molhadas pelo pranto. – C’est, vraiment, mon papa!...<sup>177</sup>*

*– Extraordinário!... – comenta o general. – Verdadeiramente fantástico!... Se não tivesse conhecido o Coronel Guillaume-Philippe Coty, poderia até duvidar!... Mas sei que é ele!... Que dizes, Marie-Louise?...*

*– Sei que é ele, general!... – exclama Marie-Louise, entre lágrimas. Desde o início da leitura, sabia que era ele!... Ninguém mais, neste mundo, chamaria-me de Loulou!... – e pranto profundo, dorido acomete-a.*

*– Aí estão as provas!... – observa Berg, altamente comovido. – O Coronel Coty cita coisas muito íntimas da família!... Aquelas pessoas lá da Société jamais poderiam ter tomado prévio conhecimento delas!...*

*– Incrível o que diz Guillaume-Philippe!... – diz Constance. – Um espírito mau anda a atormentar Céleste-Marie!... Que coisa terrível!...<sup>178</sup>*

*– Sim, minha cara – diz o general. – Tenho a absoluta certeza de que o*

Espiritismo ainda nos revelará coisas importantíssimas sobre como vivem e como agem os que nos precederam na “grande jornada”!...

– Confesso achar-me deveras impressionado!... – exclama o Capitão *Berg*.  
– Até mesmo a forma carinhosa de como o Coronel *Coty* costumava chamar *Céleste-Marie*, quando era ela ainda uma garotinha!...

– *Poupée!*... – diz *Céleste-Marie* entre lágrimas. – Meu pai chamava-me de *boneca!*... *Ma petite poupée!*...<sup>179</sup> – e chora, altamente sentida.

A partir daquela sessão, na *Société Parisienne d'Études Spirites*, *Céleste-Marie* passara a apresentar, paulatinamente, evidentes melhoras em seu comportamento. No momento, era possível encontrá-la, frequentemente, a sorrir e, até mesmo, a gargalhar – coisas, até então, raríssimas de nela se verem.

– Como te sentes, *mon amour?*... – pergunta *Berg*, certa manhã, abraçando-a amorosamente.

– Oh, muitíssimo bem!... – responde ela. – Jamais me senti assim antes!... Sabes, *Wilfred*, depois que recebi aquela carta de papai, as coisas principiaram a modificar-se para mim!... Os medos, os receios infundados e as angústias que me entupiam o coração sumiram, quase que completamente!... Sem contar os pesadelos constantes, a sensação de que me perseguiam, de que me vigiavam a cada passo que dava e o medo incessante!... Sentia, realmente, muito medo!... Hoje, entretanto, não sinto mais aquele constante pavor de tudo!... Medo das pessoas, medo de sair à rua, medo de que tu morresses!... Oh, não sabes como tudo era horrível para mim!... Como se pode explicar tamanha mudança, apenas por receber aquelas palavras de papai?...

– Presumo que, por trás disso tudo, não estejam apenas as palavras do teu pai, não, *ma belle!*... – observa ele, sério. – Acho que coisas mais profundas, sobre as quais sequer temos a mínima noção, andam a acontecer contigo!... A tua transformação é patentemente notada!...

– Crês, mesmo, que alguém morto me perseguia, *Berg?*... – pergunta ela.

– Já não duvido de mais nada, meu bem!... – diz ele, afagando-lhe os cabelos, ternamente. – Possivelmente, algo de que ainda não temos completo conhecimento, passava-se contigo!... Mas, o que realmente importa é que tu andas a melhorar o teu comportamento!

– Oh, e não te sentes feliz com isso? – pergunta ela, abraçando-o, cheia de ternura. – Parece que, finalmente, poderei ser um pouquinho feliz ao teu lado!

– e, sussurrando ao ouvido dele: – Não achas que agora poderemos encomendar o nosso bebê?...

– Não desistes nunca, não é mesmo?... – diz ele, olhando-a nos olhos. E, abrindo um sorriso, prossegue: – Aguardemos um pouquinho mais. Se continuares a demonstrar tão evidentes melhoras, por certo que teremos o nosso filhinho!

– Oh, *Wilfred!*... – exclama ela, abraçando-o forte. – Estou tão feliz!...

– Se estás tão feliz assim, que tal irmos hoje à *Opéra?*...<sup>180</sup> – convida ele. – Faz tanto tempo que não saímos somente nós dois!... Que te parece?... Depois poderemos jantar no *Le Procopé!*...

– Sim!... – diz ela, sem titubear. – Adoraria sair contigo!...

*Berg* olha-a, cheio de satisfação. *Céleste-Marie* mudava, e isso o enchia de grande contentamento. Fixa-a, fundo, nos olhos. As coisas certamente haveriam de se ajeitar. “*Não sem tempo!*...”, pensa ele. “*Não sem tempo!*...”, e emite fundo suspiro.

\*\*\*\*\*

*Marie-Victoire* e *Pierre*, naquela madrugada em que se encontraram, depois que deixaram o café, caminharam juntos até o *Quai de Bercy*, onde o rapaz morava, e conseguiram alugar modesto quarto para ela, coincidentemente, no mesmo casarão e ao lado do minúsculo cômodo que o rapaz ocupava.

– Aqui tu te arranjarás muito melhor que naquele horroroso subúrbio em que vivias antes, *ma belle!*... – exclama o rapaz, enquanto ambos inspecionavam o pobre quarto que ela, doravante, passaria a ocupar.

– Mas não sei se conseguirei pagar o aluguel!... – exclama ela, cheia de receios. – Custa quase o dobro do que pagaria por lá!...

– Não te apoquentes por isso!... – diz ele, confortando-a. – No começo, eu te ajudarei!... E, se quiseres, ainda hoje, irei contigo até *Charenton* a veres se recuperas o teu antigo posto de enfermeira!...

– Oh, farás isso?... – exclama *Marie-Victoire*, enchendo-se de contentamento. Era a primeira vez, depois de muito tempo, que tinha alguém amigo, a preocupar-se com ela, a fazer-lhe companhia por todo o tempo.

– Hoje não conseguiria mais nada para fazer, mesmo!... – diz ele, fazendo um gesto inane com as mãos. – Está muito tarde, e os avulsos devem madrugar, se, efetivamente, desejarem ganhar alguns tostões como carregadores de vagões no terminal ferroviário.

– Então é assim que consegues ganhar alguns tostões?... – observa ela. – Eu

morreria de fome, se tivesse que transportar tantos e pesados volumes ao lombo, como fazem aqueles pobres coitados, por tantas horas seguidas!... – e, olhando-o, cheia de pena, pergunta: – Como consegues fazer aquilo, *Pierre*?... Não estavas, por certo, habituado a tarefas tão pesadas e tão estafantes quando trabalhavas como mordomo!

– Oh, habitua-se a tudo neste mundo, *ma chérie*! – exclama ele. – Para não se morrer de fome, faz-se qualquer coisa!

– Que vida a nossa!... – diz ela, sentando-se no velho leito de ferro que range sob o peso dela. E, olhando-o que se postava de pé, à ombreira da porta, convida-o: – Vem, senta-te aqui!...

– A pobreza é degradante, *Marie-Victoire*!... – diz ele, olhando, minudentemente, o mísero quatinho da moça. Seus olhos passeiam pelas paredes encardidas e manchadas de mofo; depois, pelo teto enegrecido pela fuligem dos anos e, por fim, pelo piso de tábuas grosseiras e encardidas, e seu rosto se contrai numa careta de repulsa. – Essa miséria toda me enoja!... – exclama ele. E prossegue, cheio de revolta à voz: – Nunca havia vivido em pardieiro assim, antes!... Era pobre, mas sempre vivi na mansão dos meus antigos patrões; aliás, meus pais já serviam ao casal *Rousselet*, desde muito antes de eu vir ao mundo, e lá morreram ambos...

– Diferentemente de mim que sempre vivi em locais assim... – diz ela, triste. – Só fui tomar gosto pelo luxo e pelo fausto depois que fui cuidar de *François-Armand*...

– E te acostumaste no bem bom, *n'est-ce pas*?... – observa ele, com ligeiro tom de ironia à voz.

– *Oui*...

– E quem é que não gosta? – prossegue ele, levantando-se e, encaminhando-se para a minúscula janela, espiona lá fora por alguns instantes. Depois, volta-se e, olhando para ela, continua: – Não te culpo, não, *ma chérie*!... Todo o mundo agiria dessa forma!... Acostuma-se, com muita facilidade, ao que é bom!... Difícil é fazer o caminho inverso, como nós dois fizemos: voltar para a lama!... – e, após emitir fundo suspiro de desalento, continua: – E, se realmente desejas ir até *Charenton*, devemos sair agora, pois as horas avançam...

Três horas depois, *Pierre* aguardava *Marie-Victoire*, diante dos portões de grades altas da venerável instituição secular. Fazia, já, quase uma hora que a jovem enfermeira adentrara por aqueles portões; desaparecera pela longa

alameda que dava à entrada principal do hospital e se demorava em regressar. *Pierre* impacientava-se. Caminhava de cá para lá, como um bicho enjaulado e, amiúde, aproximava o rosto das grossas barras de ferro do portão e espionava, demoradamente, o caminhezinho que se fundia ao arvoredo, lá no final. Por fim, depois de mais algum tempo de espera, divisou uma silhueta que caminhava pela estradinha de saibro amarelo. *Pierre* firmou o olhar e, finalmente, parecia ser ela. Mas nada animada. Pelo contrário, trazia as mãos caídas ao longo do corpo e a cabeça baixa. O rapaz adivinhou, mesmo de longe, que ela nada conseguira.

– Como foi? – pergunta ele, ansioso, quando ela se aproximou do portão.

– Nada, *Pierre*!... – diz ela, altamente desanimada. – Já contrataram outra para o meu lugar!... E não há nenhuma perspectiva de me retomarem de volta!... Acho que a minha antiga patroa já os advertiu!... Na verdade, não quiseram saber de mim!... Um hospital deste tamanho sempre precisa de gente experiente!...

– Deixa-os para lá!... – exclama ele e, olhando-a, ternamente, procura confortá-la: – Daremos um jeito!... É preciso não desesperar!... Existem outros hospitais em Paris!... Correremos todos eles e, com sorte, algum deles andará a precisar de enfermeiras!

– Oh, como és otimista, *Pierre*!... – exclama ela, tomando-lhe a mão e a apertando forte. – Ainda bem que te tenho ao meu lado, a dar-me ânimo!

– Não me deixo abater tão facilmente assim, logo à primeira decepção, não, minha cara! – exclama ele. – Costumo ser bastante persistente em meus intentos!... Entretanto, não há mais tempo para fazermos isso hoje. A tarde já avança, e temos uma boa distância a percorrer de volta!

*Pierre* e *Marie-Victoire*, com o propósito de economizarem o pouco dinheiro que tinham, resolveram-se a não tomar o ônibus de volta; preferiram vencer a pé o trajeto de pouco mais de dez quilômetros até o centro de Paris.

– Estás faminta? – pergunta ele, enquanto caminhavam, lado a lado, pela estrada que dava à cidade.

– Um pouco... – responde ela. – Contudo, doravante, terei de habituar-me ao martírio do estômago vazio, como antes...

– Eu nunca antes houvera sentido fome – diz ele, segurando a mão dela, enquanto caminhavam. – Ora, entretanto, sei o quanto isso pode judiar de alguém...

– Se judia... – concorda ela. – Não se tem sossego, não se consegue dormir;

o pensamento não flui, estagna-se num só e único objetivo: saciar o demônio da fome que nos devora, impiedosamente, as entranhas!

– Se se desejar judiar de alguém, com requintes de crueldade, é só lhe negar o alimento diário! – observa *Pierre*.

– Concordo! E ainda andam a inventar instrumentos os mais horrendos possíveis a fim de judiarem dos homens nas torturas!... – diz ela, com a voz cheia de ironia. – Nada disso seria necessário: bastava cercearem-lhes a comida, nada mais que isso!...

– Quem nunca guardou dentro de si o monstro da fome não sabe, na realidade, do que ele é capaz, *ma belle!*... – continua o jovem. – Eu mesmo, antes, nem imaginava o que fosse, posto que, até então, sempre tivera comida da boa, por todo o tempo!... Hoje, entretanto, lançado à própria sorte, sei o que é ter de limitar as coisas ao seu máximo!...

– Mas tu te lançaste à tua própria sorte voluntariamente! – exclama ela. – Pelo que pude depreender do que me relataste, teus antigos patrões não te expulsaram de lá!...

– Sim! – diz ele. – Mas que me adiantava ter uma vida estável, se não era feliz, se sofria o tempo todo, mergulhado nas lembranças do meu amor, a martirizar-me noite e dia, sem dar-me a mínima trégua?

– Porém, algo intriga-me, *Pierre*, neste caso todo: acaso *Sylvie* não era apaixonada por *François-Armand*? – pergunta ela. – E, se a varíola não a tivesse levado tão jovem, certamente, por este tempo, ambos já não se achariam casados?... E, como terias resolvido isso, se as coisas houvessem tomado outro rumo?

– Eu pensava em matar *François-Armand*, se isso, efetivamente, acontecesse!... – responde ele, mantendo a cabeça baixa, sem encará-la. Sua voz saiu quase num murmúrio, carregada de incontida raiva.

*Marie-Victoire* resume-se a olhá-lo, cheia de espanto. Sentira, no tom em que o rapaz respondera-lhe, que ele não se achava, de forma alguma, a brincar com ela. Pesado silêncio, então, estabelece-se entre ambos; dir-se-ia que íntimas cogitações fervilhavam-lhes à cabeça.

– Terias tido mesmo coragem de assassinar *François-Armand*?... – arrisca-se ela a perguntar, depois de algum tempo.

– Ele que se atrevesse, efetivamente, a roubá-la de mim e veria do que eu seria capaz!... – responde *Pierre*, sem olhar para ela. – Mas o desgraçado teve sorte: Deus tomou-a para si, antes, e eu o poupei!... Somente por isso,

entendes?... Caso contrário, aquele imbecil não a roubaria de mim, jamais!... Eu o mataria!... Juro-te que eu daria cabo dele antes!...

De repente, *Marie-Victoire* sentiu medo. Quem, na realidade, seria *Pierre*?... Com quem, efetivamente, ela andava a envolver-se?... A seguir, olha-o de soslaio, enquanto caminhavam, ligeiros, ainda de mãos dadas. *Pierre* era um belo rapaz amorenado, de cabelos negros, ligeiramente ondulados e cheios, cortados rente, à base da nuca, como era costume à época. As costeletas negro-aveludadas emolduram-lhe a tez macia de gente que sempre vivera à sombra, longe dos ardores do sol. O nariz ligeiramente adunco mais lhe enfeitava o rosto que o enfeava; o queixo prógnato dava-lhe um ar quase arrogante, e o pescoço grosso e bem torneado completava o conjunto, somando-se aos ombros truculentos, aos braços musculosos e ao peito largo e avantajado.

– Estás com medo ou com frio?... – pergunta ele, olhando para ela e, agora, a abrir ligeiro sorriso bonachão. – Tuas mãos gelaram-se de repente...

– Oh, é o frio!... – exclama ela, abrindo um risinho nervoso.

– Fica tranquila, *ma belle*!... – diz ele, a olhá-la, cheio de ternura e a apertar-lhe fortemente a mão. – Neste mundo, nada mataria além de baratas e aquele desgraçado!... Ninguém mais!...

*Marie-Victoire* devolve-lhe o olhar, seguido de um fundo suspiro de alívio. Ao longe, já era possível divisarem-se as primeiras casas dos arrabaldes de Paris...

---

174. Por essa época, final de 1858, vale ressaltar que as práticas espíritas ainda se firmavam e até então não obedeciam ao caráter que ora lhes conhecemos; acrescentando-se, ainda, que o Espiritismo desenvolveu-se, efetivamente, como religião, no Brasil, num crescendo, e somente a partir do final do século XIX é que se instituiu, de fato, como tal. A 1º de novembro de 1868, **Allan Kardec** fez o célebre discurso de abertura da sessão comemorativa do dia de finados, na Sociedade de Paris. Esse discurso constitui peça importante para a compreensão do que o Codificador do Espiritismo entendia por “religião”, como encarava o papel desempenhado pelas religiões, a sua visão da Doutrina Espírita dentro deste contexto e porque preferia não apresentar o Espiritismo como uma religião. O discurso foi publicado na Revista Espírita de dezembro de 1868. O primeiro Centro Espírita do Brasil foi o “Grupo Familiar de Espiritismo”, instalado em 17 de setembro de 1865, por **Luís Olímpio Teles de Menezes**, na cidade de Salvador, na Bahia. Em 2 de janeiro de 1884, é instalada, na Rua da Carioca, nº 120 – sobrado – Rio de Janeiro, a Federação Espírita Brasileira, sendo seu primeiro Presidente o Major **Ewerton Quadros**.

175. “– *Coragem, meu amor!*... *Coragem!*...”, em francês.

176. “– *Ês tu, meu amor!*...”, em francês.

177. “– *É meu papai!*... (...) – *É, verdadeiramente, o meu papai!*...”, em francês.

178. Muito pouco ainda se conhecia, efetivamente, sobre a *obsessão* – capacidade que têm os desencarnados de perseguir e de atormentar os encarnados –, uma vez que os estudos mais específicos acerca desse assunto só se efetivariam com o lançamento da 2ª edição de “O Livro dos Espíritos”, largamente revista e ampliada por **Allan Kardec**, em 16 de março de 1860, e do surgimento de “O Livro dos Médiuns”, de 1861, e de “O Céu e o Inferno”, de 1865.

179. “– *Boneca!*... (...) *Minha bonequinha*”, em francês.

180. Referência à **Ópera Nacional de Paris** (em francês, *Opéra National de Paris*), instituição musical, sucessora da fundada em Paris por **Luís XIV**, em 1669, com o nome de “Academia Real de Música” (*Académie Royale de Musique*). É uma das mais antigas instituições do gênero no mundo.

## **Capítulo 19. Um acidente fatal**

*Marie-Victoire* e *Pierre*, pelos dias subsequentes, percorreram todos os principais hospitais de Paris, em busca de uma colocação para a jovem enfermeira. Entretanto, em virtude da situação calamitosa em que se encontrava a França, à época, difícil era encontrar colocação para quem se encontrasse desempregado!... A Revolução Industrial que se efetudara, a partir de 1850, promovera, a princípio, verdadeiro êxodo rural; as cidades inchavam, as fábricas multiplicavam-se, entretanto, em menos de uma década, a desestabilidade política lançava o caos à economia. A corrupção grassava nos altos escalões do governo, e as despesas com as guerras do colonialismo imperialista exauriam os cofres públicos, lançando o país ao descontrole e às taxas de inflação insuportáveis, mormente aos operários assalariados e dependentes do bom andamento dos negócios da exportação de manufaturas. Paris enxameava de desempregados e de subempregados!... Muitos deixavam a cidade, de volta aos campos, onde a vida se mostrava, enganosamente, mais afável; entretanto, de país eminentemente agrícola que fora até então, a França perdia-se no meio de uma política de modernização, feita a contemplar apenas os “novos ricos”, os empresários e os bastos comerciantes, em detrimento do proletariado, sempre relegado às agruras da míngua de tudo!...

– Oh, sinto-me desanimar!... – exclama *Marie-Victoire*, ao retornar, em companhia de *Pierre*, de mais uma malograda tentativa de arranjar um emprego, agora, em hospital mais afastado do centro da cidade. Sentando-se sobre o leito, em seu paupérrimo quarto, prossegue, enquanto descalçava os pés, tremendamente doloridos pela extenuante caminhada: – Já não há mais onde buscar!... Dia após dia, apenas comprovo somarem-se as tentativas fracassadas!... As expectativas encerram-se!... Não há saída para mim!...

– Por que desanimar antes do tempo, *ma belle*?... – observa o rapaz, sentando-se-lhe ao lado, na cama, e tentando animá-la. – Se não consegues como enfermeira, existirão outras ocupações!... Por que não tentas uma tecelagem?...

– Oh, como és ingênuo, *Pierre*!... – exclama ela, altamente desalentada. – Em questões de tecer, mal consigo passar uma linha pelo fundo de uma agulha, para remendar as minhas roupas velhas!... Além do mais, as tecelãs com prática nos teares também andam desempregadas, pois as tecelagens

andam a fechar as portas, uma atrás da outra!... Eu não teria a mínima chance!... Já começo a desesperar-me; as minhas economias, que já não eram lá grande coisa, esgotam-se rapidamente!... Em pouco, deverei buscar as escadarias de alguma igreja, a mendigar!...

– Oh, exageras!... – diz o rapaz, mal sofrendo um sorriso. – Para chegares a tanto, só se eu morrer primeiro!...

– *Mon bon Pierre!*... – exclama ela, jogando-se ao pescoço do rapaz e o abraçando, cheia de gratidão. – És um homem e tanto!... Se eu não fosse apaixonada por outro, e tu, por outra...

– Sabes, *Marie-Victoire* – diz ele, correspondendo-lhe ao abraço –, somos dois solitários neste mundo, não é?... Estive, cá, pensando... Por que é que eu e tu não nos casamos e emigramos?...

– Emigrar?... – surpreende-se ela com essa ideia. – Puxa, nunca me passou pela cabeça tal coisa!...

– Sim!... – diz ele, levantando-se e se postando diante dela. E, altamente motivado, prossegue: – Se a França não nos oferece condição; se andamos, aqui, à beira de morrer de fome, por que, então, não vamos para uma terra nova, onde as oportunidades, por certo, deverão ser muitas?... Olha, o país possui tantas colônias no além-mar: na América, na África, na Oceania!...<sup>181</sup> Lugares não nos faltam: a escolha é múltipla!...

– Oh, terias, mesmo, coragem, *Pierre*?... – pergunta ela, de repente, tomando-se de alto interesse.

– Se aceites... – responde ele, abrindo um sorriso. – Poderemos esquecer as nossas frustrações pessoais, dedicando-nos um ao outro!... Ou preferes permanecer na miséria negra e a lamentar o que não foi teu?...

– Tens razão... – diz ela, pensativa. – Mas crês que dará certo?... No fundo, sei que não me amas e que também eu não te amo...

– Somos, então, dois enjeitados!... – brinca ele, tomando-a pela mão e, alçando-a, estreita-a forte nos braços possantes e tenta beijar-lhe os lábios.

– Ainda não, *Pierre*!... – diz ela, voltando o rosto. – Peço-te, por favor, ainda não!... As feridas ainda sangram...

– Entendo-te... – murmura ele, afrouxando os braços.

– Não te magoaste?... – pergunta ela, após soltar-se dos braços dele. E, devagar, volta a sentar-se no singelo leito e percebe que ele se ensimesmara, calando-se, de repente. – Olha... Eu... – tartamudeia.

– Não!... – atalha *Pierre*, fazendo-lhe um gesto com a mão. – Não é preciso

que digas algo ou que tentes explicar-te!... Já disse que te entendo!... É que nós, os homens, somos assim mesmo!... É-nos difícil ter uma mulher aos braços e nos mantermos inalterados!... Torna-se-nos, às vezes, irresistível, incontrolável!... Entendes?... Deve ser o cheiro...

– É... – diz ela, pensativa. – Deve ser isso mesmo...

Um silêncio estabelece-se, então, entre ambos. A tarde caía célere, e a noite fazia-se ligeira, escurecendo rapidamente. *Pierre* permanecia de pé, recostado à parede suja de mofo e, com o rosto levantado, conseguia espionar os telhados dos casarões do outro lado do rio, através da minúscula janela da mansarda.

– Está ficando escuro – diz *Marie-Victoire* levantando-se e, forçando, insistentemente, emperrada gaveta de capenga criado-mudo – único móvel ali existente, além da cama – consegue abri-la e dela retira um toco de vela. Riscando um palito de fósforo na tábua do assoalho, acende a vela que bruxuleia por instantes e, depois, firma a sua luzinha fraca e amarelada.

– Não estás com fome?... – pergunta *Marie-Victoire*. À luz da vela, o rosto de *Pierre* transformara-se num fantasmagórico borrão. – Senta-te aqui!... – convida ela, gentil.

Sem dizer palavra, ele se senta ao lado dela. A jovem toma-lhe a mão e a aperta forte. *Pierre* olha-a nos olhos.

– Beija-me, *Pierre*... – diz *Marie Victoire* com a voz baixa. Era mesmo um leve sussurro, quase imperceptível murmúrio...

Quando o dia amanheceu, *Pierre* abriu os olhos e os premeu forte, para acomodá-los à ligeira penumbra reinante. Depois, olhou em derredor e percebeu que aquele não era o seu quarto. Sentiu-se espremido, apertado, mesmo, naquele leito. Achava-se abraçado a *Marie-Victoire* que ressonava, também apertadíssima, ali em seus braços. “*Deus do céu!*...”, pensa ele. “*E não é que...*”, e se ri, olhando para o rosto da jovem que, candidamente, dormia abraçadinha a ele.

*Pierre* tentou levantar-se sem acordá-la, mas logo constatou ser aquela uma tarefa impossível de realizar, posto que se achavam ambos deitados e espremidíssimos, no pequeno leito da moça. Ao leve movimento que ele fez, acordou-a, involuntariamente.

– *Oh, bonjour, Pierre!*... – exclama *Marie-Victoire*, abrindo os olhos sonolentos. – Estás aí, é?... – e se ri.

– Estou... – diz ele, meio sem jeito. E, levantando-se, põe-se a vestir-se. – Já

vai amanhecer, e preciso ir à *gare*; talvez encontre algum serviço!... – e, abrindo um sorriso: – Ou, então, teremos de jejuar também hoje!...

– Oh, que lástima!... – exclama ela, sentando-se no leito e, passando a ponta dos dedos, repetidas vezes, pelos olhos ainda bastante sonolentos, prossegue:

– Quisera também eu sair a ganhar alguns trocados!... Mas, ir aonde?

– Não te preocupes – diz ele, terminando de calçar as botinas. – Se tiver um pouquinho de sorte, defenderei o nosso almoço de hoje!... – e, curvando-se, beija-a à face. – Volta a dormir!... Já espiei lá fora, e o tempo acha-se horrível!...

– *Pierre!*...

– O que é?... – diz ele, voltando-se, já prestes a abrir a porta para sair.

– *Merci!*... – e abre um sorriso. – Foi a minha melhor noite até hoje!...

*Pierre* limita-se a devolver-lhe o sorriso e a mandar-lhe um beijo pelo ar. E, abrindo a porta, sai ligeiro.

*Marie-Victoire* volta a deitar-se no singelo leito e se cobre com o ralo cobertor de lã. Preme os olhos, e a imagem de *Pierre*, enviando-lhe um beijo, permanece-lhe à mente, e uma onda de ternura pelo rapaz invade-a. De repente, entretanto, as imagens de *Pierre* e de *François* superpõem-se uma à outra, embaraçando-se-lhe à mente. Sentiu-se confusa. Amava *François-Armand*, sem sombra de dúvida; dedicara um tempão da sua vida a ele, noite e dia, e o que ganhara com isso?... Humilhações e mais humilhações!... *Pierre*, entretanto... *Pierre*... *Pierre* fora-lhe terno e amigo desde o início: protegia-a, chegando ao ponto de, no momento, andar a sustentá-la!...

– Ah, *Pierre!*... – murmura ela, baixinho. – Como gostaria de amar-te como amo àquele outro que me desprezou!...

Quando *Pierre* voltou, já eram quase nove horas da noite. Achava-se todo sujo e cansadíssimo.

– Oh, estás um trapo, *mon chéri!*... – diz *Marie-Victoire*, fazendo-o sentar-se à cama, enquanto lhe afrouxava os cadarços das botinas.

– Trabalhei como um camelo!... – exclama ele, deixando-se deitar, frouxo, sobre o leito, que rangeu sob o seu peso. – Descarregamos uma infinidade de fardos de algodão dos vagões!...

– Oh, deve ser um serviço horrível!... – diz ela, tentando dar-lhe ânimo, enquanto que, sentada ao lado, fazia-lhe leves massagens aos músculos dos cansadíssimos braços. – E sequer tenho uma chávena de chá reconfortante a oferecer-te!...

– Tenho-te a ti a confortar-me! – exclama ele, rindo-se e, atraindo-a a si, beija-a, longamente, aos lábios.

– Percebo que ainda nada comeste hoje!... – diz ela. – Estás a tremer de fraqueza!...

– Também tu nada comeste, *ma belle!*... – diz ele, olhando-a nos olhos.

*Marie-Victoire* nada responde e desvia os olhos para não chorar. Não poderia chorar naquele momento, posto que não desejava derreá-lo. Apesar do cansaço, ele se mostrava animado.

– Espera um pouquinho, até que eu recupere um pouco as minhas forças, e sairemos para jantar! – exclama ele, puxando-lhe, delicadamente, o queixo com a ponta dos dedos, forçando-a a olhar para ele. – Eh!... Não fica assim, não!... – prossegue ele. – Tudo isso é transitório!... Não te deixes abater, não!... Esqueceste os nossos planos?... Vamos!... Desanuvia-te!... É apenas uma tempestade e vai passar!...

– Oh, *Pierre!*... – exclama ela, abraçando-se a ele no leito. – És mais forte que eu!... Não te deixas abater com facilidade!...

– Não!... – diz ele, aprumando-se no leito. – Jamais me deixarei abater!... Lutarei, sempre, até as minhas derradeiras forças!... Tombarei lutando, sempre!...

– Gostaria de ter a metade do teu arrojo!...

– Se me seguires aonde eu for, já me será o bastante! – diz ele, levantando-se do leito, mais refeito, pelo menos nos ânimos. –Vamos!... Vou até o meu quarto lavar-me, enquanto tu também te preparas e sairemos a comer, em seguida.

A noite caía gelada por uma chuva fininha e persistente. O céu mantinha-se escuro, pesado pelas nuvens que, tangidas pelo vento, passavam ligeiras, quase a roçarem o telhado das casas e a copa das árvores mais altas dos bosques e das alamedas.

– Come mais um bolinho! – diz *Pierre*, oferecendo a *Marie-Victoire* a bandeja de latão polido, onde alguns bolinhos de carne dançavam no meio de grosso e oleoso molho. – Ajuda-o com o pão. Tu estás ficando pálida!... Se não te alimentares, certamente adoecerás!

– Come tu!... – diz ela, amável. E mente: – Não ando a ter muito apetite, ultimamente!... Deve ser o desgosto das decepções!... Mas, alimenta-te tu, bem, ou não aguentarás o serviço na *gare!*

– Sabes, *Marie-Victoire* – diz ele, baixando, propositadamente, a voz –,

estive pensando, seriamente, durante todo o dia de hoje, sobre a possibilidade de deixarmos a França, rumo à América!... Poderemos emigrar para uma das nossas colônias americanas!... Tantos patrícios nossos já o fizeram!... E, se bem observares, quase ninguém de lá retornou, sinal de que a coisa pode andar melhor que por aqui, não achas?

– Também eu andei a pensar nisso pelo dia todo, *Pierre* – diz ela. – Entretanto, constatei que nada possuímos, eu e tu – mas nada mesmo! – para darmos o primeiro passo!... Como pensas que nos iremos arranjar por lá no início?...

– É, tens razão!... – diz ele, depois de cogitar por alguns instantes. – Nada temos, mesmo, que pudéssemos vender, com o propósito de angariar um dinheirinho para a viagem e para o começo!... Iríamos correr o risco de sucumbir de fome pelos caminhos, posto que sequer imaginamos o que é que por lá iríamos encontrar!...

– Já ouvi relatos, em *Charenton*, de pessoas que tiveram parentes que emigraram e que escreveram de volta a relatarem experiências mirabolantes com o que se depararam na América!... Há os perigos da travessia e, em lá chegando, existem os selvagens, com os quais há que se disputar a posse da terra; há, ainda, as doenças desconhecidas; tu sabes, há uma infinidade de riscos inerentes a empreitadas dessa monta!

– Tens razão, *ma belle*!... – concorda ele, pensativo. – Entretanto, não corremos riscos semelhantes, se aqui permanecermos?... Quem é que se importa conosco?... Acaso os nossos governantes andam a promover o nosso bem-estar ou se preocupam, exclusivamente, a encherem o bolso dos que já têm de sobra?...

– Os desvalidos da sorte como nós dois, *Pierre*, corremos riscos em todos os lugares!... – diz ela, com os olhos tristes. – Para nós, viver é sempre perigoso...

Um curto silêncio estabelece-se entre ambos. Lá fora, o vento aumentara, tornando-se ululante, a judiar das árvores que margeavam o *Quai de Bercy*, forçando-as a contorcerem-se em frenético bailado.

– E o que faremos então?... – pergunta ele, preparando-se para morder um pedaço do pão que, antes, mergulhara no espesso molho da bandeja.

– Haveremos de achar um jeito – diz ela, fixando-o nos olhos.

*Pierre* olhava para o teto do *Café Saint-Louis*, enquanto mastigava o bocado de pão que tinha à boca. Seus olhos passeavam, aleatoriamente, pelo

forro de madeira envernizada, e pensava. Quieta, *Marie-Victoire* resumia-se a olhá-lo que mastigava o bocado de pão, devagar.

– Acho que tive uma ideia! – exclama ele, de repente, fitando-a firme. – Mas nada te direi aqui!... Vamos para casa!... – e, apanhando no bolso do casaco uma nota amassada, alisa-a na palma da mão e, em seguida, faz um sinal, chamando pelo garçom que se postava de pé, sonolento, ao lado do balcão.

– Que pensaste?... – pergunta *Marie-Victoire*, enquanto pendurava o surrado casaco de lã no varal improvisado que se estendia ao longo da parede mofada.

– Senta-te aqui! – diz ele. Em seguida, segura a mão dela entre as suas e, fixando-a, firme, nos olhos, prossegue: – Tiveste muita razão, quando afirmaste que nada possuíamos para a viagem, e concordo contigo que seria extremamente perigoso encetarmos tal empreitada sem um vintém à mão!... – e, como se lhe custasse muito dizer o que pretendia, cala-se por instantes e se levanta. Encaminha-se para a estreita janela e espiona lá fora. Depois, volta-se e a encara. E, armando-se de coragem, prossegue: – Presta bastante atenção no que te vou explicar: não sei até quando aguentarei o serviço na *gare*!... Confesso-te: o trabalho lá é estafante e, se não me alimentar direito, não suportarei por muito tempo!... E, tirando esse serviço, não existirá outro, no momento!... Não há escolha, *Marie-Victoire*!... Ou me sujeito a esse ou pereceremos ambos de fome!...

*Marie-Victoire* seguia-lhe, atentamente, as palavras, em silêncio. Ainda não atinara com o que, realmente, ele lhe desejava dizer, mas já se enchia de pena dele. Bem que desconfiava que ele não iria aguentar aquilo por muito tempo.

– Então, isso posto, só há uma solução a propor-te: alguém terá de financiar-nos a viagem!... – completa ele.

– Financiar?!... – espanta-se ela. – Mas quem nos fará tal coisa?... Somos tão pobres que não teríamos crédito!...

– Só há uma pessoa em toda a Paris que nos poderá fazer isso, *ma belle*!... – exclama ele. – E sei que o fará por ti!... *François-Armand*!... Ele não é suficientemente rico?...

– *François*?!... – surpreende-se ela. – Crês que ele fará isso por nós?...

– Não por nós!... – corrige-a ele. – Por ti!... – e prossegue, abrindo ligeiro sorriso de desdém: – Por mim sei que não o fará nunca!... Odeia-me o quanto eu o odeio!... O ódio entre nós é recíproco e verdadeiro!...

– Não sei... – titubeia ela. – esqueces que a mãe dele odeia-me?... E se ela descobrir?... Além do mais, será que ele já readquiriu o controle da sua vida?... Antes, era a mãe que cuidava de tudo!... Como pensas que *François* emprestar-nos-á algum dinheiro sem que a mãe saiba?... Creio mesmo ser isso impossível!

– Se não tentarmos, não o saberemos! – diz ele, procurando encorajá-la. – E, cuidaremos para que a mãe não saiba!

– Na hipótese de eu aceitar o que me propões, como pensas agir?... – questiona ela.

– Imaginei que devias escrever-lhe, marcando, primeiramente, um encontro! – prossegue *Pierre*. – E, uma vez a sós com *François*, tu lhe farás o pedido!... Penso cá comigo que ele não te negará tal favor!... Além do mais, será apenas um empréstimo!... E que fique bem claro: nós o reembolsaremos depois!

– Bem, nesses termos, poderei tentar! – exclama a jovem.

– Oh, sabia que aceitarias! – diz *Pierre*, tomando-a nos braços e a abraçando forte. E, puxando-a pela mão, sentam-se à beira do leito. – É preciso, então, traçar os planos...

E, cheios de ânimo, o casal de jovens põe-se a confabular, enquanto a noite caía, altamente incomodada pelo vento que prosseguia uivando furiosamente, lá fora, qual matilha de lobos açulada pelo brilho do luar.

\*\*\*\*\*

Dois dias depois, *François-Armand* recebia inesperada carta em sua casa. *Marie-Victoire*, estranhamente, convidava-o para um encontro, a sós, sem, entretanto, nada mais adiantar e, ainda, pedia sigilo completo sobre o assunto. A princípio, o rapaz estranhou aquilo e pensou mesmo comunicar tal fato à mãe; depois, entretanto, como já principiava a fazer pequenas incursões sozinho pela cidade e, sabendo que a mãe não suportava a enfermeira, preferiu nada dizer a ela e se decidiu por atender ao pedido contido na carta. *François* relê aquelas lacônicas palavras escritas no papel e pensa: nada mais sentia por aquela mulher; tinha consciência de que, estranhamente, houvera se interessado por *Marie-Victoire*, enquanto se achava tomado pela enfermidade; ora, entretanto, nada mais sentia pela moça, além de laivos de gratidão e de amizade. Arrependera-se de ter sido rude com ela e agora se lhe apresentava ocasião de reparar a má impressão que causara à sua companheira de tantos anos. Sentiu-se até alegre, em poder reencontrá-la.

Sim, iria rever *Marie-Victoire* e tentar redimir-se da má impressão que ele lhe deixara quando ela se fora dali.

Na tarde do dia subsequente, *Marie-Victoire* aguardava por *François-Armand*, diante do casarão em que ela morava, no *Quai de Bercy*. Chuva fininha caía, molhando e enregelando tudo até os ossos.

– Moras aqui?!... – pergunta *François-Armand*, olhando espantado para o decrepito casarão. Em seguida, beija-a, delicadamente, à face que ela lhe apresentava.

– Obrigada por teres vindo! – exclama *Marie-Victoire*, abrindo ligeiro sorriso. Depois, toma a mão de *François* e a aperta firme. Em seguida, olha-o atentamente. Ele se recuperara bastante desde a última vez que o vira. Engordara um pouco, tinha o rosto corado, embora os olhos permanecessem tristes. – Queres ir a algum lugar ou preferes subir até o meu quarto? – pergunta ela.

– Acho que prefiro o teu quarto – responde ele.

No íntimo, o rapaz não desejava ser visto com *Marie-Victoire*. A cidade estava cheia de bisbilhoteiros, e havia sempre o risco de ele se encontrar com algum deles, e a mãe, fatalmente, ficaria sabendo. O que *François-Armand* não desejava, naquele momento, era indispor-se com a mãe.

O cheiro de mofo do quatinho de *Marie-Victoire* enjoou *François-Armand* de pronto. Imediatamente, o rapaz apanhou o lenço do bolso da casaca e, indisfarçavelmente, levou-o ao nariz. “*Deus do céu!...*”, pensa o rapaz. “*Como pode alguém viver em tal lugar?...*”

– Senta-te!... – convida *Marie-Victoire*, um tanto acabrunhada, indicando o sórdido leito ao rapaz. – Não há cadeiras...

– *Non, merci!*... – responde o rapaz, aproximando-se, propositadamente, da pequena janela da mansarda. Os ares daquele cubículo apresentavam-se-lhe simplesmente irrespiráveis. E, apontando para o trinco da pequena vidraça: – Posso?...

– Como estás? – pergunta ela, após aquiescer ao pedido dele.

Uma lufada de ar gelado invade o exíguo ambiente.

– Bem... – responde ele, um pouco mais à vontade, com a renovação do ar. O odor daquela miséria extrema causava-lhe mal-estar. Correndo os olhos pelas paredes manchadas de bolor, prossegue: – E tu?...

– Como vês... – diz ela, fazendo largo gesto com a mão –, nada me falta!... – e abre um sorriso cheio de ironia.

*François* sente-se vexado diante da atitude dela. Ainda não sabia por que ela o houvera chamado àquele encontro. Resume-se, então, a olhá-la, cheio de angústia. Aquele lugar, efetivamente, andava a fazer-lhe mal, muito mal.

– Bem, *Marie-Victoire* – diz ele, por fim, de forma direta e altamente agastado –, o que desejas de mim?...

– Dir-te-ei, sem rodeios, pois sei que este ambiente não te é salutar – observa ela, direta. – Preciso que me arranjes dinheiro!...

– Dinheiro?!... – espanta-se ele com o inesperado pedido. Imaginara mil coisas que *Marie-Victoire* dele, possivelmente, solicitaria, durante o trajeto, no coche, da sua casa até ali; entretanto, não lhe ocorrera sequer uma única vez que ela lhe fizesse tal solicitação!... Sente-se apanhar, desprevenidamente, e, nervoso, enxuga o rosto e o canto dos lábios com o lenço e pergunta, passado o sobressalto inicial que lhe provocara semelhante solicitação, feita assim, de súbito: – E para que queres dinheiro?...

– Vou emigrar!... – responde ela, sem deixar de olhá-lo no rosto por um só instante. – Pretendo deixar a França; aqui não há o que fazer!... Se persistir, sucumbirei à fome!...

*François*, a princípio, nada responde. Limita-se a olhá-la, penalizado. Sabia que a miséria grassava entre as camadas mais pobres da população, e que levadas e levadas de emigrantes andavam a buscar as colônias de além-mar.

– De quanto precisas?... – pergunta ele.

– Cinquenta mil...

– Tudo isso?!... – espanta-se ele. E, recompondo-se, prossegue: – Mas não precisarás pagar a passagem; o governo facultar-te-á a travessia. Para onde pretendes ir?...

– Talvez para a América...

– Mas volto a insistir que é muito dinheiro!... – diz ele. – Para viajar sozinha, uma pessoa não necessitará de tal quantia!

– Não irei só...

– Ah, não?... E quem irá contigo?...

– Meu futuro marido – responde ela, agora sem encará-lo.

– Então pretendes casar-te e emigrar para a América com ele?... Mas não possuo tanto dinheiro assim disponível para dar-te!

– Oh, corrijo-me: nós não queremos o teu dinheiro!... – diz ela, erguendo o cenho, cheia de orgulho. – Deveria tê-lo dito desde o início!... Trata-se de um empréstimo!... Reembolsar-te-emos assim que for possível!

– Mesmo assim, é uma grande quantia! – diz *François*. – Mamãe fatalmente ficaria sabendo!... Não há como levantar tal montante sem ter de recorrer a ela!

– Pensei que tinhas a herança do teu pai!... – diz ela, irônica. – Nem a essa parte tens acesso?...

– Oh, não!... – responde ele. – O que me deixou papai acabou sendo administrado por mamãe!... Eu tinha de ir à guerra, lembra-te?... Além do mais, sabes que fiquei doente depois...

– Se não tens acesso a essa quantia, quanto me podes emprestar, então?

– Não sei de imediato!... – responde ele. – É preciso verificar no cofre e, até mesmo, vender algumas joias!... – e, depois de cogitar por instantes, pergunta, curioso: – Mas, dize-me, quem é o homem com quem pretendes casar-te?... Se lhe vou emprestar do meu dinheiro, será necessário que eu o conheça, primeiro!... E, além do mais, é preciso assinar uma letra!... Necessito de garantias, *Marie-Victoire*!

– Pensei que confiarias na minha palavra!... – diz ela, ofendida. E passa às chantagens emocionais: – Jamais supus que fizesses tal exigência, logo de mim, que vivi tanto tempo ao teu lado!... Acho que me conheces de sobra, *n'est-ce pas*?... – e arremata, vazando ironia por todos os poros: – E, quando te ministrei *aqueles* remédios que para ti não receitou o Doutor *de La Roche* – e que, diga-se de passagem, fizeram-te muitíssimo bem! –, não te pedi nenhuma garantia, lembra-te?...

– Não é questão de confiança, minha cara – prossegue ele, agora, fazendo-se firme. – Em questões de negócios, não entram sentimentalismos! Se, efetivamente, eu te emprestar algum dinheiro, terá de ser assim!... Além do mais, por que é que não desejas apresentar-me o teu noivo?... Acaso tem ele algo a esconder?...

– Não!... – apressa-se a jovem em responder. Entretanto, se *François* soubesse quem realmente era o homem com quem ela pretendia casar-se, poderia não gostar, e tudo estaria, irremediavelmente, perdido. – Meu noivo é um rapaz distinto e trabalhador! Pena que não se encontre aqui, senão poderias conhecê-lo desde já!

– É uma pena, *Marie-Victoire* – diz *François*, preparando-se para sair –, mas, se eu não conhecer o teu noivo, nada feito!...

– Oh, não te vás, ainda!... – diz ela, levantando-se do leito em que estivera sentada o tempo todo e, segurando-o pelo braço, tenta retê-lo. Sabia que, se o

deixasse sair, ele não mais voltaria ali. Então, prossegue insistindo: – Espera um pouquinho mais, que ele está para chegar!... Não se demora!... Eu te juro!...

– Olha, *Marie-Victoire* – exclama o rapaz, altamente agastado pela insistência da moça –, tenho uma série de compromissos e não pretendo a eles faltar!...

– Oh, não perderás nenhum deles, eu te garanto!... – insiste ela, segurando o braço do rapaz que se sentia enormemente incomodar pela situação. – Fica-te aí que vigiarei as escadas!... Ele deverá estar, neste momento, a subir!... Não se demora, eu te garanto!... – e sai porta afora, aflitíssima.

*Marie-Victoire* mentira, propositadamente. *Pierre* achava-se ali ao lado, no mesmo corredor, em seu pequeno quarto, a aguardar o desenrolar dos fatos. Em comum acordo, ambos, de antemão, concluíram que *François*, por detestar *Pierre*, já, de longa data, certamente não o toleraria a propor-lhe tal negócio. Então, decidiram que o rapaz permaneceria em seu quarto, enquanto a jovem estivesse a convencer o outro; entretanto, as coisas não saíram como o planejado...

– Ele insiste em conhecer-te! – cochicha *Marie-Victoire* a *Pierre*. Ela tivera que caminhar apenas alguns passos para chegar ao quarto do noivo. – E está irredutível!...

– Que faremos?... – pergunta *Pierre*, tomado pela surpresa do inesperado.

– Se se for, não mais voltará!... – explica ela. – Conheço-o muitíssimo bem!... Melhor arriscarmos!... Vem!...

– Está bem!... – decide-se *Pierre* por segui-la, depois de examinar a situação, por curtos instantes. – Se não me for, acabaremos por perder tudo mesmo!

– Tu?!... – exclama *François-Armand*, estupefato, ao constatar quem era o rapaz que entrava, seguindo *Marie-Victoire*.

– *François!*... – diz *Pierre*, estendendo a mão ao outro, que o olhava, altamente escandalizado.

– Sai!... – brada o jovem *Marquês de Montpellier*, a ignorar a mão que *Pierre* lhe oferecia a apertar. – Arreda-te daí!... – berra ele, possesso, tentando forçar a passagem pela estreita porta. – Não quero contatos com ordinários!...

– *François!*... – grita *Marie-Victoire*, tentando segurar o rapaz pela aba da casaca. – *Non!*... *S'il vous plaît, halte!*...<sup>182</sup>

– Larga-me, sua rameira nojenta!... – grita, possesso, *François-Armand*. E, percebendo que o constrangiam a ficar contra a sua vontade, volta-se e desfere violento soco ao rosto da moça que cambaleia e acaba por tombar sobre o leito.

– Ah, desgraçado!... – brada *Pierre*, enfurecendo-se com a violenta atitude do outro. – Maldito!...

E, lançando-se sobre *François*, agarra-o pelo pescoço e o arrasta porta afora para o estreito corredor. Luta feroz trava-se, então, entre os dois rapazes. Não tinha sido sempre assim?... *François* e *Pierre* não se suportavam; a animosidade era inerente entre ambos. E a troca de socos e de sopapos foi inevitável... *Marie-Victoire*, recuperando-se da zonzeira que lhe provocara o soco recebido, corre até a porta e, a gritar por socorro, tenta, inutilmente, apartar os brigões que ora se agarravam, firmemente, um ao outro e se aproximavam, arriscadamente, do corrimão da escadaria em caracol que descia quatro andares para baixo. E, alternando-se, arremessavam-se de encontro ao precário corrimão de madeira que oscilava, perigosamente, diante dos fortes encontrões dos dorsos dos rapazes, a engolfarem-se em luta feroz. E, ora um, ora outro a dar de costas no corrimão, de repente, um estalo!... Tétrico estalo e a estupefação!... *Pierre* ainda estendeu a mão, tentando agarrar o outro que despencou no vazio, com um grito de terror a findar-se, num baque surdo, lá embaixo, no fundo do vão das escadas...

---

181. Foi no Senegal, África, que os franceses primeramente se estabeleceram, fundando entrepostos, em 1624; entretanto, ali não criaram verdadeiras colônias até o século XIX, limitando-se a traficar escravos para as suas possessões nas Caraíbas. No Oceano Índico, os franceses colonizaram a *Île Bourbon* (atual *Réunion*), em 1664; a *Île de France* (atualmente *Maurícia*), em 1718, e as *Seychelles*, em 1756. Durante o reinado de Napoleão, o Egito foi também conquistado por um breve período, mas a dominação francesa nunca se estendeu para além da área imediatamente à volta do Nilo. O verdadeiro interesse da França pela África manifestou-se em 1830, com a invasão da Argélia e o estabelecimento de um protetorado na Tunísia, em 1881. A partir daí, expandiram-se para o interior e para o sul, formando, em 1880, a colônia do Sudão francês (atual Mali) e, nos anos que se seguiram, ocuparam grande parte do Norte da África e da África ocidental e central. Em 1912, os franceses forçaram o sultão do Marrocos a assinar o Tratado de Fez, transformando esse país num protetorado.

182. “– *François!*... (...) – *Não!*... *Por favor, para!*...”, em francês.

## **Capítulo 20. Realidade e sonhos**

A morte de *François-Armand* caiu como uma bomba sobre a alta sociedade parisiense. Os jornais noticiaram a tragédia, tomando-a, *a priori*, como desastrosa consequência de malograda tentativa de sequestro; entretanto, à medida que a polícia apurava os fatos, ouvindo testemunhas e analisando o local, constatou-se que tudo não passara de acidental, mas de fatal desfecho de uma briga entre os dois desafetos, fato que atenuou um pouco a sentença aplicada aos envolvidos no caso: *Pierre* e *Marie-Victoire*. O que incriminara, enormemente, a jovem enfermeira foi que os investigadores da polícia encontraram, num dos bolsos da casaca de *François*, a carta que ela lhe enviara, marcando o encontro no local do acidente e, da certa condenação à morte, por decapitação, na guilhotina, a pena de ambos foi amenizada para o desterro, a ser cumprido numa das ilhas-colônias de ultramar, no Caribe – possessão francesa na América Central. Para ambos, restara o degredo perpétuo, com a condenação a trabalhos forçados, nas extensíssimas plantações de cana-de-açúcar!... O castigo, entretanto, apresentava-se, mesmo assim, terrível, uma vez que a intenção de ambos não era a de assassinar *François*!... Nenhum dos envolvidos pretendia, na verdade, que o fato desencadeasse tal inesperado desfecho!... A realidade para os dois jovens, doravante, mostrava-se infinitamente pior que aquela que antes se lhes afigurava difícil e insuportável!... Extinguia-se, assim, de vez, o sonho de *Pierre* e de *Marie-Victoire* de reconstruírem a vida na América!...

\*\*\*\*\*

O tempo passara; fazia, já, seis meses, desde o infausto acontecimento que vitimara *François-Armand*. Na casa do Capitão *Berg*, novos ares podiam notar-se, a começar pelo jovial semblante de *Céleste-Marie* que, recostada em confortável divã da sala de estar, tricotava pequenina e delicada peça de lã.

– Estás linda, com esta barriga enorme!... – exclama *Wilfred Berg*, sentando-se-lhe ao lado e lhe acarinhando, docemente, o bojudo ventre, a ostentar avançado estado de gravidez.

– Que te parece?... – diz ela, exibindo, orgulhosamente, o casaquinho de lã que, pacientemente, estivera a tricotar até então.

– Oh, tão pequenino assim?... – observa ele. – Não erraste na receita, não?... Mamãe diz que cheguei a este mundo bastante avantajado!... E se ele se sair a mim?...

– E quem te assegura que será *ele* e não *ela*?... – brinca *Céleste-Marie*. – Poderás enganar-te, *mon chéri*!... Nunca se sabe!

– Tens razão!... – concorda *Berg*. – Só o saberemos no momento aprazado!... – e, olhando-a com olhos marotos, prossegue: – Mas, por que andas a tricotar os casaquinhos todos em lã azul, hein?...

– Oh, pura intuição materna!... – diz ela, a rir-se. – Algo me diz que será um menino... – e acaricia, longamente, com a mão, o ventre, em largos gestos circulares. – E, tu, acho que preferias que fosse um menino, *n'est-ce pas*?

– Não, tu te enganas a esse respeito!... – responde ele. – Quero que saibas, *mon amour*, que, menino ou menina, qualquer um será bem-vindo entre nós!... Eu, realmente, não tenho preferência alguma!...

– Sabes, querido – diz *Céleste-Marie* –, impressionante como, desde o momento em que participamos daquela memorável sessão de *M'sieur Allan Kardec*, as coisas principiaram a modificar-se para mim!... Hoje tenho a certeza, sem sombra de dúvida, de que foram os espíritos que me deram a mão!... Não imaginas o quanto te sou grata por teres insistido comigo para que, naquele dia, eu te acompanhasse até lá!... Confesso que, a princípio, achei-me cética acerca do que propalavam sobre o Espiritismo!... Hoje, entretanto, sei que fui salva pela intercessão de papai!... O espírito que me perseguia, provavelmente, entendeu os malefícios que andava a causar-me e me deixou!... – e, emitindo profundo suspiro, prossegue: – Pela primeira vez, em toda a minha vida, consigo ter paz!

– Que bom que assim é!... – diz ele, apertando-lhe forte a mão. – Sinto-me feliz ao perceber que tu também estás feliz!...

E, a seguir, altamente emocionado, *Berg* abraça-se a *Céleste-Marie* e lhe beija, ternamente, o alto da cabeça. À memória, vêm-lhe, então, as palavras de *M'sieur Allan Kardec*, quando ele, *Berg*, alguns dias depois de tê-la levado à *Société*, procurara pelo insigne Codificador do Espiritismo e, com ele, mantivera um colóquio, a sós, sem que a sua mulher de nada soubesse: “*Vossa esposa, capitão, sofre de um mal ainda totalmente desconhecido, mas sobre o qual venho pesquisando, faz já algum tempo...*”, dissera-lhe *M'sieur Kardec*, olhando-o sério, nos olhos, como era do seu feitio. E prosseguira, esclarecendo: “*Entretanto, de antemão, tenho quase a certeza de que em tais situações – as mesmas pelas quais passa a vossa esposa –, um espírito persegue a sua vítima encarnada, tornando-se-lhe o seu algoz e dela judiando, sem dar-lhe tréguas, e a causar-lhe sofrimentos e até, muitas vezes,*

*promovendo-lhe quedas morais, assim lançando o seu desfeto em situações que o denigram perante a sociedade e tudo com a finalidade única de vingarse!...” “Deveras?...”, respondera ele ao venerável Professor Rivail. “Mas, pelo que conheço sobre Céleste-Marie, ela nunca fez mal a quem quer que seja!...”, afirmara, convicto. “E como pode isso ser então?...” “Entretanto, conforme vos afirmei de antemão, capitão...”, prosseguira M’sieur Kardec, “...vossa esposa poderá não ter praticado nenhum malefício a quem quer que seja, nesta vida; porém, venho pesquisando, seriamente, sobre a possibilidade de a palingenesia realmente ocorrer, fato que, por si só, já justificaria uma série de questões até então tidas como inexplicáveis pela lógica em voga!...” “Então as ideias apresentadas pelo senhor Schopenhauer<sup>183</sup> teriam algum fundamento?...”, observara Berg. “Em termos, sim, capitão. Contudo, tal assunto carece, ainda, de estudo efetivo e de observações sistemáticas. Pessoalmente, penso que a raiz da grande maioria dos males que afetam a humanidade encontra-se exatamente aí: na multiplicidade das existências humanas!... Não há outra explicação mais racional que essa!... Confesso-vos que muito pouco ainda conheço sobre esse assunto; entretanto, a razão impele-nos a cogitar seriamente sobre tal questão!...<sup>184</sup> Além do mais, a cura da vossa esposa – se, efetivamente, esta ocorrer! – ser-nos-á prova mais que irrefutável de que a causa que pressupomos seja, realmente, essa!...”*

A lembrança de tal diálogo com o eminente Codificador do Espiritismo enche Berg de emoção.

– Sabes, Céleste-Marie – diz ele, olhando sério para o rosto da esposa –, não te contei antes, mas, alguns dias após termos ido à sessão de M’sieur Kardec, eu o procurei em segredo e, com ele, mantive particular colóquio a respeito do teu caso. E me afirmou ele à época que, se tu te curasses, seria a prova cabal de que estavas, de fato, sob a ação de um espírito que de ti judiava!... Tu tiveste a intercessão do teu pai que para ti obteve o concurso de Espíritos benévolos a promoverem-te a cura do teu mal!...

– Achas mesmo, Berg?... – questiona ela.

– Se assim não fosse, teria sido tremenda coincidência, não concordas?...

– É...

– Agora, então, temos de retornar ao Senhor Kardec a relatar-lhe o resultado!... Sei que, para ele, isso será de suma importância!... Afiançou-me que anda a pesquisar, seriamente, sobre esse mal que afeta muitas pessoas e

para o qual, até então, não se conhecia qualquer tratamento eficaz!...

– Só eu sei o quanto tal coisa é terrível!... – exclama *Céleste-Marie*, aconchegando-se aos braços do marido. – Por muito pouco não acabei louca, tendo de ser internada em *Charenton*!... Não fosse a tua ajuda constante, somada à persistência de *maman*, que nunca desistiu de encontrar-me a cura, não sei o que teria sido de mim!... Possivelmente, teria tido um fim trágico, como sei que já aconteceu a muita gente!... Hoje acho que conheço a possível causa para tantos e inexplicáveis casos de suicídio que ocorrem por aí...

– Talvez *M'sieur Allan Kardec* esteja certo ao afirmar que a causa poderá achar-se na influência nefasta que espíritos desafetos exerceriam sobre nós!... – observa *Berg*, pensativo. – Sabes, *ma chérie* – prossegue ele –, observando atentamente o teu caso, sabemos que tu melhoraste, sem teres ingerido uma só gota de nada!... Apenas recebeste as palavras do teu pai, prometendo-te auxílio, nada mais que isso!...

– Sim! – concorda ela. – E posso garantir-te que, já a partir daquele momento, passei a sentir-me melhor!... E olha que, quando lá cheguei, andava a passar tão mal que quase dei um vexame daqueles!... Tive que me conter muito; valer-me de autocontrole descomunal, que ora nem eu mesma creio ter sido capaz de empregar, para não ter saído daquele salão, a correr como uma possessa!

– Sem sombra de dúvida, o teu pai auxiliou-te do além, minha cara!... – diz *Berg*. – E é o nosso dever agora, comunicar o resultado de tudo ao senhor *Kardec*!... Sei que ficará contente!...

\*\*\*\*\*

O filho de *Berg* e de *Céleste-Marie* nasceu no princípio de 1859. Tratava-se de robusto menino que recebeu o nome do avô materno, *Guillaume-Philippe*.

– Ele não é lindo?... – diz *Céleste-Marie*, ao esposo que a olhava, embevecido, enquanto ela amamentava o bebê.

– Sim – responde *Berg*, com a voz embargada pela emoção.

E, sentando-se ao lado da esposa, beija-a, ternamente, à face. Depois, acaricia, delicadamente, com a ponta dos dedos, os ralos cabelos louros do filho que, ainda alheio ao mundo que o cercava, ocupava-se, tão somente, de sugar, vorazmente, o seio da mãe. O pensamento do capitão *Berg* voa, então, para três meses atrás, quando, altamente satisfeito, procurara por *M'sieur Allan Kardec*, ao término de mais uma das concorridíssimas sessões na *Société Parisienne d'Études Spiritiques*. “*Tendes um momento para mim,*

*M'sieur Kardec?...*”, interpelara-o, quando ele se preparava para deixar o salão. O Codificador do Espiritismo achava-se visivelmente cansado, após a estafante tarefa de conduzir a sessão e de ter atendido a mais de uma vintena de pessoas que, com ele, desejavam falar em particular. “*Oh, sûrement, M'sieur le capitaine...*”, respondera, cortês, o insigne Professor Rivail, abrindo um sorriso amável, apesar de achar-se às raias do esgotamento. “*Je me suis à votre service!...*”<sup>185</sup> “*Não vos quero trazer mais incômodos, senhor, mas era indispensável que vos relatasse sobre a minha esposa!... Ela se acha completamente curada do mal que a afligia!...*” “*Realmente?...*”, respondera-lhe o eminente Allan Kardec. E, a abrir largo sorriso de satisfação, prosseguira: “*Estávamos corretos, então?...*” “*Sim, estáveis corretíssimo!... Céleste-Marie anda a apresentar, desde então, comportamento assaz afável e tranquilo, como nunca antes mostrou e, além do mais, engravidou!...*” “*Deveras?... Minhas felicitações, capitão!...*”, dissera o senhor Kardec a apertar-lhe, efusivamente, a mão. E, a despedir-se, afirmara categórico: “*Se vossa esposa anda a esperar um bebê, capitão, podeis, então, considerá-la curada de vez*”..., e se despedira, saindo apressado, em direção à saída do salão. Berg permanecera parado, por instantes, ensimesmado com as derradeiras palavras de *M'sieur Kardec* que lhe soaram um tanto enigmáticas. Que teria ele desejado dizer com aquilo?...<sup>186</sup>

– A quem pretendes dar o bebê a batizar? – pergunta *Céleste-Marie*.

– Estive pensando no general *du Servey* e em *Constance* – responde ele. – Que te parece?

– Para mim, está perfeito! – concorda ela. E, aconchegando o filho aos braços, aperta-o e o beija, efusivamente, repetidas vezes às minúsculas faces.

– Amo-te tanto, *mon petit!*...

E o bebê, como que tocado pela ternura maternal tão efusivamente a ele demonstrada, abre a boquinha e, pela primeira vez, esboça ligeiro arremedo de sorriso.

– Ele se riu!... Ele se riu!... – exclama *Céleste-Marie*, feliz. – *Mon petit garçon m'a souri!*..<sup>187</sup>

*Berg* olha a ambos, enternecido. O senhor *Kardec* tinha razão: *Céleste-Marie* achava-se plenamente curada. Se não a reconheceriam, agora, a abraçar e a beijar o filho, em patente demonstração de carinho. Ele, *Berg*, sentiu, então, ao peito, muito disfarçada ponta de ciúme: e não é que aquele sujeitinho, agora, vinha roubar todas as atenções de *Céleste-Marie*?...

– Ei, não sobrou nem um restinho para mim, não? – diz ele, protestando.

– Oh, és um tolo, *Berg!*... – exclama ela, puxando-o pela barra da casaca. – Vem!... Senta-te aqui!... – e, olhando-o, cheia de malícia, prossegue: – Queres mamar também, é?... – e puxando o decote da blusa, exhibe a volumosa mama a vazar leite pelo mamilo: – Olha que resta uma de reserva para ti!...

– Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... – explode ele numa gargalhada. – Só mesmo tu, *Céleste-Marie*, a dizeres tal coisa!... – e, fazendo-se sério, olha-a com ternura e diz: – Havia um senso de humor insuperável, guardado aí dentro de ti, sabias?... – e, num largo e terno abraço, envolve a esposa e o filhinho.

– És um bom homem, *Berg!*... – murmura *Céleste-Marie*, acarinhando o rosto do esposo. – És um bom homem...

Lá fora, o dia de inverno avançava gelado e cinzento; entretanto, a pequena família, no aconchego do lar, aparentava felicidade. *Berg* agora poderia sentir-se um homem realizado, não fora a caótica situação em que se encontrava o seu país.

– *Wilfred!*...

– Ahn...

– Ainda vais para a guerra?...

– Espero que compreendas que ainda não cumpro o meu dever patriótico, *ma chérie!* – responde ele, depois de cogitar por alguns instantes. – Sei que isso te incomoda, enormemente, mas sabes que assim deverá ser!

– Se é isso que desejas... – diz ela, baixando a cabeça. No fundo sabia que terminaria só... Que, da mesma forma como sucedera ao pai, possivelmente, sucederia ao marido. Acabaria por ter de criar o filho sozinha... De repente, uma onda de revolta invade-a. Por que é que os homens tinham de ser todos assim?... Por que é que tinham de andar sempre metidos em guerras, a matarem-se uns aos outros?...

– Vamos, não fica assim, não... – diz *Berg*, percebendo que ela emudecera e que seu semblante, repentinamente, tornara-se sombrio. Ergue-lhe, então, a ponta do queixo com a ponta dos dedos e, forçando-a a encará-lo, prossegue: – Nada me acontecerá, eu te garanto!...

– Nada me podes garantir, meu caro!... – exclama ela, firme. – Neste caso, especificamente, tu nada podes prever!... Acaso não perdemos, a cada dia, uma porção de patrícios nossos, a tombarem, estupidamente, nos campos de batalha?... Morreram, honrosamente, a defenderem o sagrado dever

patriótico, dizem os estúpidos que nadam enxergam além do imediatismo frio e insensível!... Mas, e a vida, *Berg*?... E o amor?... Onde fica o amor nessa sórdida embrulhada?... Atropelado pela ganância, pela incúria e pela insensatez humanas!... Até quando os homens alimentarão as estúpidas guerras, a fabricarem desgraças e mais desgraças, a aumentarem o já tão avantajado número de viúvas, de órfãos e de miseráveis que há pelo mundo afora?... Não, *Berg*, não me queiras convencer de que a guerra é boa ou útil, que a minha cabeça não consegue entender!... – e, levantando-se, põe-se a ninar o bebê que principiara a choramingar insistentemente. Depois, percebendo que lhe seria melhor pôr o filho a dormir em seu berço, propõe-se a deixar a companhia do esposo, na sala, e arremata: – E, se queres, mesmo, saber qual é a minha verdadeira opinião acerca de tais arroubos de patriotismo que te andam pela cabeça, saibas que acho que tu ainda não nos amas o suficiente para fazeres a tua escolha definitiva!... – e sai, intempestivamente, da sala, deixando-o boquiaberto.

*Berg* permanece sozinho na sala, matutando sobre as palavras de *Céleste-Marie*. A esposa não poderia jamais entender o que lhe andava pela alma. Era por eles que ia à guerra!... Pelo excesso de amor que devotava aos dois é que, se preciso fosse, doaria a sua vida!... Havia tantas coisas ainda a serem estabelecidas no mundo!... Tantos eram os grilhões que teimavam em permanecer atados aos punhos e aos tornozelos dos homens, tolhendo-lhes a liberdade e os mantendo atados, firmemente, à ignorância e à miséria!... Se não lutasse, agora, para que as gerações futuras tivessem um mundo melhor, as coisas jamais se ajustariam!... Era necessário que chegasse uma nova ordem e, a princípio, não havia outra escolha: somente à força!... *Berg* não se iludia; com belas palavras, apenas, não se faziam revoluções!... Ainda era preciso agir pela espada!... A França propiciara ao mundo o delicioso sabor que tem a liberdade, e o processo ainda não se encerrara: fora apenas o começo!... Era preciso ir avante, dar prosseguimento!... Por que parar agora?... A dor da incompreensão da esposa ferira-lhe fundo a alma. Tantas vezes tentara convencê-la de que possuía um ideal, que não ia à guerra somente pelo desejo de aventura!... Sabia que havia os aventureiros, os que amavam o perigo, que detestavam o tédio de uma vida doméstica; mas não era esse o seu caso; ele lutava com um propósito, batia-se por um ideal!... Tremendamente amargurado, *Wilfred Berg* levanta-se e espiona a rua lá fora. Ainda chovia fino e fazia muito frio. Não ia desistir!... Não, mesmo que

*Céleste-Marie* não compreendesse, ele não iria desistir!... Por ela e pelo filho, morreria, se preciso fosse, para que um novo mundo, mais justo e mais equânime viesse ocupar o lugar daquele que, até então, sempre fora tão desumano e tão cruel!...

\*\*\*\*\*

*Amandine Rounet* para diante do exuberante retrato do filho, pintado a óleo, em tamanho natural, e corre os olhos pela majestosa figura de *François-Armand*, todo engalanado em sua farda de aspirante à carreira militar. O rapaz exibia o seu habitual sorriso quase zombeteiro, mesmo ali, a envergar o severo uniforme do exército francês.

– *Ah, mon petit!... Mon petit!...* – murmura a *Marquesa de Montpellier*, com os olhos rasos de pranto, enquanto corre, com a ponta do dedo, os traços do rosto do filho, fielmente pintados no retrato.

Depois, voltando-se, senta-se no divã de veludo vermelho e continua a olhar para o retrato pendurado na parede fronteira, ao lado da exuberante figura do esposo, também magistralmente retratado em seu brilhante uniforme azul. Seus olhos passeiam, então, da figura do esposo, para a figura do filho.

– Fostes os dois e me deixaram só!... – murmura *Amandine*, com os olhos mareados de pranto. – Viram o que fizeram comigo?... Relegaram-me à mais negra solidão!... – e os soluços sacodem-na violentamente.

Em seguida, os olhos da *Marquesa de Montpellier* prendem-se no rosto do filho. As feições ainda tão joviais!... Quantos anos tinha ele quando se deixara retratar?... Dezesete?... Dezoito?... Não se lembrava bem...

– Tu te foste bem depressa, *mon François!*... – diz ela, entre lágrimas, a conversar com o retrato do filho. – E tudo culpa daquela desqualificada!... Oh, como a odeio!... Desde que deitei os olhos nela, sabia que não era boa coisa, a desgraçada!... E tu não quiseste ouvir-me!... Tinhas que ir atrás dela?... Não percebeste que de ti só queria o teu dinheiro?... Tanto que te armou um artil, juntamente com o amante, a enredar-te!... – e, soluçando, profundamente, prossegue: – Tinhas de ir até lá, é?... Por que nada me disseste?... Sabias que eu te proibiria de ir, não é?... Mas, sempre foste teimoso!... Sempre fizeste o que te dava na cabeça!...

*Amandine* apanha um lençinho que trazia ao bolso do *peignoir* de seda rosa e nele assoou-se, ruidosamente. Depois, novamente fixa, no retrato, os olhos inchados e avermelhados pelo excesso de choro. Seu pensamento, então voa

para alguns meses atrás, quando, inesperadamente, naquela chuvosa manhã de final de outono, recebera a visita do inspetor de polícia.

– A que devo a honra da vossa visita, inspetor? – perguntara ela, altamente apreensiva.

– Trago-vos más notícias, *madame!* – fora direto o policial. – Vosso filho sofreu um acidente!

– Acidente?!... – estranhara ela. – Meu filho raramente sai de casa e, sempre que sai, faz-se acompanhar do cocheiro!... Nunca vai a sós!...

– Desta vez foi, *madame!*... – respondera o homem, frio como sempre. – E se precipitou do alto de uma escada!... – e, pela primeira vez, engolira em seco, antes de dar a estocada definitiva: – Foi-lhe fatal!...

A palavra *fatal* entrara não pelos ouvidos de *Amandine*, mas sim lhe impactara diretamente o coração, como a lâmina de afiadíssimo punhal a trespassar-lhe, cruamente, as carnes.

– Co... Co... mo dissestes?... – balbuciara ela, com as vistas a escurecerem-se-lhe, diante da crueza da notícia.

– Vosso filho está morto, *madame!* – repetira o policial. – Despencou pelo vão da escadaria de quatro andares!...

À terrível confirmação, *Amandine* tombara estrepitosamente ao chão. Não suportara o peso da tragédia!... Seu menino estava morto!...

Apavorados, os criados acorreram a prestar-lhe socorro e lhe houveram dado saís a cheirar, e ela recobrou os sentidos. Ao retornar à realidade, a dor que do seu peito se assenhoreara era lancinante, insuportável. Não, algo deveria estar errado!... Aquilo não poderia ser real!... *François*, morto?!...

*Amandine* passeia os olhos pela figura sorridente do filho, estampada, magistralmente, no retrato: os olhos brilhantes, o rosto radiante, os lábios a ostentarem aquele sorriso meio zombeirão que tanto a encantava... Oh, quanta saudade!... O peito aperta-se-lhe, e as lágrimas inundam-lhe os olhos, abundantemente.

– *Oh, mon petit!... Mon petit!...* – exclama ela, cheia de desespero. – Que será de mim, agora, que me acho tão só?...

O desespero toma conta da Marquesa *de Montpellier*. Onde arrebanharia forças para prosseguir adiante, vivendo essa dor que lhe carcomia, inclemente, o peito, noite e dia, sem tréguas?... Queria não pensar, queria não se perguntar, insistentemente, por que é que aquilo tivera de acontecer!... Acaso *François* não melhorara, não saíra da insanidade que o acometera por

anos?... Ela se houvera alegrado tanto, com a recuperação do filho; entretanto, de repente, aquela desgraça acontecia!... Por que é que Deus judiava tanto assim dela?... Primeiro, o esposo, tão cedo, ainda!... Agora, o seu menino ia-se assim, também na flor dos anos!...

Recorda o choque que tivera ao vê-lo morto, ainda no local do acidente. *Berg*, avisado às pressas, acompanhara-a ao fatídico cenário da morte de *François*. Não entenderam, *a priori*, o que viera ele fazer ali, naquele lugar tão decrepito, no *Quai de Bercy*, lugar mal-afamado, habitado quase que exclusivamente por vagabundos e por prostitutas!... *Amandine* sente um calafrio percorrer-lhe o corpo todo, ao lembrar-se, pela milésima vez, de como lhe fora terrivelmente desesperador vê-lo caído, estatelado sobre o chão imundo daquele penumbroso saguão – a devassada porta de entrada daquele sórdido e velhusco edifício!...

– *Oh, mon Dieu!... Mon Dieu!... Quelle disgrâce!...*<sup>188</sup> – gritara ela, tomada de extremo desespero, ao lançar-se sobre o cadáver do filho.

Não fora a amável, mas firme presença do sobrinho, a dar-lhe sustentação, não teria resistido.

– Não podemos ainda tocar no cadáver, *madame!*... – advertira-a o inspetor de polícia. – O desenhista da polícia necessita de um tempo mais para terminar o seu trabalho!...

Só então é que observara o homem com o bloco de papel e o *crayon* a registrar, minuciosamente, o lúgubre cenário do crime. *Amandine* tivera ímpetos de lançar-se sobre aquele homem e de arrancar-lhe das mãos o papel no qual tão meticulosamente vinha traçando o seu desenho e de rasgar aquilo em mil pedaços!... Para que perpetuar coisa tão dantesca?...

– A polícia precisa tudo registrar, para que se conste nos autos, *ma tante!*... – dissera-lhe *Berg*, tomando-a aos braços e a retirando dali. – Presume-se que o meu primo tenha sido assassinado!...

– O quê?!... – gritara ela, estarecida. – E quem foi o miserável que tirou a vida do meu menino?...

– *Marie-Victoire*, mancomunada com o seu amante... – dissera *Berg*. – Certamente, tentavam extorquir dinheiro de *François-Armand!*... Foi o que me adiantou o inspetor *Villeneuve*...

– Aquela desgraçada?!... – bradara *Amandine* a espumar ódio. – Aquela infame teve a ousadia de atrair o meu menino a uma armadilha e, depois, matá-lo?!... Ah, maldita!... Mil vezes maldita!... Ah, eu sabia!... Boa coisa ela

não era!... Bem que eu desconfiava!... – e, enchendo-se de fúria, prosseguira aos berros: – Onde está a desgraçada, que quero eu mesma matá-la com as minhas próprias mãos!... Vamos, dize-mo lá, *Wilfred*, onde se acha a maldita que, antes de despachá-la ao inferno, quero vazar-lhe os dois olhos com as minhas unhas!...

– A polícia já prendeu a ambos, *ma tante*!... – dissera *Berg*, esforçando-se, tremendamente, para controlar *Amandine*. – Contenha-te, que a guilhotina aguarda-os!...

– Oh, e eu estarei lá!... – urrara a Marquesa *de Montpelier*. – Eu estarei lá, a ver-lhes as cabeças rolarem!... Estas derradeiras alegrias eu terei antes de morrer!... Por Deus que as terei!...

À lembrança de coisas tão tristes, *Amandine* soluça mais fortemente e, levantando-se, aproxima-se do retrato. Uma vez mais passa a ponta dos dedos pelo rosto do filho, delineando, cuidadosamente, cada traço da sua fisionomia. Aquelas lembranças judiavam tanto dela!... Quanto lutava para esquecer, para não se arremeter de volta àquele passado triste, revoltante!... Entretanto, não conseguia; um misto de dor e de ódio alternavam-se em seu peito. Como desejava não mais lembrar, esquecer tudo!... Porém, por mais que relutasse, mais vívidas vinham-lhe as lembranças. O velório de *François* no salão de visitas; o consolo dos amigos e dos poucos parentes que lhe restavam... A missa de corpo presente na Igreja de São Sulpício... *Amandine* soluçava e olhava para o retrato do filho, enquanto aquelas lembranças tristes perpassavam-lhe pela cabeça. Tinha sido assim, a sua vida desde então; tudo se resumia a chorar e a lamentar a prematura perda do filho. Apesar de a irmã e do sobrinho, amiúde, ali estarem a visitá-la, *Amandine* não mais saía de casa. O General *du Servey* e *Constance* já haviam, insistentemente, instado para que ela fosse consultar *M'sieur Allan Kardec*, na *Société Spirite*; entretanto, ela se negava a ir. A revolta ainda segurava-a; não se conformava em ver os assassinos do filho condenados, simplesmente, ao desterro!... Ansiava-os mortos, decapitados na guilhotina!... Queria estar lá, diante dos seus olhos apavorados, para deles zombar e escarnecer e lhes atirar às fuças todo o seu ódio e o seu rancor!... Mas, a justiça entendera diferentemente e, após longo e angustiante julgamento, os magistrados acabaram por aplicar aos réus a pena de desterro perpétuo!...

– Malditos!... – murmura *Amandine*, a rilhar os dentes de ódio. – Aonde quer que vades, meu ódio seguir-vos-ás as pegadas como se fosse a vossa

própria sombra!... Oh, como vos odeio!...

Depois, tomando-se de profundo quebrantamento, a Marquesa de *Montpelier* deixa-se recostar sobre a *chaise longue*.

– O ódio ajudar-me-á a engolir este resto de absinto que Deus ainda me reserva a tragar!... – murmura ela, tomada de profundo mal-estar. – Doravante, só o ódio me suprirá!... – e soluça baixinho.

De repente, entretanto, sente como se mãos altamente sutis acarinhasssem-lhe, afetuosamente, os cabelos encanecidos. Inexplicável alento invade-lhe o peito e ela enxuga, resolutamente, os olhos com a ponta dos dedos e olha em derredor a perscrutar, atentamente, o ambiente.

– *François?*... – murmura ela, enchendo-se de alegria. – *C'est toi, mon chéri?*...<sup>189</sup>

– *Oui, maman!*... – murmura o espírito ao ouvido da mãe. – *C'est moi, ton François!*...<sup>190</sup>

*Amandine* então chora. Chora, copiosamente, mas não mais de dor ou de saudade ou de revolta. Seu peito enche-se de inesperada alegria. Sim, era ele, o seu menino!... Não se poderia enganar!... De repente, voltava a esperança!... Não, não se enganara!... Ouvira, sim, no recôndito da alma, a sua inesquecível voz e lhe sentira, perfeitamente, o suave toque das mãos aos cabelos!... Não poderia enganar-se; ele estava ali, sim!... Tinha a absoluta certeza disso!...

Resoluta, *Amandine* levanta-se e se encaminha para a janela. Com um gesto largo, abre as cortinas pesadas, e a luz do dia invade a sala. Tomada de inusitado ânimo, espiona lá fora e sorri: era a primavera que estava de volta...

---

<sup>183.</sup> **Arthur Schopenhauer** (Danzig, 22 de Fevereiro 1788 – Frankfurt, 21 de Setembro 1860) foi um filósofo alemão do século XIX da corrente irracionalista. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1851) seja o mais conhecido. **Schopenhauer** foi o filósofo que introduziu o Budismo e o pensamento indiano na metafísica alemã.

<sup>184.</sup> Os fatos acima ocorreram ao final de 1858, um ano e alguns meses mais, apenas, após a publicação da 1ª edição de *O Livro dos Espíritos*, ocorrida em 18 de abril de 1857, e é sabido que **Allan Kardec** só concluiria as bases da Codificação, ao longo dos próximos quase 12 anos, até a sua desencarnação, ocorrida em 31 de março de 1869, e que os conhecimentos sobre os quais se fundamenta o Espiritismo ele os angariou, gradualmente, através das revelações que lhe fizeram os Espíritos, além da realização de uma série de experiências e de observações sérias e sistemáticas, efetuadas durante esses anos todos.

<sup>185.</sup> “*Oh, certamente, senhor capitão!*...” (...) “*Estou ao vosso dispor!*...””, em francês.

<sup>186.</sup> Possivelmente, *Allan Kardec* aludira ao fato de o espírito obsessivo de *Céleste-Marie* achar-se reencarnando e, tendo-a por mãe, colimaria, dessa forma, o tratamento obsessivo entre ambos, como sói acontecer nesses casos.

<sup>187.</sup> “– *Meu menininho sorriu-me!*...””, em francês.

<sup>188.</sup> “– *Oh, meu Deus!... Meu Deus!... Que desgraça!*...””, em francês.

<sup>189.</sup> “– *François?*... (...) – *És tu, meu querido?*...””, em francês.

<sup>190.</sup> “– *Sim, mamãe!*... (...) – *Sou eu, teu François!*...””, em francês.

## ***Epílogo***

*François-Armand* abriu os olhos e, gradualmente, acomodara-os à suave luminescência ambiente. A princípio, não atinara, de imediato, onde se achava. Encontrava-se deitado sobre um leito e, altamente intrigado, perscrutara, detalhadamente, o local: em tudo se assemelhava a um quarto hospitalar. “*Oh, estarei de volta a Charenton?...*”, pensara ele, altamente consternado. “*Mas, é diferente do que lá havia!... Terão promovido tal estrutural e expressiva reforma do prédio em tão pouco tempo?...*”

Ao forçar a mente para lembrar-se de algo, *François* sentira-se zonzar. Ondas de intensa sonolência alternavam-se-lhe, estranhamente, com expressivos espaços de lucidez – claríssima lucidez em que, de forma nada comum, seus sentidos pareceram-lhe mais apurados, mais claros; as cores do ambiente mostravam-se-lhe mais vivas, e até o ar entrava-lhe mais leve pelas narinas. Estranho silêncio envolvia aquele lugar. A porta achava-se trancada, e a ampla janela encontrava-se guardada por leve cortinado de rendas brancas, a bailar, suavemente embalado por amena e confortante brisa que entrava de fora. Através do ténue rendado da cortina, *François* pudera divisar uma nesga de bem tratado jardim e, mais além, a margear o extenso gramado, a borda de exuberante parque e, ainda, que entardecia, posto que, no céu azul-cobalto, o arrebol inundava a paisagem de luz dourada e brilhante!...

Armando-se de extremo esforço, o rapaz tentara levantar-se, mas se sentira desfalecer; inexplicavelmente, as forças sumiam-lhe, e a sonolência voltava a envolvê-lo. Lutava, então, desesperadamente, para manter-se em vigília; esforçava-se mais e mais, e a lucidez acabava por retornar-lhe. Como aquelas sensações lhe eram estranhas!... O tempo escorria, devagar, e ele se empenhava para lembrar-se. Entretanto, à mente, acorria-lhe apenas um vazio, um enorme lapso de esquecimento!... Conseguia lembrar-se de coisas mais antigas; porém, de acontecimentos recentes, nenhum traço à lembrança!... Lá fora, percebera, através da janela, que a noite caía lentamente. Tentara levantar-se uma vez mais, mas a estranha fraqueza voltara acompanhada de laivos de intensa sonolência. Deus do céu!... Como lhe eram esquisitas aquelas sensações!...

Cansado de lutar, *François* acabara por adormecer. De manhã, acordara-se, fulminado pelos primeiros raios do sol nascente. Novamente o assombro, até redescobrir onde se encontrava. Aos poucos, a lembrança do entardecer do

dia anterior viera-lhe à mente. Que lugar seria aquele?... Nenhum ruído, exceção feita ao alegre trinado dos pássaros que, cheios de vida, cantavam nos arbustos peçados de florinhas olentes a permearem o verdejante gramado do jardim fronteiro à sua janela. O rapaz, uma vez mais, forçara o pensamento. Forte zumbido, então, adviera-lhe aos ouvidos, e ele se recordara!... Deus do céu!... Intenso calafrio percorrera-lhe o corpo todo. *Marie-Victoire!*... O bandido do *Pierre!*... A queda da escada!... E, as terríveis imagens vieram-lhe à mente: o encontrão, com o dorso dando à amurada do alto do corrimão; o tétrico estalido da madeira rachando-se; a terrível sensação do vazio atrás de si; o assombro; a baldada tentativa de *Pierre*, a estender-lhe a mão, em desesperado auxílio, e com o rosto a descorar-se como o de um fantasma, ao percebê-lo que, fatalmente, perdia-se, a despencar no vazio... Deus do céu!... Lembra-se *François*, estarecido. O grito de terror a escapar-lhe da garganta, durante o tétrico e ligeiro voo, a culminar-se no surdo e fofo baque no imundo chão de pedras daquele penumbrento saguão!... Que sentira naqueles terríveis momentos de queda?... O desespero extremo, a certeza de que iria morrer!... Alguns segundos apenas!... Mas, que, acaso, não duraram uma eternidade?... Não olhava para o alto, enquanto caía?... Não via o rosto do desgraçado com quem estivera aos sopapos, até então, olhando-o com olhos horríveis?... Via-lhe, sim, o rosto distanciar-se, em velocidade estonteante, mas, mesmo naquele átimo, percebera que algo estranho acontecia: era outra a paisagem, e *Pierre* era outro; o odiento *Pierre* tinha os cabelos longos, amarrados à nuca; vestia-se, primorosamente, e usava o chapéu de três bicos, e cavalgava... E, insistentemente, perseguia a ele, *François*, que lhe cavalgava poucos metros adiante... De repente, surgia à frente de ambos fundo precipício e, ele, *François*, nos últimos instantes, habilmente manobrava a sua montaria, desviando-se do perigo iminente; *Pierre*, entretanto, tolhido pela surpresa, arremetera-se saltando, involuntariamente, e juntamente com a sua montaria, para o fundo do abismo colossal!...<sup>191</sup>

*François* sentira-se confundir! Que estranhas lembranças seriam aquelas?... Coisas misturando-se-lhe, assim, à mente!... De repente via-se em outra época; também *Pierre* era outro!... Em seguida, procurara compreender aqueles fatos que, misteriosamente, somavam-se-lhe à mente, contudo nenhuma explicação plausível conseguira obter. Por fim, cansado pelo esforço despendido, fechara os olhos. Leve sonolência teimava em tomar-lhe

a consciência, e ele, principiara a cochilar. Doce e terna modorra, então, assenhoreara-se dele, e ele cerrara os olhos. Algum tempo depois, sentira que lhe tocavam, de leve, a testa, com os lábios, em suave beijo, e ele abria os olhos.

– *Sylvie!*... – bradara ele, num grito de júbilo. – És tu, meu amor?!...

O que se seguira não foram palavras, uma vez que as palavras não poderiam jamais descrever aquela cena de amor!... O que acontecera fora uma aloucada sucessão de apertadíssimos abraços e de gritos roucos e de beijos tão loucos como, antes, nunca no mundo se vira igual...

---

191. Tal cena encontra-se narrada na obra "*O Sorriso de Pedra*", também de autoria de **Monsenhor Eusébio Sintra**.